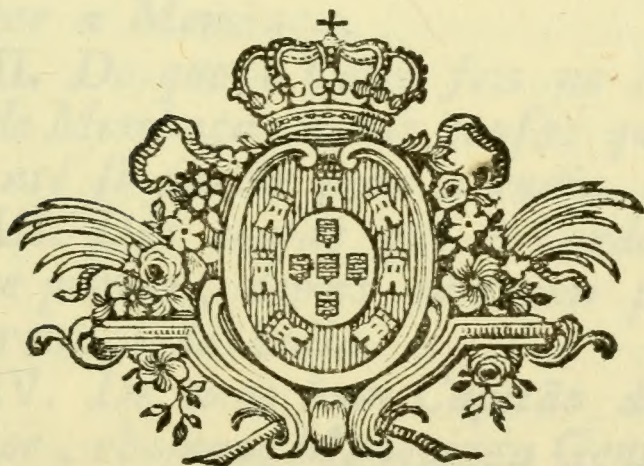
VIXI LIBER ET MORIAR
FAIRE SANS DIRE
Ruth and McKew
Parr
Their book
Lo que nos importa
Hostis Victus est.
SANS DIEU RIEN

DA ASIA
DE
DIOGO DE COUTO

Dos feitos, que os Portuguezes fizeram na conquista, e descubrimento das terras, e mares do Oriente.

DECADA DUODECIMA

PARTE ULTIMA.

LISBOA

Na Regia Officina Typografica.

ANNO M.DCC.LXXXVIII.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTEM NESTA PARTE ULTIMA DA DECADA XII.

LIVRO I.

que

LIVRO II.

LIVRO III.

CAP.

Rey-

LIVRO IV.

LIVRO V.

DECADA DUODECIMA
Da Historia da India.

LIVRO I.

CAPITULO I.

De como o Conde Almirante D. Francisco da Gama foi eleito pera Viso-Rey da India: e da Armada com que partio a dez de Abril do anno 1596. *e do que lhe aconteceo até chegar a Mombaça.*

O principio do anno de noventa e sinco tratou ElRey de mandar successor a Mathias de Alboquerque, que havia seis annos governava a India; pera isto nomeou em segredo ao Conde de Linhares D. Fernando de No-

ronha, fazendo-lhe muitas, e mui avantajadas mercês, que por adoecer se não declarou a sua eleição, nem o tempo deo lugar pera se tratar de outra pessoa, por ser junto á partida das náos, e por S. Magestade atalhar a outro semelhante inconveniente.

Passada a Pascoa, mandou ElRey aos Governadores do Reyno que logo lhe fizessem consulta de pessoas pera este cargo, que por ventura despacharia em Outubro. Em resposta desta consulta nomeou em segredo no principio de Julho o Conde da Vidigueira. (cousa até hoje nunca vista neste caso) Mas esteve a eleição em segredo até o fim de Agosto, em que se publicou com a vinda das náos, que por trazerem boas novas do Estado da India, escusou ElRey mandar em Setembro. Mas mandou aos Governadores que o Conde Almirante assistisse com elles no Governo, quando se tratassem materias da India, assim do estado, como de despachos, até se o Conde embarcar em dez de Abril do anno de noventa e seis, e assim se fez por concorrerem nelle as partes que ElRey queria tivesse quem havia de governar aquelle Estado, que seu Bisavô tinha descuberto, que por tal trabalharia o Conde pelo dilatar, sustentar, e governar com dif-

differentes, e avantajadas obrigações de outros.

E ha-se de considerar aqui huma cousa, que deste appellido dos Gamas, e desta casa de Vidigueira por linha direita foi este o terceiro que governou a India, cousa que em nenhum outro appellido do Reyno aconteceo. Porque o primeiro foi seu bisavô que o descubrio; o segundo seu filho; segundo D. Estevão da Gama; e o terceiro este Conde Viso-Rey, que temos entre mãos, herdeiro da casa do appellido, e ainda do titulo. E não fora muito fóra de razão que este Governo não sahíra desta geração, pois a ella (e ao grande Afonso de Alboquerque) podemos dizer que se deve esta conquista, pelos muitos, e bons Capitães que sempre nella houve. Mas porque era tambem necessario partir com todos, os que ajudáram a conquistar, se interpolou isto; porém concedeo-se-lhe logo, ao que descubrio este Estado, e a todos os seus successores, o titulo de Conde, que foi o primeiro, e até agora o derradeiro, que se alcançou pelos serviços da India. Porque se se concedeo a D. Luiz de Ataíde Conde de Atouguia, e a D. Francisco Mascarenhas Conde de Santa Cruz, foi porque aquelle era Senhor da casa da Atouguia, e herdeiro della, e

vinha ſegunda vez á India a ſervir; e o outro com declaração, que não uſaria do titulo de Conde, ſenão depois que ElRey foſſe jurado por Rey nella.

Em fim foi eleito o Conde Almirante pera Viſo-Rey da India de idade de trinta e hum annos, havendo pouco que viuvára de huma filha de D. Duarte de Menezes, Senhor da caſa de Tarouca, de quem lhe ficáram hum filho, e huma filha, que deixou entregues á Condeſſa ſua mãi, que eſtava recolhida no Moſteiro das freiras da Caſtanheira. Pera eſta jornada ſe lhe apreſtáram ſinco náos; e tanto que foi nomeado, logo aſſiſtio a todos os Conſelhos, porque ſabia ElRey que tinha o Conde talento pera dar nelles muito bom parecer. E como teve o tempo largo, foi fazendo ſeus negocios muito á ſua vontade; e das couſas que apontou, todas, ou quaſi todas ſe lhe concedêrão. E poſto que ſe deo muita preſſa á Armada, não ſe pode fazer á véla ſenão quarta feira de Trévas, que foi a dez de Abril deſte anno de 1596. com que continuamos. O Conde Almirante ſe embarcou na náo N. Senhora de Guadalupe, de que veio por Capitão ſeu irmão D. Luiz da Gama, deſpachado com a Capitanía de Ormuz pelos ſerviços que já na India tinha feitos. As mais náos eram

a

a Conceição, em que vinha João Gomes da Silva, Capitão Mór das náos. Da náo N. Senhora do Vencimento era Capitão Pero Tavares, provído com a Capitanía de Dio, e da náo S. Francisco era Capitão Vasco d'Afonseca Coutinho.

Com o Conde, e por toda a sua Armada vinham embarcados muitos Fidalgos, assim despachados, como outros que hiam a merecer: e os que nos lembrão são os seguintes: Lourenço de Brito, que hia despachado com a Capitanía de Sofala, e Moçambique, que já servio por algum tempo, e foi desapossado, e mandado pera o Reyno por algumas culpas, onde se livrou, e ElRey o despachou com tres annos da mesma Fortaleza por encheio. Diego Moniz Barreto, filho de Antonio Moniz Barreto, que foi Governador da India, despachado com a Fortaleza de Ormuz, que seu pai tinha. Goterre de Monroi de Béja, e D. Luiz Lobo provídos ambos da Fortaleza de Dio. D. Paulo de Portugal, filho de D. Francisco de Portugal, Estribeiro Mór de ElRey D. Sebastião. D. Fernando, e D. Christovão de Noronha, filhos de D. Pedro de Noronha, Senhor de Villaverde, primos com irmãos do Conde Almirante. D. Antonio de Castro, filho de D. Pedro de Castro. D. Bernar-

nardo de Noronha, filho de D. Tomás de Noronha. D. Alvaro da Costa, filho de D. João da Costa, Capitão que foi da Fortaleza de Malaca. D. Pedro de Noronha, filho de D. Affonso de Noronha. D. João de Menezes, filho de D. Duarte de Menezes. D. Jeronymo de Noronha, filho de D. Antonio de Menezes. D. João Tello de Menezes, filho do Alferes Mór D. Jorge de Menezes. D. Lopo, e D. Duarte Henriques, filhos de D. Garcia Henriques. Lourenço Guedes, filho de Pero Guedes, Veador da fazenda. Diogo Botelho, filho de Manoel Botelho. Jeronymo Telles Barreto, filho de Manoel Telles Barreto, que foi Governador do Brazil. Mem Rodrigues de Vasconcellos d'Elvas. João da Gama de Vasconcellos d'Elvas. D. Lopo d'Almeida, filho de D. Antonio, Veador que foi da Rainha D. Catharina. O Doutor Pero da Silva, que vinha por Chanceller da Relação de Goa. João d'Abreu por Secretario. Julio Simões por Engenheiro Mór; e outros muitos Cavalleiros honrados.

E seguindo esta Armada sua viagem, foi em conserva até á costa de Guiné, onde acháram tão grandes calmarias, que a detiveram muitos dias, e com algumas trovoadas que lhe deram se apartáram. E porque das quatro de sua companhia dé-

démos já razão no fim da onzena Decada, não trataremos dellas, porque alli se verá. Só continuaremos com a do Conde Almirante, que deixámos na costa de Guiné ás voltas com as calmarias, e com as trovoadas. E tanto que lhe entrou o tempo, foi seguindo sua viagem com os geraes, e passou o Cabo de Boa Esperança aos dous dias do mez de Agosto; e teve tão bom tempo, que aos vinte e sete chegou ás Ilhas de Angoxa, e por ellas andou até sete de Setembro, que chegou a Moçambique, onde se deteve só vinte e quatro horas, em quanto se via com o Capitão, que era Nuno da Cunha, com quem assentou proseguisse na obra que faltava á Fortaleza. E dalli se fez á véla ao outro dia, e foi seguindo sua viagem até dez gráos e meio da parte do Norte, sendo já vinte e nove de Setembro, levando ainda o vento ponente tão rijo, que pareceo ao Piloto que andára aquelle dia trinta leguas; mas enganou-se, porque as correntes das aguas eram naquella paragem contra a náo tamanhas, que desandou perto de quarenta; porque ao outro dia tomando o Sol, se achou o Piloto em sete gráos. E com estas aguagens andou ora accrescentando, ora diminuindo até vinte de Outubro, que tiveram vista da Ilha Sacotorá, que traba-
lhá-

lhoáram por tomar ; mas não pode ſer pelo vento ſer Noroeſte , que os obrigou a arribarem , e irem pela coſta abaixo.

Com aquelle vento governáram quatro dias , e aos ſinco ſe tornou ao Sudueſte, que tambem durou pouco, e ficou calma, e logo começou a ventar o Ponente. Mas era tão grande a força das aguas , que tiravam ao Sul , que cauſava eſpanto, pelo que ſurgíram huma noite , e logo ſe tornáram a levar , e governar huma quarta mais largo do rumo , a que corriam por ſe affaſtarem da terra; e no fim de quatorze dias ſe acháram á viſta della no lugar de Quitindini doze leguas da Cidade Ampaza , onde ſurgíram. O Conde mandou recado a terra ; e ſabendo-ſe delle, acudíram logo á náo os principaes da Cidade, e das de Pate , e Lamo, que o Conde recebeo com grande demonſtração, e aparato por ſer naturalmente aparatoſo, e alli ratificáram em ſuas mãos as homenagens, que tinham dado de vaſſallos de ElRey de Portugal , e o Conde os compoz , e fez amigos com os Mercadores Portuguezes da coſta de Melinde com quem tinham havido algumas paixões; porque eſte genero de mercadores aonde chega, ſempre ou quaſi ſempre eſcandaliza. Alli fizeram

a-

aguada, que he bem ruim a agua que alli ha, e tão doce, que parece xarope.

E deixando o Conde provído em muitas cousas, conforme á brevidade do tempo, se fez á véla pera a Forteleza de Mombaça, aonde chegou a quatro de Dezembro, e foi bem recebido de Antonio Godinho de Andrade Capitão della; e por ser já passada a monção pera a India, desembarcou o Conde em terra, onde assentou de esperar até ser tempo de tornar á sua viagem.

CAPITULO II.

Do que o Conde fez na Fortaleza de Mombaça: e das cousas que ordenou até se partir pera a India.

VEndo o Conde Almirante que estava alli devagar, tratou de algumas cousas necessarias á fortificação daquella Fortaleza. E porque hum poço de agua, de que todos bebiam, estava cento e sincoenta passos da Fortaleza, mandou-lhe fazer hum caminho encuberto até elle, porque em algum tempo de aperto lho não pudessem tomar. Aqui veio ElRey de Melinde, que he distancia de doze leguas, ao visitar, a quem o Conde fez muito

gran-

grandes gazalhados pelas obrigações em que o Eſtado da India lhe eſtava, e elle Conde por ſua parte mais, pelos muitos que ElRey ſeu Avô fez ao Conde da Vidigueira ſeu Biſavô, quando por alli paſſou a deſcubrir a India; de maneira, que ambos ſe tinham bem de obrigações, e a eſſa conta lhe fez o Conde muitos mimos, e deo peças, e brincos, de que ElRey ficou bem contente, e ſatisfeito; e aſſentou com elle muitas couſas ſobre o negocio da Alfandega, pera que aquelle Rey ſe obrigou a dar todas as ajudas de ſervidores, que foſſem neceſſarios. Aqui veio ter com o Conde hum Principe da Ilha de Pemba, a quem hum tyranno tinha tomado o Reyno, e Eſtado, que elle recebeo bem, e o conſolou, promettendo-lhe de o reſtituir a ſeu Eſtado, e Senhorio, como foſſe á India, que por então não podia ſer, offerecendo-ſe ao levar comſigo (como levou) e de lá o tornar a mandar com huma Armada, pera que ſe reſtituiſſe ao ſeu.

Alli foi o Conde dando expediente a muitas couſas até lhe chegarem da India os dous navios, que diſſemos Mathias de Alboquerque deſpedíra a ſaber por toda aquella coſta novas delle, de que eram Capitães Manoel de Almeida, hum ſol-

da-

dado velho muito bom cavalleiro, e Gaſpar Rodrigues Meſtre de Galés, e Piloto daquella coſta, pera que ſe achaſſem o Conde Almirante, o acompanhaſſem até Goa.

Eſtes navios eſtimou elle muito por muitas razões; e a principal foi, porque lhe deram novas de terem chegado a ſalvamento as outras náos de ſua Armada; e por outra parte ſe entriſteceo pelo receio que no Reyno ſe havia de ter delle, quando eſtas náos chegaſſem a elle ſem ſeu recado, e pelo grande abalo que havia de fazer na Condeſſa ſua mãi, filhos, e parentes. Mas em fim com eſtes deſcontos da vida de bens, e males, ſe foi o Conde fazendo preſtes pera partir pera Goa, como foſſe tempo, deixando primeiro feito hum Moſteiro n'huma Ermida, que eſtava ſobre a barra, de Religioſos da Ordem do Glorioſo Padre Santo Agoſtinho, que até agora dura; e antes que partiſſe, deſpachou pera Ormuz Miguel de Macedo cavalleiro honrado, que já tinha militado naquelle Eſtado muitos annos, e por elle eſcreveo aos Capitães de Maſcate, e Ormuz, aviſando-os de algumas couſas importantes ao ſerviço de ElRey, e por elle mandou cartas a S. Mageſtade, em que lhe dava conta do que lhe tinha acontecido na viagem,

gem, que logo o Capitão de Ormuz mandou por terra por hum Armenio, que chegou com ellas á Corte de Caſtella em principio de Dezembro do meſmo anno: e aos doze de Abril de noventa e ſete fez o Conde a ſua náo á véla, mandando por Capitão della Manoel de Almeida, que viera com elle do Reyno deſpachado com a Capitanía de Barcellor, com regimento que foſſe tomar Bombaim por ſer menos riſco, que ir demandar Goa. E elle Almirante ſe embarcou em navios de remo, que alli ajuntou, elle em hum Galeoto, de que hia por Capitão D. Fernando de Noronha. D. Luiz da Gama ſeu irmão foi em huma Galeota de cuberta, que o Conde mandou fazer em Mombaça. Nos outros navios foram por Capitães Goterre de Monroy de Béja; D. Paulo de Portugal; D. Jeronymo de Noronha; Manoel de Almeida, que foi de Goa; e D. Luiz Lobo em hum fuſtarrão, que o Capitão de Sofala Nuno da Cunha mandou de Moçambique ao Conde Viſo-Rey, que levou comſigo Manoel Monteiro Piloto da ſua náo, e Gaſpar Rodrigues, que tinha ido de Goa por Piloto de huma fuſta.

Com eſta Armada foi o Conde ſeguindo ſua derrota, levando comſigo Gaſpar Rodrigues, que hia fazendo o officio de

Pi-

Piloto mór; e chegando a Sacotorá, tomáram ambos os Bandeis, onde se provêram de todo o necessario, e alli se passou o Conde á fusta de Manoel de Almeida por ser navio mais ligeiro, em que se achou melhor, ainda que menos accommodado. E de Sacotorá desamarrou o Conde a sete de Maio, e tornou á sua viagem, onde, posto que achou contrastes, e calmarias ordinarias nesta travessa, não houve cousa de perigo; e quando foram vinte e dous do mesmo mez de Maio chegou á barra de Goa com todos os navios de remo: e Manoel de Almeida, que em Sacotorá se tinha passado ao Galeoto do Conde, e o Viso-Rey á sua fusta, entrou tambem em Goa aos vinte e sete do mez, sinco dias depois do Conde. Só o navio de D. Luiz Lobo não entrou, porque se perdeo com tempo rijo na costa de Por Mangalor, e elle com toda a gente de sua companhia foi por terra até á Fortaleza de Dio, onde invernou, e a náo do Conde foi em trinta de Maio tomar Bombaim.

O Conde desembarcou na casa dos Reys Magos, aonde acudíram logo parentes, e amigos, porque as novas chegáram a Goa de noite, em que toda a Cidade se alvoraçou; e foi tanto o regozijo, que toda ella parecia huma viva representação

de

de alegria, e contentamento, porque toda ſe gaſtou em tomarem embarcações pera o irem viſitar; e todos tinham razão de o fazer, porque eſte Conde Viſo-Rey era biſneto do que deſcubrio eſte Eſtado, que a tantos tinha feito ricos, e honrados: e iſto acontece geralmente na chegada dos Viſo-Reys, porque huns são de ſuas obrigações, outros parentes, e amigos, e outros por outras razões, porque todos eſperam ſempre alguma couſa, e a India pera todos tem: e o contrario acontece nos da valia, e obrigação dos Viſo-Reys que acabão, porque eſtes são os brincos do mundo não dar bens a huns, ſem os tirar a outros; e algumas vezes ſuccede, os que mais feſtejão a vinda de hum Viſo-Rey, ſerem os que depois mais praguejão, e murmurão delle, e deſejarem o anno ſeguinte já outro: ao menos na ſoldadeſca, que por eſta razão, ou ſem razão da noſſa má natureza, que toda a couſa nova apraz, tomáram os ſoldados cada anno hum Viſo-Rey, como coſtumavam os Romanos com ſeus Conſules.

Mathias de Alboquerque foi logo ao outro dia, que foram vinte e tres de Maio, viſitar o Conde Almirante com todos os Officiaes da juſtiça, e fazenda; e querendo logo neſta viſita fazer entrega

da

da governança da India, a não quiz o Conde aceitar, ſenão aos vinte e ſinco do meſmo mez, que foi dia do Eſpirito Santo, donde a fez na fórma coſtumada. Os Vereadores foram logo viſitar o Conde, e pedíram-lhe que ſe detiveſſe alli alguns dias até lhe prepararem ſeu recebimento, o que lhe elle concedeo até o primeiro de Junho, dia da Santiſſima Trindade, em que fez ſua entrada com grande pompa, e apparato, e regozijo de todo o povo, de que as ruas por onde havia de paſſar eſtavam toldadas, e com muitas invenções. Foi recebido com falla de parabens de ſua vinda, e levado de baixo do Pallio até á Sé, paſſando por baixo de muitos, e mui fermoſos arcos ornados com muitas riquezas, e galantarias, indo á ſua ilharga o Arcebiſpo Primaz D. Fr. Aleixo de Menezes; e depois de fazer ſua oração, ſe recolheo aos Paſſos, em cujo terreiro lhe corrêram muitas carreiras, e fizeram muitas feſtas, e regozijos, em que o dia ſe gaſtou. E ha-ſe aqui de notar, que no mez de Junho, em que o Conde Almirante tomou poſſe da India, ſe cumpríram cem annos que ſeu biſavô a deſcubrio.

CA-

CAPITULO. III.

Das cousas que o Conde Almirante proveo depois de tomar posse da governança da India.

TAnto que o Conde Almirante tomou posse do Estado da India, logo avisou a todas as Fortalezas de sua chegada, e aos Capitães, e Officiaes da fazenda mandou que na entrada de Setembro o provessem de pressa com o mais dinheiro que pudessem, porque determinava de fazer Armadas, e prover Ceilão, Malaca, e as Fortalezas de Maluco, e Amboino. E como passáram alguns dias, foi visitar os Tribunaes da Relação, e Contos, e nellas tomou informação do estado das cousas, de que elle não vinha bisonho, senão mui prático, e resoluto em todos os negocios, de que começou a dar aos Officiaes grande satisfação de sua sufficiencia. E assim visitou os armazens das munições, casa da polvora, e as ribeiras das Armadas, e Galés, e em todas tomou informação do modo de como estavam, e deo ordem a se prepararem todos os navios grandes, e pequenos, porque determinava de mandar Armadas pera todas as partes, a que fossem necessarias, e com isso foi dando expe-

pe-

pediente ás partes, entrando neſte negocio com grande ſeveridade, e authoridade quanta requeria o lugar de Viſo-Rey, que de Vaſſallo he o maior que ha na Chriſtandade, pelo achar hum pouco devaſſo, couſa que dá muitas vezes ouſadia a ſe atreverem os homens, e deſmandarem; e por lhe não dar eſſe atrevimento, nunca ouvio partes ſenão ſó, e apartado; porque como eſtava informado da ſoltura dos ſoldados da India, queria que ſe algum ſe deſtemperaſſe, foſſe ſó com elle, por lhe não ficar lugar de os caſtigar: pelo que tomou eſte termo pera os ouvir, e ſoffrer, o que ſe lhe notou a prudencia; porque tambem os ſoldados andam tão desfavorecidos, e ſoffrem tantas neceſſidades, que ſe lhes não póde pôr culpa a alguma hora ſe deſtemperarem.

Alguns quizeram eſtranhar ao Conde Almirante aquella ſua ſeveridade, e authoridade, e uſar nas Igrejas de cortina como Principe, dizendo que não era trajo de Capitão geral da milicia; porque o ſeu proprio lugar era moſtrar-ſe ſempre em público, e muito facil, e familiar aos homens, o que lhe a elle não faltava, porque o não vimos nunca deſcompôr em palavras com os ſoldados, como outros fizeram. Em fim deixemos eſtas couſas, e paſſemos a outras.

O Conde Almirante, como hiamos dizendo, foi dando preſſa ás Armadas, e grande expediente aos negocios, e provendo cargos que vagárão, que eram muitos, e miudos, que são datas dos Viſo-Reys que ſuccedem, ainda que ha alguns deſtes officios, que poſto que a data delles ſeja ſua, por juſtiça, e razão não ſe podem dar ſenão a homens de ſerviços, e merecimentos, que ha muitos na India, com quem ElRey quer que ſe repartam eſtes cargos, que de ordinario dam a ſeus criados, ou por ſua interceſsão a outras peſſoas a quem os vendem.

E porque aqui aconteceo iſto, não deixarei de o contar por moſtrar a pureza com que eſte Viſo-Rey entrou: e o caſo ſuccedeo deſta maneira. Indo eu huma vez viſitar o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes, achei-o com hum, ou dous Officiaes dos Contos, e ſinco, ou ſeus homens da terra, a que elle tomava algumas Proviſões deſtes cargos que o Conde tinha provído, e lhe tornava certa quantia de dinheiro de huns caixões que alli eſtavam. Então me contou o Arcebiſpo que aquelles cargos dera o Viſo-Rey áquelles por interceſsão de ſeus criados, e que depois ſoubera que lhe deram por cada hum certa quantia de dinheiro, que lhe mandára tornar; e

na-

naquelle caixão em que o via, o tinha mandado ao Arcebiſpo com o rol dos homens a quem ſe dera, pera que lhes tomaſſem as Proviſões, e lhes tornaſſem ſeu dinheiro, porque quiz caſtigar a todos, a huns em lhes tomar o dinheiro, porque vendêram os cargos, e aos outros em lhos mandar tornar, e romper as Proviſões: e lembra-me que ao tornar o dinheiro a hum, ſe poz a chorar. Ao que me diſſe o Arcebiſpo, que nunca víra chorar ninguem por lhe darem dinheiro, ſenão aquelle homem. Fez o Conde Almirante eſta diligencia, porque começou a haver murmurações, e não quiz que ſeus criados cuidaſſem que haviam de enriquecer por aquelle modo, nem que parente, ou homem de ſua obrigação o havia de governar; e foi neſte particular tão inteiro, que em quanto governou o Eſtado da India, não teve valído; e o criado que ſe fingio ſello, não fez nenhuma couſa por elle; porque o contrario diſto não ſerve de mais que de affrontar aos Viſo-Reys; porque como elles correm por eſtes termos, ſempre ficam culpados, ou ao menos dão occaſião de ſe murmurar delles, como fizeram de alguns Viſo-Reys, que claramente fizeram por eſtas mãos ſeus negocios, e engroſſáram bem, não deixando de commetter algumas injuſtiças

em couſas de muita importancia, que eu direi em ſeu lugar, quando me couber.

E porque o Conde Almirante achou os armazens faltos de artilheria, negociou muito cobre que comprou, de que mandou fazer com muita preſſa algumas fundições, em que ſe fizeram oito peças groſſas, e trinta falcões, e berços, e quatrocentos pelouros de cadeia, que logo foram bem neceſſarios, como ſe verá pelas certidões que os Officiaes dos armazens diſto paſſáram. E porque os moradores de Goa fizeram grandes queixas do Viſo-Rey Mathias de Alboquerque, que paſſára huma Proviſão, pera que toda a peſſoa que quizeſſe mandar trazer cobre da China por ſua conta, o pudeſſe fazer: com declaração que todo viria a Goa, onde pagariam os direitos em cobre pera ſe fazer artilheria: e o meſmo fariam de todas as mais fazendas, que deſpachaſſem na Fortaleza de Malaca; e que depois dos direitos pagos em cobre, todo o mais poderiam levar pera ſuas caſas; e que tendo ElRey neceſſidade de mais algum, lho comprariam pelo preço da terra: e eſta Proviſão ſenão guardára, antes todo o cobre que trouxeram por virtude della ſe mettêra na Alfandega; e que pera pagarem os direitos ſe avaliára a trinta e ſinco xerafins o quintal, e a trin-

ta

ta e oito o melhor ; e que por ſima diſto déra o Viſo-Rey Mathias de Alboquerque ordem que ſe tomaſſe o cobre pera ElRey a trinta e dous Xerafins ; no que foram muito avexados, e enganados, que pediam a elle Conde Almirante lhe mandaſſe cumprir a dita Provisão, pois á conta della trouxeram ſuas fazendas em cobre, e que mandaſſe que na Alfandega ſe tiveſſe igualdade nos direitos, e no preço do cobre que ſe tomaſſe pera ElRey. O que viſto pelo Conde Almirante, ajuntou Theologos, Deſembargadores, e Officiaes da fazenda a conſelho, e entre todos ſe aſſentou, que lhe não podiam fazer tamanha injuſtiça, que ſe puzeſſe dalli em diante o cobre pera ſe pagar, a trinta e ſinco, e que por eſſe meſmo preço ſe tomaſſe pera ElRey o que ſe houveſſe miſter, e que ſe lhe pagaſſe logo, porque os vaſſallos não ſe podiam enganar com a fé de ElRey, que são ſuas Provisões, pois á conta dellas empregáram ſeu cabedal em cobre, no que tambem faziam ſerviço a ElRey em o trazerem da China, e lho darem pelo preço por que o deſpacháram.

E certo que ſe póde pedir conta aos Viſo-Reys de tamanha injuſtiça contra os homens, e tão grande deſerviço contra o Rey, em não guardarem eſtas Provisões, an-

antes á conta dellas tomarem as fazendas aos vassallos. O que foi causa de não quererem mais trazer cobre, e faltar muitas vezes em Goa assim pera a artilheria, como pera a moeda de Bazarucos com que os póvos se meneão. E com isto se deo occasião aos Mouros do Balagate aos fazerem de menos pezo, e os metterem nesta Cidade, com o que ganhão hum poço de ouro, sem a isto se ter resguardo, porque sempre esta moeda lhes falta por ser de menos pezo. A isto atalhou o Conde Almirante com ordenar, que pelo preço certo que poz nos direitos que o cobre havia de pagar na Alfandega, fosse o mesmo por que se tomasse pera ElRey, e se pagasse logo a seus donos, como se fez em todo o tempo que o Conde governou. Disto resultou haver sempre em todo elle tanto cobre em Goa, que ganhou ElRey, no que bateo na casa dos Bazarucos, sessenta mil Xerafins, a fóra o que se fundio em muita quantidade de peças de artilheria que fez, e outras cousas necessarias ao serviço de ElRey, como me constou das certidões que vi, assim dos armazens, como de outros Officiaes das outras casas, por que estas cousas correm.

E tornando ao damno que a falta desta moeda fazia em Goa, que foi occasião dos

Mou-

Mouros do Balagate metterem nesta Cidade muito grande somma de bazarucos de menos pezo, com que se enriqueciam a si, e nos empobreciam a nós, o ficáram tambem fazendo nos Xerafins de prata que o Viso-Rey D. Luiz da Taíde mandou fazer, que sendo elles dantes de prata liquida, e pura, por accrescentar a fazenda Real, ordenou que se accrescentasse em cada hum hum larim de liga. Daqui tomáram os Mouros occasião pera baterem no Balagate os mesmos Xerafins já com mais liga, e falsificados, e os metterem nesta Cidade; pelo que ella ficou cheia de moeda falsa, e alevantou-se tanto o preço ás cousas, que he hum roubo manifesto; porque os Moedeiros, que servem na Casa da Moeda de Goa, são Gentios, e os mesmos que fazem as chapas pera as moedas, são os que tambem as fazem pera os Mouros nos roubarem. Sobre isto provêram os Reys muitas vezes, como grandes Christãos, e muito Catholicos, com defenderem que se não batão mais estes Xerafins, a que com muita razão podemos chamar falsos, sem isto ter remedio, nem lhe quererem cumprir suas Provisões, e Mandados; e vam depois estes pera o Reyno tão descançados com tomarem a fazenda alheia, como se não fizeram cousa alguma; e eu re-

ceio

ceio que os que iſto fizeram, o tenham bem pago na outra vida, pois neſta não foram caſtigados, porque tudo os homens podem, e devem fazer, e arriſcar por ſeu Rey, filhos, fazenda, e vida; mas a alma não, porque nem os Reys o querem, nem he bem que o queiram.

CAPITULO IV.

De como hum Capitão do Grão Mogor, chamado Manacinga Gentio, foi contra os Patanes, e os desbaratou, e ganhou o Reyno de Orixá, e Bengala: e da deſcripção da jornada que fez.

PAreceo-me bem ſeguir a ordem, que ſempre guardei nas minhas Decadas, que he contar as couſas alheias no tempo do inverno, em que as noſſas eſtão paradas; pelo que darei aqui conta de algumas conquiſtas que fizeram os Capitães do grão Mogor. Na Corte deſte Rey andava hum Raja, ou Regulo caſta Rebuſto Gentio ſeu vaſſallo, e grande Capitão, e muito zeloſo da ſua Religião. Succedeo eſte verão paſſado o Rey de Orixá chamado Cutulu mandar dar no Pagode de Lagarnate, que he em Bengala, e levarem delle grandes

the-

thesouros, e matarem dentro nelle muitas vacas, que he a mór affronta, e irreverencia que se póde fazer a seus Idolos. Era este Cutulu Rey de Orixá Mouro, e vassallo do Rey dos Mogores, que havia alguns annos que estava rebellado, sem lhe pagar as pareas que tinha por obrigação. Chegadas as novas do roubo deste Pagode á Corte de Laor, este Capitão Gentio, que digo, chamado Manacinga, desejou logo de tomar vingança, e satisfação daquella affronta feita á sua Religião: tomou por occasião o alevantamento do Rey de Orixá, pera pedir ao Grão Mogor licença pera o ir castigar, e reduzir á sua obediencia, que lhe elle deo; e com elle se partio de Laor com dez, ou doze mil cavallos pera ajuntar pelos mais Reynos do Mogor, por onde havia de passar todos os mais que lhe fossem necessarios.

E porque não he pequena curiosidade pera os curiosos da Geografia dar relação desta jornada em modo de Itinerario, como a elle fez, o farei aqui. Partio este Capitão de Laor Corte do Grão Mogor, e foi caminhando ao Sueste algumas sinco, ou seis jornadas, passando por villas, e lugares, huns grandes, e outros pequenos até chegar a hum fermoso rio chamado Seriundo, que quer dizer Cabeça da India,

dia,

dia, porque alli começa a India Meridional, ou menor, porque toda aquella parte dalli pera o Norte se chama India maior até os montes Imaos, onde começa a Scitica Asiatiaca, ou Tartaria. Passado o rio á outra parte, foi á Cidade de Summopat, e á de Panipat, e logo á grande Cidade Deli muito fermosa, e fresca, onde está a sepultura de Hamaum Paxa pai de El-Rey Hecbar, que he huma das fermosas cousas do Mundo, como nas outras minhas Decadas tenho dito. Até aqui gastou este Capitão trinta jornadas. Ao longo dos muros desta Cidade passa hum muito fermoso, e fresco rio chamado Iamana, que se vai misturar com o Gange: passado o rio á outra banda, foi caminhando ao Levante por distancia de cento e vinte coces seus, que são trinta leguas, a razão de quatro coces por legua pela conta dos Mouros até chegar a huma villa chamada Calu, que he o extremo do Reyno Deli, e do Patane. Daqui foi a huma Cidade pequena, a que perdi o nome, e dalli a outra chamada Har, por junto della passa hum fermoso braço do rio Gange, que vai descendo a baixo, e atravessando o Reyno de Orixá. Daqui foi á Cidade Sambal, donde voltou a Susudoeste á Cidade de Lacanor pequena, á differença de outra

gran-

grande adiante, que são Cidades do Reyno Patane, e entre estas ambas ha humas asperissimas serranias, que vam tirando ao Norte chamadas Porsonai, riquissimas de minas de ouro, e prata: dalli foram caminhando ao Sul; e passando por estas Cidades, Gazepur, Chousa, Agepur, Xirpur, por junto desta passa o rio Gandec, adiante Mugel, Bagelpur, Gori, Galor, Cidades já de Bengala: do Reyno dos Patanes, Satagão, Tande, e Orixá Cidade cabeça deste Reyno, que elle hia conquistar; e chegando ao Mandarou, extremo do Reyno Orixá, defronte de huma Fortaleza, que se chama Raipur, que era dos Patanes, em que estava por Capitão Alemacaum irmão de Gorea Badul, Capitão muito affamado do Rey de Orixá, por quem o seu Rey dizia, que era o seu braço direito, assentou o seu arraial pera dalli fazer suas entradas.

Tanto que o Alemacaum soube delles, ajuntou sinco mil cavallos, e foi no mesmo dia bem tarde assentar seu campo á vista do outro, e mandou dizer ao Manacinga que lhe não hia dar a obediencia por ser já tarde, mas que ao outro dia o faria logo. Tudo isto foi manha pera o assegurar, como fez, porque se não receárão de tão pouca gente, e mais com a segu-

gurança que moſtravam de ir dar obediencia, com o que os de Manacinga tiráram as ſeilas aos cavallos, e repousáram do trabalho do caminho, porque de algumas peſſoas que elle mandou ao arraial dos Patanes ſoube que eſtavam elles tambem deſcançados, e com os cavallos deſcellados, que foi o que os fez ſegurar; e tanto que entrou o quarto da modorra, eſtando os de Manacinga na força do mór ſomno, e repouſo, ſellárão os Patanes, e com muito grande ſilencio deram nelles com tanta preſteza, que primeiro que ſoubeſſem o que era, lhe matáram dous mil homens, em que entrava hum filho do proprio Manacinga. Com eſte feito ſe recolhêram os Patanes, o que não foi tanto a ſeu ſalvo, que não tiveſſem alguma perda, porque tambem foram eſcalavrados. O Manacinga ſentio tanto ſeu deſcuido, como a perda do filho, e de ſua gente; pelo que a meſma noite ſe fortaleceo no proprio lugar, em que eſtava com hum muro arrezoado, e ſuas cavas, e deſpedio recado a todos os Capitães que o Grão Mogor tinha por aquelles Reynos com guarnições, pera que lhe acudiſſem com as gentes, e mantimentos que pudeſſem. Era eſte Manacinga na Corte do Grão Mogor tão grande peſſoa, e de tanta authoridade, e reſpeito, que

Da-

Danielgi filho terceiro do Grão Mogor casou com sua filha.

Tendo o Rey de Orixá aviso do soccorro, que o Manacinga mandou pedir aos Capitães, que o Grão Mogor tinha postos nos presidios dos seus Reynos, comarcãos áquelles que o Manacinga hia conquistar, receando-se que vindo aquelle poder, não pudessem resistir-lhe, tomou por remedio mandar-lhe commetter pazes com tantas vantagens, que as acceitou o Manacinga, receoso que lhe faltassem os Capitães, que mandára chamar; e assim se concluíram, com condição que o Rey de Orixá daria cada anno cem elefantes (por haver muitos naquelle Reyno) e vinte mil tangas de pareas, que são dez mil cruzados de reales; e logo contribuio com as deste primeiro anno, com o que o Manacinga se tornou pera Tenda, e o Rey de Orixá pera a Cidade de Ialasor, que he Cabeça do Reyno.

Os Capitães do Mogor, a que o Manacinga mandou pedir soccorro, fizeram pouco caso de seu recado, e não acudíram com cousa alguma; o que visto por elle, despedio recado ao Grão Mogor, dando-lhe conta de tudo o que lhe tinha succedido na jornada, e mandou-lhe tambem o dinheiro, e os cem elefantes que arrecadou

das

das pareas, e efcreveo-lhe que deixára de conquiftar todo aquelle Reyno por falta de gente, e que os feus Capitães o não quizeram foccorrer, pedindo-lhe formões, ou Provisões pera todos os Capitães, que houveffe em feus Reynos, e Provincias, lhe obedeceffem, e lhe acudiffem com as gentes de fuas obrigações, e que elle fe obrigava a conquiftar, e fujeitar todos os Reynos de Bengala, e Patane.

O Grão Mogor eftimou muito os elefantes, e mandou ao Manacinga tudo o que lhe mandou pedir com grandes penas áquelles que lhe não obedeceffem. Eftes enviados paffáram pelo Reyno do Agará, aonde as Provisões fe publicárão: com o que logo fe abalou Cedecão Governador do Reyno, e feu irmão Lufufcan com quinze mil cavallos que fe aprefentárão ao Manacinga, e com a gente que tinha, prefez trinta e finco mil homens de cavallo, e quafi oitenta mil de pé, de que elles fazem bem pouca conta; e com todos eftes fe poz em campo, e muitos elefantes caftellados, e trezentas carretas de artilheria de campo, e grande fomma de munições, e quantidade de mantimentos, com que foi marchando contra os Patanes que o desbaratárão; e quando hia por fuas terras, era o Cutulu Rey de Orixá já morto, e os Pa-

Patanes tinham alevantado por Rey hum ſeu filho menino, que eſtava debaixo de tutoria de dous Capitães chamados Gorabadul, e Cogeaiſa.

Vendo os Patanes o grande poder com que o Manacinga vinha, e que eſtavam odiados, e aborrecidos da gente da terra, que era Gentia, e elles Mouros deſordenados, e tyrannos, havendo que não poderiam eſcapar ſuas mulheres, e filhos das mãos de ſeus inimigos, determindruzam-ſe a fazer outro feito ſemelhante ao dos antigos Numantinos, que foi ajuntarem-ſe ſeis mil de cavallo, e pôrem na Cidade de Ialaſor ſuas mulheres, filhos, e fazendas, e dentro em huma ſua meſquita fizeram juramento ſolemne a Mafamede de darem nos inimigos, e os desbaratarem, ou morrerem todos na demanda; e que não os podendo vencer, os que eſcapaſſem da batalha foſſem a Ialaſor, e mataſſem todas as mulheres, e filhos, e queimaſſem as fazendas, por não ir alguma daquellas couſas a mãos de ſeus inimigos. Eſtes juramentados, que eram ſeis mil, ſe repartírão por quatro Capitães famoſos, entre elles chamados Gogeriſa, Meriu, Gorabadul, e do outro não ſoube o nome; e como homens offerecidos á morte (a que na India chamão amoucos) re-

remettêrão huma madrugada com o exercito do inimigo, e entrárão por elle fazendo grande eſtrago; mas no mór furor da batalha fugírão dous dos Capitães, e os outros dous ficáram pelejando até morrerem. Alguns Capitães do Manacinga, quando víram apartar da batalha os dous Patanes, foram-os ſeguindo, e matando nelles á ſua vontade, e aſſim os apertárão, que não pudéram tomar a Cidade Ialaſor pera fazerem em ſuas mulheres, filhos, e fazendas a execução que tinham aſſentado, e foram-ſe deſviando por outros caminhos. O Manacinga depois que matou os que o eſperárão, foi tambem apôs os que lhe fugíram, e chegou á Cidade Ialaſor, aonde entrou vitorioſo; e as gentes de ſua companhia uſáram neſta entrada de ſua má natureza com as pobres mulheres, que ſe lhe não puderam defender. Alli acudíram todos os póvos das Cidades dos Patanes a ſe lançar aos pés do vencedor, e a pedir-lhe miſericordia; e a de que uſou com elles foi torma-lhes todos os ſeus theſouros, e os melhores elefantes, e cavallos que tinham, e lhes deixou alguns ſindeiros; em fim elle os deſpojou de tudo o que lhe pareceo, porque outra vez não tentaſſem maldade; e ainda paſſou tanto adiante, que os deſterrou, e traſpaſſou pera os Rey-

nos

nos do certão do Grão Mogor, onde elle os mandou repartir, e dar comedías, e terras em que vivessem.

CAPITULO V.

De como o Manacinga se apoderou dos Reynos de Patane, e Orixá: e dos principaes braços com que o rio Gange se espalhou por todos aquelles Reynos: e das Gangas que nelle ha.

TOmada pelo Manacinga esta tão grande satisfação dos miseros Patanes pela rebellião que fizeram contra o Grão Mogor, cujos vassallos eram, passou o Manacinga adiante pelos Reynos de Bengala dentro até chegar ao pagode de Lagarnate, que he junto do mar, além da Fortaleza de Catella principal daquelle Reyno, e neste pagode entrou, e o desapossou de todas suas riquezas, que eram muitas: e com elle ser Gentio, não bastou pera ter respeito a seus idolos, e deixar de os roubar, e esbulhar dos thesouros que o pagode tinha. Estes são os effeitos da cubiça, que faz com que se não tenha respeito ao mesmo Deos, e o desconheção os que se deixam entrar della: e mais he isto de estranhar em grandes, e valerosos; pois sendo taes, não sa-

bem ir-ſe á mão, nem reſiſtir a hum mal que tanto os acanha, e abate; o que nos pequenos, e humildes he pelo contrario, porque pouco baſta pera os ſatisfazer, e contentar. E tornando ao fio de noſſa hiſtoria,

Deſpojado o pagode, paſſou-ſe Manacinga á Fortaleza de Barepur, que eſtá entre humas ſerras fragoſas, aonde eſtava Raja Ramacanda filho do Rey de Orixá com tenção de a conquiſtar, e o haver ás mãos, e aſſentou pera iſſo ſobre ella ſeu campo. O Ramacanda vendo tão grande poder, arreceou-o, e mandou-ſe offerecer ao Manacinga por vaſſallo do Grão Mogor com as obrigações, e pareas que foſſem honeſtas, e juſtas; e pera concluirem iſto, tratáram de ſe verem. Sobre o que houve grandes dilações no modo de como ſe haviam de ver, e tratar; porque o Ramacanda era filho de ElRey, e tão opiniatico, que nem naquelle Eſtado queria perder nada de ſua opinião, nem do que cuidava lhe era devido por quem era; e depois de muitos recados, vieram a aſſentar que ſe trataſſem nas viſtas com igualdade, ſem haver differença em couſa alguma, e que as viſtas foſſem no pagode de Lagarnate, onde o Manacinga iria jurar primeiro diante dos ſeus Bramanes de guardar inteiramente o que tinham aſſenta-

do

do nas viſtas, e o de Ramacanda não receber aggravo, nem eſcandalo algum em ſua peſſoa, Eſtado, nem em vaſſallos, o que o Manacinga fez. E bem pudéra quebrar aquelle juramento, quem havia tão pouco tinha deſpojados os meſmos idolos (diante de quem fazia o voto) de ſuas riquezas, e deſpidos ſeus altares, e levados os ricos vaſos de ouro, e pedraria com que aquelles cegos gentios ſerviam aquellas eſtatuas feiſſimas de pedras, e páos, em que punham ſuas deidades, e a quem davam as honras, e faziam adoração; que ſó a Deos ſe devia.

Recolhido o Manacinga de fazer aquelle juramento pera o ſeu arraial, tanto que o Ramacanda o ſoube, ſem aguardar mais recado, nem pontos de quem ſeria o primeiro, ſahio de ſua Fortaleza com grande acompanhamento, e muito fauſto, e entrou pela tenda de Manacinga, que ſahio muito de preſſa fóra ao receber, e ſe abraçáram igualmente, e aſſentáram-ſe em ricas alcatifas, e almofadas de borcado, e alli praticáram ſobre ſuas couſas; e depois de as aſſentarem com ſatisfação de ambos, ſe deſpedíram, e Manacinga o foi acompanhando muito eſpaço, e ao voltar o convidou o Ramacanda pera ir jantar com elle á ſua Fortaleza hum dia de huma feſta,

que vinha perto : o que elle acceitou , e levou esse dia comsigo quatrocentos homens todos Gentios, parentes , e amigos; e depois do banquete , que foi muito esplendido, deo o Ramacanda ao seu hospede seis mil tangas em dinheiro , que são tres mil cruzados, pera o gasto de sua cozinha os dias que alli estivesse, e dous formosissimos elefantes de guerra , e outras peças. O Manacinga por não ficar acanhado, perguntou depois quanto montavam as rendas das terras que os Patanes lhe tinham dado; e sabendo-o , lhe passou hum fórmão em nome do Grão Mogor de mais sincoenta mil cruzados de renda cada anno nas mesmas terras. Com isto se despedíram com mostras de grande amizade; e o Manacinga repartio as Cidades, e villas do Reyno de Orixá com seus filhos, que me affirmáram serem perto de quarenta; e elle se foi aposentar na Cidade de Agepur Patana, onde esteve muito tempo ; e ainda hoje, que escrevemos isto, he vivo este Gentio, e tem de sua obrigação mais de trinta mil de cavallo , porque tem muitas , e ricas terras ; e he tão grande Capitão , e tem tanta posse , que se suspeita que o Grão Mogor se arrecea delle em seu peito.

Em quanto deixamos aqui o Manacin-

ga,

ga, pareceo-nos bem pera recreação dos curiosos dar relação destas Gangas de Bengala (que na nossa linguagem são rios) porque são muitas, e mui diversas; e assim nomearemos as que ha do porto de Goli de Orixá até Batecala.

A Ganga de Goli, que vem do Bouro, não se lhe sabe nascimento; he no verão em algumas partes de pouca agua, vai sahir á Ilha dos Gallos, que he a principal de todas, e o verdadeiro rio Ganges, a quem os Gentios tem tanta veneração, que se vam lavar a elle, e tem pera si que ficam puros, e limpos de suas culpas, e peccados.

A Ganga de Sagor he muito prospera, e reparte-se em muitos braços, de maneira que quasi toda se passa a váo; mas em baixo na barra tem fundo bastante pera entrarem náos.

A Ganga Retora, que vem ao Gate do Tigolo da outra banda, vem o braço ao lugar de Trigor, reparte-se em muitos ramos, e todos em baixo capazes de náos.

A Ganga chamada dos treze bancos, que vai sahir ao mar largo com huma grande boca.

A Ganga Vidadore tambem he grande, e não se lhe sabe nascimento, e sahe ao mar com outra muito grande boca.

A

A Ganga Rey Mogor tão profpera de aguas por todos os braços, em que fe reparte, que do Chandecam, que he dalli a muitas leguas, vem náos por dentro até o Bandal de Orixá.

A Ganga Zabona não he muito grande, mas tem muito fundo.

A Ganga Balança.

A Ganga Muruzate, que tem grande barra, que chamam de Boracalor.

A Ganga Rangafona, que quer dizer ouro, e vermelho, e não me fouberam dizer porque fe chama affim.

A Ganga de Bixela chamada affim por humas embarcações defte nome, que por ella navegam.

A Ganga Ariganata, que quer dízer Veado, por haver derredor della infinitos.

A Ganga Sape, Raja, he coufa formofiffima; e por fer efta, lhe chamam Raja, que tanto quer dizer, como Rey das Gangas. Sape quer dizer cobra, ou por haver nella muitas, ou por ir ter ao mar em muitas voltas com tres bocas.

A Ganga Noldil, que vem do lugar de Bufna, que he nos confins do Reyno Batecala; e defta Ganga até Batecala ha hum grande numero de Ilhas, que feus braços vam fazendo, e parece tudo hum mar; e com as aguas vivas areão-fe humas,

mas, e abrem-se outras. Em todas estas Gangas andam infinitas sortes de embarcações, e algumas tamanhas como náos, que todas me mandáram de lá pintadas em dous paineis, que são muitas, e muito pera ver a diversidade de seus feitios; estas são as Gangas principaes, e que vam sahir ao mar com barras capazes de náos grandes; porque já por algumas dellas entráram algumas náos de Portugal que cá ficáram, que foram alli carregar de arroz, aonde hum candil, que pela nossa medida são vinte alqueires, val trezentos reis.

CAPITULO VI.

Do que succedeo na conquista da Ilha Ceilão este verão: e das grandes vitorias que os nossos alcançáram do tyranno D. João, que se intitulava Rey de Candea: e da morte de ElRey da Cota D. João Perea Pandar: e de como deixou nomeado por herdeiro do seu Reyno a ElRey de Portugal, que logo foi jurado por esse.

NA onzena Decada, no tempo de Mathias de Alboquerque, temos continuado com as guerras de Ceilão pelo discurso dos annos; e porque os successos fo-

foram muitos, e miudos, não escrevemos senão os de mais substancia, porque a historia não soffre tanto. Deixámos o anno passado as cousas daquella Ilha nas grandes vitorias que D. Jeronymo de Azevedo, Capitão Geral daquella conquista, alcançou do tyranno D. João, intitulado Rey de Candea, nos limites daquelle Reyno, e do Dinavaca. Agora continuaremos com as deste verão, em que as cousas ficáram no Forte de Corvite, que D. Jeronymo de Azevedo mandou fazer seis leguas de Ceitavaca no fim de Fevereiro passado, em que ficou por Capitão Salvador Pereira da Silva com cem homens, e as provisões de munições, e mantimentos que lhe parecêram necessarios. Feito este Forte, despedio o Geral a soldadesca Portugueza, e da terra, pera irem descançar, pera depois com novo alento, e forças tornarem a proseguir naquella guerra. Disto foi logo o tyranno D. João avisado, e communicando com os mais alevantados, que o seguiam sobre a satisfação que tomariam dos nossos de quantos damnos lhe tinham feito; porque se se descuidassem, estava certo pôrem-lhe hum pezado jugo a toda aquella Ilha; e assentou que o Rey de Vuá se ajuntasse com os Principes de Dinavaca, o que elles logo fizeram com quasi quatro

mil

mil homens, muita eſpingardaria, e elefantes de peleja, e foram aſſentar ſeu campo quatro leguas do noſſo Forte de Corvite, com tenção de o aſſaltarem, por eſtar com pouca guarnição; e dalli mandáram dous mil homens da ſua vanguarda, pera que ſe foſſem pôr duas leguas daquelle Forte ſem bolirem comſigo; porque pertendiam primeiro fazer rebelar toda aquella Comarca, que eſtava á noſſa obediencia, pera aſſim lhes ficar mais facil a conquiſta, e entrada daquelle Forte. E com iſto intentáram tambem divertir o Geral pela fronteria das quatro Corlas, pera não poder ſoccorrer os de Corvite; e pera aquella parte ſe abalou o tyranno D. João com todo o mais poder; porque occupados os noſſos por tantas partes, pudeſſem elles effeituar ſeus intentos. De tudo iſto foi logo o Capitão Geral aviſado por eſpias, que trazia perto do tyranno.

Pelo que com muita preſſa mandou ajuntar toda a gente de guerra branca, e preta, com que ſe poz em campo; e ſabendo que o tyranno deſpedíra huma copia de gente pera ir a ſaltar a noſſa tranqueira de Ruanella, e inquietar os vaſſallos daquella parte, deſpedio Antonio da Coſta por Capitão Mór da parte da gente da terra, com ordem, que ſendo-lhe neceſſario

mais

mais gente, a tiraſſe dos preſidios de Ceitavaca, e outros que boamente pudeſſe deſmembrar delles com ſegurança ſua. Com eſta gente foi dando volta pelas quatro Corlas, com que os inimigos que o tyranno tinha mandado pera aquella parte ſe retiráram logo; e vindo recado ao Geral que os inimigos ſe hiam vizinhando ao Forte de Corvite, deſpedio a mór parte do arraial, pera que o foſſe ſoccorrer, deixando ſó hum Modeliar com quinhentos laſcarins pera guarda das fronteiras das ſete Corlas; e mandou ordem a Salvador Pereira, que eſtava no Forte de Corvite, que ſem ſe deter ſahiſſe delle, e foſſe aſſaltar o arraial do inimigo com o mór reſguardo, e ſegredo que pudeſſe; o que elle logo fez em lhe chegando a gente, e de noite foi por caminhos excuſos, por matos, e brenhas até chegar á parte, onde eſtava a vanguarda dos inimigos, bem deſcuidados todos de tal ſobreſalto. E primeiro foram desbaratados, e mortos a mór parte delles, que ſoubeſſem o que era; e poſtos os que eſcapáram em fugida, lhes ſeguio Salvador Pereira o alcance com tanta preſſa, que quaſi de envolta com elles chegáram á retaguarda, em que deram com tanto impeto, e furia, que logo lhes entráram o arraial dentro, aonde os desba-

baratáram com morte de muitos , em que entráram os principaes Modeliares , e dous formoſos elefantes tomados com muitas armas , bandeiras , e outros deſpojos ; e affirma-ſe morrerem dos inimigos neſtes aſſaltos mais de mil , e muitos que ficáram cativos , ſalvando-ſe os principaes de Maturé , e Dinavaca com a eſcuridão da noite. Foi eſta vitoria tão famoſa , e poz tanto eſpanto nos Chingalás , que ficáram pondo a Salvador Pereira o ſobrenome de Corvite Capitão : dos noſſos Laſcarins morrêram alguns , e hum Modeliar mancebo chamado D. Franciſquinho , que pelejou muito bem. Ao outro dia mandou Salvador Pereira pôr por terra todos os Fortes dos inimigos , e recolheo-ſe a Corvite , ficando eſta vitoria (como já diſſemos) entre os Chingalás com grande nome , e fama.

Vendo D. Jeronymo de Azevedo quão quebrantados os inimigos ficavam , mandou fazer huma tranqueira da outra parte do rio Sofragão no lugar chamado Batugedrá , por ſer mais accommodado pera aſſaltar , e quebrantar o inimigo , com o que elle ſe vio tão abatido , e deſeſperado de ſeus penſamentos , que logo ſe recolheo a Candea , e o Forte ſe desfez. O que os noſſos fizeram , eſtava vinte leguas de Columbo pela terra dentro em meio de todas

as

as dos inimigos, com elles ficáram muito opprimidos. Succedeo isto este inverno em que andamos noventa e sete.

No mesmo tempo aos vinte e sete, ou vinte oito do mez de Maio do mesmo anno faleceo ElRey D. João Perea Pandar, Senhor de toda a Ilha de Ceilão, a quem se fez o mais honrado enterramento que a terra podia dar de si; e logo o Capitão Geral D. Jeronymo de Azevedo mandou chamar a Columbo todos os Fidalgos da casa daquelle Rey, Modeliares, e pessoas principaes, e aos vinte e nove de Maio se ajuntáram todos, estando presente Thomé de Sousa de Arronches, Capitão daquella Fortaleza, Vereadores, Officiaes da Camara, Ouvidor, e Prelados de S. Francisco; e sendo todos presentes, lhes mandou dizer pelo Ouvidor João Homem da Costa, que bem sabiam todos como ElRey D. João Perea Pandar, Senhor de toda aquella Ilha, deixára em seu testamento nomeado por herdeiro de todos os seus Reynos a ElRey de Portugal, por não lhe ficar outro algum que de direito lhe houvesse de succeder naquella coroa; e que por quanto alli estavam todos, assim nobres, como o povo, Fidalgos, e Modeliares principaes, que elegessem entre si as pessoas que quizessem pera em nome de todos jurarem ao dito

Se-

Senhor por Rey, por não poder ſer fazerem todos o dito juramento. E logo por elles foram nomeadas as peſſoas ſeguintes: D. Antão, D. Conſtantino, D. Jorge, D. João, D. Pedro Homem Pereira; Fidalgos da caſa do Rey morto, Belchior Botelho Modeliar, Domingos da Coſta Arache, e Thomé Rodrigues Patangatim, que todos, e cada hum por ſi poſtos de joelhos ao redor de huma meza com as mãos poſtas ſobre hum Miſſal fizeram o juramento ſeguinte.

» Nós D. Antão, D. Conſtantino, D. Jor-
» ge, D. João, D. Pedro Homem Pereira,
» Belchior Botelho, Domingos da Coſta, e
» Thomé Rodrigues juramos a eſtes Santos
» Evangelhos, em que pomos noſſas mãos,
» por nós, e em nome de todo eſte povo de
» reconhecermos a ElRey de Portugal, que
» aſſim neſte preſente acto alevantamos, e
» juramos por noſſo Rey, e Senhor, por
» quanto D. João Perea Pandar, que Deos
» tem no Ceo, noſſo Rey natural, o deixára
» por ſeu univerſal herdeiro, por não ter ou-
» tro que de direito haja, e poſſa herdar ſua
» Coroa, e Reynos. Pelo que juramos outra
» vez aos Santos Evangelhos, em que temos
» noſſas mãos, e promettemos de lhe guar-
» dar fé, e lealdade, e de lhe obedecer, e
» dar vaſſallagem aſſim a elle, como a ſeus

ſuc-

» succeſſores que ao diante lhe ſuccederem,
» ou a ſeus Viſo-Reys, Governadores, ou
» Capitães, que em ſeu lugar aſſiſtirem
» neſtes Reynos de Ceilão, como até aqui
» fizemos a ElRey D. João Perea Pandar,
» que Deos tem em gloria, noſſo Rey na-
» tural que foi: e aſſim promettemos de o
» guardar, e cumprir, como em outra qual-
» quer parte de ſeus Reynos, e Senhorios:
» o que juramos hoje as couſas aſſima, aſ-
» ſim, e da maneira que são declaradas: o
» que tornamos a jurar outra vez, e outras
» muitas vezes aos Santos Evangelhos, e
» promettemos de inteiramente as guardar
» aſſim por nós, como em nome deſte povo.»

Acabado eſte juramento, tomou o Capitão Geral em ſuas mãos a bandeira Real das Armas de Portugal, e a entregou a D. Antão; e logo o Capitão Geral, e o Capitão da Cidade, e todo o mais povo foram por todas as ruas principaes com a bandeira alevantada; e nos lugares deputados alevantou o D. Antão a voz, dizendo: *Real, Real, Real pelo muito Poderoſo Senhor ElRey de Portugal*; ao que todos reſpondiam: *Real, Real, Real*; e acabada eſta ceremonia, ſe fez hum auto deſte juramento por Manoel Correa da Coſta, Tabellião público das notas no livro dellas, em que ſe aſſignáram todas as peſſoas no-

mea-

meadas; e o traslado do Auto tenho eu na Torre do Tombo, no livro dos Contratos, e Pazes a folhas 143. donde o trasladei aqui; e logo dalli por diante foi ElRey de Portugal obedecido, e conhecido por Rey dos Reynos, que D. João Perea Pandar possuia.

CAPITULO VII.

Das eleições que o Conde Almirante fez de Capitães: e das Armadas que ordenou: e das novas que lhe vieram de Moçambique, de como eram passadas pera a India duas náos Hollandezas: e do que sobre isso fez: e da Armada que veio do Reyno, de que era Capitão mór D. Affonso de Noronha: toca-se a causa das differenças que houve entre o Conde, e Mathias de Alboquerque.

ESte inverno passou o Conde Almirante em prover em muitas cousas que lhe parecêram necessarias, assim pera o provimento dos armazens, como das Armadas que havia de mandar pera fóra; e vindo o dia de S. João, festejou-o com carreiras, vestidos todos á Mourisca, como he costume na India, como tambem fez o de Sant-Iago, que ambos estes dias são mui feste-

ja-

jados dos Viſo-Reys ; e logo paſſado eſte de Sant-Iago, fez as eleições pera as Armadas, D. Luiz da Gama ſeu Irmão em Capitão mór do mar da India, e coſta do Malavar, por ſer coſtume nomear-ſe neſte tempo: eſta eleição foi murmurada, como ordinariamente o são todas as couſas que os Viſo-Reys fazem; e então o são mais, quando ha pertençores ás couſas de que ſe murmura, parecendo aos que o fazem que eſtivera nelles melhor o que ſe dá a outrem, iſto he muito antigo na India; ſenão que ha niſto outro mal, que eu tenho por maior, que he louvarem eſtes taes aos Viſo-Reys na preſença as eleições que fazem, e por detrás deſapprovarem-nas: e praza a Deos que não aconteça iſto aos que nos Conſelhos votão nellas, aonde alguns o fazem mais pelas inclinações que ſentem nos Viſo-Reys, que pelo que lhes parece juſtiça, e ſerviço de ElRey: e cuido que ſempre ſerá aſſim; porque os mais dos do Conſelho tem pertenções, huns de deſpachos pera entrarem em ſuas Fortalezas, e outros que ſahíram dellas pera o livramento de ſuas reſidencias. E aſſim vimos muitos virem dellas com culpas mui exorbitantes, e livrarem-ſe facilliſſimamente, e porem-lhes em ſuas ſentenças que mereciam fazerem-lhes mercês, e aſſim as requerem,

co-

como ſe lhe deveſſe ElRey fazer-lhas, e fazem-lhas: e eſta he a juſtiça da India, porque eſtes alcançam cá o que querem com trocarem os votos, e lá ganham as vontades; e queira Deos que não ſejam alguns com modos que calo: fallo com eſta liberdade, porque ſou velho, e não particularizo ninguem; e ſe por iſto me não fizerem mercês, não no terei por novidade, e contentar-me-hei com me lembrar que nunca as tive nem com me calar; e deixando eſtas couſas, em que havia bem que dizer, tornemos ao de que tratava, e digo que com pouco fundamento ſe murmurou da eleição que o Conde fez de D. Luiz da Gama ſeu irmão, porque era hum Fidalgo, que já tinha andado na India, e ſervido a ElRey, e eſtava deſpachado com a Fortaleza de Ormuz, e ſer de trinta annos de idade, e rico, e eſtes são os homens mais aptos pera o ſerviço de ElRey.

Neſtas couſas, e noutras ſemelhantes ſe foi paſſando o inverno até dezenove de Agoſto, em que lhe chegou hum Galeoto de Moçambique, em que vinha Gaſpar Palha Capitão da náo Roſairo da companhia de João de Saldanha, Capitão mór da Armada do anno paſſado de noventa e ſeis, que indo pera o Reyno (como já diſſe na onzena Decada) arribou a Mo-

çambique, aonde se perdeo, e se desfez a náo. Este Capitão trazia cartas de Nuno da Cunha, Capitão daquella Fortaleza, em que lhe fazia a saber, que em Julho passado estiveram duas náos Hollandezas no porto de Titangone, sinco leguas de Moçambique, pouco mais, ou menos, fazendo aguada, e que lhe parecia que hiam na derrota da Sunda. Com estas novas se alvoroçou o Conde, e toda a Cidade por ser cousa nova, e nunca estas gentes terem passado a estas partes; e logo chamou o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, e todos os Capitães velhos a conselho, e lhes mostrou a carta, propondo-lhes que se aquellas náos hiam pera onde se dizia, que poderiam fazer muito damno á nossa Fortaleza de Malaca em perturbar os vizinhos contra ella, e damnar o commercio daquellas partes, que era o mais grosso da India, e tomarem as náos da China, e Japão, em que sempre vinham mais de dous milhões de ouro de todos os moradores das Cidades da India: que elle estava muito prestes pera fazer tudo o que se votasse naquelle conselho, porque pera isso tinha muito dinheiro, Galeões, Galés, Fustas, artilheria, e tudo mais que fosse necessario; e sobre tudo muito animo, zelo, e vontade pera acudir ao que fosse serviço de El-Rey;

Rey; porque elle não vinha á India a deſcançar, ſenão a defendella, e dilatalla, como o fizeram ſeus antepaſſados: que lhes pedia lhe deſſem ſeus pareceres por eſcrito, pera que mais livremente pudeſſem dizer o que entendeſſem que cumpria ao ſerviço de Deos, e d'ElRey, porque com elles lhes havia de dar razão de ſi. Sobre eſta propoſição lhe trouxeram ao outro dia todos ſeus pareceres por eſcrito, e nelles concordáram os mais em que ſe mandaſſem dous Galeões, tres Galés, e dez Fuſtas com quinhentos homens, que era Armada baſtante pera ſegurar aquellas partes, e buſcar as náos Hollandezas, e dar guarda ás da China, e de outras partes.

Com eſte aſſento que ſe tomou ſe paſſou o Conde Almirante pera a ribeira grande das Armadas, por não haver então Veador da fazenda; porque Vicencio de Buné, que ſervíra aquelle cargo por ordem de Mathias de Alboquerque, ſe tinha ido pera o Reyno o Janeiro paſſado de noventa e ſete, por ſaber que vinha o Conde Almirante, que não quiz prover aquelle cargo, porque dizia que o queria ſervir, e aſſim foi correndo com elle; mas tanto que ſe mudou pera a ribeira, o encarregou a D. Franciſco de Noronha pera o ſervir, em quanto duraſſe aquella occaſião das Ar-

madas; e a ſeu irmão D. Luiz da Gama encommendou os armazens da artilheria, e munições; e a D. Antonio de Lima, que eſtava deſpachado com a Capitanía de Ormuz, os armazens dos mantimentos com Proviſões pera todos os Officiaes da fazenda lhe obedecerem como a ſua peſſoa, e pera por ſeus eſcritos raſos darem tudo o que foſſe neceſſario pera aquella Armada.

E logo entrou na eleição do Capitão Mór della, que foi Lourenço de Brito, por ſer Fidalgo velho, de muita experiencia, e que tinha ſervido muitos annos na India de Capitão, e Capitão Mór das Armadas, e havia já ſido Capitão de Çofala; e pelo tirarem antes de acabar o tempo, o proveo ElRey de outros tres annos, e homem que muitos tinham pera ſi eſtar na primeira ſucceſsão da governança da India. Eſte Fidalgo começou a correr com o apreſtamento de ſua Armada; e o Conde Viſo-Rey não deſcançou até a pôr na barra, e pagou aos ſoldados a tres quarteis, e ajuntou marinheiros pera todas as vaſilhas com pagas avantajadas; e tanta preſſa ſe deo a tudo, que logo poz toda a Armada na barra, que eram os dous Galeões que diſſemos, hum em que hia o Capitão Mór, e no outro Antonio Pereira Coutinho, filho de Jorge Pereira Coutinho, que foi

Capitão de Chaul. As Galés eram duas, de que hia por Capitão de huma D. Luiz de Noronha, filho do Conde de Linhares D. Francisco de Noronha, e irmão de D. Fernando de Noronha Conde de Linhares, que foi Veador da fazenda, que tinha vindo do Reyno o anno de 95. e levava Provisão de Almirante da Armada; e da outra D. Jeronymo de Noronha, filho de D. Antonio de Menezes. A outra Galé pera perfazer o numero das tres, havia de tomar em Malaca, de que o anno passado tinha ido por Capitão Ruy Dias de Aguiar Coutinho. As fustas eram nove, de que foram por Capitães D. Francisco Henriques, que hoje está servindo a Capitanía de Malaca; Estevão Teixeira de Macedo, que hoje he Capitão da Fortaleza de Moçambique; Affonso Telles de Menezes, filho de Francisco da Silva de Menezes; Nicoláo Pereira de Miranda, filho de Henrique Henriques de Miranda, Camareiro Mór que foi do Cardeal D. Henrique, em quanto Cardeal; e depois de Rey foi Estribeiro Mór, Luiz Lopes de Sousa: Jeronymo Botelho, despachado com a Capitanía de Malaca, morreo em companhia do Viso-Rey D. Martim Affonso de Castro; Jorge de Lima Barreto, D. Diogo Lobo, filho de D. Rodrigo Lobo, João de Seixas.

Es-

Esta Armada partio da barra de Goa pera Sunda a vinte e quatro de Setembro. Neste tempo chegou á barra a náo N. Senhora de Guadalupe, em que o Conde Almirante tinha vindo, que invernou em Bombaim, que logo se começou a negociar pera Mathias de Alboquerque se ir nella pera o Reyno.

E aos vinte e seis de Setembro chegou a Armada, que tinha partido de Lisboa, de que vinha por Capitão Mór D. Affonso de Noronha, neto do outro D. Affonso de Noronha, irmão do Marquez de Villa Real, que foi Viso-Rey da India, que ao presente está por Capitão em Tangere, que não trouxe mais que tres náos. A Castello, em que elle vinha, e S. João, de que era Capitão Jorge da Silveira, e S. Martinho, em que veio Christovão de Siqueira. Trouxeram estas náos boas novas da saude de ElRey, e do Principe, que o Conde festejou bem.

E porque os soldados que vieram do Reyno começáram de andar desagazalhados, e padecer necessidades, lhes ordenou o Conde Viso-Rey mezas até se embarcarem nas Armadas (que este he hum dos maiores serviços de Deos, e de ElRey que se póde fazer) no que alguns Viso-Reys foram tão descuidados, e não sei se di-

diga deshumanos , que com verem andar os pobres homens deſpidos , e pedindo eſmola , não ſe compadecêram delles. E aſſim morrêram muitos ao deſamparo com grande eſcandalo dos Mouros , e Gentios , por cujas portas andavam pedindo eſmola. Deixemos eſta materia , que he de grande eſcandalo , e em que não vejo emenda , e tornemos ao Conde Almirante , que deſpedio logo o cabedal das náos a Chocim pera terem preparada a carga pera tres , em que entrava a em que havia de ir Mathias de Alboquerque , porque a de D. Affonſo havia de carregar em Goa , donde havia de partir , e pera ella ſe mandou fazer pimenta ás Fortalezas do Canará , que he a melhor de todas as que ha na India.

E porque (como algumas vezes tenho dito) não faltam na India mechedores , e eſpertadores de odios entre os Viſo-Reys que acabam , e os que entram de novo , o meſmo aconteceo a eſtes , que vieram a quebrar ; e a principal occaſião das quebras foi eſcrever ElRey á Camara da Cidade de Goa , que elle tinha mandado ao Conde Almirante que déſſe ſatisfação pública aos aggravos que Mathias de Alboquerque fizera a Antonio Giralte. E primeiro que o Conde Viſo-Rey executaſſe o que lhe ElRey mandava , teve com elle

ſa-

ſatisfação pelo Padre Fr. Jeronymo do Eſpirito Santo , Cuſtodio Commiſſario Geral da Ordem de S. Franciſco , e depois pelo Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes. E ultimamente communicou na Ralação aos Deſembargadores a ordem de ElRey , e aſſentáram que o Licenciado Ruy Machado Barboſa, Ouvidor geral do Civel, fizeſſe a execução; e porque Mathias de Alboquerque mandou dizer ao Viſo-Rey ſer-lhe aquelle homem ſuſpeito , ſem eſperar o recuſaſſe na fórma da Lei, nomeou o Conde Viſo-Rey o Licenciado Diogo Caiado Rijo, a quem deo ordem, que não fizeſſe execução em nenhuma das couſas que eſtiveſſem das portas a dentro de Mathias de Alboquerque, que era o mór reſpeito que ſe lhe podia guardar.

Feita eſta diligencia, tratou o Conde da Armada , que havia de mandar ao Malavar, em que hia por Capitão Mór D. Luiz da Gama ſeu irmão ; e da do Norte pera quem eſcolheo pera Capitão Mór Luiz da Silva, irmão do Regedor Diogo da Silva, que eſtava deſpachado com a Capitanía de Malaca; e porque faltavam navios de remo, por Lourenço de Brito haver de levar os que ſe preparavam, quando foi quinze de Setembro, deſpedio D. Rafael de Noronha por Capitão mór de dez navios pera ir ás

For-

Fortalezas do Norte buſcar os novos que lá tinha mandado fazer no inverno ; e os Capitães que o acompanháram, foram: D. Manoel da Silveira, filho natural de D. Martinho da Silveira, Capitão que foi de Dio ; D. Alvaro de Taíde, filho de D. João de Taíde; D. Luiz Lobo, D. Franciſco de Soto Maior, Antonio Furtado de Mendoça, Ruy de Souſa de Larcão, e Lourenço de Aguiar, e outros a que não achei os nomes. E em quanto eſtes navios foram buſcar os mais, ficou o Conde apercebendo as Galés que ſeu irmão havia de levar, que eram quatro, e em nomear Capitães, de que ſempre fez muito boa eleição, e em deſpachar hum Galeão pera Ceilão, de que foi por Capitão Ruy da Coſta Travaços com ſoldados, munições, e dinheiro pera aquella conquiſta. E deſpachou tambem Gonſalo de Tavares pera ir entrar na Capitanía de Dio, por acabar ſeu tempo Sebaſtião de Souſa que nella eſtava ; e a vinte e quatro de Setembro fez á véla toda a Armada de Lourenço de Brito, de quem adiante trataremos.

As náos Hollandezas, de que Nuno da Cunha aviſou ao Conde, tanto que fizeram aguada em Titangone, deram véla, e vieram haver viſta da coſta da India de Goa pera baixo, e foram correndo o Malavar

até

até o cabo Çomorim , aonde encontráram algumas náos de mercadores , que tinham partido de Goa pera Bengala a carregar de arroz , que tomáram , e efcorcháram, levando-lhe muito dinheiro que hia nellas pera a carga : huma dellas me lembra que era de Diogo Catella , cafado em Goa , que depois largáram com os mais Portuguezes, e ainda os provêram de algumas coufas, e dalli fe fizeram na volta de Malaca , a cuja cofta chegáram como adiante fe verá.

CAPITULO VIII.

Como Gonfalo de Tavares Capitão de Dio mandou Simão de Abreu com dous navios á cofta de Cache: e do encontro que teve com oito Paraos de Malavares, onde os noffos foram mortos, e desbaratados : e das mais coufas em que o Conde Almirante proveo.

TAnto que Gonfalo de Tavares tomou poffe da Capitanía de Dio , logo em Outubro defpedio duas Fuftas, muito bem negociadas , de que foi por Capitão mór Simão de Abreu de Mello , pera ir dando guarda a alguns navios de mercadores , que hiam pera a cofta de Jaquete por caufa dos Sanganes , que por alli andavam a roubar.

Ef-

Eſte Capitão, depois de deixar os mercadores em portos ſeguros, deixou-ſe andar por aquella paragem ás prezas, e nella encontrou com oito Paraos de Malavares, que hiam eſperar as náos que haviam de vir de Ormuz, e os navios do Sinde, que naquelle tempo coſtumam a vir pera as náos do Reyno carregados de roupas muito finas. Tanto que os Malavares houveram viſta dos noſſos navios, logo os foram commetter quatro a cada hum, e os inveſtíram dous por cada bordo; e poſto que acháram em os noſſos mui grande reſiſtencia, entráram-nos todavia, e dentro nos navios tiveram huma muito aſpera batalha, que durou muitas horas, em que os Portuguezes fizeram em defensão de ſuas vidas couſas muito grandes, e mui notaveis cavallarias, principalmente o Simão de Abreu, que era hum valeroſo ſoldado. Mas como o numero era tão deſigual, aſſim da gente, como o dos navios, foram todos os noſſos mortos de muitas, e grandes feridas: não ſe ficáram os Malavares louvando, e gloriando da victoria, porque lhes matáram mais de 150. Mouros, e quaſi todos os mais ficáram muito feridos, e maltratados.

Eſtas novas chegáram logo a Dio, e em poucos dias a Goa, porque eſta he a

na-

natureza das más, correrem com muita pressa; e dando-se ao Conde, que as sentio bem, despedio logo D. Alvaro de Menezes por Capitão Mór de sete navios, dos que estavam mais a ponto pera a Armada do Malavar com regimento que désse huma volta ao Norte, e trabalhasse muito por haver falla daquelles cossarios, e os fosse buscar onde quer que estivessem. E logo dahi a poucos dias despedio o Capitão Mór da costa do Malavar, pera que fosse esperar estes navios aos Ilhéos de Santa Maria, aonde costumam ir demandar, porque estava certo, tendo aviso dos navios de D. Alvaro de Menezes, voltarem logo pera o Malavar, e irem demandar aquella paragem, onde não podiam escapar. Esta Armada se fez á véla em treze de Novembro com as quatro Galés, de que, a fóra o Capitão Mór, eram Capitães D. Diogo Coutinho, que levava Provisão de Capitão Mór do cabo de Çomorim, D. Vasco da Gama, filho de D. Francisco de Portugal, e Diogo de Mello, filho de Francisco de Mello, d'alcunha o Roncador, filho de Tristão de Mello, irmão do Abbade de Pombeiro.

Nestas Galés hiam muitos Fidalgos por soldados, e dos que nos lembram são os seguintes. Na Galé do Capitão Mór, D. Balthazar, D. Manoel, e D. Antonio de Caf-

Castro, todos irmãos; D. Duarte Anriques, e D. Lopo seu irmão, Antonio Sobrinho de Azevedo, Miguel, Gaspar, e Gomes Freire irmãos, D. Jorge de Castro, Gaspar Tibao, Sebastião de Brito Falcão, Christovão Rabello, Lourenço Guedes, filho de Pero Guedes, Tristão, e Luiz Fernandes de Taíde irmãos, filhos de Nuno Fernandes de Taíde, Manoel de Oliveira de Azevedo, Ruy Mendes de Vasconcellos, Domingos de Castilho, Cavalleiro da Ordem de Christo, Trajano Rodrigues, Antonio Botelho de Azevedo, Francisco Sodré, Gonsalo Vas de Castello-Branco, Basilio Taveira, D. Diogo Pereira, D. Manoel Mascarenhas, D. Lopo de Almeida, Luiz de Antas Lobo, Diogo Botelho, Alvaro Teixeira Lobo, Pero Peixoto da Silva, Francisco Homem, e outros muitos Fidalgos, que não viviam com ElRey, e muitos Cavalleiros, e soldados muito honrados: na Galé de D. Diogo Coutinho, D. Bernardo de Noronha, e D. Manoel de Noronha seu irmão, D. Alvaro da Costa, D. Constantino de Menezes, Simão de Mello, Luiz Freire de Andrade, Francisco de Sousa, Manoel Coutinho Pereira, André da Silva, Luiz da Gama, Gonsalo de Macedo, Sebastião Correa da Cunha, Martim da Cunha de Sá, Ruy Brandão, e Fernão

Bran-

Brandão irmãos, Gonſalo Falcão, filho de Aires Falcão, D. Gaſpar de Noronha, D. Jorge de Noronha, e Lourenço de Carvalho: eſtes tres me não lembra com quem hiam embarcados, nem de outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros principaes, que hiam eſpalhados por todos os navios, de maneira que hiam neſta Armada todos os appellidos do Reyno, e a mais luſtroſa ſoldadeſca da India.

Os navios de remo eram trinta e tres, cujos Capitães eram os ſeguintes. D. Manoel da Silveira, D. Alvaro de Taíde, Simão Ranjel de Caſtello-Branco, D. Rafael de Noronha, D. Luiz Lobo, filho de D. Diogo Lobo, D. Franciſco de Soto Maior, Antonio Furtado de Mendoça, Lourenço de Aguiar Coutinho, Manoel de Bendanha, D. Pedro Maſcarenhas, filho natural de D. Franciſco Maſcarenhas o Palha, que foi Capitão de Ormuz, D. Alvaro de Menezes, Jorge da Cunha, D. Lourenço da Cunha, Fernão Ortis de Tavora, Martim Gomes de Carvalho, Diogo de Miranda, filho de Manoel de Miranda, que foi Capitão de Dio, Franciſco de Mendoça, D. Chriſtovão de Noronha Villa Verde, D. Filippe de Souſa, Vaſco Gomes de Mello, Chriſtovão de Brito, D. Pedro de Noronha, Manoel de Barbuda, Antonio de

Mi-

Miranda, Duarte Brandão de Lima, Manoel de Sousa, e outros a que não achei os nomes: nesta Armada foram mais de mil homens.

Poucos dias depois despedio o Conde Almirante a Luiz da Silva Capitão Mór do Norte com dez navios, os melhor petrechados, e da melhor soldadesca que se víram ha muitos annos naquella costa, de que eram Capitães D. João Tello de Menezes, filho do Alferes Mór D. João de Menezes, Paulo Machado de Azevedo, Ruy Pereira, Ruy de Sousa de Larcão, Manoel de Cabedo, Gonsalo de Caldas, e Pero de Bendanha, e outros a que não soube o nome.

Depois destas Armadas partidas, chegou a Goa huma Zavra, que vinha de Ormuz sem trazer dinheiro, que o Conde esperava nella; mas trouxe novas de ser falecido Antonio de Azevedo, Capitão daquella Fortaleza. Pelo que o Conde despachou logo D. Antonio de Lima pera ir entrar nella; e nesta Zavra vieram cartas de ElRey por terra, em que dizia ao Conde, que se Antonio Giralte fosse ido pera o Reyno, ou fosse falecido, fizesse Veador da fazenda hum Fidalgo de idade, e experiencia, em que coubesse bem a serventia daquelle cargo, que foi a razão por

que

que o Conde fez Garcia de Mello, por concorrerem nelle as partes necessarias.

Os Paraos que tomáram os navios de Simão de Abreu de Mello fizeram por aquella costa mais algumas prezas, e o mais grosso, e importante dellas mettêram em hum dos navios, e despedíram-no pera o Malavar; e indo demandar a terra na paragem de Barcelor, encontráram huns navios de mercadores Portuguezes, que vinham de Cochim, e por cabeça delles hum Alvaro Rodrigues Negrão; e vendo o Parao, endireitáram com elle, e investíram-no, e tomáram-no com todo o recheio que trazia, porque os Mouros que vinham nelle se lançáram todos ao mar, e não tratáram de mais, que de salvarem as vidas. E com este navio por poppa entráram os nossos em Goa, que o Conde estimou muito, por se os Mouros não ficarem logrando daquellas prezas.

Tanto que o Conde acabou de escrever pera o Reyno, despedio as vias de cartas, papeis, e despachos pera Cochim, e ficou provendo nas mais cousas, que lhe parecêram necessarias, principalmente nas que pertenciam ao accrescentamento da fazenda Real, porque achou nella algumas desordens, e gastos superfluos, e desnecessarios, e entre ellas mandou suspender os Almo-

xa-

xarifes da artilheria, e munições que havia em todas as Fortalezas, por lhe parecerem desnecessarios, e que comiam os ordenados debalde, e passou Provisões pera os Feitores das Fortalezas servirem tambem aquelles cargos, e terem cuidado daquellas cousas, que eram fazenda de ElRey, e por isso lhes accrescentou mais quinze mil reis de ordenado; porque a fazenda de ElRey pera crescer ha de andar por poucas mãos, e quanto menos forem os Officiaes, tanto ella irá em mór crescimento. E esta he a razão que ElRey teve pera mandar muitas vezes, que não houvesse nas Fortalezas Veadores da fazenda, nem Provedores della, porque sempre são mais os gastos, e despezas que nellas fazem, que os proveitos que resultão de os haver: isto não quizeram os Viso-Reys nunca guardar por cousas que calo. E porque tambem o Conde foi informado, que as obras da fortificação da Cidade de Baçaim corriam muito devagar, estando applicado pera ellas dinheiro bastante, quiz prover nisso com muita pressa, pera o que fez Superintendente dellas a hum Fidalgo chamado Aires da Silva de Mello, que então era Vereador naquella Cidade, por ser pessoa de muita diligencia, e confiança, e deo-lhe poderes sobre os Officiaes, com que os muros daquella Cidade foram crescendo a olho.

CAPITULO IX.

Do que ſuccedeo á Armada do Malavar: e do que o Capitão Geral tratou com ElRey de Cananor, e Çamorim, de que aviſou ao Conde: e do que ſobre iſſo aſſentou em Conſelho: e de como a náo, em que Mathias de Alboquerque havia de ir, ſe queimou na barra de Cochim.

PArtido D. Luiz da Gama de Goa com toda ſua Armada junta, foi viſitando as Fortalezas do Canará, e provendo-as de todo o neceſſario; e chegando a Cananor, tratou com aquelle Rey algumas couſas importantes ao Eſtado, ſobre o que achou alguns inconvenientes a lhe conceder quatro cartazes pera Meca, em que ElRey inſiſtio muito, e lhe deo os mais que lhe pedio pera ſeus pagueis, reſpondendo a ElRey, que daria conta ao Conde Viſo-Rey ſobre o negocio dos cartazes, e que o que elle ordenaſſe, e aſſentaſſe, iſſo ſe faria: e nos cartazes que lhe concedeo dos pagueis achou tambem difficuldades nos moradores daquella Fortaleza; e paſſando por ellas, lhos concedeo por arrecear, que ficando os Mouros deſcontentes, ſe paſſaſſem muitos delles ao Cunhale, e o ajudaſſem na guer-

guerra contra o Camorim, e o Eſtado, porque eſperava dos bons intentos com que o Camorim eſtava, ſegundo o informáram, de ſe effeituar aquella empreza com muita honra. E dalli aviſou ao Viſo-Rey de tudo o que tinha feito, e paſſou a Calecut, onde ſurgio, e mandou tratar ſobre a guerra, que ſe havia de fazer ao Cunhale até derribar aquella Fortaleza, como eſtava obrigado pelos contratos das Pazes, que D. Alvaro de Abranches o verão paſſado fizera com elle; e aſſim lhe mandou pedir que entregaſſe todos os navios de coſſairos que houveſſe em ſeus portos, ou os inhabilitaſſe pera poderem ſahir a roubar, e todas as mais couſas, a que não tinha dado execução, como eſtava obrigado, e tinha jurado nas Pazes.

A iſto reſpondeo o Camorim, que elle não podia effeituar o negocio de Cunhale ſem o Viſo-Rey lhe dar trinta mil patacões pera as deſpezas daquella guerra, ſem embargo de lhe não eſtarem promettidos no contrato, e que lhe mandaſſe algumas Companhias de Portuguezes pera o aſſalto daquella Fortaleza, porque os Naires não ſabiam daquelle miſter, e que daria a iſſo todos os refens, e ſeguranças que lhe pediſſem, e que ſe obrigava a dar pera o Eſtado ametade de tudo o que ſe tomaſſe

na escala da Fortaleza, assim de thesouros; como de artilheria, navios, e mais cousas, affirmando que tudo o que pedia lhe promettêra D. Alvaro de Abranches de palavra.

Vendo o Capitão Mór que o Çamorim innovava muitas cousas fóra das que estavam nos contratos, entendeo que tudo eram dilações do Çamorim pera o entreter, porque estava já arrependido do que promettêra; e não concluindo em cousa alguma, escreveo ao Conde Viso-Rey tudo o que era passado, e o que imaginava daquelle negocio, pera que o avisasse do que devia fazer.

Com estas cartas ajuntou o Conde Conselho, e nelle as mandou ler, e de palavra lhes propoz outras cousas, como se em caso que fosse necessario fazer guerra ao Çamorim por quebrantador dos contratos, se seria licito fazer-se tambem a Cananor por razão do Estado, por se não proverem o Çamorim, e Cunhale por seus rios, como sempre costumáram. Sobre isto pedio a todos votassem livremente o que fosse mais serviço de ElRey; e debatido entre todos aquelle negocio, assentáram de commum parecer, que quanto ao dinheiro que o Çamorim pedia, não havia pera que tratar disso, ainda que com elle se comprasse a paz, se ella não havia de redun-

dar

dar na deſtruição de Cunhale, que era o que ſe pertendia, do que todos duvidavam havello o Çamorim de fazer pelo muito que intereſſava nas prezas, que os coſſairos que ſahiam dos portos de Cunhale faziam em todo o mar. Que pois o Çamorim faltava com o que promettêra, ſe lhe fizeſſe a guerra com lhe tomar as barras, e lhe defender os mantimentos, e ſe lhe fizeſſem todos os mais damnos que pudeſſem, aproveitando-ſe o Capitão Mór de todas as occaſiões que o tempo lhe offereceſſe; e que antes que ſe declaraſſem, mandaſſe recolher os Padres da Companhia que eſtavam em Calecut, e o Feitor, e Chriſtãos que houveſſe; e que os Portuguezes cativos, que lá eſtavam em Cunhale, ſe reſgataſſem, e deſſem em ſua recompensão hum Cutimuça, que eſtava em noſſo poder: e que com Cananor ſe diſſimulaſſe, poſto que o Capitão Mór ſoubeſſe que ſorreticiamente lançava fóra Paraos de ſeus portos a roubar, mas que ſe lhe limitaſſem os cartazes pera os Pagueis de feição, que não pudeſſem metter em ſeus portos mantimentos, que os que piedoſamente lhes baſtaſſe pera não proverem o Cunhale delles; e que quanto aos ſoldados que o Çamorim pedia pera o aſſalto da Fortaleza de Cunhale, ſe lhe não haviam de conceder, ainda que ſó com iſſo ſe contentaſſe,

por-

porque não era licito arriſcarem-ſe entre inimigos, que nunca guardavam palavra, nem verdade, e aonde tanto ſe haviam de temer, e arrecear dos que foſſem ajudar, como dos que foſſem commetter; porque ainda que o Çamorim prometteſſe a ſeguridade que dizia, ſempre ſe havia de recear a pouca fé que tem os Mouros baixos, pelo odio antigo, em que ſe creáram contra o nome Chriſtão, porque havia muitos exemplos de grandes traições, que ſempre uſára com os noſſos: e que os refens que podia dar, que eram tres, ou quatro Naires, por muito honrados que foſſem, não valião tanto, como o ſomenos Portuguez que alli ſe arriſcaſſe. Eſta reſolução mandou o Conde ao Capitão Mór, e o aviſou muito largamente do que devia fazer, porque elle eſperava por horas; e entretendo-ſe por aquella coſta, e vendo o que ſe aſſentára em Conſelho, eſcreveo em ſegredo a Belchior Ferreira Feitor de Calecut, pera que o mais incubertamente que pudeſſe ſe recolheſſe com os Padres da Companhia, que lá eſtavam, a Chale, onde elle ficava eſpalmando a Armada: o que elle logo fez, e levou comſigo os Padres Jorge de Caſtro, e o Padre Antonino, e o Padre Franciſco da Coſta; e tanto que os lá teve, alevantou a guerra ao Çamorim,

rim, e lhe queimou alguns Pagueis, e avisou aos Capitães de Cananor, Mangalor, e Barcelor, pera que fizessem o mesmo aos que lá houvesse, ou fossem ter áquellas Fortalezas. Feito isto, tomou o Capitão Mór os portos, donde podiam sahir, e entrar Paraos, e lhes defendeo com isso o Commercio, e Navegação, porque se não provessem de mantimentos, com que os poz em muita necessidade delles.

Quasi neste mesmo tempo succcedeo na barra de Cochim o mór desastre que se vio, que foi este. Estando a náo, em que havia de ir Mathias de Alboquerque com toda a carga, e fazenda dentro, e prestes pera se partir dalli a dous dias, ou tres, quiz a desaventura, que estando huma barcaça a bordo della com huma grande caldeira de breo breando algumas portinholas por poppa, que ventasse o vento Noroeste rijo, com que o fogo em que a caldeira estava alevantasse huma grande labareda que deo no breu, de que logo sahíram medonhas chammas, que pegáram na náo pelo leme, e varanda, e della subio ás obras mortas de sima, e em muito breve espaço foi tomando tanta posse da náo, que sem se lhe poder pôr remedio ardeo toda, com tão espantoso terremoto, e temoroso espectaculo, que pasmáram todos os que o víram.

Per-

Perda muito notavel, porque ſe conſumio nella mais de milhão e meio de ouro, e a gente ſe ſalvou em algumas embarcações que havia, ainda que não toda, porque alguma pereceo, que tinha já cumprido o termo da vida. Acudio a iſto toda a Cidade; e Mathias de Alboquerque, que tinha nella toda ſua fazenda, tirados alguns eſcritorios maneiros com ſeus brincos, e papeis, que tinha ainda comſigo em terra, vendo aquelle incendio tão ſupito, e que alli ſe lhe conſumíra quanta fazenda tinha adquirido na India em ſeis annos que a governou, alevantou as mãos aos Ceos, e diſſe aquellas palavras de Job: *Vós o déſtes, e vós o levaſtes: ſejais, Senhor, louvado pera ſempre*, entendendo que fora aquillo caſtigo de ſeus peccados. E aſſim moſtrou neſta deſaventura grande animo, dizendo a todos os com que fallava neſta materia, que não ſentia tanto a ſua perda, como a de ElRey, e a dos homens, havendo que ainda aquillo fora grande miſericordia de Deos ſucceder em terra, porque ſe fora no mar, tudo ſe acabára.

Não deixarei aqui de contar huma couſa, que me aconteceo com o meſmo Mathias de Alboquerque, admiravel, e quaſi profecia deſta perdição: e o caſo foi eſte. Eſtando eu hum dia com elle pouco antes

que

que o Conde vieſſe, tinha humas cartas na mão, que áquella hora lhe vieram da Corte do Mogor, que lhe eſcreveo o Padre Jeronymo Xavier da Companhia de Jeſus, homem tido por muito virtuoſo, e que ſe hia parecendo com o Padre Franciſco Xavier ſeu tio, que por ſua ſantidade lhe podemos em certo modo chamar Apoſtolo da India; e abrindo huma carta deſte Padre, que elle já tinha lido, me moſtrou tres, ou quatro regras, que eſtavam no cabo della, que diziam aſſim, ou outras palavras ſemelhantes: « Parece-me que eſta mi» nha carta tomará já a V. Senhoria entrou» xado, e negociado pera ſe ir pera o Rey» no, e he razão que vá já deſcançar de ſeus » trabalhos: ſe tal he, lembro-vos, Senhor, » que os Viſo-Reys da India não tem outro » Preſidente, que lhes tome ſuas reſidencias, » ſenão o Cabo de Boa Eſperança, por iſſo » trabalhe V. Senhoria muito por ir tão le» ve, e deſcarregado, que não tenha que » fazer com elle. » Juſto juizo de Deos, grande mercê, e miſericordia ſua permittir elle tomar-lhe a reſidencia no porto de Cochim, e não na guardar pera o Cabo de Boa Eſperança, porque fora reſidencia muito aſpera, e rigoroſa pera todos, em que foram fazendas, vidas, e não ſei ſe as almas de alguns, porque lhe quiz guardar

dar eſtas pera outra hora melhor, como teriam.

Em fim vendo-ſe Mathias de Alboquerque caſtigado de Deos daquella maneira, eſcolheo a náo S. Martinho, de que era Capitão Chriſtovão de Siqueira, pera ſe embarcar nella, e em muito poucos dias ſe apercebeo de matalotagem, e de tudo o neceſſario abaſtadamente, que a Cidade, os Fidalgos, e moradores o provêram de muita roupa, gallinhas, carnes, e biſcouto, conſervas, e outras couſas, com que foi tão bem provído, como dantes eſtava; e aſſim ſe fez á véla a dezeſete do mez de Janeiro deſte anno de noventa e oito, em que com o favor Divino entramos, e com ambas as náos chegou a Lisboa ao primeiro de Agoſto. D. Affonſo de Noronha, Capitão Mór das náos, carregou em Goa, e deo-lhe o Conde muito bom aviamento, e fez-lhe muitas mercês em nome de ElRey, e partio de Goa dia de S. Thomé, e chegou ao Reyno com Mathias de Alboquerque, porque ſe ajuntáram em Santa Elena. Neſte anno mandei a ElRey pelo meſmo D. Affonſo a minha quarta Decada da Hiſtoria da India, que logo ſe imprimio; e aſſim fui mandando pelos annos adiante outras Decadas, que ElRey noſſo Senhor faz mercê a todos os Portu-

tuguezes de mandar imprimir , já que as mandou fazer.

CAPITULO X.

Do que ſuccedeo á Armada do Norte : e do encontro que teve com alguns Paraos de Malavares que tomou , e desbaratou : e do que mais ſuccedeo á Armada do Malavar até ſe recolher.

PArtido Luiz da Silva pera a coſta do Norte nos dez navios que diſſemos, mas taes que valiam vinte, porque levava cada hum trinta, e trinta e ſinco ſoldados dos eſcolhidos da India , e o meſmo era nos marinheiros , ſem levarem moços, caixões , nem canaſtras , ſenão ſó quatro camizas , e muitas armas, e os navios tão leſtes , ligeiros , e deſpejados , que por baixo dos bancos, em ſima dos bizas dormiam os ſoldados embrulhados em ſuas capas, e com as camizas á cabeceira, porque o Capitão que quer tomar Paraos, aſſim ha de andar ; e os que vam cheios de caixões, rapazes, e negros, não querem encontrallos, nem pelejar com elles, ainda que os encontrem, porque não pertendem mais que tirarem certidões, que foram por Capitães de navios, pera requererem ſerviços

de

de Capitães. E já não querem acceitar feitorias, nem eſcrivaninhas, que antigamente ſe davam a outros mais bem naſcidos, e de mais merecimentos, ſenão Fortalezas. E vieram a dar quaſi todos nas de Mombaça, e Maſcate, ainda que ſaibam não entrar nunca, porque fazem conta que são os caſados da India tão neſcios, que como elles chegarem do Reyno com eſtes deſpachos, logo lhes darão em caſamento com ſuas filhas oito e dez mil pardaos, que ſe gaſtão em dous annos em cavallos, e pagens, e tornão a ficar como na primeira innocencia, em que entráram na India. E certo que me aconteceo vir na Armada paſſada hum homem deſpachado com a Fortaleza de Mombaça, e moſtrar-me a liſta da caſa da India dos deſpachados diante delle, e tinha trinta e tantos homens, que vinha a ſer mais de cem annos. Do que me eſpantei, e lhe perguntei, que determinava de viver pera entrar em ſeu deſpacho, ſendo elle de perto de quarenta annos? Ao que me reſpondeo, que não faltaria hum neſcio, que lhe déſſe ſua filha com dez, ou doze mil pardaos, e que entre tanto comeria, e que como elle morreſſe, morreſſe com elle tudo. E como já no Reyno ſabem como eſtes deſpachos eſtão entulhados, dá-lhe pouco de lhe da-

rem

rem tudo o que pedem, porque em fim nada lhe dam, que bem nada he o que se não espera de lograr. Mas por irem entretendo os homens, e se não largar o serviço de ElRey, satisfazemo-nos com lhe darem o que pedem.

E tornando ao fio da historia, e aos navios de Luiz da Silva, além de elle ser Fidalgo curioso, e desejoso de ganhar honra, tambem o Conde Almirante, que a não queria perder em seu tempo, tanto que estas Armadas se punham na barra, lhe hia elle em pessoa com os Officiaes da Matricola fazer os alardos, e corria todos os navios, e os fazia despejar de tudo o que levavam, que lhe podia fazer impedimento. Luiz da Silva foi correndo a costa, levando sinco navios ao mar, e outros tantos á terra, quasi á vista huns dos outros, pera assim lhe não poder escapar cousa alguma, porque hia desobrigado de dar guarda a Cafilas, cousa de grande pezo pera quem quizer buscar Paraos. E nesta ordem chegou a Chaul, onde não quiz entrar, por se lhe não desmandarem os soldados, cousa muito perjudicial ás Armadas, e em que muitos Capitães daquella costa tiveram pouco resguardo; porque de viçosos, e por se mostrarem, tomáram todas aquellas Fortalezas, em que se deti-

ve-

veram muitos dias, e nellas lhe ficáram muitos ſoldados, e não ſei ſe folgáram com iſſo por pouparem os mantimentos.

Eſte Capitão não no fez aſſim, mas de fóra mandava buſcar os provimentos que havia de miſter, a que os Capitães mandavam ſó ſeus compradores a iſſo; e paſſando por Chaul, achou por novas que era paſſada huma grande eſquadra de navios Malávares pera Dio, e ſem ſe deter foi em ſeu ſeguimento; e chegando áquella Fortaleza, ſoube ſerem paſſados pera a coſta de Pór, e Mangalór a eſperar as náos, que naquelle tempo haviam de vir de Ormuz: e ſem detença alguma foi logo apôs elles; e chegando á Ilha dos Sanguanes, ſoube que eram os coſſairos havia muito pouco partidos dalli, o que Luiz da Silva ſentio muito.

E porque aquella Ilha foi ſempre huma ladroeira, e colheita de ladrões, e coſſairos, determinou de caſtigar os da terra, pera o que deſembarcou, e fez nella huma grande deſtruição, aſſim nos moradores, como em ſuas fazendas, mettendo o que achou vivo á eſpada, e a fogo, queimando-lhe todas as embarcações que achou no porto, e ſem ſe deter alli mais, voltou pera a coſta do Norte; e em Chaul, porque o navio em que hia era hum pouco pezado, largou-o,

gou-o, e paſſou-ſe a outro mais pequeno; mas muito ligeiro, onde fez embarcar trinta ſoldados dos ſeus os mais eſcolhidos, que não leváram comſigo mais que ſós ſuas armas, e o eſquipou de marinheiros todos Vogas mui forçoſos, e bem diſpoſtos, que faziam voar o navio; e paſſando pela coſta abaixo tanto avante, como o rio de Chaporá, que são duas leguas de Goa, houve huma madrugada viſta de quatro Paraos, tendo elle comſigo ſós outros quatro, porque os mais da ſua Armada andavam apartados, e com eſtes que tinha foi apôs os dos inimigos, que logo alcançou pela ligeireza dos ſeus navios; e o Capitão Mór, que foi o dianteiro, inveſtio hum, e da pancada que deo, o virou logo, e arremettendo com outro, poz-lhe a proa, e lançou-ſe dentro com os ſeus ſoldados, e em breve eſpaço o rendeo á eſpada. Ruy de Souſa de Larcão, Capitão do outro navio, inveſtio outro Parao, a que ſe lançou, e á eſpada o rendeo com morte de muitos Mouros, e os mais ſe ſalváram a nado, como o fizeram tambem os dos dous que Luiz da Silva rendeo. Pero de Bendanha endireitou com hum navio dos coſſairos, que lhe foi fugindo, porque o medo que levava lhe deo azas á fugida, e em breve eſpaço o perdeo de viſta, porque foi alijan-

jando todo o fato ao mar, e ainda os mesmos Mouros se lançáram a elle por se haverem por perdidos, e a nado se salváram em terra.

Luiz da Silva tomou os tres Paraos á toa, porque tornou a desalagar o primeiro que virou com a pancada, e foi-se pôr na boca do rio de Banda, e mandou dizer ao Tanadar que lhe mandasse entregar todos os Malavares que se tinham salvado em terra, conforme ao contrato das Pazes, porque se não havia de alevantar dalli sem elles. E por tal modo correo com este negocio, que obrigou ao Tanadar a mandar dar busca pelas aldeas, e ainda se ajuntáram perto de duzentos Mouros, que lhe trouxeram atados, e assim os entregou a Luiz da Silva, que logo mandou espetar pelas barrigas em Arequeiras altas na boca daquella barra, e aos mais fez outro tanto pela costa assima ao longo das povoações, enchendo aquella ribeira daquelles corpos; porque se por alli passassem os cossairos, vissem seus companheiros daquella maneira, pera que soubessem que o mesmo se lhes havia de fazer a elles, se os tomassem. E pela liberdade do Tanadar de Banda lhe deo Luiz da Silva huma peça de veludo cramezim, e outras de tafetá, e duas fermosas espadas; e os cascos dos navios mandou

pe-

pera Goa, porque alguma cousa tinham que os soldados as tomáram.

Feito isto, tornou Luiz da Silva pela costa assima, por lhe darem por novas serem passados outros paraos pera a enseada de Cambaya; e nesta volta lhe deo hum vento Sul mui grande, que lhe espalhou toda a Armada, que se recolheo aos portos, que cada hum dos navios pode tomar. Só o Capitão Mór foi correndo com aquelle tempo até Dabul; e ao outro dia que abonançou, houve vista de huma Galeota de Malavares que hia engolfada; e dando á véla, a foi demandar, e trabalhou tudo o que pode por lhe tomar o balravento, como fez, por ser o seu navio muito ligeiro; e disse aos soldados, que todos offerecessem aquella Galeota a N. Senhora, que ella lha metteria nas mãos; e deixandose cahir sobre ella, sendo já perto, lhe deram huma boa surriada de arcabuzaria; e indo pera a investirem, lhe lançou hum soldado, que hia de proa, huma panella de polvora, que hum Mouro com muita destreza tomou no ar, e a tornou arremassar sobre os nossos, que se espedaçou nos bancos do navio dos nossos, e a labareda que fez, queimou Luiz da Silva, e dous soldados, hum chamado Foão de Quadros, e o outro Simão Pereira de Sousa.

E poſto que os mares eram muito grandes, não deixou Luiz da Silva de inveſtir a Galeota, a que ſe lançou logo com huma eſpada, e rodella, e os ſeus ſoldados com elle, que em breve eſpaço a rendêram com morte de muitos Mouros, que pelejáram como deſeſperados: tanto, que hum ſoldado Botelho d'Alcunha, tendo dado quatro eſtocadas a hum Mouro, que de todas o paſſou pelos peitos, aſſim traſpaſſado, e eſpetado na eſpada, ſe liou com o ſoldado, e o levou ao chão, e com huma faca lhe deo ſete facadas, quatro na cabeça, tres nos braços, partes que levava deſarmadas, e todavia o Mouro ficou alli morto, e dos noſſos alguns feridos.

Alcançada eſta vitoria, tomou Luiz da Silva a Galeota á toa; e chegando ao porto de Chaul, a mandou de eſmola a N. Senhora, e logo voltou em buſca da ſua Armada, que o meſmo dia encontrou; e divididos os navios em duas eſquadras, tornáram pela coſta abaixo até Tambona, e tanto avante houve a eſquadra de Luiz da Silva viſta de huma formoſa Galeota de trequete, que hia ao mar, que logo foi demandar com os ſeus navios; e como o do Capitão Mór era mais ligeiro, chegou primeiro a ella, e commetteo-a com huma boa ſurriada de arcabuzaria; e querendo-

lhe

lhe pôr a proa, vio-a tão alterosa, que lhe não pareceo possivel abordalla sem grande damno seu, e dos seus soldados; e além disso tinha em si mais de duzentos homens de peleja, e o Capitão della era hum valente Mouro sobrinho do Cunhale, que sahio do seu rio por Capitão Mór daquella esquadra de navios que andavam fóra, de que Luiz da Silva lhe tinha tomado os navios havia pouco. Este vendo os nossos navios, deo-lhe pouco delles, e desparou tres, ou quatro peças de colher, que eram camelletes, e outros falcões; mas quiz Deos que todas sobrelevassem, e não fizeram damno aos nossos. Luiz da Silva foi-se por poppa mettendo debaixo da Galeota, donde o foi varejando com a espingardaria, e ella respondendo-lhe com a sua sempre á véla, arribando pera a terra com a viração. Os nossos desejáram de a desparelhar, e tiráram-lhe tantas vezes á relinga da véla, até que lha cortáram, e ficou empandinada. Neste tempo chegou o navio de Paulo Machado, e assim á véla como hia, poz a proa na Galeota, e foi tão grande a pancada que lhe deo, que se virou o nosso navio, e os soldados ficáram pelo mar apegados aos bancos, e taboas que acháram, em que dahi a dous dias foram a terra perigando alguns. Luiz

da Silva nunca largou a Galeota, por cujá poppa foi ſempre matando gente, e os ſeus navios ao redor até chegarem a terra, e aſſim á véla varáram, e logo ſe lançáram a ella os Mouros, ficando a Galeota nas mãos dos noſſos com todo o recheio que levava, que era muito, porque as prezas que os outros navios fizeram, foram deſpejar nella o mais ſubſtancial, por ſer tamanha, que remava vinte e ſinco bancos. Tirada a Galeota pera fóra, foi Luiz da Silva deſalagar o navio de Paulo Machado, que ſe tinha alagado da pancada que deo, quando abalroou o do inimigo, que levou por poppa. Dos Mouros morrêram mais de cento, e dos noſſos não houve mais de ſete feridos, Pero Rodrigues Botelho de huma lançada pela barba, e outros, a que não ſoubemos os nomes, de eſpingardadas. Com eſte feito tão honrado ſe recolheo Luiz da Silva a Goa, que foi em Abril.

Fica-nos por dar conta da Armada do Malavar, de que era Capitão Mór D. Luiz da Gama, que depois de por ordem do Conde Viſo-Rey levantar guerra ao Çamorim, e lhe fazer todo o damno que pode pela coſta, recolheo todas as embarcações da China, Malaca, e Bengala que vinham pera Goa, e ſe veio com ſua Armada, e aviſou diante ao Conde Viſo-Rey do dia

que

que chegaria á barra de Goa. No mesmo foi o Conde Viso-Rey á barra na sua Galé, e levou dezoito navios de chatins bem esquipados, e provídos de mantimentos, e munições pera hum mez, e nelles fez embarcar doze Capitães de navios da Armada com seus soldados; e nomeou por Capitão Mór destes navios D. Alvaro de Menezes, que despedio logo, e lhe deo por regimento que fosse correr a costa do Malavar, e fizesse no mar todo o damno que pudesse, sem desembarcar em terra, o que foi de grande effeito; porque como os moradores daquella costa víram passar a Armada na volta de Goa, por ser já fim de Abril, pareceo-lhes que estavam seguros de haver outra Armada, e que poderiam ir ao Canará buscar mantimentos pera passarem o inverno: e foi isto occasião de D. Alvaro de Menezes, com os navios de sua companhia, tomar muitas embarcações pequenas, e seis paraos de esporão, e huma Galeota, e matou, e cativou mais de trezentos Mouros sem perda alguma; e voltando a Goa em doze de Maio, da aguada avisou o Viso-Rey, que lhe mandou ordem pera entrar o dia seguinte, que era dia da Trindade, na maré da tarde, pera ajudar a festejar a entrada do Embaixador do Xá,

de

de que daremos razão no Capitulo ſeguinte.

CAPITULO XI.

De como o Conde Viſo-Rey recebeo hum Embaixador que o Xá lhe mandou, e apparato com que foi recebido.

NO anno de 85. ſe embarcou em Cochim pera Portugal hum Embaixador de ElRey da Perſia em companhia do Padre Fr. Simão de Moraes, Religioſo da Ordem do Glorioſo Padre Santo Agoſtinho, de tanta virtude, e partes, como temos dito na noſſa decima Decada, quando elle paſſou á Perſia, onde procedeo com tão geral ſatisfação, que em quanto durar a ſua memoria entre aquelles infieis, ſerão reſpeitados os Religioſos de ſua Ordem, como o são. Por ſe haver perdido a náo, em que vinha eſte Embaixador, entrou em grande deſconfiança ElRey da Perſia por não ter experiencia das couſas do mar, e ficou ſuſpeitando que os Portuguezes lho matáram: e com eſta imaginação não deferia bem ao que ſe lhe propunha por noſſa parte.

E deſejando ElRey noſſo Senhor inteirallo na verdade, e perſuadillo a fazer guerra

ra ao Grão Turco, deo ordem ao Conde Viso-Rey que procurasse dissuadillo desta imaginação, e obrigallo a que mandasse outro Embaixador a Hespanha. Em conformidade desta ordem despachou o Conde Viso-Rey de Moçambique Miguel de Macedo a Ormuz com cartas pera ElRey da Persia, e escreveo ao Capitão daquella Fortaleza despachasse com ellas hum homem de importancia, que persuadisse a ElRey da Persia a lhe mandar hum Embaixador pera tratar com elle cousas de muita importancia. Teve isto tão bom successo, que o Embaixador veio, e chegou a Goa em seis de Maio deste anno de 98. O Conde Viso-Rey o mandou agazalhar em humas casas boas no bairro de S. Pedro; e como descançou, lhe limitou dia pera ir a elle: foi em huma Galé bem acompanhado; e indo pelo rio assima, entrou D. Alvaro de Menezes com os dezoito navios de sua Armada, e trazia nas vergas delles enforcados mais de duzentos Mouros, que havia tomado de preza, e com ordem que assim como os navios fossem passando pela Galé, cortassem as cordas com que vinham enforcados, pera que assim vissem os Persas o pouco que estimavamos aquella preza, e o castigo que davamos aos piratas. Quando desembarcou no caes, se lhe dispararam vin-

vinte peças groſſas de artilheria, e alli o eſtavam eſperando o Capitão da Cidade, que era Luiz Pereira de Lacerda, e o Capitão da guarda do Viſo-Rey com duzentos alabardeiros veſtidos de libré; e o Tanadar Mór com ſeis mil homens da terra arcabuzeiros, e frécheiros com todos ſeus inſtrumentos militares. E as caſas do Viſo-Rey eſtavam bem concertadas, como convinha a tal acto; e o Conde Viſo-Rey mandou agazalhar o Embaixador, e lhe mandou dar o provimento neceſſario em abaſtança. O Conde Viſo-Rey tratou com eſte Embaixador o que levava por ordem de S. Mageſtade; e ElRey da Perſia ſe perſuadio a mandar a Portugal o primeiro Embaixador pela via de Moſcovia, e veio a Roma, e dalli a Valhadolid, onde então eſtava a Corte, em Outubro de 601. e a eſſe tempo já ſe alli achou o Conde Viſo-Rey, e depois que deſpachou com S. Mageſtade, ſe veio embarcar a Lisboa.

CA-

CAPITULO XII.

Do que aconteceo ás náos Hollandezas na derrota até Bengala: e assim do que succedeo a Lourenço de Brito, e á Armada, em que o Conde Viso-Rey o mandou a Malaca.

JA atrás no Capitulo setimo fica dito, que Lourenço de Brito, Capitão Mór da Armada, que o Conde Almirante Viso-Rey mandou a Malaca em busca das náos Hollandezas, partio de Goa a vinte e quatro de Setembro de 97. Chegou a Malaca a salvamento com toda a Armada, salvo a Galeota, de que era Capitão Luiz Lopes de Sousa, que com o temporal que lhe deo, arribou a Manar, onde fez naufragio; mas o Capitão com todos os soldados se embarcou em huma náo, que dalli partio pera Malaca, e se metteo na Armada. Estando Lourenço de Brito com esta Armada em Malaca, soube de huma náo, que partio de Cochim mais tarde, que no cabo de Çamorim ficavam as duas náos Hollandezas; pelo que se ajuntáram a conselho Lourenço de Brito, Martim Affonso de Mello Coutinho, Capitão actual da Fortaleza, e Francisco da Silva de Menezes, que o havia sido com outras pessoas de ex-

experiencia ; e por todos foi aſſentado, e de commum parecer que Lourenço de Brito paſſaſſe com toda a ſua Armada a Sunda , e coſta da Jaoa , porque de poucos tempos áquella parte tinham os moradores della feito grande eſtrago nos Portuguezes , e Chriſtãos da terra, matando-os, e tomando-lhes ſuas fazendas , e que poderia perſuadir os Reys a não recolherem em ſeus portos nações eſtrangeiras da Europa: e que procuraſſe por haver dous , que ſe entendia haverem ficado em Bale, Inglezes, em refens de voltarem áquelle porto com cabedal pera carregarem drogas , e fazer tudo o mais que entendeſſe que era ſerviço de S. Mageſtade.

Eſta ordem ſe executou logo , e a Armada partio bem apercebida de todo o neceſſario; e poſto que o Conde Viſo-Rey prevenio no regimento que deo a Lourenço de Brito , que não conſentiſſe fazer-ſe força, nem aggravo ás embarcações que encontraſſe , que navegavam pera a Sunda, e Jaoa , teve niſto tão pouco tento , que encontrando algumas de mantimento , de que teve neceſſidade , mandou tirar dellas o que lhe pareceo ſem lhos pagar. Eſtes foram dar rebate na Sunda , e coſta da Jaoa da Armada , e diſſeram a força que lhe haviam feito, com o que todos ſe pu-

ze-

zeram em armas. E Jorge de Lima, Capitão de huma Galeota, tomou huma Soma de Chincheos carregada de drogas, e o mesmo fizeram os Capitães das Galés a huma Soma de Chincheos carregados; e sabendo-se isto na Sunda, dissimuláram até colherem em terra alguns Portuguezes, e o Feitor da Armada: e não bastou este aviso, nem ver que indo o Almirante da Armada D. Luiz de Noronha com as barquinhas das Galés, e outras embarcações fazer aguada, lhes resistíram de terra; e por terem necessidade de agua, a foram as Galés tomar mais abaixo affastadas dos Galeões, e lhes sahíram ao encontro muitas embarcações de remo, que pelejáram com ellas: e pelas Galés irem mui empachadas com as fazendas que haviam tomado de preza nas Somas dos Chincheos, não pode jogar a artilheria, e cada huma dellas não levava mais de vinte soldados, pelos mais estarem em terra, e esses tão descuidados, que com facilidade os entráram os inimigos, e matáram os tres Capitães, D. Luiz, e D. Jeronymo de Noronha, e Ruy Dias de Aguiar Coutinho. O Capitão Mór Lourenço de Brito lhe não pode acudir, em quanto durou a briga, porque foi detrás de huma ponta em conjunção que enchia a maré, e ventava a viração tão ri-

rija, que nem os Galeões, e Galeotas pudéram desamarrar: e já havia dias que o Capitão Mór andava descontente dos Capitães das Galés, por lhe parecer que lhe não obedeciam com a promptidão que era necessario.

E porque nesta conjunção era monção pera Malaca, ao outro dia se fez á véla, sem emendar, nem tomar satisfação naquelle porto, nem em outro nenhum daquelle Reyno, deste aggravo, estando mui disposta toda a costa da Jaoa pera com o poder daquella Armada fazer nella bons progressos. Chegou a Malaca a dez de Julho de noventa e oito, e esteve alli até primeiro de Janeiro, em que se embarcou pera Goa: e pudéra neste tempo ir tomar os Hollandezes, em cuja busca foi, que depois de darem muitas voltas, e andarem destroçados em huma só náo, por terem dado fundo á outra, se recolhêram ao porto de Quedá, que dista de Malaca sessenta leguas, aonde foi logo aviso. E não bastou requerer o Capitão da Fortaleza, e os Officiaes da Camara, que fossem a Quedá tomar aquella náo, o não quiz fazer, nem outra nenhuma cousa das muitas que se lhe lembráram; e sendo o Conde Viso-Rey avisado disto, antes de chegar a Goa Lourenço de Brito, porque veio mui devagar,

an-

antes de desembarcar lhe mandou dizer pelo Secretario, que se deixasse estar em sua casa até se descarregar de huns apontamentos que lhe mandou, tirados das cartas do Capitão, Ouvidor, Cidade de Malaca, e outras pessoas. E pera se verem os descargos, chamou o Conde Viso-Rey a Conselho, e mandou que se votasse sobre elles, porque desejou introduzir naquelle Estado, que as culpas dos Capitães commettidas no exercicio da guerra, se castigassem pelo Conselho, e não pelos Desembargadores; mas por respeitos particulares não quiz o Conselho vir nisso, sendo commua utilidade, e assentáram que se livrasse pelos termos ordinarios, e assim se fez; e foi condemnado pela Relação em pena de dinheiro em quantidade, que pagou antes de entrar na Fortaleza de Sofala, de que era provído.

CA-

CAPITULO XIII.

Das cousas que neste verão succedêram na Ilha de Ceilão : e da grande vitoria que os nossos alcançáram de ElRey de Uva : e dos Capitães do tyranno de Candea D. João.

DEsenganado o tyranno D. João de poder prevalecer contra os nossos pelas muitas vitorias que delle tinham alcançado , e a derradeira tinha sido o desbarate da sua gente em Corvite, como atrás dissemos , vendo que pelos presidios , e fortificações , que os nossos lhe tinham feito nas suas fronteiras das quatro Corlas , e Dinavaca , não podia por aquellas partes fazer o que tinha determinado, tomou outro modo , que foi , mandar commetter o nosso arraial , que andava nas partes de Galé , e Maturé, quarenta leguas de estoutras tranqueiras, e do lugar em que o Geral sempre residia, parecendo-lhe que pela distancia do lugar não poderia soccorrer os nossos com tanta presteza , e cabedal , como convinha , por não andar naquelle arraial grande força , e quebrada ella , ficavam os nossos com menos pera o perseguir , e elle com mais animo pera levar sua tenção avante : contra quem despedio hum Principe cha-

chamado Madune Pandar, e Simão Correa alevantado, irmão de Domingos Correa Bicanarsinga, em que muitas vezes fallei, que D. Jeronymo de Azevedo tinha mandado justiçar, como no Capitulo do Livro da onzena Decada fica dito. Este Simão Correa tinha tomado o titulo de Rey de Seitavaca, a quem o tyranno deo hum arrezoado exercito de gente escolhida, e dos mais praticos Modeliares de seu Reyno, e entre estes haveria mil espingardas, e mandou fazer prestes o Rey de Uva com o resto do seu poder, pera lhe ir nas costas aos favorecer.

Partido este exercito, foi-se alojar seis leguas de Maturé, onde estava o nosso arraial, de que era Capitão Mór D. Fernando Modeliar, que hoje he Capitão da Cidade de Goa, e Salvador Pereira da Silva, Capitão do campo. Os inimigos pera se fortificarem, escolhêram hum sitio muito alto, onde se assentáram, e fortificáram á sua vontade, como quem estava em sua terra, e tinha muitos gastadores, e fabrica. E assim alevantáram em breves dias huma tranqueira de madeira com seis baluartes, e cavas ao redor, e cercada de muitos estrepes, e impedimentos, cousa muito defensavel, mais pelo sitio que pela arte, ainda que esta lhe não faltou pera tudo,

por-

porque não podia ser batida com artilheria, nem se podia levar assima, por haver de passar por muitos alagadiços. E dalli determináram de senhorear aquellas terras, e fazellas rebellar contra os nossos por estarem á nossa obediencia; e como homens ardilosos tratáram de affugentar os Lascarins do nosso arraial, com quem trouxeram trato secreto, promettendo-lhes muitas cousas, pera assim, effeituando isto, desbaratarem mais a seu salvo os nossos.

Desta expedição, e designio foi logo avisado D. Jeronymo de Azevedo, pelo que com muita pressa despedio Simão Pinhão com seiscentos Lascarins de terra, e alguns Portuguezes com ordem pera tomar mais cem soldados da Fortaleza de Gallé, com o que se perfariam cento e sincoenta Portuguezes, e dous mil Lascarins, que era gente que lhe bastava pera commetter aquelle forte. D. Fernando Modeliar tanto que se esta gente ajuntou a elle, logo foi commetter os inimigos; e quando chegou assima, já elles estavam sobre aviso, e recolhidos no forte com mil espingardeiros, deixando emboscados nos matos dous mil Lascarins com os Modeliares de mór confiança, com ordem pera darem nas costas aos nossos, quando mais embebidos estivessem no assalto. D. Fernando não tratou

de

de dilatar o negocio, antes logo com muita determinação commetteo os inimigos, pera o que levava já muitos pavezes, mantas, e eſcadas; e ao abalroar das tranqueiras, deram nos eſtrepes em que ſe embaraçáram, e paráram, ficando deſcubertos á eſpingardaria dos inimigos, que nelles fizeram arrazoado emprego, cahindo alguns Laſcarins, e ferindo Portuguezes, em que entráram o Simão Pinhão, Pero de Abreu Modeliar, e outros. E todavia os noſſos paſsáram avante, e commettêram o forte com grande animo, encoſtando-lhes as eſcadas por onde alguns começáram a ſubir. E eſtando neſte fervor, arrebentáram os da Cilada com grande eſtrondo, e deram pelas coſtas aos noſſos, que em os ſentindo, deixáram o combate, e voltáram aos inimigos com grande furia, e deram nelles de feição, que com morte de muitos os fizeram recolher pera os matos, donde ſahíram.

Vendo D. Fernando Modeliar o ſucceſſo, e entendendo como prudente que apartando-ſe dalli ſe perderiam as terras, fortificou-ſe no meſmo lugar o melhor que pode, e mandou aviſar o Capitão Geral de tudo, e do modo em como os inimigos ficavam. Com eſte recado deſpedio elle logo ſeu irmão D. Manoel de Azevedo

com algumas companhias de ſoldados, que mandou vir de Seitavaca, e dos preſidios das fronteiras de Dinavaca, do que logo o tyranno D. João teve aviſo: e com a meſma preſteza deſpedio o Rey de Uva com tres mil homens pera ſoccorrer os ſeus, e com ordem que primeiro que o ſoccorro chegaſſe aos noſſos, trabalhaſſe elle por ſe ajuntar, e ſalteallos, e desbaratallos, o que lhe ſeria facil, por lhe ficar o caminho mais perto. E aſſim chegou com muita preſteza, e ſe alojou tres leguas do noſſo arraial, donde mandou aviſar do forte, e aos que eſtavam embrenhados em cilada, que eſtiveſſem preſtes pera ao outro dia darem ſobre os noſſos por todas as partes.

D. Manoel de Azevedo tambem ſe deo tanta preſſa, que chegou quaſi no meſmo tempo: a noite que chegou o Rey de Uva, ouvio o Modeliar D. Fernando muitas eſpingardadas; e parecendo-lhe o que era, deſpedio huma eſpia de recado, pera que foſſe tomar falla do que achaſſe, que brevemente tornou, e diſſe ſer o Rey de Uva, que ficava alojado pouco mais de legua; e dando conta de tudo a Salvador Pereira, e aos outros Capitães, foram todos de parecer que aquella meſma noite o foſſem commetter em ſeu alojamento

pri-

primeiro que ſe foſſe ajuntar com os mais. E logo deſpedio Simão Pinhão, e D. Henrique Modeliar com todos os Laſcarins da terra; e tanta preſſa ſe derão, que no quarto d'alva deram ſobre os inimigos, e os commettêram com grande determinação, e esforço; e como os tomáram deſcuidados, fizeram nelles grandes eſtragos; e não ſabendo o que era, eſtiveram pera ſe desbaratar de todo; mas tornando ſobre ſi, leváram as mãos ás armas, e começáram-nas a menear com grande animo, com que os noſſos Laſcarins eſtiveram poſtos quaſi em desbarato, ſenão fora o esforço de Simão Pinhão, que era mui temido dos Chingalas, que fez eſte dia tantas maravilhas, que poz o Rey de Uva em desbarato de todo, e lhe foi ſeguindo o alcance por grande eſpaço, em que lhe matáram muitos, e tomáram muitas armas, e deſpojos.

Com eſta vitoria ſe recolhêram os noſſos ao arraial, o que deo tanto animo aos mais, que logo foram commetter os da tranqueira, levando alguns cavalleiros de madeira, que pera iſſo tinham fabricado, pera de ſima com a eſpingardaria os combaterem, como fizeram tão determinadamente, e com tanto damno ſeu, que os puzeram em deſeſperação, por verem que

os noſſos não tratavam de os commetter por aſſalto , ſenão derriballos poucos , e poucos com ſua arcabuzaria até que os tomaſſem ás mãos ; e vendo-ſe tão apertados , determináram de fugir huma noite com todo o riſco ; e aſſim no primeiro quarto ſahíram da tranqueira com ſuas armas nas mãos , e como homens deſeſperados commettêram os noſſos pera ver ſe os podiam romper , e paſſar por entre elles , que não eſtavam tão deſcuidados , que logo os não ſentiſſem ; e tomando-os em meio , fizeram nelles tamanho eſtrago , e deſtruição , que não eſcapáram mais que os dous Principes alevantados , que na revolta ſe treſmalháram , e com a eſcuridão da noite ſe foram embrenhando. Morreo aqui a flor da gente de Candea , e os principaes Modeliares , e que mais guerra faziam aos noſſos que todos. Ficáram no forte todas as armas , e deſpojos dos inimigos , que foram muitos.

Neſte feito ſe acháram Salvador Pereira da Silva , Capitão do campo , D. Manoel de Azevedo , Simão Pinhão , Antonio da Silva de Affonſeca , João Teixeira de Meirelles , João Serrão da Cunha , Filippe de Oliveira , Simão Rabello , Gregorio da Coſta de Souſa , hum Foão Pereira , Pero de Abreu Modeliar , D. Henrique Modeliar , e outros muitos que me não vieram á

no-

noticia, e D. Fernando Modeliar por Capitão Mór, que todos fizeram grandes cavallarias. Succedeo isto no mez de Outubro passado de noventa e sete.

CAPITULO XIV.

De outra grande vitoria que os nossos alcançáram em Ceilão.

ALcançadas estas vitorias deste tyranno, mandou D. Jeronymo de Azevedo recolher o arraial ao forte de Batugedere, nas fronteiras de Dinavaca, de que foi por cabeça Salvador Pereita, e com elle Simão Pinhão, pera por aquellas partes fazerem toda a guerra que pudessem ao tyranno, assim nas sete, como nas quatro Corlas, por onde o inimigo tambem tratou de fazer guerra por divertir o Capitão Geral da que lhe os nossos faziam pelas partes de Maturé, onde ficou gente bastante pera isso, havendo que as partes por onde o Geral mandava fazer esta guerra estavam fracas, e com pouco poder. E deo-lhe animo pera isso huma vitoria, que alcançou da gente da terra da nossa parte, o que foi causa de se rebellarem alguns vassallos daquellas partes de Seitavaca, e Cota; e estas terras que assim se rebelláram,

ram, tratou o tyranno de fuftentar, e defender, pera o que mandou fazer hum forte nos confins das quatro Corlas, em que poz muita, e boa guarnição de foldados, e Modeliares. Tanto que o Geral teve efte avifo, mandou que toda a gente que trazia por aquellas partes fe ajuntaffe, e fe fortificaffe no lugar de Atanagale, em que eftava por Capitão Francifco Pimentel, por fer lugar forte, e accommodado pera contraftar os inimigos, e pera fazerem tornar á obediencia as terras rebelladas. Efte forte foi fazer Simão Pinhão. Ifto fentio o tyranno muito, e mandou que fe profeguiffe naquella guerra com muito calor: pera ella fe ajuntou todo o poder no forte de Atanagale, donde os noffos fizeram alguns affaltos nas terras dos inimigos, em que matáram, e cativáram muitos, com o que parte das terras rebelladas tornáram á obediencia, e o tyranno fe foi retirando, e os noffos paffando adiante mais huma jornada por fe avizinharem a elle, porque defejavam muito de o encontrar.

Vendo-fe o tyranno tão perfeguido, mandou fazer hum bom forte em fima de huma ferra pegado á noffa gente, e dentro nas noffas terras, affim pera fuftentar as que eftavam á fua obediencia, como pera poder fegurar melhor as fuas, e o outro

for-

forte , que tinha nos confins das quatro Corlas, que era o em que elles mais efcoravam que todos. Sabendo os noſſos do forte que ſe fazia pegado a elles em ſima da ſerra , o aſſaltáram primeiro que ſe acabaſſe , e o entráram com tanta determinação , e esforço , que com mortes de muitos dos inimigos o ganháram , e arrazáram de todo ; e porque os que eſtavam na tranqueira das quatro Corlas não ſe queriam retirar de todo das noſſas terras , antes eſtavam confiados em as ſenhorearem dalli por algumas fortificações , que eſtavam feitas por elles nos paſſos , onde os noſſos os podiam commetter , mandou o Geral que ſe paſſaſſe lá o arraial ; e em algumas eſcaramuças que lá tiveram com os inimigos , os desbaratáram , e puzeram em fugida , e lhes ganháram todas as fortificações , com o que largáram as terras , e ſe recolhêram aos limites de Seitavaca , e os noſſos fizeram notaveis cruezas nos moradores das Aldeas , que ſe rebelláram pera exemplo das outras.

Sabido iſto pelo tyranno , temendo que os noſſos lhes foſſem commetter o ſeu forte , e as ſuas tranqueiras , quillos divertir diſſo : pera o que mandou a mór parte do ſeu poder aos dous Principes das Corlas , pera que elles com os outros alevantados

foſ-

fossem commetter as nossas tranqueiras pela banda de Chilao na fralda do mar pera chamar lá os nossos, e com isso segurar as terras que desejava. Disto teve o Geral logo recado, e avisou de tudo aos do arraial, pera que estivessem prestes, e de sobreaviso, pera que fossem dar nos inimigos de supito, ou commettessem entrar-lhes por suas terras pera os obrigar a desistirem daquelle pensamento; e porque a paragem em que elles tinham o seu arraial era longe dos nossos, no caminho havia grandes impedimentos de rios, e alagadiços, os não poderiam tomar sem serem sentidos; pelo que pareceo melhor entrar-lhes por suas terras, e commetter-lhes a propria Cidade, cabeça das sete Corlas, onde os principaes alevantados residião, que áquelle tempo andavam fóra com todo o seu poder, fazendo guerra ás nossas terras, porque tinham naquella Cidade suas riquezas, mulheres, e filhos. E assim foram marchando apressadamente, sem descançarem de dia, nem de noite, pelejando com os inimigos, que estavam em guarda de alguns passos; e chegando á Cidade que hiam buscar, posto que a acháram fortificada de tranqueiras, e cavas, commettêram-na com tanta determinação, que a entráram com morte de hum Modeliar,

que

que alli ficou por Capitão, e de muita gente, e a Cidade foi logo mettida a fogo, e abrazada com todo o ſeu recheio, que era muito, por ſe não embaraçarem os noſſos com o ſacco.

Feito iſto, tornáram-ſe os noſſos a recolher com muito boa ordem, e deſviados do caminho por onde os Principes podiam ir ſoccorrer a ſua Cidade; e ainda pelos que ſe recolhêram, não deixavam de ter grande trabalho, porque todo hum dia paſsáram pelejando com guarnições, que os inimigos tinham em differentes paſſos, que ſempre deixáram eſcalavrados.

Sabido eſte negocio pelos Principes, que eſtavam fazendo a guerra dentro nas noſſas terras, deixáram tudo, e acudíram lá: e neſta jornada lhes ſahíram os noſſos, e deram-lhes nas guarnições que deixáram em ſuas tranqueiras, e com morte de huns, e fugida de outros os lançáram fóra das terras, e ainda entráram pelas dos inimigos, onde fizeram muitos damnos, e recolhêram muitos deſpojos. Succedeo iſto deſde Novembro paſſado até fim de Abril deſte anno, em que andamos de noventa e oito: o tyranno D. João ſentio eſtas couſas muito em extremo, porque além da reputação que perdia com os Chingallas, ficava menos temido dos noſſos, que lhe

ti-

tinham mortos os ſeus principaes Capitães, e Modeliares, de que os mais andavam tão aſſombrados, que já proſeguiam naquella guerra lentamente, e contra ſuas vontades, que eram novas armas, com que os noſſos ficáram pelejando com elles.

E porque ſe temeo o tyranno, que com o ſoccorro que veio da India, lhe ganhaſſem os noſſos o forte, que tinham nos confins das quatro Corlas, em que conſiſtia toda ſua força, e ſegurança daquellas comarcas, determinou de acudir em peſſoa áquelle negocio, aſſim pera prover melhor aquelle forte, como pera com ſua preſença dar calor áquella guerra, e provocar, e animar aquelles póvos, que eſtavam á noſſa obediencia, a ſe rebellar, e paſſarem a elle, pera quebrantar os noſſos, e divertir o Geral de lhe mandar fazer a guerra, que lhe fazia dentro em ſua caſa, e pera tambem livrar os ſeus dos males, de que andavam ameaçados com a affouteza, e vitorias que os noſſos cada dia alcançavam: o que lhe não ſuccedeo, como elle cuidava, porque trazia o Geral ſobre elle tantas eſpias, que não dava paſſo, nem praticava couſa, de que logo não foſſe aviſado: ao que acudia com a preſteza neceſſaria, porque nella eſtiveram ſempre as vitorias que alcançou; e pera o tyranno effei-

effeituar o que pertendia, ſe foi pera Candea, e ordenou dous exercitos: hum de mil ſoldados eſcolhidos, que deſpedio pera as partes de Putalão, pera ajuntar toda a gente daquella comarca, e ſe irem contra Chilão pelas fraldas do mar; e outro de tres mil homens, que mandou que ſe foſſem fortificar na noſſa fronteira das ſete Corlas: e aſſim o fizeram nas fraldas de huma ſerra, com deſenho, que mandando o Geral commetter qualquer deſtes, aſſaltarem os noſſos pelas eſpaldas, com que haviam teriam vitoria certa delles.

Sendo o Geral aviſado de tudo, reformou o arraial com mandar acudir a elle toda a ſoldadeſca da terra, que ſeriam perto de dous mil e duzentos ſoldados Portuguezes, de que era cabeça Salvador Pereira, e da gente da terra o Pinhão, e Franciſco de Brito: e mandou que ſe foſſem fortificar em hum lugar chamado Tranqueira Alanha, onde fizeram huma forte tranqueira de madeira com ſeus revézes, guaritas, e cavas, por ficar alli no meio deſtes dous exercitos dos inimigos em igual diſtancia de hum, e do outro, pera com iſſo enfrear os inimigos, e lhes fazer perder o orgulho, e as eſperanças que tinham de prevalecerem contra nós, porque aſſim ſe não podiam ſoccorrer huns aos outros;

com

com o que as forças lhes ficavam divididas; e depois de bem fortificados, sahíram os nossos muito ufanos, deixando a tranqueira bem provída, e com grande brio foram commetter o arraial da banda das sete Corlas, em que deram no quarto d'alva tão de sobresalto, que os tomáram sem terem ainda acabado o forte que alli faziam, que era nas raizes de huma serra, de que tinham cortados os matos ao redor, não deixando mais entrada pera o forte, que a de dous boqueirões, que tambem tinham fortificados com fortes tranqueiras, e nellas dous mil homens; e o resto do exercito tinha em sima da serra com ordem, que sendo commettidos dos nossos, lhe sahissem por huma ilharga, e lhe dessem nas espaldas.

Tanto que os nossos chegáram aos boqueirões, logo commettêram os inimigos com grande determinação; mas elles descarregáram sua munição, com que derribáram alguns Lascarins dos nossos, e os mais se foram retirando, ao que acudíram os Portuguezes, e se passáram á dianteira, e commettêram os inimigos com tanto esforço, que a pezar da grão resistencia que nelles acháram, os entráram com morte de hum dos Capitães, ou Modeliares, e muita gente sua; e estando embaraçados nes-

nesta vitoria, lhes sahio o alevantado Simão Correa, que era o que estava em sima da serra, e deo nos nossos pelas costas; mas como todos andavam com a mão folgada, viráram a elle com huma furia espantosa, e depois de durar a batalha grande espaço, puzeram os inimigos em desbarato, e fugida, e no alcance foram matando muitos, e com tamanha mercê de Deos se recolhêram carregados de armas, sem lhes custar mais que dous Portuguezes, e alguns Lascarins da terra.

Alcançada esta vitoria, despedio Salvador Pereira da Silva, que era o Capitão Mór desta jornada, mil espingardeiros da gente da terra com alguns Portuguezes pera irem dar no arraial de Putalão, antes que tivesse o aviso do desbarato de estoutro; e chegando ao forte, que alli tinham feito, o commettéram com grandissima determinação; porque além do furor com que andavam, leváram armas de vantagem, porque dobráram a espingardaria com a que tomáram na vitoria passada, e com a mesma facilidade entráram o forte com morte de muitos dos inimigos, em que entráram quinhentos Bagadás, gente da outra costa, homens de feito, que tinham ido de soccorro ao tyranno. O que causou tamanho medo nos mais, que tinham passa-

ſado áquella Ilha, e nos outros, quando lhes lá foi a nova da má hoſpedagem que os noſſos lhes fizeram, que não quizeram mais provar ventura debaixo da bandeira do tyranno: com eſta vitoria ſe tornáram os noſſos a recolher ao ſeu forte.

Chegadas eſtas novas ao arraial que o tyranno tinha nas quarto Corlas, temendo-ſe que foſſem logo ſalteados dos noſſos, largáram tudo, e ſe recolhêram a Candea, porque parece que foram aviſados das intelligencias que o Geral trazia com aquelles póvos, pera ſe tornarem a reduzir á obediencia, de que ſe tinham rebellado por induſtria do tyranno D. João, ſobre o que já tinham vindo algumas peſſoas principaes a tratar eſte negocio com o Geral, que ſe effeituou, e os deſpedio em companhia de todo o exercito (por ſaber já das vitorias que os noſſos alcançáram) pera irem dar naquelle forte, que elles já tinham deſpejado, onde não houve que rebiſcar dos ſoldados, e todo o desfizeram, no que tiveram aſſás de trabalho, por ſer força grande, e de muita fabrica. Com eſtas vitorias ficou o inimigo mui derribado, e os noſſos com a mão folgada. Acháram-ſe neſtes ſucceſſos Filippe de Oliveira, João Serrão da Cunha, Gaſpar de Azevedo, Franciſco de Macedo, Franciſ-

co

co Gomes Leitão, filho do outro do mesmo nome, Antonio da Costa Monteiro, e outros Capitães de companhias, e estancias.

CAPITULO XV.

De como os Vereadores de Goa puzeram na Camara della o retrato do Conde Almirante D. Vasco da Gama, que descubrio a India: e da Oração que fiz aquelle dia em seu louvor a rogo da Cidade.

PArecendo aos Vereadores da Cidade de Goa que se devia naquella Camara lugar ao Conde da Vidigueira D. Vasco da Gama, que descubrio a India, pois nella tinham os retratos de outros varões famosos, e benemeritos áquella Cidade, e a toda a India, como o do grande Affonso de Alboquerque, que ganhou a mesma Cidade, a de Malaca, e Ormuz; e a do valeroso Capitão, Governador, e Viso-Rey D. João de Castro por Libertador da India, e a do insigne Capitão, e Viso-Rey D. Luiz de Taíde, Conde da Touguia, que governou duas vezes a India por defensor da mesma Cidade, e de todo este Estado: vendo que não merecia menos que todos o valeroso Capitão, e Viso-Rey D. Vasco da

da Gama, primeiro Conde da Vidigueira, e Almirante do mar da India, e por ser o primeiro descubridor della, cousa tão admiravel ao mundo, e que seu bisneto o Conde D. Francisco da Gama os começava a governar com tanta satisfação de todos, quizeram-lhe fazer este serviço, e favor. Pera o que o mandáram retratar pelo que já estava na casa dos Viso-Reys, e Governadores, que era feito muito ao natural; e porque a casa da Camara era pequena, e tinha huma parede de frontal nas costas da meza, em que os Vereadores se assentavam, a mandáram derribar, e estendêram a casa muito, ficando mui formosa, e muito mais depois que a ennobrecêram com outras casas que accrescentáram, coruchéos, e portal, como era razão tivesse a Camara de huma Cidade tão famosa no mundo, e cabeça de todo este Imperio Oriental, tão rica, prospera, ennobrecida com todos os appellidos illustres de Portugal, e das mais gerações de Cavalleiros, que sempre estavam com as armas prestes, e os cofres abertos pera tudo se empregar no serviço do seu Rey, em que se póde igualar com todas as do mundo.

E tendo tudo prestes, e preparado, me mandáram os Vereadores commetter quizesse celebrar aquelle Auto com huma Ora-

ção

ção em louvor do meſmo D. Vaſco da Gama, porque queriam feſtejar aquelle dia com toda a ſolemnidade devida, o que eu accei-tei, por ver que pediam juſtiça, e que tudo aquillo ſe devia áquelle valeroſo Capitão. E preparando tudo com o mór apparato que podia ſer, ſe ajuntáram todos os Vereado-res, e Cidadãos na Camara dia de Natal deſte anno de noventa e ſete, e mandáram recado ao Conde D. Franciſco, pera que ſe foſſe achar preſente áquelle Auto, a que elle logo veio acompanhado de todos os Capitães, e Fidalgos: e entre elles, e os Cidadãos houve muitos colares de ouro, medalhas, plumas, pontas de rica pedra-ria, trajos cuſtoſos, e galantes, formoſos cavallos, e muito ricamente ajaezados. O Conde ſe aſſentou na Camara em huma ca-deira de veludo á mão direita dos Verea-dores a huma ilharga da meza, e os Cida-dãos, Fidalgos, e Cavalleiros em eſcabellos cubertos de ricas alcatifas, eſtando o re-trato do Conde D. Vaſco da Gama em hum painel, feito a oleo, do ſeu tamanho, muito bem retratado ao natural, com ſuas molduras douradas, com columnas pelas ilhargas tambem douradas, poſto em ſima de hum bofete encoſtado á parede, onde o haviam de pôr, e alevantar; e poſto tudo em ſilencio, alevantei-me do lugar em que

eſtava na meza, e no banco do Eſcrivão da Camara defronte do Conde, e em voz alta, e intelligivel, que ſe ouviſſe por toda a caſa, que era grande, fiz a Oração ſeguinte.

ORAÇÃO.

» A Couſa de que ſe mais prezavam
» aquellas famoſas Republicas Grega,
» e Romana, Illuſtriſſimo Senhor, e Viſo-
» Rey noſſo, era de ſatisfazerem grandes
» merecimentos com publicos, e geraes
» galardões, dando a ſeus Famoſos, titu-
» los, e ſobrenomes grandioſos, e alevan-
» tados, a hum de Aſiatico, a outro de
» Mermidano, outro de Africano, outro
» de Pai da Patria; em fim, outros muitos
» conformes aos feitos que commettêram,
» e acabáram: e não paravam aqui, mas
» ainda lhes alevantáram eſtatuas em os
» Senados, e lugares mais publicos de to-
» dos, pera com iſſo incitarem aos mais
» a obrarem couſas dignas de ſemelhantes
» galardões. Aſſim eſta Republica de Goa,
» não menos ordenada que todas as do
» mundo, querendo imitallas em couſa tão
» juſta, tratou de remunerar, e em parte
» ſatisfazer os grandes, e muito notaveis
» merecimentos deſte valeroſo Capitão D.
» Vaſco da Gama, primeiro Conde da Vidi-

» guei-

» gueira, e Almirante do mar da India
» vosso Bisavô, pondo os olhos nos gran-
» des, e muito proveitosos serviços que
» fez á Coroa de Portugal, e ao muito
» que este Estado lhe deve, por ser o pri-
» meiro que nelle arvorou o real pendão
» da Milicia de nosso Senhor Jesu Christo,
» debaixo de cuja sombra vemos hoje re-
» colhida huma innumeravel copia, e mul-
» tidão de Gentilidade: e o que por meio
» de seu invencivel animo rompeo as diffi-
» culdades que tantas centenas de annos
» estavam na memoria dos homens postas
» a esta navegação: havendo huns que o
» mar não podia ser navegado; outros,
» que por baixo da Equinoccial corriam
» rios de fogo; outros, que quem passasse
» o Cabo, não poderia tornar ao nosso
» Portugal, e que por lá acabaria, e se
» consumiria: em fim, outros faziam ou-
» tros medos, e carrancas tamanhas, que
» faziam recuar os homens, e não ousar a
» commetter esta tão difficultosa, e teme-
» rosa navegação; pois todos elles teve este
» nosso Capitão em tão pouco, que passan-
» do por todos, foi navegando por tão
» varios, e apartados climas, que até en-
» tão não tinhão chegado á noticia dos
» homens, vencendo nesta jornada não só
» os furiosos ventos, e arrebatadas, e fu-

» pitas tempeſtades, e as medonhas, e car-
» regadas ondas deſſe Oceano, mas ainda
» os feros, e indomitos focas, e monſtros
» marinhos, de que o mar eſtá cheio,
» abrindo por meio de todos novos, e não
» uſados caminhos, pera que todos pudeſſe-
» mos vir buſcar as riquezas deſte Orien-
» te, com que não ſó o noſſo Reino de
» Portugal, mas ainda todos os da Europa
» tanto ſe engrandecêram. E ſe hum caſo
» tão eſpantoſo como eſte acontecêra em
» tempo daquelles antigos poetas, com
» muita mais razão puderam collocar entre
» os ſignos, e planetas a famoſa náo S. Ra-
» fael, em que eſte inſigne Capitão nos
» deſcubrio tantas maravilhas, do que o fi-
» zeram áquella famoſa Argos de Jasão,
» de que tantas couſas fabuláram. E ſe
» áquelle Americo Veſpuſio, que deſcubrio
» eſſas Indias Occidentaes, que ſe tem
» pela quarta parte do mundo, ficou nella
» tão famoſo, que tomou delle o nome de
» America; com quanta mais razão eſta
» parte da Aſia, que eſte noſſo inſigne
» Capitão nos deſcubrio, ſe pudera chamar
» a *Gama*, conſervando tão illuſtre appel-
» lido a memoria do mór feito que ſe
» fez, nem fará, em quanto o mundo du-
» rar; mas foi tal o deſcuido deſta Cidade,
» que ha tantos annos lhe tinha negado o
» que

» que tanto merecia : o que não ſuccedeo
» em Portugal , onde ſe conſerva ſua me-
» moria na ampliſſima geração que delle
» procedeo , e na illuſtriſſima Caſa da Vi-
» digueira , de que Voſſa Senhoria he di-
» gniſſimo herdeiro , que tem lançado de
» ſi varões tão famoſos , que bem pudera
» eſte Eſtado andar ſempre em ſuas mãos
» muito ſeguramente.

» E querendo agora eſtes Padres Conſ-
» criptos remediar o deſcuido paſſado ,
» vendo que entre eſtes Illuſtres varões lhe
» era a elle com razão devido o primeiro
» lugar , ordenáram de lho dar , não ſó
» neſte Senado , mas ainda levantarem-lhe
» eſtatua na principal porta deſta Cidade,
» pera que todos os que por ella entrarem
» ſe lembrem do muito que todos lhe de-
» vemos. E ainda que eſte auto ſe não fa-
» ça com as ſolemnidades que ſe devem a
» tão valeroſo Capitão , todavia he com
» tanto goſto , e alvoroço de todos eſtes
» Cidadãos , que não ha entre elles algum,
» que não deſeje de ſer o author de ſerviço
» tão devido como eſte. E certo , que ſe eſ-
» te inſigne Capitão pudera fallar pela boca
» deſte retrato que o repreſenta , vendo o
» deſcuido que até agora houve neſta Ci-
» dade , pudera com muita razão dizer
» aquillo do grande Catão , quando en-
» tran-

» trando em o Senado , não vendo entre
» tantas eſtatuas alguma ſua , diſſe que
» antes queria que perguntaſſem porque
» não tinha alli Catão eſtatua , que não
» porque puzeram alli eſtatua a Catão. Mas
» porque eſte deſcuido não paſſe mais
» avante , levante-ſe logo com grande al-
» voroço de todos eſſe digniſſimo retrato
» no mais alto lugar deſſe capitolio , por-
» que menor mal he que ſeja eſta Cidade
» culpada de deſcuido , que de ingratidão.
» E por eſte ſerviço , e por todos os mais
» que eſtes Cidadãos vaſſallos de ſua Ma-
» geſtade pertendem de lhe fazer , aſſim a
» elle , como a Voſſa Senhoria , lhe pedem
» todos ponha os olhos no amor , e alvo-
» roço com que feſtejamos eſte Auto ; por-
» que aſſim lembrando-lhe as obrigações
» em que fica a eſta Cidade , a queira hon-
» rar com lhe guardar ſeus foros , privile-
» gios , e liberdades , e com iſſo remune-
» rar , e em parte ſatisfazer os ſerviços dos
» Cavalleiros Cidadãos , que morrêram em
» ſerviço do ſeu Rey , remediando-lhe , e
» deſpachando-lhe ſuas filhas pobres , e or-
» fans , pera que aſſim vejamos todos que
» não foi eſte noſſo ſerviço feito em vão :
» e permittirá o Senhor por meio deſta
» obra tão ſanta dar a Voſſa Senhoria tan-
» tas , e tão inſignes vitorias , que por ellas

» me-

» mereça ser collocado á ilharga de seu
» digniſſimo Biſavô; e que me haja eu por
» muito ditoſo caber-me a ſorte de eſcre-
» ver a hiſtoria da India, que me he en-
» commendada por ſua Mageſtade, pera
» que pelas grandezas que de Voſſa Se-
» nhoria eſpero eſcrever, venha a ſer tão
» conhecido, e celebrado no mundo, co-
» mo foi Homero por eſcrever de Achi-
» les. »

Acabada a falla, alevantou-ſe logo o retrato no lugar que lhe eſtava ordenado, que foi á mão direita, entrando na caſa diante do de Afonſo de Alboquerque, no que ſe não bolio, porque puzeram eſte do Conde Almirante na parede que ſe accreſcentou: o que ſe fez ao ſom de muitos inſtrumentos. Poſto em ſeu lugar, primeiro que ſe alevantaſſem da meza, apreſentárão os Vereadores ao Conde Almirante algumas petições de orfans pobres, filhas de Cavalleiros honrados, em que lhe pediam alguns cargos pera ſeus caſamentos, que elle deſpachou com muito goſto, e dalli ſe recolhêrão pera os apoſentos dos Viſo-Reys, e lhe corrêrão ás carreiras no terreiro do paſſo com muito regozijo. E porque eſte Auto foſſe de mór goſto, e mais celebrado, por não ſer tudo temporal, fez o Conde outro eſpiritual nas meſmas Oitavas,

vas, que foi fazer Chriſtão o Principe de Pemba, e lhe poz nome D. Filippe da Gama, e ainda depois o caſou com huma mulher Portugueza, que tinha vindo do Reino no numero das orfans, a quem dotou honeſtamente.

Eſte retrato do Conde D. Vaſco da Gama, que aſſim ſe poz naquelle lugar com tanto alvoroço da Cidade, foi depois mudado não ſei por cuja ordem; porque os parentes de Afonſo de Alboquerque allegavam que o primeiro lugar daquella Camara lhes pertencia por Conquiſtador daquella Cidade; e porque ſe não fizeſſe aggravo a algum, paſſáram eſtes Capitães ambos pera a fronteria da caſa a de Afonſo de Alboquerque á mão direita, donde ſe aſſentão os Vereadores, e a do Conde Almirante á eſquerda; e na parede em que eſtavam ficárão os retratos dos dous famoſos varões D. João de Caſtro, e D. Luiz de Taíde defronte hum do outro, o que ſe fez em tempo do Viſo-Rey Aires de Saldanha.

CA-

CAPITULO XVI.

De como as náos Hollandezas, que andavam pela costa de Malaca, pelejáram com as náos que hião daquella Fortaleza pera a India: e do fim que estas náos tiveram, e de outras cousas.

EStando ainda a armada de Lourenço de Brito na Sunda, não sabendo em Malaca das náos Hollandezas, que andávam já por aquella costa, preparou-se a frota, que havia de ir pera a India, que era esta: a náo de Miguel da Cunha, em que hia embarcado Francisco da Silva de Menezes, que acabára de ser Capitão daquella Fortaleza, que hia por Capitão Mór de todas aquellas náos: a náo da viagem da China, de que era Capitão Ruy Mendes de Figueiredo, e huma náo de Luiz de Mendoça, de que era Capitão hum seu cunhado: outra náo do mesmo Francisco da Silva de Menezes, que vinha da China, de que era Capitão Fernão de Almeida: dous juncos, e hum galeoto pequeno. E estando todas estas náos pera darem á véla dia de Reys, o dia dantes se fez João Gomes Fayo á véla, sem esperar pela mais frota, que ao outro dia se desamarrou; e quando foi aos nove, sendo trinta leguas

de

de Malaca na altura das ilhas de Puluparcelar, houve João Gomes Fayo, que hia diante, vifta das duas náos Hollandezas, que logo conheceo, pelo que voltou pera trás, e houve vifta da outra frota, e defpedio hum balão a Francifco da Silva de Menezes com recado em que o avifava que eram as náos dos Hollandezes: eftes tanto que víram a náo do João Gomes Fayo, foram-na demandar mui determinados.

Chegado o balão com o recado, ajuntou Francifco da Silva de Menezes na fua náo todos os Capitães, e as outras, e lhes deo as novas, e lhes perguntou o que fe devia fazer. Foi a nova caufa de grande alvoroço em alguns, e as náos fe começáram a defordenar, è requererem algumas peffoas a Francifco da Silva de Menezes que tornaffem a arribar a Malaca, que tinham pera lá vento que lhes fervia, e que fe não arrifcaffem a ir pera a India, porque os inimigos os haviam de ir feguindo, e perfeguindo por todo o caminho; e fegundo os noffos eram defordenados, eftava certo irem tomando aquellas náos huma e huma. No meio defta borborinha, que era grande, não faltáram homens amigos de honra que acudíram áquillo, e que differam a Francifco da Silva de Menezes, que

não

não só se poderia pelejar com as náos; mas que com sós os batéis dellas as podiam tomar, e desbaratar: que passasse adiante, que Deos lhe daria vitoria. Com isto, e com deitarem bem suas contas, que os podiam os inimigos alcançar primeiro que chegassem a Malaca, se preparáram pera pelejar com os inimigos.

Estavam as nossas náos surtas, e diante de todas a de João Gomes Fayo, que se viera recolhendo já ás bombardadas com os inimigos, que vendo a nossa frota, entendêram que era toda de mercadores, em que podiam ter muito proveito, e pouco perigo: determináram-se a commettellos, como fizeram, indo muito embandeirados de bandeiras brancas, e de formosos estendartes, e assim á véla chegáram ás nossas náos, e lançáram ferro junto da de João Gomes Fayo, e de huma das nossas náos lhe atiráram com huma espera, que deo por huma das inimigas, que lhe fez bem de damno, com o que abatêram as bandeiras brancas, e deitáram outras de seda, como que se faziam louçãos pera aquella batalha: e logo começáram hum furioso jogo de bombardadas, de que a náo de João Gomes Fayo recebeo a mór parte, que tambem lhe respondeo com outra salva mui arrazoada, andando sempre no convéz

fa-

fazendo laborar a artilheria. Das outras náos tambem lhes respondêram mui bem, e assim se travou huma batalha mui crespa, que durou desde pôr do Sol, em que começou, até ás oito da noite. E dalli até pela manhã gastáram os nossos em preparar suas cousas, porque determináram de pelejar, e abordar as náos, por estarem já com mais animo; e assim se fizeram á véla mui ordenados, e os inimigos de envolta com elles pelas ilhargas, e oito dias continuos foram desta maneira pelejando furiosamente, desviando-se os inimigos por sua ligeireza de as nossas náos os poderem abordar. Em todas as náos houve algum damno, e feridos; e na de Francisco da Silva de Menezes entrou hum pelouro pela camara, onde levava sua mulher, e filhas, e lhe matou huma, que era a mais velha, e duas escravas. Os inimigos não hiam folgados, porque a artilheria das nossas náos os destroçou por muitas partes, e lhes abrio buracos, que lhes dêram bem de trabalho. Determináram de investir a náo de Luiz de Mendoça, que lhe ficava mais a geito, e vieram sobre ella; mas as nossas deixáram-se vir cahindo em favor sobre as dos inimigos, em quem fizeram algum não pequeno damno, fustingando-os com a artilheria, e arcabuzaria de maneira que os fizeram deter.

Nes-

Neste tempo aconteceo hum desastre, que foi tomar fogo a polvora que hia no convéz da Capitânia dos inimigos, que fez grandes estragos, queimando muitos, que foi causa de se retirarem quasi destroçados. João Gomes Fayo quiz avisar a Malaca daquelle negocio, e despedio hum soldado de recado, chamado Antonio Lopes de Almeida, com huma carta sua, e outra de Francisco da Silva de Menezes pera o Capitão, em que lhe davam conta de como hiam, e do que até então era passado. A nossa frota deixou-se ir seu caminho até Cochim. O Capitão de Malaca, tanto que chegou o Antonio Lopes de Almeida com estas cartas, de quem soube o que era passado, despachou logo dous balões mui ligeiros a saber das náos Hollandezas em que paragem ficavam. Estes balões foram até Pulobotum sem achar novas delles; e por não poderem ir até Nicubar, se tornáram sem novas delles. Com o que despedio logo outra embarcação maior pera ir á ilha Polvoreira, e até Nicubar a saber delles; porque se lhes ficassem desta banda, os ir buscar com tres náos, que ainda estavam no porto bem negociadas; e despedio huma embarcação pera a Sunda, em que mandava aviso a Lourenço de Brito do que passava. A embarcação, que o Ca-

pi-

pitão mandou até Nicubar, tambem tornou sem nova alguma. Os inimigos se recolhêram ao porto de Quedá com muita gente morta, e os mais tão feridos, e desbaratados, que gastáram muito tempo em se reformarem: e pela falta de gente, que lhe os nossos matáram, deixáram naquelle porto a náo de menos porte; e na outra, que era a Capitânia, embarcáram o que tinham, e sahíram-se com muita pressa, tanta, que deixáram em terra alguns feridos, porque os naturaes quizeram dar nelles por algumas sem-razões de que usáram com elles, e foram-se na volta de Bengalla; e pela paragem de Martavão na costa de Pegu se perdeo naquelle Macareo.

CAPITULO XVII.

Do que fez D. Luiz da Gama no Malavar o resto do verão: e de como D. Diogo Coutinho Capitão Mór do cabo Çamorim recolheo as náos da China, e levou a Goa: e dos Capitães que o Conde despachou pera fóra: e do que proveo sobre a feira de Cantão na China.

DEixamos atrás D. Luiz da Gama na costa do Malavar continuando na guerra contra o Çamorim até Abril, que se re-

colheo a Goa, deixando provídas as Fortalezas do Canará. Tanto que esta Armada chegou, vendo o Conde que a costa do Canará ficava desabrigada, e que aquelle era o tempo em que os Mouros do Cunhale se proviam de mantimentos por navios ligeiros, quiz-lhe defender isto, porque era a mór guerra que lhes podia fazer. Pera o que despedio logo D. Alvaro de Menezes com dezoito navios, e regimento que andasse por aquella costa até vinte de Maio, e partio de Goa a vinte e dous de Abril. Com esta Armada foi correndo aquella costa, e tomou nella huma galeota de Malavares, e outros dous navios mais, de maneira que não se provêram os Mouros desta vez como costumavam; porque o que governar o estado, não ha de poupar a fazenda de ElRey, porque nestas cousas he ella melhor despendida, que em todas as mais; porque se se gasta em huma Armada do Malavar sessenta, ou setenta mil pardaos pera sómente lhe tomar os portos, e defender os mantimentos, que razão darão pera depois deixarem a costa (donde se elles depois proviam á sua vontade) sem guarda alguma, porque só por este respeito se fizeram aquellas Fortalezas naquella costa pera nella ficarem navios da Armada do Malavar, guardando-a até entrar o inver-

verno, e se recolherem a ellas: e assim ficam dous gastos baldados, o das Armadas do Malavar, e o das ordinarias daquellas Fortalezas; e tudo isto acontece de quererem poupar o que os navios (que alli era razão ficassem) haviam de gastar; e fazem alguns tão pouco caso desta obrigação, como se não montára tanto, como algumas vezes tenho dito.

Partindo D. Alvaro de Menezes, logo o Conde despedio D. Fernando de Noronha por Capitão Mór de dez navios, por recear que depois do inverno entrado se movesse alguma guerra contra as Fortalezas de Barcelor, Mangalor, e Cananor pera as segurar, por não estarem provídas como era razão estivessem, dando ordem a D. Fernando de Noronha pera deixar navios pelas Fortalezas do Canará, e elle invernar em Cananor, pera dalli sahir entrada de Setembro a tomar as barras a Cunhale por se não prover de mantimentos, porque pertendia proseguir na guerra contra elle até o destruir de todo, por ser cossairo quasi da porta, e que todos os annos fazia grandes roubos nos navios dos vassallos de ElRey, e enxovalhava as nossas Armadas, cousa que além das perdas que dava, e reputação que tirava, enriquecia elle, e se fazia cada anno mais poderoso com

damno, e affronta noſſa: e pera eſtas couſas tão neceſſarias nunca eſte Viſo-Rey poupou a fazenda de ElRey, porque ſabia que com a deſpender aſſim, creſcia ella, e a dos vaſſallos: e aſſim todo o ſeu tempo mandou invernar neſtas Fortalezas, navios, e ſoldados que ſahiam cedo a defender os provimentos aos Mouros, como ſe verá pelo diſcurſo deſta hiſtoria. Antes diſſo deſpachou o Conde alguns Capitães pera fóra, como foram, João Pinto de Morais no galeão S. João, pera ir fazer as viagens de Malaca com muitos provimentos, e munições pera elle, e nelle foi embarcado Ruy Gonſalves de Siqueira, provído da Capitanía daquella Fortaleza, por acabar ſeu tempo D. Julião de Noronha que nella eſtava.

Neſte meſmo tempo deſpachou tambem o Conde a D. Paulo de Portugal pera ir fazer tres viagens de Japão, que comprou, huma aos herdeitos de ſeu Pai D. Franciſco de Portugal, e outra ao hoſpital de Goa, que ElRey lhe mandou pera ſe renovar, e que precedeſſe a todas, e a terceira a S. João de Goa: ſeguiam-ſe huma á outra: pera o que comprou huma formoſa náo, em que partio mui bem petrechado, e provído do neceſſario. Neſtas náos paſſou o Conde Almirante huma Pro-

visão a requerimento da Cidade , em que mandava que o Capitão Mór da China, e Japão não impediſſe por alguma via, nem por ſi, nem por interpoſtas peſſoas , nem os moradores da Cidade Macao, aos mercadores da India irem a Cantão fazer ſuas fazendas livremente: e que o Capitão Mór não pudeſſe pôr em conſelho a ida de Cantão ; porque por reſpeito de ſeus intereſſes, e dos moradores daquella Cidade tomavam nos ditos conſelhos determinações, de que reſultavam grandes damnos aos rendimentos das Alfandegas pelas poucas fazendas que vinham a ellas; porque ſe tinha entendido que pera vir á India huma náo, ou junco diante, que commummente trazia fazendas de pouco porte, ſe abria preço á ſeda , e ſe compravam fazendas do Lanquim, o que era em grande perjuizo pera a feira do tarde , que ſe vai fazer a Cantão, pera quem fica ſempre a mór parte do cabedal da India : pelo que defendia que não houveſſe mais de huma feira da India, pera onde ſe partíram os mercadores della em Setembro , pera que pudeſſem empregar ſeus cabedaes com menos oppreſsão, e a preços mais moderados pera ſe tornarem cedo pera a India , e chegarem em Março , como ſempre antigamente chegavam : e que á dita feira, chamada da In-

dia,

dia, não pudesse ir nenhum morador da Cidade de Macao; porque como eram mui interessados na viagem do Japão, não hiam a Cantão a mais que fazer seda pera levarem, ou mandarem, com o que a tiravam aos mercadores da India. Por este respeito havia dous annos que tinha vindo á India muito pouca seda, porque a levavam ao Japão, no que ElRey perdia muito em seus direitos, e com isso faziam a feira muito cara aos mercadores da India; e que os de Macao fossem áquella feira em Março pera fazerem as fazendas de Japão, e que a ella não iriam tambem Mercadores da India. Esta náo de D. Paulo de Portugal partio na entrada de Maio; e sendo tanto avante como Patane, lhe deo hum corisco no mastro, que lho quebrou, pelo que foi necessario fazer em Cochim alguma detença em se prover de outro.

D. Fernando de Noronha, que deixámos partido de Goa pera invernar em Cananor, foi seguindo sua jornada, e na costa Canará encontráram hum Parao de Malavares, que foi fugindo, e os nossos após elle até o fazerem varar em terra, donde o tiráram com todo o seu recheio: e assim encontrou por aquelles rios muitas embarcações pequenas, que estavam carregando de arroz, que logo largáram tudo, e se

acolhêram; e nas Fortalezas de Barcellor, e Mangalor deixou dous navios, de que eram Capitães Manoel de Oliveira de Azevedo, e Lopo de Andrade de Gamboa, e elle passou a Cananor, onde invernou com os mais navios.

D. Diogo Coutinho, Capitão Mór do Cabo Çamorim, recolheo as náos que dissemos de Malaca, que pelejáram com os Hollandezes, e as de Bengala, e navios da costa de Coromandel, e com huma grande cafila partio pera Goa, aonde chegou com toda a salvamento já depois de quinze de Maio.

CAPITULO XVIII.

Das razões que o Çamorim teve pera fazer guerra ao Cunhale: e das preparações que pera isso fez: e das Armadas que o Conde ordenou: e do que succedeo a D. Fernando de Noronha, estando em Cananor: e das intelligencias que teve com o Çamorim sobre o que queria fazer ao Cunhale: e da descripção da costa do Malavar de Cananor até Cochim: e do sitio da Fortaleza do Cunhale.

PEra melhor entendimento da guerra, de que logo tratarei, contra o Cunhale, será razão dizer primeiro as occasiões

que

que o Çamorim teve pera ſe mover a lha fazer em peſſoa, que foram eſtas. Já ElRey ſeu tio, a quem o Çamorim ſuccedeo, eſtava tão eſcandalizado das couſas do Cunhale, que antes que morreſſe lhe diſſe, que ſe queria reinar em paz, havia de fazer duas couſas: a primeira era ſer ſempre amigo dos Portuguezes; e a outra deſtruir o Cunhale, porque por tempos lhe não vieſſe a tomar o Reino, e a ſe fazer ſenhor de todo o Malavar. Iſto teve elle guardado em ſeu peito ſem o communicar a alguem, ſómente em humas praticas que teve com o Padre Antonino da Companhia, Religioſo de muito exemplo, bom Letrado, e Prégador, que hoje que iſto eſcrevemos, he Prepoſito da Caſa profeſſa Bom Jeſus deſta Cidade de Goa, que então eſtava lá, e que mo contou a mim.

Succedêram eſte anno eſtas duas couſas: huma cortar eſte tyranno o rabo, ou a orelha a hum elefante, em que ElRey coſtumava a cavalgar, que foi tamanha affronta, como ſe o fizera ao meſmo Rey; a outra foi cortarem huns Mouros o membro genital a hum Naire, e metterem-lho na boca, que he a mór abominação que ſe podia fazer a eſta caſta, de que todos ſe queixáram ao Çamorim. E ajuntou-ſe mais a iſto haver annos, que lhe não pagava os

quin-

quintos das prezas que ſuas Armadas faziam, e com iſſo pôr-lhes pensões novas aos Gentios ſeus vaſſallos a hum tanto por cabeça; e ſobre tudo ter tomado tamanho brio, que ſe intitulava Rey dos Mouros do Malavar, e Senhor de todo o mar da India, o que trazia o Çamorim em tantos cuidados, que em humas praticas que teve com o Padre Antonino, lhe deo conta deſta ſua tenção; mas diſſe-lhe que não ſe atrevia a tomar a Fortaleza áquelle Mouro por eſtar poderoſo. Ao que lhe o Padre reſpondeo, dizendo-lhe, que como dizia aquillo, que quem tomou a Fortaleza de Chale aos Portuguezes, mais facil lhe era tomar aquella daquelle tyranno. A iſto reſpondeo o Çamorim: *Meu tio não lha tomou, tomou-lha a fome.* E aſſim lhe diſſe mais, que determinava de mandar chamar o Cunhale, e Cutimuça, e como os tiveſſe em caſa, mandar-lhes cortar as cabeças, e que com iſſo eſcuſava a guerra. Pedindo ao Padre que lhe déſſe ſobre aquillo ſeu parecer, o Padre como o negocio era couſa de morte, não lhe reſpondeo: ao que o Çamorim acudio, dizendo, que já ſabia o porque ſe calava; e então lhe perguntou ſe podia matar os ladrões? e dizendo-lhe o Padre que ſim, tornou elle que por iſſo queria matar aquelles, porque o eram; e

man-

mandando dahi a hum dia, ou dous chamallos, não quizeram ir, cousa que nunca fizeram, porque sempre foram a seu chamado, com o que o Çamorim se determinou a lhe fazer guerra, e logo fez ajuntamento de suas gentes, e preparou as cousas necessarias pera ella.

Estas novas chegáram a Cananor; e consultando-as D. Fernando de Menezes Capitão daquella Fortaleza, e D. Fernando de Noronha; e vendo o tempo disposto pera o que desejava, tratáram por cartas com o Çamorim, e com os seus Regedores sobre aquelle negocio, offerecendo por parte do Viso-Rey toda a ajuda, e favor por mar que lhe fosse necessario pera destruir aquelle tyranno; e avisáram logo ao Conde do estado em que aquellas cousas estavam, e mandáram prometter ao Çamorim que se lhe confirmariam as pazes, que estavam feitas com D. Alvaro de Abranches, indo sempre o D. Fernando de Noronha sustentando o Çamorim com esperanças, e promessas. O Conde andou todo o inverno occupado em reformar as Armadas, porque determinava de as deitar muito cedo fóra, e visitou muitas vezes as ribeiras dos navios, casa da polvora, e armazens, porque sobre tudo trouxe sempre grande vigilancia, e festejou os dias

de

de S. João , e Sant-Iago , como he costume , vestido á Mourisca , com carreiras , e regozijos , cousas que alegrão muito aos homens , e os exercita ; e como foi tempo , nomeou seu irmão D. Luiz da Gama por Capitão Mór do mar da India pera ir ao Malavar , e escreveo a Baçaim que se armassem seis Sanguiceis muito ligeiros pela ordem que désse Sebastião Botelho , que era muito experimentado naquelle mister , e que sahisse por Capitão Mór dellas em Setembro , o que elle fez muito bem feito , porque tudo vio com o olho , como soldado velho , e experimentado , e que tinha sido muitas vezes Capitão Mór dos navios. Isto mandou o Conde Almirante ordenar , por entender que as Armadas grandes não serviam de mais que de darem guarda ás cafilas , e que estes navios assim soltos eram os que podiam tomar Paraos , e navios de cossairos , que já com medo de nossas Armadas faziam outros navios pequenos , que eram os que roubavam toda aquella costa , porque fugiam a nossas Armadas , e chegavam aos navios de mercadores cada vez que queriam , e como Ginetes ligeiros entravam , e sahiam quando queriam , e contra elles mandou armar estes que dissemos , que os fizeram affugentar , como adiante veremos.

E

E porque desejava de dar fim á empreza de Cunhale, e lhe deram as cartas de Cananor do estado em que as cousas estavam, e de como o Çamorim se preparava pera o cercar, negociou com muita pressa alguns navios pera mandar a D. Fernando de Noronha, pera que com os outros que lá tinha se puzesse na barra de Cunhale, até chegar o Capitão Mór do Malavar. E pera isto começou em Agosto a pagar gente, e deitar navios ao mar, pera como o tempo désse lugar, os despedir com muita ordem, e presteza; e porque desejava de concluir o negocio de Cunhale, já que tinha o Çamorim tão disposto pera isso, por ser a mais importante jornada que então havia na India: e como as barras estiveram pera se poderem commetter em Agosto, despedio doze navios, de que foi por Capitão Mór, e cabeça delles Manoel de Barbuda, e dos mais foram Capitães D. Antonio Manoel, que neste verão em que escrevemos isto, acabou de servir a Capitanía de Damão D. Alvaro da Costa, Gaspar de Mello, Vasco Gomes de Mello, Antonio Botelho, João de Seixas, Diogo Ortiz de Tavora, e hum navio pera Belchior Ferreira de Cananor, e seis Piriches mais de Malavares; e quando estes navios chegáram, já D. Fernando de Noronha tinha

nha ſahido de Cananor em ſinco de Setembro com os navios que alli tinha, com que ſe paſſou á coſta Canará, onde recolheo os que foram em Mangalor, e Barcelor, e alli ſe ajuntáram todos, com que ſe fizeram dezoito navios, com que D. Fernando de Noronha andou correndo aquella coſta, porque os Mouros ſenão proveſſem nella de mantimentos: e dalli voltou pera Cunhale por ter recado do Çamorim pera começar a dar principio á ſua empreza, deixando ſobre a barra do Canharoto ſinco navios pera impedirem a alguns Paraos que não ſahiſſem, que eſtavam dentro. Chegado á barra de Cunhale, poz por derredor muita vigia, porque lhe não entraſſe couſa alguma, e mandou dous Capitães Malavares, bons Cavalleiros, pera irem aſſiſtir com o Ariole, que ficava da outra parte do rio, fronteiro á Fortaleza, que eſtava da parte do Çamorim, por ſer ſeu vaſſallo, pera dalli fazerem toda a guerra que pudeſſem. Tanto que o Çamorim vio D. Fernando de Noronha na barra, logo aſſentou ſeu exercito da parte de Leſte, e da do Sul, pera aſſim ter o tyranno melhor cercado, e mais encurralado: e pera que ſe entenda melhor eſte negocio, farei huma breve deſcripção de todos os rios de Cananor até Cochim, que he a verdadeira coſta do Malavar, pera ſe ſaber

ber a parte em que este tyranno tinha a sua Fortaleza, e mostraremos o sitio, e fórma de suas fortificações.

De Cananor ao ilheo de Tremapatão ha duas leguas, tem alli hum rio mui bom, delle ao rio do Sal *ha* meia legua, e legua e meia abaixo o rio de Maim; adiante huma legua a povoação de Chomamba, que tem defronte humas pedras; dahi a meia legua a povoação de Motangue, e outro tanto ao rio de Pudepatão, em espaço de meia legua, que he onde o Cunhale tem sua Fortaleza, sobre quem deixamos D. Fernando de Noronha com sua Armada, e na barra tem este rio hum ilheo; e entre a povoação de Motangue, e Pudepatão, em espaço de meia legua, ficam estas duas povoações, Coriare, e Baregare: adiante do rio de Cunhale duas leguas está a villa de Tiracole desta costa, e dos mais soberbos Mouros della: outras duas leguas adiante vai a villa Coulete, ou Couleche, e huma legua avante o rio Capocate, e adiante outra legua a povoação de Pudiangare. Nestes portos, rios, e povoações se armam todos os Paraos que sahem a roubar, e em todos haverá hoje perto de setenta, pouco mais, ou menos, que se repartem pera differentes partes á sua pilhagem, armados todos por differentes armadores. E das prezas que

to-

todos fazem, tem o Çamorim huma boa quantidade, sem elle metter cabedal algum; e posto que estejam de paz comnosco, não deixam estes cossairos de sahir fóra, e de o consentir o Çamorim pelo proveito que disso tem, sobre se ter obrigado em todas as pazes que tem feito com o estado, a não sahirem de seus portos cossairos, e de cortar os esporões aos navios, e fazellos de carga. E os Viso-Reys quando lhe concedem estas pazes, bem entendem que as não hão de cumprir neste particular, mas dissimulam por respeitos que tem pera isso, que eu não sei quaes sejam, porque com isso não poupam cousa alguma ao Estado, pois forçado por razão delle se ha de mandar áquella costa todos os annos Armadas, em que se gastam mais de sessenta mil pardaos, e arriscam os vassallos, porque á conta das pazes navegam, e os tomam, cativam, ou roubam.

E certo que neste passo me lembrou perguntar-me a mim qual he a causa, por que os Viso-Reys não tomam destes sessenta, ou setenta mil pardaos, que gastam todos os annos, vinte mil, e os repartem pelos Arioles, e Naires destes rios pera lhes queimarem todos os Paraos que nelles houver, o que se fará com muita facilidade, e sem se saber: e ainda digo mais; que

que os mesmos Çamorins os mandariam queimar, dando-lhes este dinheiro, porque cuido que nem ametade desta quantia lhes cabe do quinhão das prezas; e segundo elles são miseraveis, e cubiçosos, e interesseiros, cuido que com isto folgáram mais. E assim sem risco dos vassallos, que he bem que se estimem, e lhes poupem as vidas, e sem tantas perdas, e despezas, farão a todo o Malavar dentro em sua casa a mór guerra do mundo, só por imitarem o muito prudente Rey, que está em gloria, que tudo o que podia fazer, e acabar com dinheiro, não perdoava os gastos, e despezas, porque entendia bem que o officio de bom Capitão era trabalhar mais por vencer com estratagemas, e artificios, que com armas; porque quando os inimigos se temem disto, andam mais precatados, e tímidos.

E tornando ao nosso fio, e ordem do que diziamos: de Pudiangare a Calecut ha huma legua, e duas dalli ao rio de Chale, e outras tantas á Cidade de Paranor, e as mesmas á de Tanor, e outras duas á de Paranora; e dahi a huma legua está o famoso rio de Panane, o maior daquella costa, e delle á barra de Paliporto nove leguas, e quatro ao rio de Cranganor, e delle a Cochim sinco. Eis-aqui toda a costa Mala-

var

var de Cananor até Cochim. Agora tornemos ao rio Pudepatão, onde Cunhale tem sua Fortaleza, e mostraremos o sitio, e fórma della. Pera o que se ha de saber, que o sitio em que está, he huma peninsula quadrada de tiro de falcão de comprido, e outro tanto de largo; entrando pela boca da barra, logo volta pera o Sul hum esteiro, que deixa huma lingua de arêa sobre a barra, que corre de longo hum tiro de falcão: até o meio podem entrar fustas, e dahi por diante só almadias. O rio principal vai subindo quasi ao Nordeste outro tiro de falcão, e faz volta ao Sul, e deixa feita aquella peninsula que disse, porque só se péga com a terra pela parte do Sul; e nesta volta que faz o rio está a Fortaleza principal, com que logo continuaremos. Aquella parte da terra, que não deixa fazer aquelle sitio ilha, fechou o Cunhale com huma grossa parede desde o esteiro debaixo até o rio grande; e ainda fez outra tranqueira por fóra de madeira muito grossa, e forte com suas guaritas, e revézes huma, e outra. O rio grande he de largura de tiro de espingarda, porque de huma parte, e de outra se ouve muito bem tudo; e cá em baixo perto da Fortaleza se aparta em dous ramos, deixando no meio aquella ilheta, que chamam do Chinalle,

que

que era hum Mouro, de que logo daremos razão. Era esta ilheta de meia legua em roda, e logo se torna a ajuntar o rio, e se aparta delle hum braço, que vai até Calecut, e Chale, que são nove leguas, e até tres leguas poderáõ navegar catures, e dahi por diante almadias. A Fortaleza he quadrada, e cada quadra he de sincoenta passos, e em cada huma tem hum baluarte amadeirados de traves grossas, e debaixo delles casas pera armazens. As paredes da Fortaleza são de quatro passos de largura: em meio da Fortaleza está huma casa forte, que serve de masmorra, em que mettem os Portuguezes cativos, e por nossos peccados está poucas vezes vasia. Tem esta Fortaleza mais dous cavalleiros, que respondem de revéz hum ao outro, que descobrem todo o sitio, e povoação que fica dentro das tranqueiras. Os muros tinham seus parapeitos, bombardeiras, e setteiras com muita, e boa artilheria, e não tinha mais de huma só porta detrás de hum revéz de hum dos baluartes. A tranqueira de pedra, que fecha este sitio, tinha no cabo sobre a barra hum formoso baluarte com muita artilheria, que defendia a entrada com huma guarita pera a parte de Norte. Por todas estas fortificações tinha o Cunhale repartidos mil e

qui-

quinhentos Mouros eſcolhidos, a fóra quinhentos de ſerviço, e na Fortaleza tinha comſigo duzentos dos principaes, e de mór confiança. No baluarte de ſobre a barra eſtava por Capitão Cutimuça, caſado com huma tia do Cunhale, que foi o que tomou a galé de D. Fernando Lobo defronte de Coulão: no baluarte da tranqueira de pedra eſtava Calvaca, valente Mouro: na tranqueira de madeira eſtava Canatale, ſobrinho do outro, que foi grande coſſairo: nas guaritas eſtavam repartidos eſtes Capitães, Cunhimai, Nonomai, Cutimai, Cutimurça Marca, Bacca Mamede, Bacla Cutiali ſeu irmão, Canatale, Cana Acam, Tampocare, e outros, todos eſtes armadores de navios de ſeis, ſete, e oito cada hum, que eſtavam mui ricos de prezas, e o Cunhale mais rico que todos, e tão ſoberbo, que tinha concebido em ſeu penſamento fazer-ſe Rey de todo o Malavar. E quando elle eſtava mais alevantado da fortuna, e cheio de vitorias contra nós, deſandou ella ſua roda, e deo com elle no pelourinho de Goa, onde lhe cortáram a cabeça, como em ſeu lugar diremos.

CA-

CAPITULO XIX.

De como o Bispo da China D. Luiz de Sirqueira da Companhia de Jesus, e o Padre Alexandre de Valignano foram a Japão: e de como aquelle Emperador faleceo: e do que lhe succedeo por sua morte.

NO fim da onzena Decada deixamos dito que tinha partido pera a China a náo da viagem de Japão, de que era Capitão Mór Nuno de Mendoça, onde foram embarcados o Bispo D. Luiz de Sirqueira, Religioso da Companhia de Jesus. Foi eleito pera a India pera Bispo do Japão pera por morte do Bispo D. Pero Martins, tambem da Companhia, lhe succeder no Bispado; porque como aquella Christandade era ainda nova, e muito tenra, arriscava-se muito se ficára alguns annos sem Bispo. E por isso ElRey de Portugal provéo nesta fórma, por ser em extremo zeloso do augmento da Santissima Fé Catholica. Hia tambem embarcado o Padre Alexandre de Valignano, Visitador da Companhia, que já o fora da India, e agora levava o mesmo cargo pera a Ilha de Japão; e fazendo sua viagem, tomáram Malaca, e dalli passáram á China, onde

ſe detiveram, eſperando pela monção pera a Ilha de Japão, que he em Junho, depois de S. João, donde partíram já em noventa e oito, e chegáram entrada de Agoſto, e os Padres da Companhia começáram a exercitar ſeu officio, e correr com ſuas obrigações no miniſterio da conversão das almas.

Eſtava neſte tempo muito mal o Taicozama, Emperador de todas aquellas Ilhas, e quaſi no cabo; e ſobre aquella herança havia entre os ſenhores Japões grandes pertenções, e deſavenças, porque pelas idolatrias, e peccados daquella Ilha nunca de quinhentos annos a eſta parte ſuccedeo filho a pai, nem neto a avô, nem ainda algum, a quem por linha direita ſuccedeſſe naquella herança; porque o derradeiro Emperador, em que aquella ſucceſſão ſe acabou, foi reteudo, e foi prezo por hum Governador ſeu, que ſe lhe alevantou com o Imperio, deixando-o na Cidade de Meaco em huns paços muito ricos, onde aſſim elle, como todos os que lhe ſuccedêram por linha direita eſtiveram até hoje como eſtatuas, ſem eleição de querer, nem com mando algum, ſómente tinham authoridade pera confirmar os Reynos aos tyrannos, e a todos os mais daquella Ilha; e com viverem aſſim privados

de

de seu Imperio, eram muito ricos por pensões que lhes davam, e na authoridade, serviço, e riquezas eram outros Emperadores. E estes seus herdeiros, que assim lhe succediam por linha direita, não perdêram nunca o titulo de Daires, ou Voo, que he o mesmo que de Emperador; e o que os tyrannos tomáram de Taicozama he mais humilde por encubrirem sua tyrannia, que tanto quer dizer como do Imperio.

Pelo alevantamento do primeiro tyranno, que desapossou o derradeiro Daire, se dividio aquelle Imperio em sessenta e seis Reynos distinctos, que são os seguintes.

Faremos primeiro huma descripção destas Ilhas por esta maneira. Tomada esta terra a vulto, affirmam que tem quatrocentas leguas de comprido; mas o que he na realidade, não passa de duzentas, quanto á propria Ilha de Japão. Nasce isto de ser esta grande terra repartida em muitas Ilhas juntas, que fazem parecer hum grande continente. As maiores, e mais principaes Ilhas, são tres. A primeira se chama Chimo, e por outro nome Xaicocu, que tem estes nove Reynos, scilicet, Figen, Bungo, Funga, Bonzumi, Cucuma, Fingo, Chicugen, Chicungo, Unigen.

A segunda Ilha se chama Xicocu, que quer dizer quatro Reynos, por outros tantos

que tem , que são eſtes , Toſa, Aba, Sanoqui, e Lijo.

A terceira, e mais principal, he a que propriamente chamamos Japão, que tem em ſi eſtes quarenta e ſete Reynos, ſcilicet, Nangato, Inami, Sura, Juxomim, Aqui, Foqui, Bingo, Ineba, Bichum, Mima, Zaca, Farima, Tanquima, Viger, Tambá, Tango, Bacaſa, Xama, Xiro, Xamalo, Inzuno, Quij, Liquigem, Bomi, Inga, Xima, Ixe, Mino, Canga, Noto, Jetehic, Fitachi, Ximano, Boari, Micava, Cai, Jenchingo, Devá, Lencuque, Toutomi, Fugara, Ixu, Meaxi, Ximonu, Xicque, Sangami, Ximoneza, Findeaqui, Bonju, Bandou. A eſta Ilha principal ſe ajuntam outras ſeis, que são eſtas. Sado, Voqui, Couxima, Iqua, Abangui, Iniunoxima, que são outros ſeis Reynos. Eſtes são os ſeſſenta e ſeis Reynos do Japão. E entre quarenta e ſete da Ilha principal ha ſinco, que ſe chamam Tecão por hum nome ſó; e quem for ſenhor delles, he Emperador de toda a Ilha.

Já que temos viſto a grandeza deſte Imperio, tornemos a continuar com o diſcurſo que levavamos da doença do Taicozama. Eſte vendo-ſe no cabo, andou diſcurſando como poria na cadeira daquella Monarquia hum filho que tinha, de idade

de

de ſinco annos ; porque ainda que era tyranno , e tinha tomado o eſtado alheio, não deixava de ver, e entender que o que elle fez ao filho alheio, lhe podiam outros fazer ao ſeu; e vendo que não tinha outro remedio ſenão fiar-ſe de alguem , quillo fazer antes do Rey de Bandou, chamado Yaya Su, por ſer muito valeroſo, de quem ſe receava mais que de todos os outros Reys, que por ſua morte lançaſſe mão daquella Monarquia , e quillo levar por termos de muita confiança que delle fazia com lhe entregar ſeu filho ; porque pela ventura que com iſſo o quietaria, e ſuſtentaria ſeu filho menino naquelle eſtado. Chegado eſte Rey a elle , tendo comſigo muitos dos ſeus Grandes , lhe fez eſta breve falla :

» Bem ſei que não poſſo eſcapar deſta » enfermidade, porque vejo em mim ſinaes » de ſer chegado o meu termo : não ſinto » morrer , porque ſei mui bem quão certa » a morte he a todos , ſó ſinto deixar » meu filho de tão pouca idade , que não » he capaz de lhe entregar eſte Reyno ; e » já que aſſim he, correndo pela memoria » a quem com mais confiança podia entre» gar eſte menino, e eſta coroa, que tiveſ» ſe valor , e poſſe pera o ſuſtentar nella, » e defender de ſeus inimigos ; e que co-

» mo

» mo chegar a idade de poder governar,
» lho entregue, em todo eſte Imperio não
» achei outro, ſenão vós, que tenha pera
» iſto as partes que quero, pelo que com
» muita ſegurança vos entrego eſte filho, e
» todo eſte Imperio; e pera que eſta con-
» fiança, que de vós tenho, ſe acabe de
» moſtrar a todos, vos rogo que caſeis
» eſte menino com voſſa neta; pera que
» aſſim ſendo vós avô de ſua mulher, ſe-
» jais tambem pai deſte meu filho. » E
mandando vir o menino, lho entregou, e
lho poz nos braços, onde elle o agaza-
lhou com moſtras de muito amor, e cor-
tezia, e com iſſo reſpondeo a Taicozama
eſtas palavras:

» Eu, Senhor, quando morreo o Empe-
» rador Nabunango não poſſuia mais que
» o Reyno de Micava; e como vós, Se-
» nhor, ſuccedeſtes neſta Monarquia, com
» voſſa ajuda, mercês, e favores conquiſ-
» tei outros tres Reynos. E depois pera
» me honrardes mais, e alevantardes, me
» déſtes oito Reynos em o de Bandou a
» troco dos quatro que poſſuia: pelo que
» eu, e toda a minha geração eſtamos obri-
» gados a ſervirmos, e amarmos ao Prin-
» cipe voſſo filho, e a todos os ſeus deſ-
» cendentes com riſco das fazendas, vidas,
» e eſtados. E ſem vós, Senhor, moſtrar-
» des

» des tanta confiança de mim, tinha eu
» obrigação, e eſtava mui apoſtado a pôr
» todas minhas forças, e induſtria, pera
» que o Principe voſſo filho ficaſſe ſeguro
» em ſeu Imperio. Mas agora que ſobre
» tantas honras, e mercês, como são todas
» as que me tendes feito, me fazeis eſta
» de novo, que paſſa por todas as outras,
» de me entregardes voſſos Reynos, e
» voſſo filho por genro, fico tão cativo
» de V. Alteza, e prezo com tão fortes
» cadeias de amor, que determino de fa-
» zer todo o poſſivel pera cumprir tudo o
» que me deixais encommendado. »

Acabado iſto, mandou trazer ſua neta, que era de dous annos, e alli os deſpoſáram logo com as ceremonias do Japão, com muito goſto, e applauſo de todos; e o Taicozama deo juramento ao Rey do Bandou de governar ſeus Reynos em paz, e juſtiça, até ſeu filho ſer de idade pera lhos entregar. E o meſmo fez a todos os Grandes que eſtavam preſentes, de ſerem fieis a ſeu filho, e procurarem conſervallo em ſua Monarquia. Acabado aquelle acto, logo alli mandou trazer grande ſomma de joias, e riquezas, e as repartio por todos, pera com iſſo os obrigar mais.

E porque naquelles Reynos de Tencanão havia mais de quatro Governadores,

accrefcentou-lhe mais hum chamado Afonedario, e efte como Prefidente dos outros, e que eftes todos ficaffem fubditos de El-Rey tutor de feu filho, e lhe obedeceffem como a fua propria peffoa, fe fora vivo; e pera que eftes finco ficaffem mais unidos, e conformes, fez cafar os filhos de huns com as filhas dos outros.

Havia muitos annos que efte barbaro Taicozama andava com imaginação de fe fazer adorar por Deos, pera o que tinha na fua Fortaleza de Fuximi (que era coufa muito notavel) ordenado hum certo lugar de grande recreação pera nelle alevantar, e pôr fobre altar fua eftatua; e porque efte peccado de quererem os homens ufurpar, e tomar pera fi o que a fó Deos he devido, he o que elle mais caftiga que todos, o quiz fazer a efte tyranno logo, tanto que entrou naquella imaginação, e moftrar-lhe grandes finaes de fua jufta indignação, pera ver fe com elles entrava em fi, e fe apartava de feu máo propofito. E affim a vinte e dous de Julho de noventa e feis, andando elle occupado no lugar em que queria depofitar fua eftatua, appareceo fobre a Cidade de Meaco hum grande Cometa que durou alguns dias; e logo dahi a poucos choveo grande quantidade de cinza, e na Cidade de Ofaca

tam-

tambem choveo arêa ; e depois disto na entrada de Dezembro seguinte foram tantos, e tão grandes os terremotos, e tremores da terra na mór parte do Japão, que cahio pelo chão toda a Fortaleza, e paços de Fuximi, onde aquelle tyranno queria pôr sua estatua, que elle tinha fabricados com excessivas despezas, e o tyranno escapou com o filhinho de tres annos nos braços, e na terra de Frenoxa cahíram grande quantidade de templos dos seus idolos, onde morreo muita gente ; e em outro mui grande templo de Meaco se fizeram todos os idolos que havia, em pedaços. Os mesmos damnos acontecêrão nas Cidades de Osaca, e Sacai, e dellas pera Meaco ficáram tão grandes aberturas na terra, que os tremores della abríram, que se não podia passar pera aquella Cidade sem grandes rodeios.

Além destes males da terra, fez o mar outros maiores, que foi sahir de seu curso com duas correntes caudalosissimas, huma que foi caminho da Cidade Meaco, alagando, e destruindo todos os lugares, e villas inteiras que havia, em que pereceo grande numero de gente, e outra que foi pera o Ximo, e Reyno de Bungo, que tambem assolou muitos póvos inteiros, porque entrou vinte leguas pela terra dentro, cousa nun-

nunca vista, nem ouvida no mundo depois do diluvio geral. E toda esta inundação procedeo de hum estreito que faz o mar entre duas Ilhas defronte do porto de Ximonoxeque; e foi este diluvio tamanho, que depois de passados alguns dias, ficou neste Reyno do Ximonoxeque sobre o mais alto monte delle perto de vinte braças de agua; e assim morreo naquella parte tanto numero de gente, que se não pode estimar, sem este barbaro se mover, nem tirar de seu máo proposito; e tanto foi perseverando nelle, que tornou logo a reedificar a Cidade de Fuximi com móres gastos, e despezas; e o lugar em que havia de alevantar sua estatua, ornou-o com mais riquezas; e aos dezeseis de Setembro faleceo este tyranno, e seu corpo foi mettido em huma caixa mui rica, e bem guarnecida, pelo elle assim mandar, sendo costume dos Japões queimarem-se: foi levado com grande magestade ao lugar que elle tinha ordenado, e logo lhe alevantáram a sua estatua, que tinha feita, com hum letreiro que dizia *Xinfaquiman*, que quer dizer Deos das guerras, como aquella antiga gentilidade tinha alevantado outra a Deos Marte. E este lugar, em que foi depositado, era hum jardim de grandes recreações, e frescuras, e sua alma foi parar

en-

entre grandes ſuſpiros, tormentos, e fogo eterno, que dura em quanto Deos durar, que ſerá pera ſempre, que he o que ſó ſe ha de adorar. Com ſua morte tomou o Rey de Bandou, tutor do filho do Taicozama, poſſe do Imperio ſem contradicção alguma; porque nenhum dos outros Reys quiz contender com elle, por ſer de grande valor; mas tambem uſou o meſmo que o Taicozama, que tem hoje eſte Principe, com ſer ſeu genro, como eſtatua, e pertende pôr naquella cadeira hum filho que tem; mas não faltará quem lhe faça outro tanto por ſua morte.

Com eſtas couſas tornáram os Padres da Companhia a resfolegar, e tomar alento, e aquella grande Chriſtandade a ir por diante, e reedificarem-ſe Templos, e Seminario: e tanto foi Deos noſſo Senhor cumprindo os bons intentos deſtes Obreiros Evangelicos, que os mais dos Reys lhe offerecêram lugares pera Igrejas, chamando-os cada hum pera ſi, porque folgavam de communicar com homens de tanta virtude, e exemplo. E iſto lhes ſuccedeo ſempre, depois de eſtarem neſtas Ilhas, que com andarem muitos, e ſós, e apartados no miniſterio da conversão das almas entre moças muito formoſas, que as ha naquellas Ilhas, tanto como as da Europa, até

ho-

hoje, por misericordia de Deos, se não achou Padre nem de Missa, nem Leigo comprendido em hum máo exemplo, nem escandalo: e assim por sua limpeza fertilizáram seus campos, e suas sementeiras, como o grão do santo Evangelho.

D E-

DECADA DUODECIMA
Da Hiſtoria da India.

LIVRO II.

CAPITULO I.

De como eſte anno de noventa e oito não partíram náos do Reyno: e do Forte que o Conde Almirante ordenou ſobre a barra de Goa: e do que proveo ſobre o governo do Reyno de Ormuz.

DEpois que o Conde Almirante deſpedio os navios pera D. Fernando de Noronha, ficou eſperando pelas náos do Reyno pera ſaber novas do que lá hia, que não partíram eſte anno por eſtar a barra de Lisboa impedida com huma Armada de Inglaterra, que eſteve ſobre ella todo o mez de Março; e vendo o Conde Almirante que lhe tardavam até todo Setembro, parecendo-lhe que poderiam ir tomar Cochim, começou a entender nas couſas que havia de mandar pera fóra, e a primeira foi deſpedir o galeão dos provimentos pera Ceilão, e nelle D. Pedro Manoel, irmão do Conde da Atalaya, primo

mo com irmão do mesmo Conde, pera Capitão de Columbo, por acabar seu tempo Thomé de Sousa de Arronches que nelle estava, que partio na entrada de Outubro; e porque entre as instrucções que ElRey mandou a este Estado o anno passado, achou hum Capitulo de huma que dizia assim: « E porque sou informado que será » de muito effeito pera guarda da barra » dessa Cidade, principalmente pera os » navios de remo, que por ella intentassem entrar, fazer-se outra Fortaleza na » ponta do palmar de Gaspar Dias, que » está fronteira á de Bardes, vos encommendo que ouvindo sobre isto o Engenheiro » que ficou, em lugar do que pera cá se » embarcou nas náos passadas, e as mais » pessoas que nessa materia possam dar voto, deis ordem com que se faça. » E como o Conde desejava de cumprir todos os regimentos, e instrucções de ElRey, em que consiste o bom governo deste Estado, ajuntou a Conselho os Fidalgos velhos, e as pessoas que mais lhe parecêram, e propoz aquelle negocio, e mandou ler a instrucção.

E examinadas entre todos as razões que havia pera se haver de fazer aquella Fortaleza, não só pera contra os navios pequenos, mas ainda pera contra náos Hollan-

landezas, e quaesquer outras que cá passassem, assentou-se que era mui necessaria; porque como a entrada desta barra de Goa tem dous canaes, hum mais pequeno capaz só de Fustas, que passa ao longo da ponta de Bardes, onde está fundado o Mosteiro dos Reys Magos da Ordem do Padre S. Francisco, pera cuja defensão o Viso-Rey D. Affonso de Noronha mandou fazer aquella Fortaleza, que já dissemos; e ao pé della, que está em hum alto, fundou o Governador Manoel de Sousa Coutinho huma Couraça ao longo da agua, que péga na Fortaleza com boa artilheria, que o Conde Almirante Viso-Rey acabou com mandar fazer casas pera gazalhado do Capitão, que não tinha, e não ficar acabada, que defende bem a entrada da barra, em especial o canal pequeno; e por ficar defronte da ponta do palmar de Gaspar Dias, com o Forte que o Conde Almirante alli fundou, se assegurava o canal maior, e pela mesma razão ambas as entradas que ha da barra pera o rio de Goa, e por este canal maior entram as nossas náos do Reyno descarregadas, e a banda, por ser capaz de entrarem por elle náos de grande porte. Aqui onde agora está o Forte, que o Conde mandou fazer, poz o Viso-Rey D. Luiz de Taíde, a primeira vez que o

foi,

foi, hum Alcaide das ſacas pera buſcar todas as embarcações que alli ſurgiſſem, aſſim á ida, como á vinda, que não aproveitou mais que ao homem que alli poz. E eſta entrada por eſta parte não podia defender a artilheria da Fortaleza, e Couraça de Bardes, por ſer a largura do rio de mais de tiro de camelete, era neceſſario haver alli alguma defensão, porque a India nunca ſe temeo, ſenão de Galés de Rumes, que nunca ſe imaginou que pudeſſem Armadas de inimigos da Europa paſſar a eſtas partes, como depois vimos, contra quem foi remedio muito principal eſta Fortaleza, que o Conde aqui principiou; porque ſegundo os Hollandezes, que depois vieram a eſta barra muitas vezes, ſe moſtráram atrevidos, por ſem dúvida tenho que ſe determinaſſem commetter a entrada por eſte canal, ſenão víram aquellas duas Fortalezas, porque as couſas da India foram ſempre mais encaminhadas por Deos, que pelos homens.

Em fim, tomando o parecer, e feito o aſſento delle, foi o Conde Almirante ver aquelle ſitio com os Vereadores, levando comſigo Julio Simões Engenheiro, que ficou em lugar de João Baptiſta Milanés, que ElRey mandou cá vir, e reformar todas as Fortalezas; e notado bem o ſitio, fez o Engenheiro a traça

con-

conforme a elle, e ficou a obra á conta dos Vereadores, pera ſe fazer do dinheiro do hum por cento, que os moradores de Goa tinham applicado nos direitos de ſuas fazendas, pera a obra das fortificações de Goa; e cuido que eſte dinheiro de hum por cento rende cada anno mais de vinte mil pardaos, e á obra deo o Conde logo princípio, e depois foi correndo com tanto vagar, como vam todas as mais couſas da India; porque não ha Governador, nem Viſo-Rey que queira proſeguir obra, que outro comece, por boa que ſeja, e ainda neſte inverno de ſeiscentos e onze, em que eſcrevo iſto, eſtará pouco mais de braça craveira de altura; pois na guarda, e provimentos deſta Fortaleza, e das mais da outra banda, e de todas as da India, não convem tratar dos grandes deſcuidos dos Viſo-Reys, e Governadores, porque he bem ſe não ſaibam; e paſſando daqui, vamos ás couſas de Ormuz, em que o Conde proveo.

D. Antonio de Lima, que, como atrás diſſemos, foi entrar na Capitanía de Ormuz, achou as couſas daquelle Reyno mui arruinadas, e arriſcadas a ſe perderem todas as Fortalezas, que aquelle Rey tinha, aſſim da banda da Perſia, como da Arabia, em grande perjuizo do eſtado da India: a

razão era , porque aquelle Rey , que era Ferugoxa , estava já na idade decrepita , e determinava largar o governo ao filho segundo , chamado Mamedexa , que era filho de huma irmã do Guazil , e tirallo ao filho mais velho , chamado Feruxá , que era mais pera isso , e este negocio favorecia o Guazil , por ser o outro seu sobrinho ; sobre isto havia em Ormuz grandes revoltas.

Disto tinha D. Antonio de Lima avisado o Viso-Rey em Abril passado , que vendo agora que se vinha chegando a monção pera aquella Fortaleza , poz aquelle negocio em Conselho de Capitães velhos ; e debatidos os inconvenientes , assentou-se que o Capitão de Ormuz obrigasse aquelle Rey a ter suas Fortalezas mui bem provídas , e guardadas , até sobre isso lhe socrestar sua fazenda , pera della se proverem , e correr com elle com todas as execuções necessarias ; mas que não fosse privado do Reyno , em quanto não houvesse mais causa pera isso ; e que o Viso-Rey o persuadisse por cartas , que deixasse governar seu filho mais velho por elle ; e que trabalhasse pelo casar com huma filha do Guazil , porque assim se comporiam as cousas melhor ; mas que ou se effeituasse este casamento , ou não , se todavia ElRey quizesse que seu filho mais velho governasse por

el-

elle, pois tinha mais partes necessarias pera isso, que o fizesse; e que o Capitão o mettesse de posse do Reyno, mostrando primeiro instrumento público de renunciação, que seu pai fazia nelle. Assentado isto desta maneira, passou o Conde suas provisões ao Capitão, e o traslado do assento do Conselho, pera que o effeituasse, e escreveo a ElRey, e ao Guazil sobre aquelle negocio.

CAPITULO II.

Das Armadas que o Conde Almeirante despachou pera fóra: e do que succedeo a D. Fernando de Noronha na barra de Cunhale, e a Sebastião Botelho, Capitão dos Sanguiceis, na costa do Norte: e de como D. Alvaro de Abranches foi entrar nas Fortalezas de Çofala, e Moçambique.

JÁ démos conta de como o Conde Almeirante mandou ao Norte fazer seis Sanguiceis pera ir contra os navios ligeiros dos Malavares, e encommendou esta obra a Sebastião Botelho, que os foi fazer a Taná os melhores que se víram daquelle toque na India, que em Setembro poz no mar, e pagou soldados mui conhecidos, e

marinheiros escolhidos entre muitos, e a dez de Setembro sahio de Taná mui bem negociado, e petrechado de tudo, porque tudo vio com o olho, e só de si o fiou. Os Capitães que o acompanháram, foram D. Rodrigo Pereira, filho de D. Manoel Pereira, D. Manoel Mascarenhas, filho natural de D. Gilianes Mascarenhas, a que chamavam o Langará, Antonio Barbosa, D. Luiz de Menezes, e Gaspar Pacheco de Mesquita; e todos juntos, e com grande desejo de acharem cossairos, foram mui conformes; e delles trataremos depois, e continuaremos com a Armada de D. Luiz da Gama, a que o Conde deo a mór pressa que pode, e em Dezembro a fez á véla, a melhor provída de Fidalgos, Capitães, e soldados que se vio ha muitos annos.

Foi a Armada de tres galés, de que eram Capitães, a fóra elle, D. Francisco Pereira, irmão de D. João Pereira, Conde da Feira, e D. Vasco da Gama: as fustas eram perto de vinte, cujos Capitães eram D. Manoel de Noronha, filho de D. Thomaz de Noronha, D. Christovão de Noronha, Lourenço Guedes, filho de Pero Guedes, Diogo de Miranda, filho de Martim Affonso de Miranda, Ruy de Sousa de Larcão, D. João Tello de Menezes, filho do Alferes Mór D. Jorge de Menezes, D. Francisco

de

de Soto-maior, Alvaro Velho, Gaſpar de Abreu Mouſinho, Triſtão de Taíde, filho de Nuno Fernandes de Taíde, Manoel de Bendanha, e outros a que não achámos os nomes; e em quanto eſta Armada vai ſeu caminho, daremos conta das couſas que ſuccedêram a D. Fernando de Noronha ſobre a barra de Cunhale.

Eſte Capitão depois que ſe poz com ſua Armada ſobre Cunhale, deixou-ſe eſtar nella, dando calor ás couſas do Çamorim, pera com mais ſegurança aſſentar o cerco ſobre aquella Fortaleza, como fez muito de vagar, tendo-lhe a noſſa Armada ſeguro o mar, por onde ſe pódia prover aſſim de mantimentos, como de ſoccorro, que eſta he a guerra que elle mais ſentio, que a que lhe o Çamorim fazia por terra, e aſſim o puzeram em eſtrema neceſſidade; e depois do Çamorim ter aſſentadas ſuas eſtancias, e ſe fortificar á ſua vontade, e dar princípio á guerra, ſe levou D. Fernando de Noronha de ſobre a barra com toda a Armada, e foi dar huma viſta pela coſta, em que encontrou huma galeota, e dous paráos, a que deo caſſa, até os fazer varar na coſta brava, onde ſe fizeram em pedaços, e a gente ſe ſalvou em terra com bem grande trabalho; e por outra vez tomou dous paráos ligeiros ao mar, por não

po-

poderem fugir pera a terra, e os Mouros delles foram todos mortos, e cativos, e assim tomou outras duas embarcações de mantimentos, e a outro paráo fez varar em terra.

E por ter aviso que em alguns rios se faziam prestes cossairos pera sahirem ás prezas, os foi tomar, e na barra do rio Canharoto achou quatro paráos ao mar, que estavam esperando que daquelles rios sahissem outros, pera todos juntos passarem ás prezas do Norte, que foi demandar; e como estavam encevados de novo, e eram muito ligeiros, tanto que víram a nossa Armada, voltáram a terra perseguidos sempre dos nossos, até se recolherem naquelle rio, onde D. Fernando os teve de cerco até os fazer desarmar; e depois de fazer isto, voltou outra vez pera a barra do Cunhale, pera favorecer o Çamorim, e alli esteve até chegar D. Luiz da Gama, correndo com o Çamorim sempre muito particularmente, segurando-lhe que aquella jornada teria muito bom fim, e aquelles inimigos de seu Estado se extinguiriam, e que o Conde lhe mandava conceder as pazes muito a seu gosto; com o que foi entretendo o Çamorim, e obrigando a proseguir o cerco, onde o deixaremos por contarmos o que aconteceo á Armada do Norte.

Dei-

Deixamos ſahido Sebaſtião Botelho de Taná com os ſeis Sanguiceis que diſſemos, com que ſe foi mettendo na enſeada de Cambaia, onde os coſſairos são mais continuos, e pelas muitas prezas que della levam, lhe chamam elles o rio do ouro, como já algumas vezes diſſe, e a foi atraveſſando até a Fortaleza de Dio, onde tomou falla, e achou por novas ſerem paſſados quatro, ou ſinco navios pera a coſta de Por, e Mangalor, e enſeada de Jaquete, onde tambem achavam em que ſe empregaſſem com grandes proveitos; e paſſando em buſca delles, foi correndo todos os portos, levando-os ſempre diante de ſi, até haver viſta delles huma tarde, a tempo que ſe hiam affaſtando da terra, e já muito emmarados, por ſerem aviſados da noſſa Armada. Sebaſtião Botelho os foi ſeguindo até anoitecer; e entendendo que haviam de ir na derrota da coſta do Canará, por terem já feito algumas prezas, até onde determinou de os enſacar, como fez por eſpaço de ſinco, ou ſeis dias, ſem haver viſta delles, ſenão já na outra coſta; e como hiam muito adiantados, nunca os pede entrar. E vendo-ſe elles tão acoçados dos noſſos, endireitáram com a terra, e recolhêram-ſe no rio Sanguicer, que he huma grande colheita deſtes coſſairos, que commum-

mummente ſe chamam do nome daquelle rio. Sobre elle ſe deixou ficar Sebaſtião Botelho alguns dias, com o que os obrigou a ſe deſarmarem de todo, porque dos navios deſte toque tem elles tão grande medo, como do diabo.

Dalli ſe fez Sebaſtião Botelho á véla na volta da coſta do Norte, e defronte do rio Tambona acháram hum Parao de Malavares, que logo inveſtíram, e rendêram, ficando todos os delle mortos á eſpada, tirados alguns, que os ſoldados cativáram por lhes parecerem bem; e como correo pela coſta a fama da ligeireza deſtes navios, todos os coſſairos que por ella andavam, ſe affugentáram, e ſe recolhêram a ſeus portos, e aſſim andou eſta Armada ſem achar couſa em que ſe empregaſſe, até o Conde lhe mandar recado que ſe foſſe ajuntar com D. Luiz da Gama pera ſe achar com elle na guerra do Cunhale, como logo fez. O Capitão Geral foi com ſua Armada correndo a coſta do Canará, viſitando por ella todas aquellas Fortalezas, e provendo-as até chegar ao rio de Cunhale, aonde D. Fernando de Noronha lhe entregou a Armada, e lhe deo a informação do eſtado em que as couſas eſtavam: e pelo Capitão Mór mandou o Viſo-Rey dizer a D. Fernando de Noronha que ſe ficava fazen-

zendo preſtes huma galé, que lhe havia de mandar pera elle andar nella aquelle verão; e não ſe ſatisfazendo diſto D. Fernando, ſem pedir licença ao Capitão Mór, ſe foi pera Goa, e indo pera fallar ao Conde Viſo-Rey, lhe mandou o Conde perguntar ſe vinha com licença do Capitão Mór; e reſpondendo que não, ſem o ver, nem ouvir, o mandou pelo Ouvidor Geral levar prezo ao forte de Agaçaim, onde eſteve mais de dous mezes; e a galé que mandou apparelhar pera elle deo o Conde Viſo-Rey a D. Alvaro de Menezes. O Çamorim mandou logo viſitar ao Capitão Mór, e o Padre Franciſco Rodrigues veio á galé a iſſo, e lhe deo relação do modo de como o inimigo eſtava cercado, e da conſtancia que o Çamorim tinha de eſtar ſobre elle até o deſtruir de todo. A' viſita lhe mandou o Capitão Mór reſponder com grandes cumprimentos, e agradecimentos do ſeu procedimento: e que vinha alli com aquella Armada, e com muita gente, que logo chegaria pera o ajudar a deſtruir aquelle inimigo, que tanta poſſe queria tomar de ſeu Reyno: e aqui o deixaremos até tornar a elle.

Partido D. Luiz da Gama de Goa, entrou o Conde no deſpacho de D. Alvaro de Abranches pera ir entrar na Capitanía de

de Çofala, e Moçambique, por acabar ſeu tempo Nuno da Cunha que lá eſtava. Partio eſte Fidalgo de Goa a quinze de Janeiro deſte anno de noventa e nove, em que com o favor Divino entramos, e na meſma monção mandou dous navios de remo, Capitão Ambroſio Leitão, pera ir até Moçambique, e Antonio Colaço pera Melinde a ſaberem novas de náos Hollandezas, e pera outras couſas do ſerviço de ElRey, que levavam por regimento. E porque neſta viagem não houve couſas dignas de contar, concluiremos com eſtes navios aqui, com dizer ſó que foram, e tornáram em Maio a ſalvamento, e D. Alvaro de Abranches chegou a Moçambique, e tomou poſſe da Fortaleza; e Antonio Collaço, e Ambroſio Leitão em Setembro com as náos do Reyno.

CAPITULO III.

De como o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes, da Ordem do Padre Santo Agoſtinho, partio de Goa pera ir viſitar os Chriſtãos das ſerras do Malavar: e do que fez na barra do Cunhale: e do aſſento que tomou com o Capitão Mór, e mais Capitães ſobre o modo de como ſe commetteria aquella Fortaleza.

DEpois do Conde Almeirante deſpedir a Armada do Malavar, como deſejava de dar fim áquella empreza do Cunhale, ficou tomando todas as informações que lhe parecêram de homens de experiencia pera aviſar a ſeu irmão D. Luiz da Gama, como fez por muitas vezes. E porque o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes tratava de ir viſitar a chriſtandade das ſerras do Malavar, por ſer morto o ſeu Biſpo, e o Summo Pontifice lhe ter eſcrito que trabalhaſſe tudo o que pudeſſe por trazer todos aquelles Chriſtãos á obediencia da Santa Igreja Catholica Romana, o negociou, e lhe deo pera ſua embarcação huma galé, de que foi por Capitão D. Alvaro de Menezes, com ordem pera tanto que deixaſſe o Arcebiſpo em Cochim, voltaſſe logo pera o Cunhale pera ſe achar naquelle nego-

gocio em companhia de ſeu irmão : e ao Arcebiſpo encommendou muito ſe detiveſſe ſobre aquella barra, e tomaſſe informação do modo em que o Cunhale eſtava, e do em que o Çamorim o tinha cercado, e por onde ſe poderia commetter a eſcala daquella Fortaleza, e de todas as mais couſas que entendeſſe convinha ao fim que ſe pertendia, e que de tudo o aviſaſſe pera mandar a ſeu irmão a reſolução do que havia de fazer, porque entendia que o Arcebiſpo faria naquelle negocio tudo o que o meſmo Conde poderia fazer, ſe ſe achaſſe lá em negocios de Conſelhos, e de advertencias.

Pelas Oitavas do Natal ſe fez o Arcebiſpo á véla, e com vento proſpero foi ſurgir ſobre a barra do Cunhale, onde D. Luiz da Gama o eſperou com toda ſua Armada embandeirada, e poſta em ordem, e o recebeo com grandes ſalvas de artilheria, e de arcabuzaria, e logo ſe foi ver com elle, e lhe deo conta do eſtado em que as couſas eſtavam, e de como o Çamorim proſeguia no cerco contra aquella Fortaleza, com muito rigor, aſpereza, e firmeza, e que tinha moſtrado de ſua parte haver de cumprir o que tinha promettido. O Arcebiſpo lhe moſtrou as inſtrucções do Conde Almeirante, e por virtude dellas

las ajuntou logo Conſelho geral de todos os Capitães, a quem o Arcebiſpo propoz a tenção do Conde Almeirante, principalmente ſobre o modo que ſe teria na deſembarcação daquella Fortaleza, pera primeiro que ſe effeituaſſe, o aviſarem, pera no Conſelho de Goa ſe verem as razões em que ſe fundavam, pera com iſſo mandar a ſeu irmão a ultima reſolução ſobre aquelle negocio; e praticado o caſo, e examinados os inconvenientes que ſe offerecêram ſobre a materia da deſembarcação, iſto he, por qual das partes ſe faria, ſe entrando pela barra, ſe deſembarcando na terra do Ariole, e depois de muito altercado tudo, vieram a concluir todos, ou os mais, que o melhor, e mais ſeguro ſería entrar toda a Armada pela barra, tiradas as galés, e deſembarcarem dos navios em terra, e pôrem ſuas eſtancias, allegando pera iſſo muitos proveitos que reſultariam diſſo; porque poſto que na entrada houveſſe algum riſco, ſem que ſe não fazia nunca guerra, todavia depois de eſtarem dentro os navios, ficariam os noſſos mais ſeguros, e deſembarcariam em terra com melhor ordem, e menos oppreſsão, porque os noſſos navios varejariam a ribeira com ſua artilheria, e fariam a deſembarcação mais franca; e que ficando os navios com as

proas

proas em terra, teriam os noſſos mais á mão os provimentos de munições, e de todas as mais couſas, porque ficariam ſendo armazens de tudo o de que tiveſſem neceſſidade pera o eſcalar da Fortaleza, porque não era poſſivel irem todos tão providos, que lhe não vieſſem a faltar as couſas; e com iſſo ſerviriam de recolherem os feridos, e de coſtas aos noſſos pera peleijarem mais affoitos, tendo-as ſeguras; e que acontecendo hum deſaſtre, teriam onde ſe recolher, e repairar; e que vendo-ſe o inimigo cercado pelo rio, ſem dúvida ſe entregaria logo, porque lhe não ficava outro remedio, porque ſó nelle tinha ſuas eſperanças; e debatidas todas eſtas, e outras couſas, vieram a concluir que entraſſe no rio com toda a Armada, e que dos navios fizeſſem preſtes pera deſembarcarem os noſſos a pé enxuto.

Diſto ſe fez hum aſſento aſſignado por todos, que o Capitão Mór deſpedio, e mandou ao Conde por hum navio ligeiro, eſcrevendo-lhe elle, e o Arcebiſpo a diſpoſição em que as couſas ficavam, affirmando-lhe que convinha ao Eſtado deſtruir aquelle inimigo; porque ſegundo eſtava poderoſo, ſe ſe diſſimulaſſe com elle, viria em pouco tempo a ſer ſenhor do mar, e os Portuguezes a ficarem encurralados em

ſuas

ſuas Fortalezas ; e que ainda aſſim no eſtado em que eſtava , vivia tão poderoſo , e ſoberbo , que ſuas Armadas já não eſtimavam as noſſas ; nem os noſſos navios tantos por tantos ouſavam a ſe encontrar com os ſeus , e aſſim como ſenhor do mar da India eſtava muito rico de theſouros , pelas grandes prezas com que todos os annos ſuas Armadas ſe recolhiam , e por eſſe reſpeito dobrava todos elles a cópia de navios , e gente.

Deſpedido o recado , depois do Arcebiſpo fazer na barra de Cunhale todas as diligencias que lhe parecêram neceſſarias , ſe foi pera Cochim , e com elle continuaremos depois. O recado que o Capitão Mór deſpedio ao Conde Almeirante chegou a Goa em poucos dias ; e vendo elle o eſtado em que aquellas couſas eſtavam , por tão verdadeira informação , como era a do Arcebiſpo , e o aſſento que ſe lá tomou ſobre a deſembarcação , convocou Conſelho geral , e nelle moſtrou as cartas , e papeis que lhe vieram , e propoz os termos em que a guerra ficava , e a ſegurança com que o Çamorim continuava no cerco contra o Cunhale , e o que ſe determinou ſobre a deſembarcação , e todas as mais couſas que lhe parecêram ſobre o que ſe devia votar , o que tudo fez com muita

cla-

clareza, destreza, e sufficiencia, pera que não ficasse cousa, que causasse dúvida aos que haviam de votar, nem de que lançassem mão, que lhe ficára por inadvertencia; porque em todas as materias estava muito resoluto, e debatido tudo pelos do Conselho; e vistos os proveitos que os Capitães, que estavam sobre Cunhale, apontavam, entrando pela barra, como homens que estavam com as mãos na massa, votáram que os navios entrassem pelo rio dentro, e que com as proas em terra ficassem sendo Fortaleza aos nossos, em quanto commettessem a Fortaleza; e que se corresse com o Çamorim tão pontualmente, e com tantos respeitos, que não viesse a cahir em alguma desconfiança, que fosse occasião de se perder aquella jornada, e que se lhe promettessem, e fizessem as pazes que pedia com todos os favores possiveis. Sobre estas diligencias fez o Conde outras da sua parte, como quem desejava daquelle negocio ir muito bem encaminhado, e ter o fim que se desejava, assim pelo que cumpria ao serviço de Deos, de ElRey, e do bem commum, como pelo seu particular, pois commettêra aquella empreza a seu irmão, inquirindo de homens velhos, e que sabiam do negocio da guerra, e do Malavar o que lhe pareceo necessario pera o

avi-

avisar, porque lhe não ficasse cousa alguma por fazer; e eu cuido que sobre isso lhe dei hum papel com a descripção daquelle rio, assim como aqui a pintei, e sitio daquella Fortaleza, e por onde se podia commetter, e escalar, que me deo hum Pero de Braga, que esteve muitos annos naquella Fortaleza feito Mouro, e tão valído do Cunhale, que era a segunda pessoa diante delle; e por esse respeito lhe chamavam Cunhale pequeno, que depois fugio com risco seu, como o eu conto na undecima Decada, no tempo do Governador Manoel de Sousa Coutinho.

Em fim, depois do Conde Almeirante fazer todos os bons officios que lhe parecêram sobre aquelle negocio, e resoluto em mandar assaltar aquella Fortaleza, elegeo a Luiz da Silva, irmão do Regedor, pera Capitão Mór da dianteira, que elle pedio, e solicitou, por ser hum Fidalgo de grande brio, e desejoso de ganhar honra, que logo se fez prestes com dous navios armados á sua custa, a quem acudíram muitos Fidalgos, e soldados, parentes, e amigos, e criados.

E parecendo que seriam necessarias algumas barcaças pera bater a Fortaleza, mandou aprestar duas, e huma dellas encarregou a Belchior Calaça, Capitão velho,

e de muita experiencia; a outra deo a Manoel Froes, homem do mar, mas de muita confiança, e experiencia. Diogo Moniz Barreto, que se quiz achar naquella empreza, foi n'um navio á sua custa, com quem se embarcáram muitos Fidalgos, e Cavalleiros, que continuamente tinha em sua casa, e assim se fizeram prestes alguns Fidalgos, em navios ás suas custas, pera irem de soccorro com muitos Fidalgos, e soldados; e só me lembra de D. Bernardo de Noronha, e de D. Manoel de Lacerda, que todos partíram em companhia.

Quasi no mesmo tempo chegou a Goa Sebastião Botelho, Capitão Mór dos Sanguiceis da costa do Norte, que o Conde tinha mandado chamar pera o mandar de soccorro a seu irmão, em cuja companhia vieram muitos Capitães em navios seus ás suas custas, pera se acharem naquella occasião, que foram D. Luiz Lobo, D. Manoel, e D. Rodrigo de Castro, seu irmão, filhos de Baçaim, Salvador de Sampayo, filho de Heitor de Sampayo, Antonio Pereira Coelho de Damão, e outros que me não vieram á noticia; e estando todos embarcados esperando na barra recado do Conde pera se partirem pera Cunhale, foi D. Manoel Pereira visitar seu filho D. Rodrigo, que era hum dos Capitães da Armada

de

de Sebaſtião Botelho ; e ao tempo de darem á véla, eſtando no navio do filho, ſe deixou ficar, dizendo-lhe que ſe calaſſe, que elle havia de ir achar-ſe naquella empreza, e aſſim ſe foi com elle com ſó o fato que levava veſtido no corpo, e com que andava na Cidade, ſendo de mais de ſeſſenta annos, e tendo ſido Capitão de Baçaim ; o que fez ſó por envergonhar alguns Fidalgos mancebos, que ficavam paſſeando em Goa. Eſtas novas chegáram ao Capitão Mór, que elle recebeo com muita honra, e alvoroço ; e quando vio D. Manoel Pereira, velho daquella maneira, e com aquelle zelo, levou-o pera a ſua galé, e lhe mandou dar fato, e armas, e tratou-o com muito reſpeito, como era razão: e aqui os deixaremos, por darmos conta do que o Arcebiſpo paſſou em Cochim, e do ſoccorro que aquella Cidade mandou.

CAPITULO IV.

Do que o Arcebiſpo fez em Cochim com aquelle Rey : e do ſoccorro que aquella Cidade mandou a D. Luiz da Gama.

CHegado o Arcebiſpo a Cochim, foi recebido daquella Cidade com muitas feſtas, e alegrias, indo-o buſcar ao caes o

Bispo, Cabido, Vereadores, e todo o mais povo, como era razão se fizesse áquelle Prelado de tantas partes, e sangue: e logo tratou com a Cidade o soccorro, pera mandar a D. Luiz da Gama, que os Vereadores já tinham prestes, que eram tres navios mui cheios de soldados, e munições, de que elegêram por Capitão Mór Lourenço Correa da Franca, Fidalgo do habito de Christo, dos Francas de Tangere, que todos foram muito bons Cavalleiros, como o elle era, e os Capitães dos outros dous navios foram D. Gaspar de . . . . , e Francisco Botelho Cabral, filho de Manoel Botelho Cabral, hum Fidalgo velho, que fora Escrivão da Matricula geral, e Secretario do Estado, e o Arcebispo negociou a galé em que foi, em que tornou D. Alvaro de Menezes com muitos soldados, e outro catur, em que metteo criados seus, homens, e bons soldados: e porque havia pouco chegára de Ceilão André Pereira Coutinho, filho de Jorge Pereira Coutinho, Capitão que foi de Chaul, que se foi apresentar áquella Fortaleza, por hum degredo que tinha, e sabendo daquella occasião, fretou hum navio, e ajuntou muitos soldados pera irem com elle. D. Francisco de Sousa, filho de D. Pedro, tambem nesta occasião era chegado a Cochim de Ceilão,

on-

onde ſe fora appreſentar por ter certos annos de degredo pera aquella Ilha, e com licença do General della vinha buſcar ſua caſa, tambem fretou outro navio com ſoldados, e ſe foi ao ſoccorro de Cunhale.

E juntos todos eſtes navios, deram á véla, e em poucos dias chegáram a Cunhale. Vendo ElRey de Cochim aquellas preparações, e o animo com que o Çamorim eſtava pera deſtruir aquelle inimigo, deram-lhe os ciumes, e houve que ficando o Çamorim por eſta via amigo do eſtado, ficava elle abatido, e acanhado; porque todo o ſeu poder, riqueza, e eſtado conſiſtia na amizade dos Portuguezes: pelo que lhe vinha bem vellos travados em guerra com o Çamorim pelos bens que diſſo lhe reſultavam; porque além do proveito em que ſempre trazia o olho, tanto mais ſe hia alevantando em poder, quanto mais via o Çamorim (que era ſeu inimigo capital) abatido; porque havendo guerra entre elle, e os Portuguezes, ſempre o eſtado o havia miſter, e com pazes temia vir a menos, e perderem-lhe o reſpeito; e pera eſtorvar eſtas lianças, e que o negocio do Cunhale não foſſe por diante, e ſe eſtorvaſſe aquella liga, uſou deſtes ardís, de que eſtes Gentios são meſtres. Mandou por João Pereira de Miranda dizer ao Arcebiſ-

po,

po, que elle como irmão em armas de El-Rey de Portugal, e como tão obrigado por quantas honras, e mercês, como tinha recebido dos Portuguezes, o mandava avisar debaixo de todo o segredo do mundo, que elle tivera cartas de pessoas de confiança, que assistiam no Conselho do Çamorim, em que lhe affirmavam, que aquella guerra do Cunhale tudo eram traças do Çamorim, ordenadas antre elle, e o Cunhale pera ao tempo do assalto virarem todos as armas contra os Portuguezes, e matarem-nos em satisfação de quantos aggravos, e damnos tinham delles recebido: que lhe mandava pedir escrevesse ao Capitão Mór que sobreestivesse naquella execução, e que por nenhum caso commettesse a desembarcação, e dissimulasse o melhor que pudesse ser com aquelle negocio.

E depois de sobre isto fazer grandes medos a João Pereira, e muitos espantos, lhe disse que daquelle recado, que mandava ao Arcebispo por elle, e da resposta que lhe désse, lhe passasse huma certidão pera mandar a ElRey seu irmão, porque depois se não queixasse o Viso-Rey, que não tivera quem o avisasse. João Pereira, como homem, que creo o que lhe ElRey disse, representou ao Arcebispo o seu recado com exteriores de homem, que atalhava tanto

da-

damno, quanto ſe apparelhava aos Portuguezes. O Arcebiſpo ficou algum tanto embaraçado, por ter muito conhecimento da pouca fé, verdade, e lealdade deſtes Reys Gentios, principalmente do Çamorim, que nunca guardou juramento, nem contrato das pazes, cujo antiquiſſimo odio era tal, que ſe podia ſuſpeitar aquillo delle; e ſobre tudo ter tanto conhecimento de ſua miſeria, e cubiça que era ſempre tal, que ſe o Cunhale lhe déſſe dinheiro, quebraria ſua lei, quanto mais ſua palavra.

E conſiderando aquellas couſas comſigo, que eram de qualidade que podiam dar muito em que cuidar por ſerem de tanta importancia, e fazendo ſobre ellas muitos diſcurſos, e praticando-as com D. Antonio de Noronha, Capitão daquella Cidade, com Manoel de Lacerda, e outros Fidalgos velhos, inſpirou-lhe Deos no coração hum não ſei que, com que ſe determinou a crer que tudo aquillo eram artificios, e invenções de ElRey de Cochim, cahindo no porque o faria, porque ao meſmo Çamorim lhe convinha dar fim áquella empreza, e deſtruir aquelle Mouro, contra quem tinha mettido tanto cabedal, e deſpendido tanto dinheiro, e dado claros ſinaes de ſua fé, e moſtrando tanto animo, e zelo pera ir com eſte negocio ávante;

por-

porque ficando aquelle Mouro em pé, eſtava certo alevantar-ſe de todo, e tomar aquelle Reyno, porque bem ſabia o Çamorim quão falſos, enganoſos, e traidores eram eſtes Mouros, de quem nunca já ſe havia de fiar, nem o Cunhale delle; e reſolutos niſto, mandou o Arcebiſpo reſponder a ElRey de Cochim, que lhe agradecia muito aquelle aviſo, que bem via proceder de ſua muito antiga lealdade, e do muito que lhe os Portuguezes ſempre merecêram; mas que naquelle negocio não havia pera que tomar outra determinação, porque eſtavam os Portuguezes reſolutos em ſe fiarem do Çamorim, porque pera iſſo havia cauſas mui licitas, e que convinha aquelle negocio muito ao meſmo Çamorim; e que em penhor de ſua fé offerecia as peſſoas principaes, e de mór eſtimação do ſeu Reyno pera ſegurança dos noſſos; e que quando houveſſe algum engano, ou de huma parte, ou da outra, quaeſquer que ficaſſem vivos dos noſſos baſtavam pera vingar tamanha traição, e as mortes dos parentes, amigos, e companheiros.

E certo que niſto ſe vio bem quanto Deos noſſo Senhor queria que eſte tyranno ſe acabaſſe, e pagaſſe as mortes de tantos Portuguezes, quantos por ſeu mandado fo-

foram martyrizados, de cujo ſangue aquellas praias eſtavam banhadas, pedindo a Deos vingança; porque ſe não acudíra com ſua miſericordia em tirar da imaginação do Arcebiſpo, que tudo aquillo eram invenções, e eſtratagemas de ElRey de Cochim, e aviſára diſſo ao Capitão Mór do Malavar, e ſe eſpalhára pela armada, ſem dúvida que aquella empreza ſe não effeituára, e aquelle Mouro ficára em pé, porque já ſe não haviam de fiar do Çamorim.

Ouvindo ElRey de Cochim a reſpoſta do Arcebiſpo, não deixou de entender que aquelle remoque do engano de huma parte, ou da outra dizia por elle, e diſſimulou o melhor que pode; mas vendo que por alli não pegára ſua pertenção, diſcurſou outro modo, por onde pudeſſe eſtorvar aquella jornada, e offereceo-lhe o diabo o melhor que podia ſer, que foi fazer guerra ao Caimal da Carugueira, vaſſallo, e alliado do Çamorim, de quem tinha alguns aggravos, e metter-lhe muita gente por ſuas terras, porque eſtava certo deixar o Çamorim o cerco, e acudir ao ſoccorrer, porque lhe não entraſſe pelas do meſmo Çamorim; e logo mandou pôr em campo ſeſſenta mil Naires, pera com aquelle negocio poder atemorizar-ſe o Çamorim, e deixaſſe tudo por acudir ao ſeu. Diſto foi lo-

go

go aviſado o Arcebiſpo ; e entendendo a malicia daquelle Rey , e o damno que faria, ſe ſahiſſe com ſeu intento até o cabo, em humas viſtas que com elle teve lhe pedio muito que dilataſſe aquella expedição, que queria fazer contra aquelle Caimal, pera depois do negocio de Cunhale concluido, e que alli lhe ficava tempo largo pera pôr por obra o que pertendia; que ElRey de Portugal ſeu irmão o eſtimaria muito, e ſentiria em extremo o contrario, porque sería aquillo occaſião de ſe perder aquella empreza , em que tanto cabedal ſe tinha mettido : e por taes termos levou eſte negocio, que lho não pode ElRey negar, e aſſim ceſſou por então daquella guerra.

CAPITULO V.

Do conſelho que o Capitão Mór tomou ſobre o modo de como ſe commetteria a Fortaleza: e das preparações que pera iſſo fez: e de como alguns Fidalgos ſeus amigos lhe fizerão mudar o parecer.

CHegados todos os ſoccorros , cartas, e advertencias , que o Conde Almeirante mandou a ſeu irmão , convocou elle a Conſelho geral todos os Fidalgos, Capitães, e Cavalleiros principaes da Armada, e

e moſtrou-lhes as cartas do Viſo-Rey, e a determinação que ſe tomou no Conſelho de Goa ſobre o modo de como ſe commetteria a Fortaleza do Cunhale, e lhes pedio que por ſima de tudo tornaſſem a votar livremente ſobre aquelle negocio, porque eſtavam alli muitos, que ſe não achâram nos Conſelhos paſſados, e era bem que pois viam com o olho o eſtado em que aquellas couſas eſtavam, que ſe ouviſſem tambem ſobre ellas; e debatido de novo o caſo, tornáram a votar que ſe commetteſſe a Fortaleza, entrando pela barra dentro todos os navios deſemmaſtreados, como já eſtava aſſentado, porque era negocio mais ſeguro, e de menos riſco, dando pera iſſo quaſi as meſmas razões paſſadas.

Reſumido o Conſelho, mandou o Capitão Mór logo deſemmaſtrear os navios, e fazer as preparações que lhe parecêram neceſſarias, e nomeou os navios, que haviam de acompanhar a Luiz da Silva na dianteira; e porque o rio eſtava impedido com maſtros lançados no fundo, encommendou aquelle negocio a Sebaſtião Botelho, a André Rodrigues Palhota, Franciſco Pays, e Pero Rodrigues o Malavar, que de noite no mór ſilencio della entráram o rio em almadias pequenas, levando comſigo mari-

ri-

rinheiros, e mergulhadores, que andáram por baixo da agua trabalhando até arrancarem hum maſtro grande, que eſtava prezo com huma cadeia de ferro, e a argola de ſima, em que ficava prezo, acháram quebrada, que lhes pareceo que fora alguma bombardada que lhe deram, arrancando eſte maſtro, que Franciſco Pays tirou, e levou á barcaça onde o amarrou, ficando trabalhando tudo o que puderam por tirar os mais; mas não lhes foi poſſivel, por eſtarem pregados com prégos mui groſſos ſobre cabeças de grandes eſtacas mettidas no lamarão dentro na vaſa; mas todavia com aquelle maſtro que tiráram lhe ficava hum canal pelo meio, por onde todos os navios podiam entrar largamente: neſte canal acháram braça e meia de agua em baixa mar de todo.

Em fim, feitas todas eſtas diligencias, e preparadas as couſas pera aquella entrada, e aſſalto, que havia de ſer de madrugada da terça feira que vinha, que eram tres de Março, mandou o Capitão Mór aviſar o Çamorim, e pedir-lhe os refens, que lhe elle logo mandou, que foram Uniaré Chararé, o Principe de Tanor, e outros Regedores, e Principes do ſangue, que ſe mettêram na galé em lugar ſeparado por ſerem Gentios, onde foram tratados muito hon-

honradamente; e como os lá teve, mandou á parte do Çamorim Belchior Ferreira por Capitão Mór de trezentos homens, pera por lá assaltarem as tranqueiras, e ir-se ajuntar na povoação com a mais gente, que havia de desembarcar pelo rio, a quem o Çamorim tinha promettido seis mil Naires com todos os machados, alavancas, escadas, e mais cousas que lhe fossem necessarias.

Passada esta gente ao Çamorim, deo o Capitão Mór ordem á desembarcação, como já estava assentado, que era levar Luiz da Silva a dianteira com seiscentos homens com os Capitães, que adiante nomearemos, na desembarcação; e com elle o Sargento Mór D. Antonio de Leiva, Portuguez, soldado velho, e muito experimentado, que se tinha achado na batalha naval na galé do Senhor D. João d'Austria; e pelo que nella lhe vio fazer, lhe deo o Dom, e o habito da cavalleria de Calatrava; e estando tudo preparado, mandou o Capitão Mór recado ao Çamorim, que ao outro dia no quarto da alva lhe mandaria fazer hum sinal com huma lança de fogo no ar, pera que ao mesmo tempo commettessem por lá a Fortaleza, como os navios haviam de fazer por estoutra parte, e pera este negocio se gastou todo aquelle dia

em

em ſe confeſſarem os ſoldados da Armada; porque ainda que antre elles ha muitas ſolturas, e devaſſidões de mancebos, e gente que milita, neſte negocio da chriſtandade, e temor de Deos são extremados ſobre todos, porque nunca tiram ſuas contas das mãos, nem deixam de ouvir todos os dias ſua Miſſa, quando póde ſer, com outras couſas deſte toque muito pera eſtimar nelles; e á volta diſto alimpáram ſuas armas, fizeram ſeus pelouros, e ordenáram ſuas eſpingardas.

Eſtando tudo preſtes, parece que entendêram alguns Fidalgos que o entrar pela barra era de muito riſco, e perigo, por cauſa do baluarte que eſtava ſobre ella; porque delle poderiam muitos navios ſer mettidos no fundo. Ajuntáram-ſe ſinco, ou ſeis aquella noite, e foram-ſe á galé do Capitão Mór, e mettidos na ſua camara, o começáram a perſuadir que mudaſſe o Conſelho, porque tinham todos aſſentado que o entrar pela barra, como eſtava determinado, ſería perdição daquella Armada, porque lhe poderiam metter tantos navios no fundo, que lhe não ficaſſe poder pera darem o aſſalto; e que qualquer deſaſtre que ſuccedeſſe, quebraria os corações aos homens de maneira, que ficaſſem amedrentados; e que ſuccedendo o que elles temiam,

quan-

quando os navios quizessem tornar a sahir pera fóra, correriam o mesmo perigo, e que pela informação que tinham, no canal não havia agua pera poderem entrar os navios dentro, senão lançados á banda, no que diziam muitos, que se enganáram, ou se quizeram enganar por darem melhores côres ás razões com que quizeram persuadir ao Capitão Mór a mudar o assento, que se tinha tomado no Conselho, que entrassem os navios pela barra dentro. Em fim, persuadíram ao Capitão Mór, que se se commettesse aquelle negocio pela banda do Ariole, sería de mais effeito, e de menos perigo, e risco, porque o rio não tinha mais largura que de hum tiro de funda; que em jangadas, que se podiam fazer muitas, se passaria toda a gente a outra parte, e desembarcariam em terra á sua vontade, e sem o perigo de provarem primeiro a furia da artilheria do baluarte branco (que assim se chamava o de sobre a barra) e tantas razões lhe deram sobre aquelle negocio, que o rendêram a lhe parecer que o aconselhavam como amigos, e sem respeito algum, e assim tiveram depois alguns pera si, que parecia conselho acertado, e só se póde reprender o Capitão Mór de mudar o conselho, e ordem do Viso-Rey, no que elle não deixou de

ca-

cahir; mas por lhe parecer que ſe aquillo, que lhe facilitavam, ſuccedeſſe bem, o deſculparia de tudo, não lhe lembrando que melhor he perder-ſe hum Capitão na guerra por cumprir os mandados do ſeu Rey, ou Viſo-Rey, que ganhar-ſe deſobedecendo; e ſe não, vede quantos Conſules caſtigou o Senado Romano por vencerem fóra do ſeu regimento, e o outro, que mandou cortar a cabeça ao filho por acceitar o deſafio do Francez, com elle o matar no campo, porque foi ſem ſua ordem; porque aqui não ſe tem reſpeito á vitoria, ſenão á deſobediencia, porque a obediencia faz os exercitos poderoſos, e os ſoldados esforçados, e a boa diſciplina na guerra he principio de vitoria.

E tornando ao fio da hiſtoria, reſoluto o Capitão Mór em commetter o aſſalto pela parte do Ariole, mandou recado a Luiz da Silva, e mais Capitães que ſobreeſtiveſſem, e não buliſſem comſigo até o outro dia, que lhe daria razão de ſi. Eſta mudança correo logo pela Armada, que muitos ſentíram, por entenderem que ſe encaminhava tudo a huma grande deſaventura, como aconteceo, e não deixáram muitos de murmurar; e ainda houve peſſoas, que ſe deſordenáram, e deſcompuzeram em palavras contra os que mettêram, e fo-

ram

ram causa de se não guardar o que se assentou em Conselho, e quem estes foram logo se soube: em fim elle ficou assentado pera o outro dia, em que se passáram pera a parte do Ariole pera se ordenarem as jangadas, pera que se tomáram muitas almadias, que havia por aquelle rio, e juntas de duas em duas atravessáram por sima alguns barrotes bem amarrados, com o que ficáram capazes de poderem passar de dez homens, e algumas de vinte, porque as almadias eram mais de sessenta, em que se orçou poderem passar seiscentos homens, que era a cópia que o Capitão Mór tinha nomeado a Luiz da Silva pera a dianteira.

CAPITULO VI.

De hum maravilhoso sinal que appareceo no Ceo: e de como os nossos commettêram a desembarcação: e de como Luiz da Silva foi morto ao chegar da terra.

TOdo aquelle dia gastáram os nossos em fazerem jangadas, e em se prepararem pera o assalto: por esta ordem o fez Belchior Ferreira, que estava da parte de Çamorim com trezentos homens, cujos Capitães eram D. Pedro de Noronha, Lopo de Andrade de Gamboa, Lourenço Cal-

deira, os dous irmãos Castros de Baçaim, Salvador de Sampayo, Protasio Matoso, Antão Fernandes, que andava em hum navio de D. Fernando de Menezes, Capitão de Cananor, Manoel de Miranda de Torres, que tinha a Fortaleza de Maluco, e Antonio Coelho Malavar: estes com sua gente haviam de commetter as tranqueiras do Cunhale; e tanto que as entrassem, irem marchando até o terreiro da Fortaleza, onde achariam Luiz da Silva com toda a gente da dianteira pera committerem a Fortaleza; e que todos a hum tempo commetteriam o seu cerco, tanto que vissem na barcaça fazer sinal com huma lança de fogo, que sería no quarto da alva.

E como este negocio de commetterem a desembarcação em jangadas era a total perdição dos nossos, parece que os quiz Deos avisar com hum sinal maravilhoso, que lhes mostrou aquella noite no Ceo, que os pudéra fazer tornar sobre si, e verem com o olho sua perdição; mas os peccados da India fechou os olhos aos que foram occasião de tão grande damno, e destruição: o sinal foi este: a noite da quarta feira quatro do mez de Março, no quarto da prima, víram correr da parte de Leste hum raio de fogo, como huma grande bomba, que parando sobre a nossa Arma-

da,

da, ſe desfez entre eſtrellas, ou faiſcas em breve eſpaço, com grande eſpanto, e admiração dos noſſos, e não menor alegria do Cunhale, porque teve aquelle ſinal por bom prognoſtico pera elle, e pera os noſſos por muito infelice, como foi. Não ſei de que qualidade eſte ſinal ſeja, ſenão ſe lhe chamarmos trave de fogo, a que os Gregos chamam Docci; mas algumas ſe víram já deſtas, que não deitáram faiſcas, como deita hum foguete, que ſe arremeſſa por eſſes ares. Ser eſtrella errante, tambem não póde ſer, porque eſtas não moſtram nunca tamanha claridade. Se lhe quizermos chamar cometa, ſerá erro grande, porque eſtes tem outros effeitos muito differentes, e ſempre apparecem á parte de Oeſte, e durão muitos dias, e não tem mais que relampadejar, e lançar pera ſima huma eſpadana, ou huma coma, por onde me parece que foi raio; porque muitas peſſoas me affirmáram, que ao desfazer-ſe ſentíra André Rodrigues Palhota quebrar-ſe-lhe a eſpada, que tinha na cinta, em tres pedaços, que he o meſmo effeito de alguns raios, ſegundo ſe lê na materia delles.

Em fim, preparados todos, repouſáram de noite pouco, e eſtiveram vigiando o ſinal que eſtava encommendado a Belchior Calaça, que parece que ſe enganou nas eſ-

trellas, por onde se governão os quartos, que se vigiam nas Armadas; e parecendo-lhe que era o da alva, fez o sinal pouco mais de meia noite; e tanto que foi visto de Belchior Ferreira da parte do Çamorim, abalou logo com a sua gente, e quatro, ou sinco mil Naires do Çamorim, sem lhe elle dar as escadas, e mais petrechos, que tinha promettidas, e com grande determinação commettêram as tranqueiras de madeira, a que puzeram fogo por algumas partes; mas como os Mouros eram muitos, logo o apagáram, e sobre isto houve muitas espingardadas, settadas, e outros generos de morte, que cahíram sobre os nossos, de que perecêram Manoel de Miranda, Antonio Coelho Malavar, e vinte e seis soldados mais, que fizeram maravilhas por cavalgarem as tranqueiras, e ficáram, a fóra estes, feridos os nove Capitães de todos os navios, de espingardadas; e a Belchior Ferreira deram sinco nas armas, que por fortes o não matáram; mas de huma, que lhe deo por hum braço, ficou muito ferido, e do fogo que os Mouros lançáram de sima sobre os nossos, que era muito, foram alguns bem queimados; e por não particularizarmos isto, foram feridos de espingardadas cento e vinte e seis soldados, e nem com isso se affastáram das

tran-

tranqueiras, antes trabalháram tudo o que pudéram pelas entrar; e aqui os deixaremos, por continuarmos com Luiz da Silva.

Este Capitão teve tento nas horas; e posto que vio o final que se fez na barcaça, não se governou por elle pera se abalar, por ver que não era aquelle o tempo, em que ficou assentado que se fizesse; mas tanto que foi o quarto da alva, o fez, sem se saber da parte donde elle estava o que passavam os da companhia de Belchior Ferreira nas tranqueiras, e em sessenta jangadas atravessou Luiz da Silva o rio, indo elle n'uma embarcação pequena com alguns que escolheo, levando ordem pera desembarcar bem ao pé da Fortaleza, porque com o muro ficavam abrigados da artilheria delle, e com a escuridão da noite poderiam fazer a desembarcação mais a seu salvo; e que de longo do muro fossem demandar o terreiro da Fortaleza, aonde se lhe iria ajuntar Belchior Ferreira, e juntos commetteriam pela porta, que se arrombaria com vaivens, que haviam de levar pera este effeito.

Indo Luiz da Silva demandando a terra com alguns que hiam na sua embarcação, o primeiro que saltou nella foi Bento Correa, criado do Conde da Feira, que logo morreo abrazado da polvora; e a embar-

barcação com a pancada que deo em terra, tornou a recuar pera trás: e quiz a desaventura que no mesmo tempo dessem á Luiz da Silva huma mosquetada pela testa, de que logo cahio morto. Antonio Dias, o Tormenta, que levava a sua bandeira, vendo-o daquella maneira, tirou-a da hastea em que hia, e cubrio-o com ella; e tornando a embarcação a chegar a terra, Antonio Dias, e outros se mettêram nella com o corpo de Luiz da Silva, e o leváram á outra banda, de cuja morte se não soube, que foi bem grande mal; porque se se soubera, e fora á noticia do Capitão Mór, por sem dúvida se tem que todos se tornáram pera elle, e fora melhor, porque então passára elle em pessoa, e concluira-se o negocio; mas como todos os que hiam nas outras jangadas cuidavam que hia Luiz da Silva diante, e não souberam de sua morte, investíram com a terra, e pojáram na parte que cada hum pode tomar, por alcançar a gente da companhia de Luiz da Silva; e o primeiro que dellas saltou em terra foi Luiz Fragoso, que encontrou com hum cardume de Mouros, com que peleijou mui esforçadamente, e logo lhe deram huma espingardada por hum braço, e assim ferido foi seguindo os companheiros.

As

As mais jangadas puzeram as proas onde melhor pudéram, que tudo foi quasi ao mesmo tempo, e todas ao pé dos muros, onde os que estavam em sima os serviram com muitos generos de tiros, e cousas de fogo, de que muitos sahíram mui escalavrados; e como estas jangadas pojáram em differentes partes, não se pode averiguar quem fosse o primeiro de todos; ainda que alguns dizem, que a primeira que chegou a terra foi huma, em que hia Luiz de Almeida, soldado, e Capitão, muito bom Cavalleiro, a quem antes que puzesse os pés em terra deram huma espingardada no lado direito; e cuidando elle que era mortal, quiz ir acabar em terra entre os inimigos, a que se arremessou, dizendo aos companheiros, que já que havia de acabar, queria primeiro vingar sua morte.

As outras jangadas, em que hiam D. Fernando de Noronha, D. Christovão seu irmão, que ambos hiam juntos em huma, Ruy de Sousa de Larcão, Manoel de Bendanha, e outros, cada hum n'uma, foram varar pera a banda do baluarte do Cutimuça ao pé da Fortaleza, onde havia huma barranceira que os Mouros tapáram com huma estacada de tranqueira de pedra até o canto da Fortaleza, e os primeiros que sahíram em terra da jangada de D. Fernando

do de Noronha, foram Thomé Diniz, e após elle Simão Rabello de Castello-branco, e Francisco Borges; e ao desembarcar achou o Thomé Diniz huns poucos de Mouros, que acudíram a lhe tolher a desembarcação, com quem se baralhou de feição, que veio a braços com hum que matou ajudado de Simão Rabello. Ruy de Sousa de Larcão, Manoel de Bendanha, D. Manoel Mascarenhas, André Rodrigues o Palhota, e outros desembarcáram todos quasi ao mesmo tempo, que acháram na borda da agua hum esquadrão de Mouros divididos em magotes, que chegáram a lhe defender a desembarcação, e afferrárão das jangadas, com quem os nossos foram peleijando valerosamente: e na força desta briga, em que se assignalou muito Ruy de Sousa de Larcão, lhe cortáram a mão direita, ao que lhe acudio Simão Rabello; e por ficar inhabilitado por falta da mão, que tinha cortada, o embarcáram os seus em huma almadia, e passáram-no á outra parte, onde chegou ao Capitão Mór com a mão dependurada, em cuja presença se destemperou em palavras contra os que não hiam soccorrer os que andavam peleijando. O Capitão Mór sentio muito ver aquelle Fidalgo daquella maneira; e muito mais por não ter embarcações, em que

po-

poder mandar ſoccorrer os noſſos; porque como Luiz da Silva morreo, não houve quem governaſſe aquellas couſas. Porque D. Antonio de Leiva, que levava ordem do Capitão Mór pera ſucceder a Luiz da Silva, acontecendo-lhe algum deſaſtre, deſembarcou longe delle, ſoube tão tarde de ſua morte, que tratando de pôr os ſoldados em ordem, foi logo morto; e ſabendo-o o Capitão Mór, mandou paſſar D. Franciſco Pereira, irmão do Conde da Feira, a quem tanto que poz os pés em terra, deram huma eſpingardada na cabeça, de que ficou ſem ſentido; que vendo-o os ſeus ſoldados daquella maneira, mettêram-no na barquinha da ſua galé, que por carregar muita gente ſe virou, e quaſi todos os que hiam nella ſe affogárão.

Sabendo o Capitão Mór da morte de D. Franciſco Pereira, mandou ordem a Belchior Calaça, ſoldado velho, e Capitão experimentado, pera governar os ſoldados; mas tratando de os pôr em ordem, lhe deram huma moſquetada pelo hombro direito, de que o derribáram; e ficou de modo, que os ſeus ſoldados o embarcáram, e paſſáram á outra banda; e por acontecerem eſtes deſaſtres aos Capitães que o Capitão Mór foi nomeando, ficáram os ſoldados ſem quem os governaſſe, e reſpeitaſſem,

que

que foi a occasião principal da perdição dos nossos; porque os que peleijáram o fizeram de modo, que os Mouros affirmáram depois que nunca os víram peleijar com mór esforço; e bem se vio, porque em tão pequeno espaço matáram mais de quinhentos Mouros, e fizeram o estrago que he notorio na sua povoação; e sem falta se alcançára a vitoria por nossa parte, se tornáram a mandar ao Capitão Mór as embarcações pera passar com o resto da gente que tinha comsigo; o que o desviou pela ordem que Luiz da Silva deo aos marinheiros dellas, e das jangadas, que não voltassem sem ordem sua, porque cuidava poder tomar a Fortaleza sem a ajuda do Capitão Mór; e queria mandar-lhe as embarcações, e jangadas, depois que estivesse de posse da Fortaleza, parecendo-lhe que se antes passasse o Capitão Mór, lhe ficava toda a honra, e gloria do successo. Erro he este, que não aconteceo só a este Fidalgo, nem foi o primeiro que desta qualidade houve neste estado, porque as Chronicas estam cheias de muitos semelhantes, porque se deixáram de alcançar grandes, e importantes vitorias com perda de muita gente, e reputação, que se deve sentir sobre tudo: ser a inveja, e ambição tão poderosa, que sendo estes effeitos tão di-
gnos

gnos de louvor, ficão efcurecidos por acontecerem a animos nobres, e generofos.

O Capitão Mór eftava a efte tempo muito trifte, e defconfolado pela morte de Luiz da Silva, cujo corpo mandou defembarcar com muito fentimento de todos; e fez embarcar na fua manchua Sebaftião Botelho com os foldados que nella couberam pera ir foccorrer os noffos: e affim tanto que chegava alguma jangada, logo a enchia de gente, e a tornava a defpedir, ao que os foldados hiam de má vontade; porque a morte de Luiz da Silva, e muitos que viam recolherem-fe feridos da outra banda os amedrentou de feição, que não havia podellos fazer embarcar, nem ainda com o Capitão Mór fe metter pela vafa pera os obrigar, e forçar a iffo. Já a efte tempo andavam pelo rio nadando muitos, huns affogados, e outros trabalhando por fe falvarem; e pera acabar de os amedrentar a todos, fe alevantou huma voz de *traição*, *traição*, que ferio as orelhas dos noffos, com que fe houveram por perdidos, e não fe foube donde ella fahio; mas eu prefumo que foi artificio do Cunhale pera defanimar nos noffos. Algumas peffoas me affirmáram, que quando o Capitão Mór víra aquelle defarranjo, e medo nos homens, fora a fua paixão tamanha,

nha, que foi neceſſario acudirem-lhe alguns amigos, e tirarem-no da vaſa, onde eſtava mettido a fazer embarcar os ſoldados: e aſſim deixaremos iſto por tornarmos aos que andavam em terra: o que faremos neſtoutro Capitulo por não enfadarmos a quem iſto ler com tanta couſa mettida em hum ſó.

CAPITULO VII.

Do que ſuccedeo aos que deſembarcáram em Cunhale: e de alguns caſos notaveis que alli paſſáram até ſe desbaratarem por ſi meſmos.

OS noſſos que deſembarcáram em terra, em differentes partes, em todas acháram Mouros, que os ſahiam a receber, e a defender a deſembarcação. D. Antonio de Leiva, Sargento Mór, andava como hum leão bravo em buſca de Luiz da Silva, porque não ſabia de ſua morte, e foi por onde a ventura o guiou, peleijando valeroſamente por ſer muito animoſo; e achando tudo deſordenado, ſem huma bandeira, a que os homens acudiſſem, e ſem huma cabeça, por quem ſe governaſſem, trabalhou tudo o que pode pelos ajuntar a ſi, e fazer hum corpo de gente com que commetteſſe os inimigos, e ſe defendeſſe delles,

les , porque cada vez ſe hia o poder engroſſando mais , e aqui o matáram de huma eſpingardada, como fica dito no Capitulo atrás. O que agora digo he, que eſte homem fez couſas, que por muito que diga delle, e faça de ſuas couſas muitos, e mui grandes Capitulos , em tudo ficarei atrás do que merece por ellas. Manoel de Mendanha , Fidalgo muito bom Cavalleiro , moſtrou bem neſte dia os quilates de ſeu esforço , peleijando com os inimigos com tanto valor, que ouvi dizer a muitos dos noſſos, que ſe podia igualar com todos os esforçados , porque por onde paſſou , foi deixando grande roſtalhada de Mouros mortos, e eſpedaçados ; mas como tinha já alli o termo da vida acabado , faltou-lhe primeiro que o esforço , porque foi morto de muitas feridas , deixando de ſi memoria , que ſe pudéra engrandecer muito mais do que o eu faço. Muitos outros Fidalgos, e Cavalleiros fizeram aqui grandes feitos nas armas : eſtes foram tantos , que ſe não podem particularizar , nem todos ſouberam dar razão delles , porque o negocio andava tão embrulhado , que fazia muito o que ſoubeſſe dar fé de ſi.

D. Fernando de Noronha , e ſeu irmão D. Chriſtovão , o Palhota , Simão Rabello, Franciſco Borges , e outros na parte em

que

que desembarcáram acháram a resistencia que dissemos, e assim foram de longo do muro peleijando com muito valor, pera irem demandar o terreiro, onde cuidáram achar Luiz da Silva, de quem tambem não sabiam; e sahindo ao largo, deram a D. Christovão huma espingardada n'um braço, e huma lançada no rosto, e outra adiante na cabeça, de que cahio; mas acudio-lhe logo Thomé Diniz, que já hia bem ferido, porque sempre foi envolto com os Mouros, e se poz sobre elle pelo defender, que o não matassem; e tanto fez, que o tornou a alevantar, e o fez recolher a huma embarcação, e quasi no mesmo lugar deram huma fréchada pelas pernas a seu irmão D. Fernando de Noronha, de que foi necessario obrigarem-no a recolher-se; e André Rodrigues Palhota, que peleijou valerosamente, recebeo outra espingardada pelas pernas, que lhas passou ambas, que foi forçado recolherem-no, e passarem-nos todos á outra banda, que isto era o que mettia mór temor nos soldados, e em outros que o não eram. Hum João do Amaral, muito bom soldado, ao desembarcar se metteo no meio de huns poucos de Mouros, com quem elle, e outros seus companheiros peleijáram com muito valor; e assim andava o Amaral furioso, que se liou com

com hum Mouro, que lhe metteo os dentes em huma orelha que quaſi lha cortou, e elle afferrou com os ſeus os narizes do Mouro de maneira, que lhos lavou em ſangue; e neſte conflito lhe acudíram alguns ſoldados por recreſcerem os Mouros, e antre elles foi hum de alcunha o Troviſcada, grande Cavalleiro, que fez bem de eſtrago nos inimigos; e chegando ao Mouro com que o Amaral eſtava liado, deolhe com hum gris que o paſſou, e derribou morto, e dizem que com a furia que levava, ferio tambem o Amaral, que já trazia outras feridas dos Mouros, como o Troviſcada, que nunca ſe reſguardou delles, antes ſempre ſe achou nos lugares mais perigoſos, onde as recebeo: eſta arma *gris* he propriamente dos Jáos, he de dous palmos, ou dous e meio de comprido, tem quaſi dous dedos de largura, tem os córtes de ambas as partes em voltas, como eſpada columbrina, e alguns são untados com peçonha.

Henrique da Silveira de Menezes, que não foi dos derradeiros ao deſembarcar, peleijou muito bem: deram-lhe huma eſpingardada n'uma mão. André da Silveira andou entre os inimigos peleijando valeroſamente, até que depois de fazer muitas, e grandes cavallerias, e eſcalavrar muitos

Mou-

Mouros, o matáram. Balthazar Pereira, Capitão de hum navio, tambem ſe aſſignalou bem até lhe darem huma eſpingardada n'um hombro. Hum João Borges Picoto, da obrigação de D. Theotonio de Bragança, Arcebiſpo de Evora, tambem fez muitas maravilhas até o matarem: hum João Borralho, ſoldado valeroſo, moſtrou aqui bem que o era, até que o queimáram, e abrazáram. Belchior Calaça com ſer de ſeſſenta annos fez taes couſas, que pudéra envergonhar muitos mancebos, e todos os que o víram peleijar: hum João Machado de Cochim fez couſas mui notaveis de esforço, e eſcandalizou bem aos inimigos, com quem ſempre andou miſturado, até que o matáram de huma eſpingardada. D. João Tello, filho do Alferes Mór, e D. Manoel de Noronha cumpríram aqui bem com a obrigação de filhos de ſeus pais, imitando-os no esforço, e cavalleria, que os inimigos ſentíram bem em ſuas carnes até os matarem. Lourenço Guedes foi aqui morto, depois de ter bem cumprido com as obrigações de quem era. Diogo de Miranda tambem deo boas moſtras de ſeu esforço até chegar a perder a vida no meio dos Mouros; e por não relatarmos tantas miudezas, baſte ſaber-ſe que todos os que tinham ſangue, e honra, foram ſempre por diante fazen-

zendo maravilhas, e todos apertáram com os Mouros de feição, que os obrigáram a ſe recolherem na meſquita, que eſtava defronte da Fortaleza, que eſtava entulhada de povo miudo: e trabalháram os noſſos tudo o que puderam pela entrar, mas não lhes foi poſſivel por ſer forte; e porque o tecto era cuberto de folhas de palma ſeccas, bradáram os que eſtavam á porta por lanças de fogo, e foi logo correndo por ellas ás embarcações hum ſoldado da obrigação de Luiz da Silva, chamado Simão Pereira; e tomando tres, tornou a voltar, e no caminho encontrou com Pero Fernandes de Carvalho, e Antonio de Magalhães, que neſte feito fizeram muitas cavallerias, e cada hum lhe tomou a ſua, e foram-ſe á meſquita, e deram fogo as lanças, e com ellas o puzeram ás olas: outros dizem que hum João Pinto, natural de Bemfica, foi o primeiro que lhe poz o fogo. A eſte tempo chegou Sebaſtião Botelho, que tinha feito muito, e com elle huma companhia de ſeus ſoldados; e vendo o trabalho em que os noſſos eſtavam de pôr o fogo ao tecto da meſquita, tomou humas lanças que levava comſigo, que tinham nas pontas mui bem atadas huns cornos de bois com pontas pera baixo, e os vãos pera ſima, todos

cheios de polvora, de feição que sobejavam por fóra em cada huma hum palmo de ferro, pera tanto que o fogo se acabasse, pelejarem com ellas. Artificio foi este, que elle inventou pera trazer nos Cotacoulões, em que elle andava por Capitão. Eram estas lanças de tanta efficacia, que huma só bastava pera axorar, e desbaratar hum Parao; e dando-lhe fogo por sima, lançáram grandissimas labaredas com temerosos terremotos, e com ellas ajudou a pôr o fogo á mesquita: e tinham estas lanças outra cousa, que de mais de duas braças affastadas, lançavam as chammas de fogo aonde queriam. Os Mouros que estavam na mesquita, tanto que as olas tomáram fogo, que começou a cahir sobre elles, arrebentáram alguns pela porta fóra, e como desatinados arremettêram com os nossos, e quasi que os fizeram desmandar. Ao que acudio Domingos de Castilho, natural de Ceita, com outros companheiros, e se oppuzeram aos inimigos, e apertáram com elles de feição, que foram fugindo pera a Fortaleza, aonde se recolhêram por huma porta que se servia por baixo de hum arco de abobada, que alguns dos nossos quizeram commetter; mas deixáram de o fazer por se temerem de minas.

A

A eſte tempo ſahio do baluarte de ſobre a barra hum eſquadrão de Mouros, que vinham em favor dos ſeus; e correndo a voz de *Mouros*, *Mouros*, foi tão grande o deſmancho dos ſoldados communs, que andavam eſpalhados, que perto de cento e ſincoenta delles ſe acolhêram pera debaixo das galeotas, que eſtavam varadas dos inimigos á borda do rio, ſem verem, pelos não deixar o medo com que hiam, quão perigoſo era o lugar que eſcolhiam; porque mais ſeguro lhes era fazerem-ſe em hum corpo, e pelejarem em defensão de ſuas vidas, quando por honra o não quizeſſem fazer, ou pela Fé de Chriſto, que eram reſpeitos que os engradeciam mais.

Os noſſos que eſtavam derredor da meſquita, vendo recolherem-ſe aquelles fracos ſoldados pera os navios, bradáram que os foſſem alguns fazer recolher, onde todos eſtavam, pera juntos reſiſtirem aos inimigos: ao que foi Sebaſtião Botelho, e com elle hum Padre de S. Franciſco, que ſe chamava Fr. Franciſco Baptiſta da Recoleta dos Deſcalços, que já fora cativo em Cunhale, e começáram a perſuadillos que ſe foſſem ajuntar com os que eſtavam na meſquita, lembrando-lhes que eram Portuguezes, e que não quizeſſem abater,

e affrontar ſua nação, que tão temida fora ſempre em todas as partes do mundo. A voltas diſto alevantou o Padre no ar hum devoto Crucifixo, e lhe diſſe: *Eia, ſoldados de Chriſto, e esforçados cavalleiros, ſegui eſte Capitão, e eſta ſua bandeira, que certa eſtá a vitoria em quem á ſua ſombra quizer pelejar.* Com eſta exhortação ſe foram os ſoldados ſahindo de debaixo dos navios, como homens que queriam ſeguir tão formoſo eſtandarte; e cuidando o Sebaſtião Botelho, e o Padre Fr. Franciſco Baptiſta, que vinham apôs elles, começáram a andar; e virando pera trás, os víram lançar todos ao mar pera ſe paſſarem á outra banda, não lhes deixando ver ſua covardia, que ſe fugiam de huma morte, hiam dar em outra mais affrontoſa, e de mór vituperio; e que já que haviam de morrer, fazendo-o com a eſpada na mão, ficavam vivendo no Ceo por gloria, e na terra pela fama que de ſi deixavam; e aſſim arriſcáram todos as vidas, e não ſei ſe as almas, por tomarem morte por ſuas proprias vontades, e deſtes ſe affogáram a mór parte. Os que pelejavam junto á meſquita defendêramſe dos inimigos com muito valor, e esforço com verem tudo perdido; e o que os acabou de desbaratar, foi a meſma voz de

trai-

traição, *traição*, como da outra banda, que causou nos peitos dos que pelejavam grande terror.

Luiz de Almeida, que já tinha as duas feridas que disse, indo com hum matalote seu, chamado João da Cunha, e com alguns companheiros mais, foram pelejando valerosamente, fazendo sempre rosto aos inimigos, até que deram ao Luiz de Almeida outra lançada por baixo do braço direito, que o passou á outra parte, e huma cutilada por huma perna, de que cahio, tendo a rodela, chuça, e morrião, com que sempre pelejou, tudo feito pedaços; porque daquella feita que recebeo estas feridas, teve o encontro a dous façanhosos Mouros rodeleiros, que derribou a seus pés mortos. O João da Cunha, que tambem tinha imitado ao companheiro, vendo-o cahido, alevantou-o com os outros, e foram-se recolhendo com elle pera as embarcações, indo perseguidos de alguns Mouros; mas soccorreo-os outro amigo, chamado André Simões com alguns soldados, que arremettendo com os Mouros, os escalavráram, e fizeram fugir, com o que tiveram tempo de pôr em salvo o Luiz de Almeida, e passaram-no á outra banda, e dahi foi levado á Galé Capitânia aonde foi curado, e viveo: e ainda se achou na toma-

mada daquella Fortaleza em companhia de André Furtado, onde fez outros feitos, que em seu lugar se contaráõ.

Já neste tempo era tudo perdido, e no mar havia alguns corpos mortos; e alguns dos nossos, que ainda estavam em terra por primor, se não quizeram lançar ao mar, como foi D. Antonio de Leiva, Sargento Mór, que vendo aquelle negocio concluido, e de má maneira, foi-se recolhendo pera as embarcações; e não achando alguma em que se metter, não se quiz lançar ao mar, assim pela affronta que nisso recebêra, se o fizera, como por fugir á morte, que lançando-se ao mar, tinha certa, por ir todo armado de armas inteiras, tanto que até grevas levava nas pernas. Pelo que tornou a voltar aos inimigos, que já não eram tantos, e arremessou-se entre elles, como hum leão, fazendo nelles bem grande estrago; e depois de andar já muito cansado, e não poder bracejar, cahio morto de muitas espingardadas. Simão Rabello, em quem já fallei, pelejou este dia valerosamente; e depois de tudo perdido, vendo-se ferido de muitas feridas, se foi recolhendo pera a praia, pelejando sempre de rosto com os inimigos até chegar á borda da agua; e não achando embarcação em que se recolhesse, passando-lhe

pe-

pela memoria a affronta que ſeria morrer affogado, diſſe a alguns companheiros, que o ſeguiam, que trataſſem de ſe ſalvar, porque elle não havia de morrer affogado no mar, ſenão entre Mouros na terra; e lançando-ſe em meio delles, que o ſeguiam, fez tantas maravilhas até que cahio morto.

O Padre Fr. Franciſco Baptiſta andou ſempre com o Crucifixo alevantado no meio da briga animando aos noſſos, e pedindo a Deos miſericordia; e vindo hum pelouro de eſpingarda encaminhado por vontade de Deos, deo em hum braço do Crucifixo, e quebrou-lho, ficando dependurado pelo outro. O que viſto pelo Padre, alevantou a voz, dizendo: *Ah cavalleiros de Chriſto, vingai eſta offenſa feita a voſſo Deos pelos móres inimigos que tem, e ha do ſeu Santo Nome*; e abraçando-ſe com o Crucifixo, dizendo muitas laſtimas, e derramando muitas lagrimas pelo ver aſſim tão mal tratado, e abraçado com elle, o matáram: e de crer he que iria ſua alma direitamente á gloria a receber a coroa do martyrio.

Os que puderam alcançar jangadas ſalvaram-ſe nellas. D. Franciſco Pereira, irmão do Conde da Feira, de quem ha pouco fallámos, vindo ao longo da praia com al-

alguns companheiros, lhe deram huma efpingardada na cabeça, de que ficou fem fentido; e achando os companheiros a barquinha da fua galé, o mettêram dentro: foi tanta a gente que fe metteo na bateira, que fe virou, e morreo affogado aquelle mancebo, que tinha dado de fi muitas, e mui grandes efperanças do que ao diante houvera de fer; mas atalhou-lho a fortuna invejofa do feu valor, porém não lhe tirára a fama que de feu esforço lhe dará efta noffa efcritura; e ao virar da bateira acudíram alguns Mouros em embarcações pequenas, depois de verem tudo perdido, pera andarem á pefcaria dos noffos que andavam no mar, e fifgavam-nos como fe foram peixes, e os alanceavam com tanta crueldade, como he a que os Mouros coftumam ter contra Chriftãos. Mas hum Luiz Cardofo, bom foldado, que alli hia, acertou de haver huma lança ás mãos; e cavalgado na quilha da bateira, defendeo com muito esforço, ainda que com grande trabalho, quantos eftavam afferrados na bateira até fe falvarem. Eis-aqui tudo perdido, e desbaratado; mas todavia não foi tanto a falvo dos Mouros, que não ficaffe o campo fem haver quem nelle pelejaffe, porque a mór parte dos feus aventureiros, que fahíram aos noffos, foram mortos, e feridos.

Bel-

Belchior Ferreira, que deixamos com a tranqueira pelejando com os inimigos valerosamente, bem sentio o desbarate dos nossos nos gritos, e alaridos que ouvio; e porque já era perto do meio dia, e tinha a mór parte dos seus soldados feridos, foi-se recolhendo com muito boa ordem pera o Çamorim, que lhe pezou bem do desbarate dos nossos; e alguns que se acolhêrão pera aquella parte, mandou curar, e agazalhar. D. Luiz da Gama sentio em extremo aquella desaventura, e muito mais ver que o enganáram os que o aconselháram que mudasse a ordem que tinha do Viso-Rey, em que não póde ter desculpa. E arrebentava de pezar, e mágoa de não poder mandar soccorrer os nossos; porque se já no cabo passáram quatrocentos homens, sem dúvida a Fortaleza se perdêra, porque não ficou ao Cunhale gente com que a poder defender: o que se deixou de fazer, assim pelos homens estarem quebrantados, como por não haver embarcações; e quando chegáram os derradeiros dos nossos, já o acháram quasi só, porque muitos o desampararám: por lhe dizerem alguns dos que hiam do desbarate que se recolhesse que já não havia que fazer, o fez logo, que até nesta hora de tanta importancia lhe faltáram amigos. E como es-

este Fidalgo não estava muito bem quisto, alevantáram-lhe aleives, porque a soldadesca da India he nisto muito livre, e pouco escrupulosa. E não era muito que este Fidalgo se recolhesse daquella maneira, porque aquella desaventura bastava pera derribar o animo de hum homem que estivesse muito folgado, quanto mais o de hum Capitão, que toda aquella noite, e dia gastou em governar, lidar com tantas cousas, e gritar; porque em hum conflicto, e transe destes, e tal qual este foi, mais se peleja com o espirito, que com as armas.

CAPITULO VIII.

Da gente que de ambas as partes morreo nesta desembarcação: e de como o Capitão Mór se foi pera Cochim, e deixou D. Francisco do Sousa sobre a barra de Cunhale.

ESta foi huma das móres desaventuras, e affrontas que os Portuguezes passáram na India, porque nella se desbaratáram quasi por vontade, e por si mesmos. Esta miseria ha entre esta nossa nação, que assim como no commetter excede no primeiro impeto a todas as outras, assim no des-

desordenar, e recolher tem o mesmo extremo. Dissemos que succedeo isto quasi por vontade, deixando o que he mais certo, que he ser por peccados, porque por vontade podemos dizer que foi não verem com os olhos da razão quantos damnos nascêram de não entrar a Armada pela barra, como estava assentado no Conselho, e mandado pelo Viso-Rey. E já que pareceo aos que inquietáram este Capitão, melhor o seu conselho, que o que estava tomado, não sei que razão houve pera depois de toda a gente estar da banda do Ariole, não mandar entrar a Armada no rio; porque ainda que nisso corrêram alguns navios risco, pouco damno era; porque se se isso fizera, muito poucos dos nossos se perdêram, antes posso affirmar que se ganhára a jornada, porque não vejo nenhuma razão de se poder perder, estando os navios com as proas em terra; e depois de Luiz da Silva ser da outra parte, pudera tornar a ametade delles a passar a gente com mais segurança, e os homens pelejáram com mór animo, sabendo que tinham os navios á mão, pera se valerem delles se se víram em algum grande aperto. E quando não leváram a Fortaleza nas mãos do primeiro commettimento, levarase do segundo, ou do terceiro, porque

nos

nos navios tinham onde ſe recolher, e refazer do que lhes foſſe neceſſario pera tornarem ao aſſalto. Niſto ſe vio bem claro quanto importa hum bom conſelho, pois he cauſa de ſe alcançar huma grande vitoria; e o máo de ſe perder, e de muitos outros damnos que acontecem, quando ſe não alcança.

Perdêram-ſe neſte negocio duzentos e trinta homens dos noſſos; e alguns que dizem que mais, enganáram-ſe; porque eu tive o rol dos que morrêram, que não paſſáram dos que tenho dito, e deſte numero morrêram alguns affogados no rio. Perda foi eſta muito grande pera o Eſtado, e digna de grande ſentimento, não porque não houveſſe já nelle outras em alguns recontros, em que ſe perdêram móres quantias de homens; mas eſta foi de dobrado ſentimento, por ſe ter por mui certa a vitoria, que nos Deos tirou das mãos; por ſe não entrar nos navios pela barra, e por não voltarem as jangadas, e embarcações a buſcar o Capitão Mór, como elle tinha mandado, por morrerem Luiz da Silva, e os mais que o Capitão Mór nomeou pera acaudilharem a gente, o que tudo pende de ſegredos, que ſó a Deos são manifeſtos, e elle ſabe o porque dilatou eſta vitoria, havendo-ſe pelos antecedentes

por

por tão certa, que ninguem duvidava della: e assim o fora, se a nação Portugueza obedecêra ás ordens dos Generaes, como o fazem as outras.

As pessoas conhecidas que se aqui perdêram, posto que já tenho nomeado algumas, tornarei a fazer outra matricula dellas, as quaes foram D. Francisco Pereira, irmão do Conde da Feira: D. João Tello de Menezes, filho do Alferes Mór: Manoel de Mendanha: Diogo de Miranda: Lourenço Guedes: D. Antonio de Leiva, Sargento Mór: D. Manoel de Noronha: Manoel de Barbuda: Paulo Leitão: Gaspar de Mello: Nuno Fernandes Cabral: Goterre de Monroy, sobrinho do outro Goterre de Monroy de Béja, filho de seu irmão Simão Rangel de Castello-Branco, filho de hum irmão de Fernão Rodrigues de Castello-Branco: Gomes, Miguel, e Gaspar Freire, todos tres irmãos, e do mesmo appellido: Ruy Brandão: D. Manoel de Azevedo: Manoel de Sousa Chichorro: Alvaro Teixeira Lobo, Fidalgo filho de Manoel Lobo Teixeira, casado em Goa: Pero Borges de Castello-Branco: Antonio d' Affonseca: hum Foão Ortis: Luiz Sardinha de Santarem: Mathias de Abreu de Abrantes, e outros. Houve desta parte quasi sincoenta feridos, e da de Belchior

Fer-

Ferreira cento e vinte e ſeis, a fóra os mortos, que já nomeámos em outra parte.

Dos Mouros morrêram ás mãos dos noſſos mais de quinhentos eſcolhidos, e aventureiros. Os Capitães Móres de Armadas, e peſſoas principaes, foram eſtes. Cutimai, Cutimuça, Marca Cacá, Cotiſe Marca, Bava Mamede, Bava Cutiale ſeu irmão, Canatale, Cunhimais: Connas Nonomai, Tampocara, e outros, que o meſmo Cunhale, e Chinale me deram a rol, eſtando prezos no tronco, onde os fui ver. O Capitão Mór mandou o corpo de Luiz da Silva pera Cananor, aonde o enterráram com a mór pompa que a terra podia fazer-lhe; e depois o mandou o Regedor ſeu irmão levar pera o Reyno; e das primeiras couſas que o Capitão Mór tambem fez, foi mandar D. Luiz Lobo pera Goa em hum catur ligeiro com cartas ao Conde Almirante pera, como teſtemunha de viſta, lhe dar relação daquella jornada; e em ſua companhia ſe foram em outros navios alguns Fidalgos ſem lho fazer a ſaber.

E depois de deſpedir iſto, tratou de ſe ir pera Cochim com todos os feridos pera lá ſe curarem, porque em Cananor não havia pera iſſo commodo; e querendo deixar huma galé com alguns navios na-

quel-

quella barra pera com elles entreter o Çamorim, que havia de ficar ſobre o Cunhale, ſem ſe affaſtar delle, e pera defender que lhe não entraſſem provimentos, pera o que commetteo alguns Capitães que ſe lhe eſcuſáram. O que elle ſentio muito por ſe ver deſamparado de todos, ſómente D. Franciſco de Souſa lhe acceitou a empreza: do que deo conta a Belchior Ferreira, que mandou chamar á ſua galé, e lhe diſſe de como determinava ir a Cochim a couſas que importavam. Ao que Belchior Ferreira lhe atalhou, dizendo, que cuidára que o mandava chamar pera ſe fazer outra vez preſtes pera tornarem a commetter a Fortaleza de Cunhale: ao que o Capitão Mór lhe diſſe, que mal poderia aquillo ſer, pois todos os homens eſtavam taes do trabalho paſſado, que não podiam comſigo; e outros tão amedrontados, que aquella noite ſe lhe foram alguns pera Goa ſem o elle ſaber, pelo que não podia, nem tinha com que tornar a provar ventura. O Belchior Ferreira lhe reſpondeo, que não havia que fazer naquillo, que ſe houveſſe por deſgradecido, pois até os homens que lhe tinham mais obrigação o deixavam, e deſamparavam naquelle tempo, que viſſe o que queria delle, porque pera tudo eſtava preſtes. Então lhe diſſe o

Ca-

Capitão Mór, que deixava sobre aquella barra D. Francisco de Sousa na galé de D. Francisco Pereira, que lhe pedia quizesse ficar com elle até tornar de Cochim: o que Belchior Ferreira acceitou: e ainda fez mais, que se offereceo a ficar só, quando outros Capitães dos navios se escusassem. E todavia acceitáram tambem a ficar alli Gaspar Tibao, Gaspar de Abreu Mouzinho, D. Alvaro da Costa, Gaspar de Mello, Alvaro Velho, e tres Piriches de Malavares.

E porque os homens estavam cançados, e quebrantados da guerra, vendo que o Capitão Mór se hia pera Cochim, muitos dos soldados se lançáram ao mar, e se passáram aos navios que hiam com elle: o que tambem quizeram fazer alguns da galé de D. Francisco, do que elle foi avisado; e chamando pelo Patrão, lhe disse muito alto, que lhe fizesse prestes a bateira; e que todo o soldado que se quizesse passar pera os navios, que hiam pera Cochim, os levasse nella, porque elle não queria que o acompanhassem por força na galé, que com quaesquer que lhe ficassem defenderia aquella barra. Estas palavras ditas assim em público fizeram tal impressão nos que se queriam lançar a nado, que desistíram de sua determinação, e se deixáram ficar tão corridos daquelle negocio,

cio, que todo o mais tempo eſtiveram ſobre as mantas da galé, ſem ouſarem de ver o roſto a D. Franciſco de Souſa.

O Capitão Mór ſe fez á véla pera Cochim, e chegou áquella Cidade, onde já ſe ſabia o caſo; os Vereadores acudíram á Armada com muitas embarcações, e viſitáram o Capitão Mór, e o conſoláram, e deſembarcáram todos os feridos; e os Fidalgos, e Capitães ſe repartíram pelas caſas dos moradores, onde foram ſervidos com muitos regalos, e curados com muito cuidado, e todos os mais foram levados ao Hoſpital, onde foram muito bem curados. Sabendo o Capitão Mór que o Arcebiſpo eſtava em Vaipim, ſem aguardar por ſua viſita, o foi buſcar, e lhe deo conta do ſucceſſo, e lhe pedio conſelho ſobre o que faria. O Arcebiſpo, que já tinha bem ſentido, e chorado tamanho deſaſtre, conſolou-o, e mandou recado a D. Antonio de Noronha Capitão de Cochim, ao Biſpo, e aos Fidalgos velhos, e diante delles deo o Capitão Mór outra vez relação de ſuas couſas: certificou-lhe que ſempre o Camorim uſaria de muita verdade, e fidelidade naquelle negocio, pelo que lhe niſſo hia, e que com a meſma ficava com todo o ſeu poder ſobre o Cunhale, affirmando-lhe que ſe não alevantaria

dalli até o deſtruir de todo, que lhes pedia o aconſelhaſſem no que devia fazer. E praticado o caſo entre todos, vieram a concluir, que era muito licito que ſe concedeſſem as pazes que o Çamorim pedia, pois tinha tambem ſatisfeito com ſua obrigação, e pera com iſſo o terem mais obrigado pera o verão ſeguinte, em que o Conde Almirante forçado havia de ir, ou mandar concluir aquelle negocio; porque o tyranno eſtava em eſtado que facilmente ſe desbarataria, por lhe ficar morta a frol da ſua ſoldadeſca, e de ſeus Capitães.

Aſſentado iſto, capituláram as pazes, e deſpedíram hum catur ligeiro com cartas ao Conde Almirante, e que o Capitão Mór foſſe eſperar a reſpoſta dellas á barra de Cunhale pera dalli aſſentar, e jurar as pazes com o Çamorim. Feito iſto, partio-ſe o Capitão Mór pera lá, e deſpedio de Cochim a D. Vaſco da Gama com a ſua galé, e oito, ou dez navios mais pera ir ao cabo Çomorim recolher as náos da China, Malaca, e outras partes, como fez em Abril, e as trouxe a Cochim, onde ficáram invernando dous galeões de Maluco carregados de cravo, por não terem tempo pera paſſar a Goa; e em quanto D. Luiz da Gama não chega a Cunhale, contaremos o que alli aconteceo a D.

Fran-

Francisco de Sousa, que ficou sobre sua barra.

CAPITULO IX.

Do que aconteceo a D. Francisco de Sousa sobre Cunhale: e de como chegáram a Goa as novas desta perdição: e do que fez o Conde Almirante.

DEpois de D. Luiz da Gama partir pera Cochim, vendo o Cunhale aquella Armada que lhe ficava sobre sua barra, o sentio em extremo pela grande necessidade, e falta que tinha de mantimentos, e lhe era necessario mandallos buscar, primeiro que o Capitão Mór tornasse. E pera isto buscou todos os meios que pode, ainda que fosse com grande risco: pera o que assentou com os seus Capitães lançar todas as suas galeotas ao mar, que eram treze, e provellas muito bem de artilheria, e soldados pera mandar pelejar com a nossa Armada. Estes apercebimentos fez com grande estrondo, pera que chegando as novas á nossa Armada, que havia que não esperaria, se fosse logo pera Cananor, e lhe ficasse lugar pera mandar navios a Mangalor a buscar provimentos; e que quando a Armada se não quizesse re-

colher, então a commettessem, porque havia que tinham certa a vitoria. D. Francisco de Sousa foi logo avisado pelo Çamorim da pressa que se dava áquellas galeotas, e do grande cabedal que o Cunhale mettia nellas; e vendo que tinha pouca Armada, e pouca gente pera esperar tantas, e tão possantes galeotas, usou de hum ardil de bom Capitão pera embaraçar o Cunhale, que lhe succedeo bem. Este foi mandar de noite a Pero Luiz com os Piriches, e duas fustas mais que se affastasse ao mar, e que no quarto d'alva viesse demandar a barra, como que era soccorro que vinha de fóra, e que na chegada fizesse grande estrondo com a artilheria, disparando-a muitas vezes, e com se tocarem os tambores com grandes carrancas, e som de guerra, e toda a gente pelas perchas dos navios com armas, e seus barretes vermelhos: pera o que lhe deram todos os que havia na Armada, pera de mais longe os divisarem melhor, e avultassem mais; e que depois de darem esta mostra, pera que se ouvissem na Fortaleza, se tornasse a affastar ao mar, e se puzesse em parte donde os vissem da Fortaleza, o que elle fez muito bem; e ouvindo o Cunhale aquelle estrondo no quarto d'alva, e descubrindo a manhã, vendo

a-

aquelles navios ſurtos ao mar com tantos barretes vermelhos, e tanta ſoldadeſca poſta em armas, porque ſe puzeram, como diſſe, em parte donde da Fortaleza os diviſavam mui bem, embaraçou-ſe o Cunhale. E o Camorim mandou perguntar a D. Franciſco que eſtrondo de artilheria era a que ouvio, e que navios eram aquelles que appareciam? A iſto lhe reſpondeo D. Franciſco de Souſa, que vinham de ſoccorro, e que ſurgíram alli por eſperarem por outros que vinham atrás.

Eſtas novas corrêram logo pelo arraial, e foram ter a Cunhale; e pera mór ajuda deſta invenção, ſuccedeo virem no meſmo tempo alguns navios de mercadores de Cochim com fazendas das náos da China, e Malaca, que D. Franciſco fez ſurgir junto da Armada, com que repreſentava mór poder. Eſtas novas chegáram a Cunhale, que tambem vio tudo; e não querendo arriſcar ſua Armada, que era todo o ſeu remedio, porque perdida ella, não lhe ficava couſa em que pudeſſe ter eſperança de ſe ſalvar, levou mão do negocio, e tornou a varar as galeotas. Do que D. Franciſco de Souſa teve logo aviſo, e ficou deſalivado; e quando lhe era neceſſario prover-ſe de agua, a mandava de noite buſcar a Coriche pelos navios que hiam

de

de dous em dous a trazella : e assim foi entretendo o tempo, e ao Cunhale o melhor que pode. O Çamorim estava muito maguado da perda dos nossos, mais pelo que lhe relevava a elle, que pelo que nos hia a nós.

E porque não podia já levar mão daquella guerra pelo risco, e perigo em que se punha daquelle tyranno se alevantar, e lhe tomar o Reyno, sabendo a miseria em que estava, e a muita gente que os nossos lhe matáram, determinou de commetter a Fortaleza com todo o seu poder, e trabalhar pela levar nas mãos : e póde muito bem ser que tivesse o olho nas grandes riquezas que cuidava achar, de que se queria lograr só, e que não tivessem os nossos nenhuma parte nellas, porque entendeo que havia o Conde Almirante de metter todo o resto do poder da India contra aquelle inimigo, e que ficaria elle com menos quinhão. E disto que tinha determinado mandou dar conta a D. Francisco de Sousa, e pedir-lhe que o dia que lhe fizesse final, se chegasse com toda sua Armada á boca da barra, e esbombardeasse os Fortes dos inimigos com grande terror pera com isso os divertir, e elle ter tempo de dar por lá na Fortaleza mais folgadamente. O que D. Francisco fez ao final que lhe fizeram,

che-

chegando-se quasi ao rolo do mar, e dalli bateo as fortificações com grande terror. O Çamorim ao mesmo tempo commetteo a Fortaleza com mais de vinte mil homens, e trabalhou por entrar as paredes, sobre o que houve huma grande batalha, em que os Mouros se defendêram valerosamente; e depois de gastada toda huma manhã nesta referta, se affastou a gente do Çamorim com algum damno, não ficando os Mouros com pouco. E com isto parám as cousas, e o Çamorim se deixou estar no lugar em que sempre esteve com todo o seu poder, e assim os deixaremos, por darmos conta das novas que chegáram a Goa.

Não deixava o Conde Almirante de estar com grandes sobresaltos esperando o successo do Cunhale, quando começou a correr huma nova surda, que D. Luiz da Gama era perdido com todos os seus, que o Conde engulio, e calou com muita dor sua, sem se mostrar triste, nem melanconizado aos homens, porque as não houvessem por certas; e porque as más pela mór parte, ou quasi sempre o são, quando foram quinze de Março chegou a certeza dellas por cartas do Capitão Mór, que D. Luiz Lobo levou, que fizeram tão grande abalo na Cidade, que sahíram os homens de

suas

ſuas caſas, como deſatinados, a ſaber dellas, e as mulheres pelas janellas com grandes prantos a eſperar as novas dos maridos humas, outras dos filhos, e irmãos que lá tinham. O Conde Almirante, como a quem lhe hia mais que a todos naquelle negocio, ſentio-o mais que todos; mas porque lhe era neceſſario moſtrar grande animo pelos homens ſe não deſanimarem, moſtrou-ſe-lhes com menos triſteza, da que tinha em ſeu coração; e ao outro dia mandou chamar a Conſelho todos os Fidalgos velhos, e nelle lhes diſſe que havia tres dias que tinha aquellas triſtes novas, e que não havia mais que fazer por então, que dar graças a Deos, a quem ſe não podia perguntar pela razão das couſas que permittia, e ordenava, e que aquelles eram os ſucceſſos da guerra, que muitas vezes não aconteciam as couſas como ſe deſejavam: e que o que por agora era neceſſario, era prover-ſe naquelle negocio com prudencia, e bom conſelho, que eſſe lhes pedia pera ſaber o que devia de fazer. E logo mandou ler a carta de ſeu irmão pelo Secretario; e porque nella ſe reportava a D. Luiz Lobo, foi logo chamado, pera que referiſſe todo o ſucceſſo, e os votantes conforme a elle deſſem ſeus pareçeres, o que D. Luiz Lobo fez como

lhe

lhe pareceo. Depois de ouvida a relação, que deo do ſucceſſo, pedio o Conde a todos que votaſſem ſobre ſe ſeria licito ir elle logo em peſſoa a Cunhale, porque ſegundo aquelle tyranno ficava quebrado, e desbaratado, facilmente lhe tomaria a Fortaleza, e reſtauraria o credito do Eſtado, porque eſtava mui preſtes pera aquella jornada, pera que tinha tudo de ſobejo.

Sobre eſta propoſta votáram todos os do Conſelho, que não era bem que a Peſſoa do Viſo-Rey da India ſe abalaſſe com aquella preſſa, porque primeiro havia de pedir ajudas a todas as Fortalezas, pera o que já não havia tempo, ainda tendo tudo preſtes, por ſer mais de meiado Março, quanto mais a perceber-ſe de novo, que lá vinha o verão ſeguinte, em que ſe podiam fazer aquellas couſas muito bem feitas: que ſe o Cunhale ficava quebrado, tambem o tinha o Çamorim tão rodeado, e cercado com ſeu exercito, que ſe não podia prover nem de gente, nem de mantimentos. E que pera aquelle Rey continuar no cerco que lhe tinha poſto, lhe concedeſſem pazes, e lhe fizeſſem todos os mimos, e vantagens que pediſſe, e que o que reſtava do verão, ficaſſe huma Armada ſobre aquella barra; e que como foſſe tempo, ſe recolheſſe a invernar a Cana-

nanor, pera no veranico de Agosto se tornar a pôr sobre a mesma barra; porque segundo aquelle Mouro estava falto de mantimentos, não tinham dúvida a se entregar logo a qualquer Capitão que fosse no verão acabar aquella empreza.

Assentado isto, despedio o Conde recado a seu irmão, e ao Arcebispo, que em Cochim com D. Antonio de Noronha, Capitão daquella Fortaleza, capitulassem as pazes que se haviam de fazer ao Çamorim; e que o Capitão Mór D. Luiz da Gama as fosse jurar com aquelle Rey, e se recolhesse a Goa como fosse tempo, deixando sobre Cunhale a Armada que lhe parecesse bem, pelo modo que se assentou no Conselho, cujo traslado lhe mandou pera se reger, e governar por elle.

Este recado tomou a D. Luiz da Gama sobre a barra de Cunhale, e logo despedio hum navio ligeiro com as cartas do Conde pera o Arcebispo, e D. Antonio de Noronha, que tomáram o Arcebispo no lugar de Molandur dos Christãos de S. Thomé, que logo se foi pera Cochim, onde com o Capitão, e Bispo fez os capitulos das pazes conforme ao tempo, e as occasiões delle, e as tornáram a enviar a D. Luiz da Gama, que por via do Padre Francisco Rodrigues se deo conta daquelle negocio

cio ao Camorim, e lhe mandou os capitulos das pazes, que elle eſtimou muito, por ſerem á ſua vontade, e tratou logo de ſe jurarem: e por inconvenientes que houve, não foi a iſſo o Capitão Mór, e em ſeu lugar mandou D. Fernando de Noronha mui bem acompanhado de Fidalgos, e Cavalleiros. E o Camorim diante de ſeus Regedores, e Peſſoas principaes jurou as pazes, e ficou de mandar ſeu ſobrinho Uniare Chararé, e outras peſſoas a Goa no verão ſeguinte a vellas jurar pelo Viſo-Rey.

Feito iſto, ſe recolheo o Capitão Mór a Goa, e deixou ſobre aquella barra o meſmo D. Fernando de Noronha com doze navios mui bem provídos, e com a melhor ſoldadeſca da Armada, cujos Capitães eram, D. Lourenço da Cunha, Lourenço de Aguiar Coutinho, D. Antonio Manoel, Gaſpar de Mello, Diogo Ortiz de Tavora, Antonio Botelho, Lançarote de Seixas, Lopo de Andrade de Gamboa, e outros, de que me não lembram os nomes. E pera a paga deſta Armada, aſſim de ſoldados, como de marinheiros, pera mantimentos, e outras deſpezas, mandou o Conde muito dinheiro; porque lhe não faltou nunca pera eſtas couſas, porque o buſcava ſobre ſeu credito quando faltava, e iſto fez muitas vezes.

CA-

CAPITULO X.

Do contrato das pazes que ſe fizeram com o Çamorim: e do que ſuccedeo a D. Fernando de Noronha ſobre Cunhale, e D. Luiz da Gama chegou a Goa: e dos provimentos que o Conde mandou a Maluco, e Embaixadores do Achem que deſpachou.

PRometteo o Çamorim licença pera em todos os ſeus Reinos, e ſenhorios, e nos de ſeus vaſſallos deixar prégar o ſanto Evangelho, e ſe fazerem Chriſtãos todos os que quizeſſem, de qualquer ſorte, e caſta que foſſem, ſem por iſſo perderem ſeus officios, dignidades, honras, e preeminencias que antes tiveram, nem couſa alguma de ſuas fazendas, que poderiam deixar livremente a ſeus herdeiros, ou a quem lhes pareceſſe, aſſim como ſe coſtuma entre Chriſtãos, ſem niſſo ſe poder entremetter El-Rey, ou Regedor algum, nem entrar El-Rey alguma hora em parte de ſua herança.

Obrigou-ſe a dar chão neceſſario pera edificação de todas as Igrejas em todos ſeus Reinos, e ſenhorios, e nos de ſeus vaſſallos nas partes que lhe pediſſem os Miniſtros da Chriſtandade: e que eſtas Igrejas feriam couto, e valeriam a todos os homiſiados nas couſas, e delictos em que el-

ellas costumam a sello áquelles que a ellas se acolhessem, como se guarda entre os Christãos. E os Padres que nellas residem, teriam poder sobre os Christãos pera fazerem justiça conforme á Ley da Christandade, sem nisso lhes irem á mão, nem lhes pôrem impedimento algum ElRey, ou seus Regedores, ou pessoa alguma.

Prometteo mais que estes mesmos privilegios, e izenções teriam as Igrejas dos Christãos de S. Thomé que estivessem em suas terras, e nas de seus vassallos, e nas que de novo se edificassem, pera o que dava livremente licença. E os Cassanares, e Vigairos que nellas residem, teriam a mesma jurisdicção sobre seus Christãos, que os Padres Portuguezes tem nas outras Igrejas, e nas mais cousas que os Christãos de S. Thomé costumavam ter nas terras dos outros Reys Malavares.

Obrigou-se mais a não consentir em tempo algum ser recebido entre os Christãos de S. Thomé, que morão em suas terras, e de seus vassallos, Bispo, ou Prelado algum, senão o que viesse por ordem do Papa, e de ElRey de Portugal deste Estado, e do Arcebispo de Goa: e que entrando outro algum nellas, o prenderiam, e entregariam ao Feitor de Calecut, ou em qualquer das

For-

Fortalezas do Eſtado pera ſe mandar ao Arcebiſpo de Goa.

Prometteo mais que todos os Portuguezes, e Chriſtãos que a ſuas terras foſſem ter cativos por qualquer caſo que foſſe, de os entregar ao Capitão, ou Feitor de ElRey de Portugal, que com elle eſtiveſſe.

Prometteo de entregar ao Feitor que eſtiveſſe em Calecut ſinco peças de artilheria, que foram da Fortaleza de Chale; a ſaber, dous Camelletes, hum Falcão, e dous Berços, que eſtariam depoſitadas na feitoria até haver Fortaleza em que ſe metteſſem. E em nenhum tempo o Çamorim, ou ſeus deſcendentes as poderiam tirar, nem ſervirem-ſe dellas pera outro effeito.

Prometteo que não deſiſtiria do cerco de Cunhale até o verão ſeguinte vir a Armada.

Iſto que ſe agora ſegue he o que o Eſtado prometteo ao Çamorim.

OBrigou-ſe o Eſtado a haver ſempre Igrejas, e Padres em Calecut. E aſſim de fazer alli a Fortaleza, e ter alli Officiaes, e feitoria: e de favorecer a todos os Portuguezes, e Chriſtãos, que alli quizerem

rem morar, e fazer alli a povoação: pera o que dará o Çamorim lugar particular junto da feitoria.

Obriga-se mais a dar cada anno sinco cartazes pera sinco náos de Méca. Quatro que estavam promettidos nas pazes que fez D. Alvaro de Abranches, e hum mais que agora se lhe accrescenta, por se não fallar em algum tempo, nem pedir que o Estado não dê cartazes a outra alguma pessoa no Malavar, como se lhe prometteo nas pazes que lhe fez o Viso-Rey Mathias de Albuquerque: e destas náos as duas poderám ser de porte de até seiscentos candis; e as outras tres de até quinhentos, e pagará por cada hum destes cartazes trezentos fanões; e pedindo algum cartaz pera Bengala, ou pera o Achem, se lhe dará, não trazendo, nem levando cousas defezas: e pera Barcelor, Mangalor, e mais partes, onde costumavam navegar, se lhe dariam os cartazes costumados, que se houverem de passar aos vassallos do Çamorim, e moradores de suas terras, que contém de Paliporto até Pudepatão, se lhe entregariam a elle na sua mão, ou a seus Regedores pera elles os repartirem, excepto os do Reyno de Tanór: e estes cartazes seram passados pelo Capitão, ou Feitor que estiver em Calecut na fórma, e ordem em

que

que o Eſtado os coſtuma paſſar, e conforme ao Regimento que o Viſo-Rey lhe der, ſem ſe niſſo entremetterem os Capitães de Cochim, e Cananor: e por cada hum deſtes cartazes pagará o Çamorim treze fanões, que he o preço antigo, e coſtumado.

Os cartazes que ſe houverem de dar aos Arioles, dallos ao Feitor de Calecut, ou nas ſuas proprias mãos, ou ao Çamorim, conforme aos contratos que entre ſi tiverem feito, em quanto elles eſtiverem concertados com o Çamorim.

A pimenta que ſe comprar pera as náos do Reyno, ſe pagará pelos preços ordinarios da terra, e ſe receberá pela ordem de Cochim, ſem por iſſo ſe alterar couſa alguma.

Da fazenda que comprarem, e venderem os Portuguezes, e Chriſtãos nas terras do Çamorim não lhe pagaráõ direitos alguns, ſalvo os coſtumados nas terras de El-Rey de Cochim.

Havendo algumas brigas entre os Portuguezes, e Naires, cada hum caſtigará os ſeus: nem o Çamorim, e ſeus Regedores ſe entremetteráõ em couſa tocante á juſtiça dos Portuguezes, ou Chriſtãos, e ſeus familiares, porque iſſo pertencerá ao Feitor, que eſtiver em Calecut, ou a quem o Viſo-Rey ordenar.

Obri-

Obrigou-se o Estado, que fazendo algum dos inimigos guerra ao C,amorim pera lhe entrar por suas terras, e jurdição, ou de seus vassallos, não dar favor, nem ajuda alguma, nem tão pouco favorecer ao dito C,amorim, querendo entrar pelas terras dos outros Reys amigos do Estado.

Tendo o C,amorim guerra com os Arioles, e estando elles em amizade com o Estado, não favorecerá, nem ajudará alguma das partes, mas a todos tratará como amigos, trabalhando pelos compôr, sem se aggravar das ditas guerras.

Obrigou-se o Estado a não tirar de Calecut as peças de artilheria, que foram tomadas na Fortaleza de Chale; mas sempre estarão na feitoria até se pôrem na Fortaleza, que se fizesse nas terras do C,amorim, que o Estado deseja que se faça em Calecut, havendo commodidade pera isso, e podendo ser; mas não se obriga a fazella, senão onde for mais accommodada no tempo que lhe parecer mais conveniente.

Juradas estas pazes, partio-se D. Luiz da Gama pera Goa, deixando D. Fernando de Noronha, como dissemos, sobre aquella barra; e chegando a Goa, deo razão de si ao Conde Viso-Rey, que o despachou logo pera ir entrar de serventia na capitanía da Fortaleza de Ormuz, que estava vaga

por falecimento de D. Antonio de Lima, Capitão della, e não hia entrar nella por virtude da ſua Patente, por ter ainda por cumprir algum tempo.

Partido D. Luiz da Gama pera Ormuz, ficou o Conde deſpachando huns Embaixadores, que lhe tinham vindo do Achem, que elle recebeo mui honradamente em ſala paramentada com todos os Fidalgos, e Capitães, que ſe acháram naquelle tempo em Goa, e os apoſentou muito bem, mandando-os prover de todo o neceſſario até ſer tempo de ſe tornarem, em que os deſpachou com ſatisfação. E os pontos principaes que vieram tratar, eu os não ſoube, porque os não achei na Secretaria, onde era razão que ſe iſto achaſſe; mas ſei que foram ſatisfeitos: e o Conde Almeirante os mandou embarcar no galeão da carreira de Maluco, de que Luiz Machado Boto era Capitão, e os mandou prover muito bem do neceſſario pera a viagem: e mandou ao Achem hum arrezoado preſente em retorno de outro, que os ſeus Embaixadores trouxeram, e deram á véla aos tres de Maio deſte anno de 99. e de ſua viagem adiante daremos razão.

CA-

CAPITULO XI.

De huma fragata de Heſpanhoes de Manilha, que foi ter á China pera aſſentar pazes com os Chins, e fazer feitoria em hum de ſeus portos: e do que D. Paulo de Portugal ſobre iſſo fez.

JÁ démos conta no Capitulo XVI. do primeiro livro de como D. Paulo de Portugal partio pera a China, agora continuaremos com elle. Chegou eſte Capitão ao porto de Macao em Outubro paſſado, e logo dahi a quinze dias aportou á Cidade de Cantão huma fragata das Manilhas, de que vinha por Capitão hum D. João de Samudeo, e com elle dous Religioſos da Ordem de S. Franciſco, que elle logo deſpedio pera a Cidade de Macáo com duas cartas pera o Capitão que alli eſtiveſſe. Huma dellas de D. Franciſco Tello, Governador da Manilha, e outra ſua; e o Governador dizia na ſua, que elle mandava aquella embarcação a buſcar chumbo, ferro, e munições pera o ſerviço das Armadas, que ElRey D. Filippe trazia naquellas partes Filippinas: que lhe pedia déſſe ordem com que pudeſſe haver aquellas couſas, e favoreceſſe o Capitão que hia a iſſo, pois todos eram vaſſallos de hum Rey,

e a voltas diſſo muitos cumprimentos, de que os Caſtelhanos não são nada avaros. A carta de D. João de Samudeo continha o meſmo, e pedia-lhe licença pera fazer o negocio a que hia, e que o favoreceſſe naquellas couſas como era razão, e com iſto tambem ſeus offerecimentos.

Vendo D. Paulo de Portugal as cartas, e que a fragata paſſára logo a Cantão ſem tocar naquella Cidade, logo lhe pareceo artificio, e reſpondeo ao Samudeo que ſe elle trazia Proviſões de ElRey de Portugal, que aquelle porto, ſua caſa, ſua fazenda, e tudo o daquella Cidade eſtavam muito preſtes pera ſeu ſerviço; e ſe as não trazia, que entendeſſe que lhe não havia de conſentir couſa alguma daquellas, antes lhas havia de eſtorvar por todos os modos, e meios que pudeſſe, por ElRey lhe ter defendido que os Caſtelhanos das Filippinas não foſſem perturbar aquella terra, nem o commercio que os Portuguezes alli tinham; e o meſmo diſſe de palavra aos Padres, que lhe leváram as cartas, e com iſſo os deſpedio. E logo os moradores da terra entendêram que aquella fragata vinha negociar algum porto novo naquelle Reyno, pera nelle fazerem ſeu negocio, como logo antes de muitos dias ſe declaráram; e que vinham com intenção de á força de

di-

dinheiro fazerem o que pertendiam ; porque este Castelhano começou a tratar seu negocio com os Mandarins , fazendo-lhes grandes promessas de muitos , e mui grossos proveitos , concedendo-lhes porto , em que elles estivessem , pera o que lhes deo muitas peças ricas , e curiosas que pera isso já levava , que estas sam as chaves mestras , com que se abrem todas as portas do mundo.

D. Paulo de Portugal teve logo aviso daquelle negocio ; e entendendo que sería de grande perjuizo assim do serviço de ElRey , como do meneio , e proveito daquelles moradores , e ainda dos mercadores de toda a India , despedio hum Tabellião com hum protesto , e notificação ao Castelhano Samudeo , em que lhe dizia , que se trazia Provisões de ElRey pera poder vir áquelle porto , em contrario de outras , porque o defendia com graves penas , que as mostrasse pera se trasladarem ; e não sendo assim , que soubesse que lho havia de defender : e com isso lhe escreveo huma carta muito cortez , que mandou que se lhe désse primeiro que o protesto ; e que se não defirisse a ella , então fizesse as diligencias que levava a cargo. E o que dizia na carta era pedir-lhe assim da parte de ElRey , como da sua , que não quizesse ir perturbar aquel-

aquelle commercio, nem inquietar aquella terra, apontando-lhe todos os inconvenientes que havia, e as perdas, e damnos que as alfandegas da India receberiam, e o trato dos vaſſallos de ElRey D. Filippe, que era Senhor de ambas aquellas Coroas: e com iſto deſpedio tambem hum Mathias Pinella, homem velho, e antigo naquelle porto, e muito conhecido dos Mandarins, pera que os perſuadiſſe a lhe entregarem aquella fragata, ou lhe deſſem licença pera elle a ir tomar; e que lhe fizeſſe muitos cumprimentos, e prometteſſe grandes dadivas. Quando eſte homem chegou, já os Caſtelhanos tinham feito ſeu negocio, e alcançado a licença que queriam á força de dinheiro; porque de Cantão mandou o D. João de Samudeo dous Caſtelhanos com huma petição ao Aitão, que era Governador daquella Provincia, em que lhe dizia que elle chegára alli com tempo fortuito, que pedia lhe déſſe licença pera no porto do Pinhal, que era . . . . leguas de Macáo, pudeſſe fazer feitoria, e pagar direitos a ElRey da China de ſuas fazendas. Diſto aviſou logo Mathias Pinella a D. Paulo de Portugal, que fez junta de todos os moradores, e lhes pedio que lhe deſſem ſeus pareceres ſobre o que faria naquelle negocio, e todos affirmáram que não era poſ-

possivel darem os Chins porto aos Castelhanos, por ser cousa que encontrava suas leis, de que elles se mostravam, e eram tão observantes; mas que por lhe estorvarem carregarem fóra, como já acontecêra outra vez, estando alli D. Francisco d'Eça, fazendo a viagem de Japão, á outra embarcação, como aquella que foi alli ter das Manilhas, que se mandassem dous homens a Cantão com credito, e dinheiro pera alcançarem daquelle Governador que lhe mandasse entregar os Castelhanos, ou os deitassem fóra do seu porto. Pera este negocio escolhêram por eleição hum Domingos Carvalho, e Antonio Carvalho de Araujo, que acháram em Cantão tão trastornado, tudo da parte dos Castelhanos, que lhes não respondêram a proposito, porque já os Castelhanos estavam de posse do porto do Pinhal. No que se vê claramente quão grande he a força da cubiça, e interesse, que faz que estes tão inteiros na guarda de suas leis, as quebrem com tanta facilidade pelo interesse que esperavam dos Castelhanos.

Com esta certeza que D. Paulo de Portugal teve, assentou de ir áquelle porto em busca dos Castelhanos, e trazellos ao de Macáo, e mandallos prezos á India, pera que o Conde Viso-Rey os mandasse

pre-

prezos ao Reyno, com os autos de ſuas culpas, e proteſtos que primeiro lhe fizeram; porque ſe ſenão fizeſſe iſſo aſſim, perder-ſe-hia aquelle commercio, e não tinham os Portuguezes pera que morar naquella Cidade, nem os mercadores da India a que ir lá com ſuas fazendas; e aſſim ſe começou a preparar, e negociar os batéis das náos, que alli eſtavam pera ir ſobre elles.

Iſto ſe ſoube logo em Cantão, e os Mandarins deſpedíram com muita brevidade hum proteſto a D. Paulo de Portugal, em que lhe requeriam que não foſſe inquietar os eſtrangeiros, que eſtavam nos portos de ElRey da China, que lhe pagavam direitos de ſuas ſazendas: o que mandáram fazer com grandes ameaças, e logo ſe começáram de enxergar ſombras dellas, porque começáram de ir faltando os mantimentos, e outras couſas que havia ordinariamente na terra: pelo que foram os moradores que alli havia com grandes requerimentos a D. Paulo de Portugal, pedindo-lhe que deſiſtiſſe daquella jornada; porque ſe o não fizeſſe, eſtavam arriſcados a lhe acontecerem grandes males, pois viviam n'uma terra toda aberta, e ſem defensão alguma; e todas as vezes que os Chins quizeſſem, os tomariam ás mãos ſem

lho

lho poderem defender, nem contradizer; e que aquelles homens eram muito ciosos de sua liberdade, e de lhe quebrarem os mandados do seu Rey; e que indo a seus portos fazer guerra aos estrangeiros que nelles estavam, além da desobediencia em que incorriam, estavam arriscados a outro não menor perigo: era este virem as Armadas da China em favor dos Castelhanos, contra quem fora caso gravissimo pelejar os Portuguezes. Com isto que os moradores Portuguezes daquella Cidade disseram a D. Paulo de Portugal, cessou dos apercebimentos que hia fazendo, e desistio da jornada que queria fazer contra os Castelhanos. Elles ficáram por então carregando á sua vontade; e como levavam muitos reales, e gastavam largo, compráram a seda, peças, e mais cousas de brincos, e fazendas com tanta largueza, que subíram os preços de maneira, que não ousáram os mercadores da India a empregar seus cabedaes; e assim partíram as náos esta monção pera a India quasi vasias destas cousas que costumavam levar.

Por estas mesmas náos avisou D. Paulo de Portugal de tudo isto ao Conde Viso-Rey, que chegáram a Goa no fim de Abril, e o Conde propoz em Conselho o aviso que D. Paulo lhe mandou dos Caste-

telhanos ; e aſſentou-ſe nelle que ſe eſcreveſſe a D. Paulo, que conforme as ordens que tinha de Sua Mageſtade, em que prohibia paſſarem Caſtelhanos á China, lho impediſſe, e os lançaſſe fóra, ſe ainda lá eſtiveſſem. E por virtude deſta ordem foi D. Paulo de Portugal no anno ſeguinte contra os Caſtelhanos, que eſtavam no porto do Pinhal, e os lançou delle á força de armas, e não tornáram lá mais.

DE-

DECADA DUODECIMA

Da Hiſtoria da India.

LIVRO III.

CAPITULO I.

Do que neſte verão aconteceo na conquiſta da Ilha Ceilão: e das vitorias que os noſſos alcançáram do Tyranno de Candea: e da fermoſa tranqueira que D. Jeronymo mandou fazer no lugar de Manicravaré.

ALcançadas as vitorias que diſſemos nas ſete Corlas, e desfeitas as tranqueiras dos inimigos, determinou o Geral D. Jeronymo de Azevedo de mandar fazer huma tranqueira em Manicravaré, por ficar mais vizinha ao Reyno de Candea, pera dalli o poder conquiſtar, e fazer naquella tranqueira armazem, e aſſento de guerra, e ficar dalli como preſidio, e caſtello contra as quatro Corlas. Eſta tranqueira determinou que foſſe de pedra pera mór fortificação, e ſegurança da gente, que nella havia de eſtar: pera o que ajuntou grande número de gaſtadores, e of-

officiaes, e todas as achegas, e materiaes necessarios pera aquella fábrica, que encarregou a Salvador Pereira da Silva, que partio com grande cópia de Lascarins, e os mais soldados Portuguezes que se pudéram ajuntar; e huma legua antes de chegar ao forte de Manicravaré, em Setembro passado de noventa e oito, alojou seu campo, em que esteve alguns dias, em que se recolhiam as cousas necessarias pera a obra que hia fazer, pera no mesmo dia que chegassem fazer tudo; porque suspeitava que tratava o tyranno de saltear os nossos a noite que chegassem, primeiro que se fizessem fortes, por impedir aquella obra, que lhe ficava sendo de grande damno, e perjuizo, por lhe taparem com ella as portas do Reyno de Candea, onde ficaria encurralado. Juntas as achegas, partíram os nossos pera o lugar, onde a Fortaleza se havia de fazer; e em chegando a elle, logo se fortificáram; e quando foi a noite seguinte, em que os inimigos tinham determinado de os assaltar, estava já feito hum forte de madeira defensavel, e os nossos dentro nelle mui seguros, e os inimigos frustrados em seu desenho sem ousarem a bulir comsigo.

Os nossos foram logo pondo as mãos á obra da Fortaleza de pedra, em que gastá-

táram eſpaço de quatro mezes com grande cuſto, e trabalho; e com terem eſta, não deixáram de fazer algumas entradas nas terras do tyranno, de que ſempre ſe recolhêram vitorioſos.

Vendo o tyranno que não podia eſtorvar aquella obra, determinou de divertir o Geral, pera o que ſe paſſou com ſeu exercito ás fronteiras de Dinavaca, por onde começou a fazer muita guerra por aquellas terras, que eram noſſas; ao que o Geral acudio com outro exercito, que formou de ſoldados que tirou dos preſidios, que tinham por partes, deixando-os ſempre com guardas, de quem mandou por Capitão Salvador Pereira da Silva pera contraſtar os inimigos, como fez, tendo com elles alguns recontros, em que os desbaratou. A Fortaleza de Manicravaré foi-ſe continuando até de todo ſe acabar com ſeus muros, baluartes, e huma torre no meio de dous ſobrados, obra tão bem acabada, e forte, que ſe teve por inexpugnavel pera aquella Ilha, pera onde ſe paſſou o meſmo Geral com o reſto do exercito em principio de Janeiro paſſado de noventa e nove, e alli fez apercebimentos pera mandar entrar pelas Corlas.

Iſto entendeo logo o tyranno; e vendo quanto lhe importava ſuſtentar aquellas Corlas,

las, aſſim as quatro, como as ſete; porque ſe ſe perdeſſem, ficava o Reyno de Candea aberto, deſabrigado, e diminuido nas forças: paſſou-ſe áquellas partes com todo ſeu poder, e do de ElRey de Huva, em que havia perto de ſinco mil homens, e foi-ſe aſſentar nas ſete Corlas, e dellas deſpedio hum Capitão com parte da gente, pera que ſe foſſe vizinhar ás noſſas Fortalezas fronteiras. Ao que o Geral acudio com mandar Salvador Pereira da Silva com duzentos Portuguezes, e dous mil Laſcarins, que foi marchando ao longo de hum rio, que divide as ſete Corlas do Reyno da Cota, e Ceitavaca; e ao outro dia paſſou parte da gente á outra banda, pera que foſſe reconhecer o ſitio mais accommodado, pera formar nelle alojamento pera todo o arraial, em quanto ſe alimpava, e roçava o mato pera elle. Andando os noſſos neſta obra, os commettêram os inimigos por muitas partes; mas como os noſſos eſtavam em contínua vigia, e andavam ſempre com as armas nas mãos, reſiſtíram-lhe valeroſamente; e depois de terem huma arrezoada batalha, puzeram os inimigos em desbarato com morte, e cativeiro de muitos, de quem ſouberam como o Rey de Huva ſe avizinhára com o noſſo arraial, e ficava delle menos de meia legua, com

ten-

tenção de defender aos nossos a passagem do rio, pera que não fossem assentar seu exercito no lugar de Adegalitota, donde podiam fazer muito damno. Os nossos avisáram logo destas cousas ao Geral, que mandou com muita pressa abalar toda a mais gente, e por Capitão della . . . . que foi caminhando, e de passagem ganhou tres tranqueiras, que os inimigos tinham feitas em partes estreitas, e nellas matáram muitos dos inimigos. E os que escapáram, foram dar rebate ao Rey de Huva, que logo se abalou do lugar em que estava, e formou seu exercito, e se poz em campo aberto pera esperar os nossos, que cuidáram achallo descuidado. E quando apparecêram, víram-se sobresaltados, e embaraçados, porque o inimigo logo os commetteo com grande furia; e como os nossos hiam já com as armas nas mãos, resistíram-lhe com tanto valor, e esforço, que em pouco espaço lhe desbaratáram a vanguarda, e os arrancáram do campo com bem de damno. E conhecendo a vitoria, que lhe Deos dava, foram dando nelles, e fazendo tão grande destruição, que matáram mais de duzentos, e neste alcance chegáram ao corpo do exercito, onde estava o Rey de Huva; e investindo huns, e outros, fez a nossa espingardaria bem seu

of-

officio, com que os inimigos paráram até se tornarem a ajuntar a seu corpo. Os da vanguarda, que foram fugindo juntos, voltáram com tão espantosa furia, que se víram os nossos perdidos; mas entendendo que o remedio de suas vidas estava no valor, e esforço de seus braços, mostráram o ultimo de seu esforço, e como desesperados se mettêram entre os inimigos, em quem fizeram tantas cruezas, que lhes voltáram as costas postos em desbarato, e nellas lhe foram os nossos dando, como quem já os levavam de vencida, fazendo nelles muito grande estrago. Neste encontro se perdêram duzentos dos inimigos, e muitos Modeliares, e ganháram os nossos muitas armas, e outros despojos, e se recolhêram ao sitio de Adegalitota, onde alevantáram suas tranqueiras, e fortificações á sua vontade, e sem impedimento. Succedeo isto no fim de Janeiro passado de noventa e nove.

CA-

CAPITULO II.

De huma alteração que houve entre os soldados da conquista sobre suas pagas : e do soccorro que o Conde lhe mandou por D. Francisco de Noronha: e do que lhe succedeo na viagem.

PAssadas as vitorias, que atrás contámos, com tanto risco dos soldados, entráram em outro maior, e mais pera temer, e arrecear, que foi a fome, e falta de pagas, porque os soldados que militam, e andam nesta conquista (que eu tenho pelos mais exercitados, e affoutos que ha na India) como estam fartos, commetterám sem temor todos os perigos do mundo, e peleijarám com elefantes bravos. E esta falta de pagas, por que o Geral esperava da India, soffrêram tão mal, que muitos delles se alvoraçáram, e se foram pera as serras, onde se fizeram fortes, e sahiam em magotes a buscar de comer pelas Aldeas. Disto teve logo aviso o Conde Viso-Rey por cartas de Ceilão; e vendo que lhe era necessario acudir áquelle negocio, sabendo que no porto de Goa estava huma náo de Thomé de Sousa de Arronches, Capitão de Columbo, mandou logo embarcar nella cento e sincoenta soldados, vinte mil

pardáos em dinheiro, muitos mantimentos, munições, lanças, e efpingardas, e elegeo por Capitão della pera fazer efta jornada D. Francifco de Noronha, que fe fez á véla já quafi aos vinte de Abril defte anno de 99. em que andamos. E além dos foldados que fe pagáram, mandou o Conde embarcar muitos, que eftavam no tronco fentenceados a degredo; e affim fe embarcáram alguns Fidalgos: huns que hiam a fervir, e outros a cumprir feus degredos, e aprefentar-fe. E dos que pude faber foram André Pereira Coutinho, Luiz de Lacerda, D. Manoel, e D. Rodrigo de Caftro, ambos irmãos, e filhos de Baçaim, a que na India chamam os Mangaritos, Ruy Quadrado de Almadão, e outros.

E feguindo efte Capitão fua derrota, eftando tanto ávante como Cananor, tiveram os degradados tomado o batel pera fe acolherem. No que fe vê quanta força tem a perda da liberdade, que no que eftes queriam fazer em fugir, tinham por menor mal arrifcarem-fe a tão conhecido perigo, como era metterem-fe n'um batel em tempo tão perigofo do inverno, que irem a Ceilão contra fua vontade, fendo huma terra pera onde tantos folgavam de ir fervir ElRey por feu gofto pela profperidade, frefcura, e abundancia que tem, e

em

em que muitas vezes ha occasiões, em que os homens enriquecem.

Desta alteração, e determinação destes homens teve D. Francisco de Noronha rebate, a que logo acudio, mandando metter homens de sua obrigação no batel, que levou sempre grande resguardo. E passado o Cabo C,amorim, atravessou aquelle golfo com tempo muito rijo, que lhe durou até haver vista da terra de Gale, e alli surgíram duas leguas ao mar, sem saberem onde estavam. E por se arrecear de dar á costa por razão de andar o mar muito grosso, e o vento tezo, e o tempo tão carregado, que hia mostrando, e dando sinaes do inverno, que he alli mui perigoso, esteve D. Francisco de Noronha mui indeterminado no que faria, porque havia hum reboliço nos soldados, que desejavam de arribar a Tutocori; ao que elle acudio, e atalhou, dizendo-lhes, e affirmando a todos que ainda que se perdesse, havia de ir a Ceilão pela grande necessidade, em que aquella conquista estava daquelle soccorro; porque entendia mui bem que se fosse a Tutocori, nenhum daquelles soldados que levava lhe havia de ficar, e que todos os provimentos, e munições se haviam de damnar, e consumir. E que pela confiança que o Viso-Rey delle tinha, o elegêra pera

aquella jornada, que elle por nenhum caso havia de deixar de fazer, e levar aquelle soccorro a Columbo, ainda que se arriscasse a todos os perigos até perder a vida, porque com elles ficava ElRey melhor servido, e elle satisfazendo a sua obrigação. E tão resoluto estava nisto, que mandou metter o dinheiro, as espingardas, e munições em pipas, e quartos, e aboiar tudo com viradores grossos, e fortes pera o tempo da necessidade. E disse aos Officiaes, que quando não houvesse outro nenhum remedio, varassem com a náo naquella terra que apparecia, em parte que se pudesse salvar a gente, e o cabedal; que elle se obrigava a pagar de sua fazenda a náo a seu dono. E por lhe não ficar cousa nenhuma por fazer, vendo que apparecia huma fermosa praia de arêa, mandou chegar o batel a bordo, e o esquipou mui bem de remos, e marinheiros, e pedio a hum daquelles Fidalgos que com elle hiam, que se embarcasse nelle, e fosse demandar a praia que apparecia, e trabalhasse por haver ás mãos algum Piloto, que os guiasse a porto seguro, do que o Fidalgo se escusou; e havendo entre elle, e o Capitão algumas razões, se offereceo hum Alvaro de Barros, soldado velho, bom cavalleiro, que hia provído da Capitanía do porto de

Ca-

Caleturé, e disse a D. Francisco de Noronha, que elle iria no batel a fazer aquella diligencia, e que esperava em Deos que a havia de fazer muito bem, o que lhe o Capitão acceitou, e mandou embarcar com elle alguns companheiros, dando-lhe por regimento que fosse demandar aquella praia; e que se achasse alli alguma povoação, trabalhasse por negociar hum Piloto, ou dous, pera o que lhe deo dinheiro; e como os Chingalas por elle venderám mulher, e filhos, se os alli houvera, não deixáram de vir.

Depois de partido este batel, appareceo huma almadia, que tinha sahido de Gale, e capeando-lhe veio á náo, e dos que vinham nella souberam a paragem em que estavam, que era entre Gale, e Beligão. E por não vir nella quem os soubesse guiar, e encaminhar, despedíram a almadia com huma carta pera o Capitão de Gale, em que o Capitão da náo lhe dava conta do estado em que ficava, e lhe pedia o mandasse soccorrer com Pilotos, que os recolhessem em algum porto seguro.

Tal diligencia poz Alvaro de Barros naquelle negocio, que lhe encommendáram, que chegou á terra, e nella negociou logo dous Pilotos, que mandou no batel, que D. Francisco de Noronha festejou bem,

e

e lhe perguntou onde sería melhor recolherem-se, se em Gale, ou Beligão, e se se atreviam a metter aquella náo em qualquer daquelles portos? e ambos disseram que em Beligão era melhor, porque a sua barra tinha de maré cheia de quatro pera sinco braças de agua, e que elles trabalhariam pela metter dentro; mas que se não obrigavam a cousa alguma.

Fazendo D. Francisco de Noronha seus discursos, assentou de commetter a barra de Beligão, ainda que a náo se arriscasse; porque como salvassem a gente, dinheiro, e munições, de tudo mais lhe dava pouco. E determinado nisto, mandou aos Pilotos que fossem a Beligão, que Deos, em quem confiava, os ajudaria. E assim deram á véla, e chegáram defronte da barra a tempo que estava a maré meia cheia, com que commettêram a entrada, e foram por sete braças; e logo mais dentro deram em quatro, e mais adiante em tres e meia, com o que D. Francisco se houve por perdido. E como levava todas as cousas aboiadas, e postas no convés pera as baldear no batel, mandou-o levar a bordo, e deixou-se ir. E quiz Deos por sua misericordia, que das tres braças e meia deram logo em sinco, e depois lhe foi crescendo mais o fundo, e os da náo alegrando-se, e feste-

jan-

jando muito, e aſſim foram ſurgir perto da terra. E eſta foi a primeira náo que entrou neſte porto, e ficou dalli adiante facil a todos.

D. Franciſco de Noronha mandou deſembarcar tudo o que levava, e em terra fez ſuas eſtancias, e ſe fortificou mui bem, e deſpedio recado a Gale, pera que lhe mandaſſem ſervidores que acarretaſſem aquella fabrica. Ao que acudio D. Fernando Modeliar com muita gente da terra, com que D. Franciſco de Noronha começou logo a marchar com muito boa ordem, e recado. E nos lugares, em que ſe haviam de alojar pera jantarem, ou dormirem, em breve eſpaço ſe fortificáram á roda; porque como os ſervidores eram muitos, e os matos grandes, e eſpeſſos, facilmente ſe fazia tudo. E por eſta razão alguns alevantados que encontrou, não ouſáram aos commetter. Neſta ordem chegou a Columbo a ſalvamento, onde foram muito feſtejados, e o Geral teve já com que pagar, e quietar os ſoldados, com que tornou a proſeguir na guerra, como logo diremos.

CAPITULO III.

De outras vitorias que os noſſos alcançáram em Ceilão em differentes partes.

ENvergonhado o Rey de Huva de ſer tantas vezes desbaratado, temendo-ſe do tyranno D. João, deixou-ſe ficar nas ſete Corlas bem alongado das eſtancias, em que os noſſos ficavam, e da terra de Galitota, e alli tornou a recolher a mór parte da gente, que lhe eſcapou daquelle desbarato. O tyranno D. João tanto que vio perdida aquella jornada, em que elle tinha grande confiança, determinou de ajuntar ſuas gentes, e tornar a proſeguir a guerra por aquella parte, o que não pode fazer; porque andavam os ſeus tão medroſos daquelles ſucceſſos, e tão enfadados daquella guerra, que não quizeram acudir, ſobre o que o tyranno uſou grandes crueldades com elles, mandando deſcabeçar muitos, e mandou chamar o Rey de Huva que acudio, e andou em peſſoa por ſuas terras ajuntando gente até formar hum arrezoado exercito, com que tornou a deſpedir aquelle Rey com ordem que ſe affaſtaſſe dos noſſos, e foſſe impedir os deſenhos de D. Jeronymo, que eram obrigar os naturaes das Corlas a ſe reduzirem á obedien-

cia,

cia, em que lhe dantes estavam, pera com isso poder mais facilmente commetter a conquista do Reyno de Candea, e metterlhe a guerra dentro em casa, pera assim o encurralar de feição, que ou deixasse as terras, ou o perseguisse tanto até o matar, ou haver ás mãos; o que o tyranno entendeo bem, e trabalhou tudo o que pode pelo divertir. E pera isso teve intelligencias secretas com os Lascarins do nosso exercito, que estava nas fronteiras de Dinavaca, e a poder de peitas os fez passar a si, com o que aquellas terras fizeram mudança.

Tanto que os nossos víram os Lascarins passados pera o inimigo, recolhêramse aos fortes de Corvite, e Batugedere, aonde ficáram cercados por terem tudo contra si. Estava o Geral neste tempo nas fronteiras de Candea penhorado com a conquista, que queria fazer por aquelle Reyno, com o que os inimigos tiveram lugar de cobrar animo, e fazerem alguns damnos em nossas terras, e entrarem por ellas até defronte da tranqueira Malvana. Do que sendo D. Jeronymo avisado, proveo a tranqueira de Manicravaré, em que estava, de tres companhias de soldados, de que eram Capitães Thomé Coelho, que era cabeça de todos, João Serrão da Cunha, e Dio-

go de Araujo, e de mantimentos, e munições pera muitos dias. E elle com huma companhia de ſoldados, e oitocentos Laſcarins ſe paſſou á Cidade de Seitavaca por eſtar no meio de todo o Reyno, e mais vizinha á fronteira de Dinavaca, onde os inimigos andavam; contra quem deſpedio Simão Pinhão com outra companhia de ſoldados, e oitocentos Laſcarins, que os encontráram no lugar de Sofragão; e depois de terem com elles hum bem porfiado recontro, os arrancáram os noſſos do campo, deixando muitos mortos, que por elle ficáram: e aſſim teve o Simão Pinhão tempo de viſitar as Fortalezas de Corvite, e Batugedere, em que ſe tinham recolhido os que andavam nas partes de Dinavaca, como diſſemos, que proveo muito bem de tudo.

Daqui mandou o Geral que paſſaſſe o Pinhão pera as terras vizinhas da Malvana, onde já eſtavam os rebellados, e principaes cabeças daquelle alevantamento. E o meſmo Geral tambem ſe abalou por outra parte, de maneira que os colhêram em meio, e os cercáram em fórma, que por não terem remedio ſe entregáram, e viéram á obediencia, e o Geral mandou cortar as cabeças aos que o foram daquelle alevantamento: e depois foi pouco, e pouco

co juſtiçando os mais culpados, com o que apagou de todo aquella labareda, que lhe abrazava a terra. O tyranno foi mettendo todo ſeu cabedal pelas Corlas, pera dar em que entender ao Geral, e divertillo de ſeu intento; pelo que lhe foi neceſſario mandar outra vez o arraial contra aquelle inimigo, e em muitos recontros que lá tiveram com ſuas gentes, ſempre os noſſos ficáram com vitoria, e ſe recolhêram com muitos cativos, e prezas. O noſſo arraial, que eſtava na tranqueira de Balitote, tambem não eſteve neſte tempo ocioſo, porque o mandou o Rey de Huva commetter com mais de ſeis mil homens; mas o Capitão Salvador Pereira, que já eſtava aviſado daquillo, primeiro que chegaſſe, lançou os Laſcarins da terra fóra das tranqueiras em cilada nos matos, pera ao tempo que o commetteſſem, lhe darem pelas coſtas, e os desbaratarem, do que ſe elles temêram, e por iſſo não quizeram inveſtir a tranqueira, antes eſtiveram dez dias ſobre ella commettendo-a por eſcaramuças, de que ſempre ſe recolhêram eſcalavrados.

E por não ficar ao tyranno de Candea couſa que não commetteſſe por divertir, e embaraçar ao Geral, mandou ao meſmo tempo commetter a tranqueira de Manicravaré com hum Capitão de quatro mil homens,

mens, como fizeram com grande determinação; e por espaço de meio dia tiveram com os nossos huma grossa escaramuça de arcabuzaria, de que lhe ficáram muitos estirados no campo; e tão mal os hospedáram os nossos, que no mesmo dia se recolhêram, ficando o campo semeado de muitos corpos espedaçados.

O Rey de Huva, que estava sobre o nosso forte de Balitote, vendo que gastava o tempo sem proveito, e que estava arriscado a ser salteado, e desbaratado dos nossos, retirou-se; porque tambem soube que o Geral mandava soccorrer aquella tranqueira, e dalli se passou ás terras de Chilao, deixando huma legua daquella tranqueira de Balitote hum corpo de mil homens, os mais delles de espingardas, em huma tranqueira que fez n'um passo, pera que ajuntando-se alli a gente das aldeas vizinhas, impedissem as entradas aos nossos por aquellas partes, porque de todas se arreceavam. Do que avisado o Geral, mandou dar nelles hum Capitão com sincoenta Portuguezes, e trezentos Lascarins, que os puzeram em desbarato, entrando-lhes a tranqueira com mortes de muitos. Com este successo se retirou logo o Rey de Huva das partes de Chilao, pera onde se passou, assim porque tambem lá foi mal agazalhado

do dos noſſos, como por ſe recear que mandaſſe o Geral outro poder ſobre elle.

Vendo o tyranno de Candea quão mal lhe ſuccediam todos os ſeus ardís, e quanta gente tinha perdida por aquelles aſſaltos, attribuio tudo á covardia do Rey de Huva, pelo que o mandou recolher a Candea; e o ſeu cargo, que era de Capitão geral do campo, deo a hum Principe do ſangue dos antigos Reys, mancebo havido por atrevido, que querendo moſtrar ao tyranno que não ficava enganado naquella eleição, ſe abalou logo com todo o arraial, e gente que trazia o de Huva contra a Fortaleza de Balitote, que já o Geral tinha ſoccorrido com gente, e munições, que accommetteo com algumas eſcaramuças de eſpingardaria. E vendo Salvador Pereira, Capitão della, que o inimigo o não ouſava a inveſtir, lhe ſahio com hum corpo de gente, e remetteo a elle com tanta furia, que em breve eſpaço o poz em desbarato, com morte de mais de cento, ficando eſte Principe no primeiro aſſalto que commetteo, tão mal affortunado, como o Rey de Huva, porque ſe metteo pelos matos tão atemorizado como o outro: e os ſeus que eſcapáram, foi tal o ſeu medo, que não paráram ſenão dentro em Candea. Com iſto ficáram as Corlas deſpejadas, fi-

can-

cando ſó o Principe nos confins dellas, duas leguas do noſſo arraial, ſem ouſar de ir diante do tyranno. O que ſabido pelos da tranqueira da Balitote, ſahíram de noite em boa ordem, e no quarto da alva deram nelle com tanto eſtrondo, que o puzeram em fugida, e o tornáram a metter pelos matos, e o foram ſeguindo, e queimando muitas aldeas, povoações, e pagodes: com o que deſenganados os póvos das Corlas de o tyranno os pôder defender, ſujeitáram-ſe á obediencia.

CAPITULO IV.

Das razões que movêram ao Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes a ir viſitar os Chriſtãos de S. Thomé: e de huma breve relação das couſas deſte Santo Apoſtolo.

AGora que he tempo do inverno, que eſtam paradas as couſas do Governo, daremos razão do que moveo ao Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes pera ir viſitar a Chriſtandade das ſerras do Malavar, pera onde o deixámos partido: o que trabalharemos pelo fazer brevemente, porque a hiſtoria não ſoffre tanto, e ſam couſas eſſenciaes deſte tempo do Conde Almeirante, pois nellas trabalhou com ajuda, e

fa-

favor; e he bem que de quando em quando passemos da terra ao Ceo, e do politico ao Divino: e começaremos pela entrada do Santo Apostolo na India, conforme ao que se acha escrito nos livros Caldeos desta Christandade, onde ha muitas cousas, de que a sua lenda não trata.

Pelo que se ha de saber que estes Christãos tem por tradição desde o tempo deste Santo Apostolo até agora, que por morte do Filho de Deos Christo Jesus Senhor, e Redemptor nosso se repartíram os seus doze Discipulos pelo mundo a prégar a Lei da Graça. E que andando este Santo Apostolo em companhia de S. Judas Thaddeo, pelas partes de Mesopotamia, sabendo que passavam huns mercadores pera a India, desejando de se embarcar pera aquellas partes, onde havia tamanha fama daquella Gentilidade, apartou-se do Apostolo S. Thaddeo seu companheiro, segundo sua lenda, na Cidade de Edessa. E os livros Caldeos da Serra dizem, que vendeo seu corpo a hum daquelles mercadores, ou se concertou com elle pera o servir naquella jornada, e assim se embarcou com elle sem dizer pera onde; e a náo em que hia tomou a Ilha C,acotorá, onde ficou prégando á gente daquella Ilha, pelo que tenho dúvida na venda, que de si fez o Santo Apos-

to-

tolo; porque se tal fora, não havia de deixar o dono de seu corpo, antes houvera de seguir seu amo, como seu cativo; senão se o mercador vendo sua muita virtude, e doutrina, de sua livre vontade lhe désse licença pera ficar alli. Em fim, como quer que fosse, o Santo Apostolo converteo a mór parte dos moradores daquella Ilha, e lhes fez hum Templo, em que adorassem a hum só Deos, em que havia de deixar alguma Cruz, porque então não tinha outro retabolo, e com isso lhes deo ordem, e regimento de vida, e lhes deixaria escritos os mandamentos; porque os Santos Apostolos assim como entendiam, e fallavam todas as linguas, verosimil he que tambem as soubessem escrever, e conhecessem seus caracteres. Em fim, ordenando alli as cousas, que lhe parecêram necessarias pera bem, e conservação daquella Christandade, se embarcou pera a costa de Melinde, e Cafraria, onde havia fama haver tamanho número de idólatras. E dizem os livros Caldeos, que chegou ao Reyno de Paces, que parece ser de Ampaza, pela semelhança do nome: e dalli á outra Provincia chamada Zarique, que não sei qual seja, senão se for Moçambique, que sempre foi escala daquella costa toda, que era mais conhecida, e sabida pelas Armadas de Salamão,

que

que andáram por alli commerceando o ouro, e madeira preta pera o Templo.

Dalli ſe paſſou o Santo á Provincia Marhozaya, que o Biſpo da Serra D. Franciſco Rodrigues, com quem communiquei iſto, affirma ſer Malaca. O que fallando com toda a modeſtia, me parece que não póde ſer pelo apartamento deſtas Provincias, e nunca navegarem os mercadores de Moçambique, nem da coſta de Melinde pera aquella parte, e aſſim o tenho por certeza; porque o Santo tornou a viſitar aquella Chriſtandade primeiro que paſſaſſe á India, e de Malaca não podia tornar a Sacotora. E faz eſta minha opinião mais verdadeira eſcreverem muitos Authores graves, e cuido que tambem o dizem os livros da Serra, que paſſou o Santo Apoſtolo á Perſia, e de lá á Provincia Camarcant, que hoje he a Usbequia, por ſer caminho mais ordinario de cafillas, e mercadores de todas aquellas partes, donde parece que tornou a Sacotora, e ſe embarcou naquella embarcação, que trata ſua lenda, que n'uma noite fora aportar á terra do Malavar. E ſobre qual foi a primeira parte que tomaſſe, ha entre aquelles póvos grandes contendas; porque os Chriſtãos chamados *Cortali*, da provincia Paru, junto de Coulão, affirmam que a pri-

meira terra que o Santo tomou, foi hum lugar chamado Mogodover Patana, que quer dizer cidade grande Idolo, que então tinha hum porto mui continuado de mercadores Persas, e Arabios, onde, conforme ao que se escreve nos Actos dos Apostolos, Abdias Discipulo deste Santo Apostolo converteo hum filho do Rey do Malavar, que deve de ser o de Paru, aonde aportou, e aonde ainda hoje ha muita Christandade. Ou pela ventura que a primeira Cidade que tomasse, fosse Calecut, aonde dizem os livros Caldeos, que converteo o Christão Perimal, Emperador de todo o Malavar. E entre os Reys que o Santo deixou escritos naquella pedra milagrosa, que elle converteo, he elle hum destes, e que depois em Meliapor convertêra hum filho seu. No que se vê claramente que aquella dignidade dos Perimaes, de que no Capitulo X. do X. Livro da minha setima Decada dei larga relação, he tão antiga, que já havia muito antes da vinda de Christo. Mas não he este o derradeiro Perimal, que eu alli digo, que se foi fazer Christão a Meliapor, e o que os Mouros Arabios affirmam que não foi senão pera Meca a se fazer Mouro por acreditarem sua abominavel, e maldita seita, succedendo isto muito antes que Mafame-

de

de nasceſſe, como o tenho provado claramente na meſma Decada aſſima allegada. E o que affirmam os do lugar de Paru, que o Santo aportou primeiro a elle, e que deixára Igreja alli feita pera os Chriſtãos que converteo, não tira eſta opinião; porque o Apoſtolo correo todo o Malavar, e cada hum quer a honra de aportar primeiro a ſeu porto. Ora que elle deixaſſe alli Igreja, ſe prova por hum campo que alli moſtram, chamado Paripalamba, que quer dizer o Campo da Igreja; e por outro lugar chamado Palimoe, que em lingua antiga quer dizer o Canto da Igreja. Mas o mais averiguado he aportar á Cidade Mogodover Patana, por ſua muita antiguidade; que he tanta, que ſe tem perdido as eſcrituras, que tratam de ſua fundação. E ſó da de Coulão tem memoriaes de ſetecentos annos a eſta parte, porque em todo o Malavar contam ſuas eras, como os Romanos pela fundação de Roma; e antes diſſo contavam eſtes Malavares a era pelo curſo do Planeta Jupiter, que he de doze em doze annos, como os Gregos pelas Olympiadas de quatro em quatro: e os Chriſtãos de S. Thomé em ſuas eſcrituras põem primeiro a era de Patana, e depois a de Coulão, como antes da vinda de Chriſto contavam nas

suas escrituras pela era da creação do mundo, e de Cesar.

Aqui em Mogodover Patana, onde o Santo primeiro aportou, que he o mais certo, e não em Cranganor, como outros affirmam, succedeo aquelle milagre da mão, por esta maneira. Celebrava aquelle Rey humas bodas a hum filho seu, a que concorria infinita gente, e entre esta foi huma moça, que era Judia de nação, que dançava, e cantava em lingua Hebrea cousas da Lei de Deos, e das maravilhas que fizera com os filhos de Israel, milagres de seus Profetas, e outras cousas desta sorte, com que o Santo Apostolo (que foi convidado pera aquellas vodas) se enlevou tanto na contemplação daquellas cousas, que ficou em extase: e vendo-o hum daquelles ministros que serviam, assim arrebatado, e como fóra de si, deo-lhe huma bofetada diante de ElRey, o que o dos Ceos permittio, pera que o seu Santo Apostolo se parecesse com elle n'outra, que lhe deram em casa de Caifás. Ao que o Santo alevantou as mãos, e disse ao que lhe fizera aquella affronta: *Filho, pera que no outro mundo não pagues com penas eternas isto que aqui me fizeste, neste te castigará Deos com a brandura, e misericordia que sua condição lhe pede.* E assim aconteceo, que pri-

primeiro que o banquete ſe acabaſſe, ſahio eſte homem a buſcar agua a huma fonte, que devia eſte banquete de dar-ſe em alguma quinta, e encontrou com hum tigre, que ou vieſſe á fonte a beber, ou foſſe ordenado por Deos aquelle encontro, pera moſtrar a virtude do ſeu Servo no ſoffrimento da affronta que ſe lhe fez; e arremettendo o tigre com o pobre homem, lhe levou na boca aquella ſacrilega mão com que deo a bofetada, e lha cortou pelo pulſo, e deixou-a cahir no chão. Vendo-ſe o triſte homem ſem mão, foi-ſe muito de preſſa pera onde as bodas ſe celebravam, todo enſanguentado; e eſtando dando conta da ſua deſaventura, entrou hum cão com a ſua mão na boca; e compadecido o Santo Apoſtolo do pobre homem, alevantou-ſe, e tomando a mão, que eſtava ainda freſca, applicou-a ao braço, e no meſmo inſtante ſe lhe ſoldou como d'antes era. O que viſto pelos convidados, admiráram-ſe do caſo, que foi occaſião de muitos ſe converterem á Fé de Chriſto.

Eſte milagre he ainda hoje mui celebrado entre os Gentios de Meliapor, e trazem-no pintado em ſeus paineis, como o eu vi em alguns. E não ſei qual he a razão, por que os Eſcritores modernos tem por apocryfos eſtes milagres, pois não repu-

pugnão á razão; nem o Santo pedio a Deos castigasse aquelle homem, nem lhe desejou ver aquelle mal, e ainda que o pedíra a Deos que por honra sua o castigasse. Porque do Profeta Eliseu lemos, que amaldiçoára os meninos, que lhe chamáram calvo por vituperio, a quem logo sahíram huns ursos do íntimo do mato, e os fizeram em pedaços. Da casta destes Judeos, e destas moças Judias, que se acháram nestas bodas, ha ainda hoje muitos por todo o Malavar; e affirmam alguns ficarem nellas daquelles, que vieram nas Armadas de Salamão, que vinham a estas partes buscar cousas pera o Santo Templo: e em Cochim ha huma Judiaria delles, e conservam ainda a sua antiga linguagem. E tambem eu cuido que procedêram dos que escapáram da destruição de Jerusalem, e que foram cativos pera a Persia, donde se passariam á India.

Estes, e outros milagres obrou o Santo por todas estas partes, e converteo grande número de idólatras á lei de Christo. E suas escrituras affirmam que o Santo se passára dalli ás terras do Mogor, e á Provincia Industan, onde reinava aquelle Rey chamado Chsetrigal, que tambem está nomeado na pedra do milagre entre os que elle converteo. Tambem dizem passou á

Chi-

China, e China grande, onde fizera muita Chriſtandade. Eſtas partes entendo eu pela Provincia da China, e Catayo, que he a China grande, por eſtar mais alevantada pera o Norte que a outra da China, aſſim como os Coſmografos fazem differença da India menor, e India maior. E poſto que deſta Provincia do Catayo tenho já fallado no Capitulo . . . do . . . Livro da minha quarta Decada, adiante com o favor Divino, quando tratar do Principe de Badaxa, que ſe fez Chriſtão em Ormuz, darei melhor relação della pelo muito que hoje eſtá mais deſcuberto pelos Padres da Companhia, que penetram até o ultimo da China, e Catayo, aonde Portuguez algum já mais chegou, ſenão aquelle Embaixador, que Fernão Peres de Andrade mandou ao Rey da China, que foi até á ſua Corte, ſem ſaber dar razão daquella Provincia, nem de outra alguma; porque os Chins que o levavam o divertíram por differentes jornadas, em que lhe fizeram gaſtar muitos mezes, aſſim por não ſaber dar razão de couſa alguma, como pera lhe moſtrarem a grandeza daquelle imperio.

E tornando ao Santo, depois de ter viſitado todas eſtas Provincias, voltou pera a India; parece que veio viſitando a Provincia Tebet, onde fez muitos Chriſtãos,

de

de que ainda hoje ha nella, e ſe veio deſcendo até o Reyno Canará, até parar na Cidade Meliapor, onde fez aquelle grande milagre daquelle façanhoſo madeiro, de que fabricou a ſua Igreja, que ainda hoje eſtá parte della em pé. E eſtando neſta Cidade orando em hum oratorio, que tinha naquelle monte, de que já fallei no Capitulo V. do X. Livro da minha Decada, foi morto pelos Bragmenes Gentios de huma lançada, que lhe deram por huma freſta, que foi aos 27. annos depois da morte de Chriſto, parecendo-ſe até niſto com ſeu Meſtre, e noſſo Redemptor, que tambem foi ferido com aquella cruel lançada, que lhe os Judeos deram, com que lhe atraveſſáram o coração. E conforme a computação dos meſmos Canarás, conformão com eſta conta; e dizem mais que foi morto aos trinta annos do reinado de ElRey Xaga, que o Santo Apoſtolo tinha convertido. Foi ſeu corpo enterrado na ſua Ermida, onde ſe acháram ſuas reliquias em tempo do Governador D. Duarte de Menezes, Senhor da caſa de Tarouca, que por mandado de ElRey D. Manoel as mandou buſcar. E poſto que ſeu Diſcipulo Abdias diga que ſeus companheiros lhe leváram ſuas reliquias pera a Cidade de Edeſſa, iſſo não tira ficarem muita parte dellas na

ſua propria ſepultura, porque forçado haviam de deixar nella ſua memoria. Eſta Cidade de Edeſſa he Metropoli da Meſopotamia; e alguns tem que he a antiga Raquis, donde Tobias o velho mandou a ſeu filho a buſcar os dez talentos de prata, que Gabello ſeu parente lhe devia. Eſta Cidade ſe converteo á Fé de Chriſto pela prégação do Apoſtolo S. Thaddeo ſeu companheiro, e ſempre nella houve Biſpos, cujos ſuffraganeos foram os Biſpos da Serra de Meliapor, que dalli ſe proviam até entrarem os da maldita ſeita de Neſtor.

CAPITULO V.

Das couſas que mais acontecêram a eſtes Chriſtãos: e dos Prelados que tiveram até eſte tempo: e dos Reynos em que hoje moram.

POr morte do Apoſtolo S. Thomé ficou toda aquella Chriſtandade deſtas partes do Malavar, e Meliapor ſuſtentando-ſe com os Prelados, que lhe mandavam os Biſpos de Edeſſa até lhe virem os de Babylonia Neſtorianos, que como peſte contamináram todas aquellas partes com ſuas hereſias, e perverſa doutrina. Succedeo depois da morte do Santo ha mais de tre-

zen-

zentos annos haver no Reyno de Bifnaga grandes guerras, e fomes, e tantos terremotos, e finaes do Ceo, que affirmam fuas efcrituras que junto de Meliapor choveo terra, e affolou huma povoação, com o que fe defpovoáram muitas terras daquellas, e os Chriftãos fe efpalháram pera differentes partes, e muitos por falta de doutrina tornáram á Gentilidade de feus paffados. E ainda hoje em Bipor na cofta da Pefcaria ha muitos que procedem deftes a que chamam Taridafcal Naique mór, que quer dizer, os da cafta dos antigos Reys; porque muitos dos que alli paráram eram do fangue dos Reys, que o Santo Apoftolo fez Chriftãos; mas a mór parte delles fe acolhêram aos matos, e ferras, que fam os que paffáram em Jodamalla, a que os naturaes chamam Xaber, que quer dizer gente antiga, e outros fe efpalháram por efta cofta Malavar, onde fundáram Templos; e ainda daqui fe acolhêram pera as ferras, depois que os Mouros entráram na India, por muitas avexações que lhes faziam, cuja cabeça foi fempre a Cidade Patana, onde o Santo Apoftolo aportou a primeira vez áquella Cidade: efta depois por tempos fe deftruio de todo por guerra.

Depois dahi a muitos annos aportou áquelle porto de Patana huma náo, em

que

que vinha hum Armenio Chriſtão, chamado Thomé Cananeo, homem muito rico; e vendo-ſe com aquelle Rey, lhe deo conta de ſi, e elle deo o lugar de Patana pera ſe apoſentar com os ſeus, que traziam ſuas mulheres, e depois lhe deo o meſmo Rey o chão de Cranganor, onde agora eſtá a noſſa Fortaleza, onde o Thomé Cananeo mandou fazer a Igreja no lugar, em que hoje eſtá da invocação do meſmo Apoſtolo; e depois fez outras duas: huma do Orago de noſſa Senhora, e outra de S. Cyriaco Martyr. E porque a doação deſtes chãos, que lhe ElRey mandou paſſar, he notavel, e declara muitas couſas dignas de ſe ſaberem, me pareceo bem pollas aqui de *verbo ad verbum*, ſegundo ſe acháram em humas paſtas de cobre, que eu refiro na minha ſetima Decada, que deſapparecêram da Feitoria de Cochim, e dellas infiro que eſte Rey era Chriſtão, e chamava-ſe Cocurangon.

Cópia da doação que ElRey do Malavar fez a Thomé Cananeo.

COcurangon ſeja proſperado, e tenha longa vida, e viva cem mil annos, divino ſervo de Deos, forte, verdadeiro, cheio de boas obras, racionavel, podero-

ſo ſobre toda a terra, ditoſo, vencedor, glorioſo, proſpero no miniſterio de Deos direitamente. No Malavar na Cidade do grande idolo, reinando elle em tempo de Mercurio, no dia ſetimo do mez de Março antes da Lua cheia, o meſmo Rey Cocurangon, eſtando em Cornelur, chegou Thomé Cananeo, homem principal, em huma náo com determinação de ver a derradeira terra do Oriente; e vendo-o chegar alli, deram recado ao Rey, que o mandou ir perante ſi, fallou com elle amigavelmente, e lhe deo o ſeu proprio nome, chamando-ſe dalli por diante Cocurangon Cananeo, a quem ElRey deo a Cidade Patana pera todo ſempre. E eſtando eſte Rey em ſua grande proſperidade, foi hum dia á caça, e mandou cercar o mato, tendo comſigo o Thomé Cananeo, e fallou ElRey com hum grande Aſtrologo, que lhe aconſelhou que déſſe todo aquelle mato, que era grande, ao Cananeo, como fez, que elle mandou logo roçar, e alimpar. Foi iſto no meſmo anno, em que alli aportou aos onze dias do mez de Abril. E neſte mato mandou logo o Cananeo fabricar huma Igreja, em que ElRey lançou a primeira pedra, e aſſim fundou alli huma mui arrezoada Cidade, e deo a ElRey muitos, e mui ricos preſentes; pelo que o Rey lhe

con-

concedeo mais ſete modos de inſtrumentos muſicos, e todas as honras que ſe faziam ao meſmo Rey. E concedeo-lhe mais poder pera em ſuas bodas poderem as mulheres fazer certo ſinal com o dedo na boca, que ſó as mulheres dos Reys podem fazer. Concedeo-lhe mais pezo diſtincto ſobre ſeu real, e todas as mais, como a ſua propria peſſoa, e que pudeſſe pôr tributos a ſeu povo. As teſtemunhas que eſtavam aſſignadas neſtas paſtas ſam as ſeguintes: Cadaxericandi, Cheracaru, Putanchate, Comeſe, porteiro mór de ElRey, Arcunden Coundem, do ſeu Conſelho, Amenate, Condem, Gerulem, Capitão do campo, Chiranmala Portati Reſvoramem, Regedor da banda do Oriente no Malavar, e outros muitos que deixo por fugir proluxidade.

Foi a vinda deſte homem quaſi nos annos do Senhor de 811. ſegundo ſe acha nos livros Caldeos deſtes Chriſtãos; e por muitas conjecturas me parece que eſte he o regulo, que Santo Antonino eſcreve na ſua hiſtoria, que mandava todos os annos hum preſente de pimenta ao Summo Pontifice; porque naquelle tempo era mui continuado dos Chriſtãos da Europa o ſepulcro do Santo Apoſtolo, e por elles lhe mandaria o Thomé Cananeo aquelle pre-

ſen-

ſente; de maneira que a primeira Igreja, que o Santo Apoſtolo fez, foi no lugar de Patana, que depois ſe deſtruio pelas muitas, e grandes guerras que houve naquelle tempo, e depois o Thomé Cananeo a tornou a reedificar, como diſſemos, e dahi a muitos tempos ſe mudou pera Paru. E a ſegunda Igreja que ſe fez no Malavar, eſte Cananeo a fez (como já diſſemos) e foi em Cranganor; e por eſta obra o puzeram aquelles Chriſtãos no catalogo dos ſeus Santos, e rezáram delle.

Das gentes que com elle vieram, procedem os Chriſtãos de Diamper, Cortate, e Cartute, que ſem dúvida ſam de caſta Armenios, e o meſmo ſeus filhos, porque trouxeram ſuas mulheres; e depois os que procedêram delles ſe caſáram na terra, e vieram a ſer por tempo todos Malavares. Os Reynos, em que hoje ſe conſervam eſtes Chriſtãos de S. Thomé, ſam os ſeguintes: No Reyno dos Maleas vinte e ſeis leguas das terras de Madure. No Reyno de Turubuli ſeu vizinho. No Reyno de Maota. No Reyno de Batimena. No Reyno de Porca. No Reyno de Travancor. No Reyno de Diamper. No Reyno da Pimenta. No Reyno dos Tetancutes. No Reyno de Paru; e ultimamente no Reyno de Cortute.

To-

Todos estes Christãos, depois que se lhes acabáram os Prelados Catholicos, que lhes vinham da Cidade de Edessa, vivêram muitas centenas de annos naquella fé que lhes seus pais, e avós ensináram até quasi os annos do Senhor de 730. antes que o Thomé Cananeo alli aportasse. E poucos annos depois da fundação da Cidade de Coulão, deste fundamento, como já disse, contam os Malavares suas eras; e nesta de 1611. em que escrevo isto, sam de sua fundação a de 722. por onde vai a nossa conta diante 889. annos, em que foram ter áquella Cidade dous Caldeos de Babylonia, chamados Mar Xabio, e Mar Prod, sequazes da seita Nestoriana, que foram bem recebidos daquelles Christãos, e estimados daquelle Rey, por mostrarem muita santidade, que governáram aquella Christandade não sei se com nome de Bispos, ainda que cuido que isto he o mais certo, e que repartíram toda aquella Christandade em dous Bispados, em que alevantáram muitos Templos; e vivêram com tanto exemplo entre elles, que por suas mortes foram havidos por santos; e postos nos seus catalogos, rezavam delles em seus breviarios. Donde o Arcebispo Primaz D. Fr. Aleixo de Menezes, visitando aquellas Igrejas, os mandou borrar pelos ter por hereges scis-

ſciſmaticos, por virem de Babylonia por ordem do Patriarca Grego.

Com eſtes homens creſceo eſta Chriſtandade tanto, e vieram a ter tanta poſſe, que alevantáram entre ſi Reys, por quem foram muitos annos regidos, e governados, ſem ſe quebrar a direita ſucceſsão, e veio aquelle Reyno ao Rey de Diamper. Com elle paſſou ao de Cochim por perfilhação que tinha feito com aquelle Rey, como temos bem moſtrado no noſſo Epilogo das couſas da India: e eſta he a razão, por que eſtes Reys de Cochim pertendem ter mais poder, e ſenhorio que os outros Reys ſobre eſtes Chriſtãos.

Depois de falecidos eſtes Caldeos, mandáram a Babylonia pedir Biſpos, por não terem commodo pera mandarem a Roma, porque por morte deſtes lhes ficou ſó hum Diacono, que tomou por ſi o officio de Sacerdote, ſem ſer ordenado, e o exercitou, cuidando que o podia fazer, que tão ignorantes eſtavam todos. Com eſte recado os proveo o Patriarca Grego de hum Arcebiſpo, chamado Mar Joanna, e de dous Biſpos ſuffraganeos ſeus Coadjutores, e futuros ſucceſſores. Eſte Arcebiſpo ordenou o Breviario Caldeo, de que até agora uſava eſta Igreja, e fez ſeu aſſento em Cranganor. Por morte deſtes Arcebiſpo, e Biſ-

Bispos succedeo outro chamado Mar Jacob, que tinha vindo tambem de Babylonia, que governou muitos annos, e faleceo quasi no de mil e quinhentos. E logo no de mil quinhentos e dous, chegando á India a segunda vez D. Vasco da Gama, primeiro Almirante, e Conde da Vidigueira, e indo a nova a estes Christãos da grande Armada com que este Capitão estava em Cochim, lhe mandáram Embaixadores a lhe fazer a saber como eram Christãos, e que estavam mui avexados daquelles Reys vizinhos: que lhe pediam os amparasse, e defendesse delles: que daquelle dia em diante se faziam vassallos de ElRey de Portugal: e em final desta vassallagem lhe mandavam o Sceptro de que seus Reys usáram, que lhe os Embaixadores entregáram, que era huma vara vermelha guarnecida de prata nas pontas, e na cabeça tres campainhas, que o Conde Almirante recebeo com grande apparato, e náos embandeiradas, e a mais lustrosa gente na sua, e os mandou salvar com toda a artilheria, de que elles ficáram assombrados, por não terem ouvido nunca aquelle estrondo. E á Embaixada respondeo aos Christãos com grandes offerecimentos da parte de ElRey de Portugal, em cujo nome lhes disse, que acceitava aquelle Sceptro, assegurando-os que elle

mandaria Armadas mais poſſantes, e mais poderoſas que aquella com que os libertaſſe das ſujeições dos vizinhos; e aos Embaixadores mandou dar peças ricas, e curioſas, com que foram muito ſatisfeitos. E não acho ſe mandou o Almirante com elles alguns Religioſos dos que hiam na Armada pera os doutrinar, e enſinar nos coſtumes Romanos; porque neſtas, e outras couſas de tanta importancia foram os noſſos Eſcritores mui remiſſos, e deſcuidados.

E tornando aos Prelados: por morte do Arcebiſpo Mar Jacob veio outro chamado Mar Joanna, ſegundo deſte nome, que eſtá enterrado na Igreja de Diamper, e a eſte lhe veio de Babylonia outro chamado Mar Janabo, e aſſim foram ſuccedendo outros Arcebiſpos até quaſi os annos de 1556. em que o Papa Paulo IV. ſuccedeo na Cadeira de S. Pedro, que confirmou em Patriarca da Abaſſia a D. João Bermudes, como na minha quinta Decada fica dito, em cujo tempo foram a Roma Simão Sulaca Biſpo de Caeremit, Cidade cabeça da Meſopotamia, e com elle outros dous Biſpos, hum que ſe chamava Mar Elias, e outro Mar Joſef, que ambos deram obediencia ao Summo Pontifice por ſi, e por ſeus ſubditos, e elle os confirmou, e ao Simão Sulaca em Patriarca de

Mu-

Mufal, e aos outros em feus Bifpados fuffraganeos a elle: e ao Mar Jofef, que tinha o titulo de Bifpo de Ninive, mandou que foffe governar os Chriftãos das ferras do Malavar, e com elle o Bifpo D. Ambrofio Monte-cœli, Frade Dominico, por feu Coadjutor, e futuro fucceffor, e affim ficou aquelle Patriarcado dividido em dous, hum Catholico, e outro herege; o Catholico na Cidade de Mufal, e o outro em Antioquia; mas o Catholico viveo pouco, porque logo foi morto por ordem do herege. E os Bifpos Mar Jofef, e D. Ambrofio, que ainda eftavam com elle, tiveram modo pera fugirem por fe arrecearem doutro tanto, e foram ter a Ormuz, e nas náos que partíram pera a India fe embarcáram, e não acho fe tomáram Goa, ou aonde foffem aportar. Bafta que paffáram ás ferras do Malavar, onde aquelles Chriftãos os recebêram muito bem, e o Mar Jofef tomou poffe do Bifpado, em que ordenou muitas coufas mui boas. O D. Ambrofio parece que não vio aquella terra conforme a fua vontade, foi-fe pera Cochim, e dalli pera Goa, e no Convento de S. Domingos leo a Sagrada Theologia aos feus Frades com muita fatisfação por fer muito douto; e indo-fe embarcar a Cochim pera o Reino no anno de 1557. fa-

leceo naquella Cidade, e jaz nella enterrado no Mosteiro de S. Domingos, como já temos dito no Capitulo I. do I. Livro da setima Decada.

E tornando ao Mar Josef, como elle vinha inficionado, e contaminado da peste Nestoriana, começou a semealla pelo seu Bispado, e ainda por alguns moços que tomou em Cochim pera seus pagens. O que sabido pelo Bispo daquella Cidade D. Jorge Temudo da Ordem de S. Domingos, deo conta disso ao Viso-Rey, e ao Arcebispo de Goa, que escrevêram ao Capitão de Cochim que prendesse logo ao Mar Josef, e o embarcasse pera o Reino nas náos que lá estavam tomando a carga pera partir; o que elles fizeram, porque o houveram ás mãos por manha. Por sua ida mandáram os Christãos a Babylonia a pedir Bispo, donde lhe mandáram hum Mar Abrahão, que em trajos de marinheiro entrou naquella serra, onde foi muito bem recebido; e logo na volta das náos, em que embarcáram a Mar Josef, tornou elle a vir muito favorecido do Cardeal D. Henrique, e da Rainha que então governavam, porque assim soube attrahir os corações destes Principes, que lhe concedêram tudo o que pedio, com prometter de reduzir todos aquelles Christãos á obediencia da San-

Santa Igreja Catholica Romana; e chegando a ſeu Biſpado, foi recebido de alguns póvos, e de outros não, por eſtarem affeiçoados a Mar Abrahão, e aſſim houve entre elles ſciſma. Ao que acudíram o Viſo-Rey, e o Arcebiſpo; e tal manha tiveram, que houveram ás mãos o Mar Abrahão, e embarcaram-no pera o Reyno por ſer herege refinado; e a náo em que foi arribou a Moçambique, donde em hum pangaio ſe paſſou a Ormuz, e dalli á Babylonia a dar razão de ſi áquelle Patriarca, e a pedir-lhe Breves pera tornar a ſeu Biſpado. Mas entendendo bem que ſe não foſſe por ordem do Papa, não poderia ſer admittido a elle, mudou o conſelho, e paſſou a Roma, e deo relação de ſuas couſas ao Papa, que era então Pio IV. e diante delle anathematizou ſeus erros, e fez profiſsão da Fé Catholica Apoſtolica Romana, e prometteo de reduzir aquella Chriſtandade á Santiſſima Fé Catholica da Igreja Romana: pelo que o Santo Pontifice lhe paſſou Breves Apoſtolicos, em que o confirmava em Biſpo daquelles povos Chriſtãos. E porque até então não era legitimamente ordenado, nem tinha Ordens algumas, o mandou ordenar deſda primeira Tonſura até ás Ordens de Miſſa: e paſſou Breves ao Patriarca de Veneza pera o

ſa-

ſagrar em Biſpo ; e deo-lhe cartas pera o Viſo-Rey da India, Arcebiſpo de Goa, e Biſpo de Cochim, em que lhe pedia o deixaſſem paſſar a ſeu Biſpado de Veneza, onde ſe ſagrou, paſſou por terra a Ormuz, e dahi a Goa, e apreſentou ſeus Breves ao Arcebiſpo D. Gaſpar, que examinando-os bem, achou que eram ſubrepticios, e paſſados com falſas informações, pelo que o fez deter em hum dos Moſteiros de Goa até informar a Sua Santidade da verdade, e foi poſto em S. Domingos, onde eu fallei com elle muitas vezes: dalli teve taes intelligencias, que quinta feira de Endoenças, eſtando os Religioſos occupados naquelles piedoſos, e devotos Officios, cheios dos Myſterios que nelles ſe celebrão, fugio, e ſe paſſou pera as terras do Idalxa, e dahi ao ſeu Biſpado, onde já não eſtava o Mar Joſef, porque o tinham embarcado nas náos paſſadas pera o Reino por Breves da Sé Apoſtolica, e cartas de ElRey, e Cardeal, por ſerem informados que era herege pertinaz, e não cumprio o que prometteo ao Papa. Entrando o Mar Abrahão na ſerra, e achando ſeu competidor auſente, foi logo recebido de todos por ſeu Prelado; e por ſe recear que o Arcebiſpo de Goa, e Biſpo de Cochim o tornaſſem a haver ás mãos,

ſe

ſe metteo muito pelo certão. O que ſabido pelos noſſos Prelados, trabalháram pelo colher, e aviſáram de tudo ao Summo Pontifice, que paſſou Breves o anno 78. dirigidos ao meſmo Biſpo Mar Abrahão, em que lhe mandava deixaſſe prégar a Lei de Chriſto em todo o ſeu Biſpado: e que dalli em diante ſe achaſſe em todos os Concilios que em Goa ſe celebraſſem: e que guardaſſe ſeus decretos, e ſe ſujeitaſſe a elles: e que pera ir a Goa lhe dava ſeguro Apoſtolico. E aſſim ſe achou no Concilio que celebrou D. Fr. Vicente da Fonſeca; o que fez por não ſer de todo reprovado, e havido por herege. E depois de acabado o Concilio, ſe foi pera ſeu Biſpado, e nada cumprio do que prometteo, e jurou no Concilio.

Eſtando aſſim as couſas deſtes Chriſtãos neſte bem ruim, e deſaventurado eſtado com a falſa, e perverſa doutrina, que eſte herege ſemeava, chegou áquella ſerra hum Mar Simeão, que diſſe ſer mandado pelo Patriarca de Babylonia pera ſucceder naquelle Biſpado, que a Rainha da Pimenta agazalhou, e favoreceo, e ſe fez cabeça de todos os Chriſtãos daquelle Reino, e de outros que tambem lhe obedecêram, e poz ſeu aſſento no lugar de Cartute, onde começou a exercitar o officio de Biſpo,

ordenar, crifmar, e outras coufas, de que informados os Prelados da India, o houveram ás mãos, e o embarcáram pera o Reino, e delle fe paffou a Roma, onde foi examinado por mandado do Papa Xifto V. e foi achado hum fino herege Neftoriano, e que não fó não era Bifpo, mas nem ainda Sacerdote: pelo que foi fentenceado que não ufaffe mais da dignidade, nem da Ordem.

Com efta ida de Mar Simeão pera o Reyno ficou o Mar Abrahão quieto em feu Bifpado, onde não teve emenda, antes foi por diante com feus erros, e coftumes Neftorianos. E fendo chamado a Goa no anno de 1590. pelo Arcebifpo D. Fr. Mattheus pera Concilio que queria celebrar, não quiz acudir, por fe temer que o prendeffem, como já fizeram da outra vez. Pelo que o Arcebifpo efcreveo ao Summo Pontifice dos máos coftumes defte homem, que mandou paffar hum Breve dirigido ao Arcebifpo D. Fr. Aleixo de Menezes, quando veio pera a India no anno de 95. em que lhe mandava que inquiriffe das culpas defte homem; e que achando fer Neftoriano, o prendeffe, e proveffe aquelle Bifpado de Governador; e não confentiffe mais entrar nelle Bifpos de Babylonia, fenão os que foffem por ordem da Igreja Romana.

E

E tirando o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes inquirição deſte Biſpo, achou ſer herege, e culpado em graviſſimos erros; e porque eſtava já em idade tão decrepita, que ſe não alevantava de huma cama. E ſabendo que tinha mandado a Babylonia pedir ſucceſſor, diſſimulou com elle, e mandou em Ormuz ter tantas intelligencias, e nos portos da India, pera que não paſſaſſe áquella Chriſtandade nenhum Biſpo de Babylonia, que vindo hum a ſucceder ao Mar Abrahão, parece que foi aviſado deſte negocio: pelo que houve por mais acertado conſelho tornar-ſe pera Babylonia. O Mar Abrahão faleceo logo envolto em ſeus peſtilenciaes, e abominaveis erros, e ficou aquelle Biſpado entregue ao Arcediago, que tambem era tocado da meſma lepra. E o Arcebiſpo com muita prudencia o mandou confirmar até que elle foſſe peſſoalmente tomar poſſe daquella Igreja, conforme aos Breves que pera iſſo tinha do Papa, e eſcreveo ao Arcediago fizeſſe Profiſsão da Fé, e reconheceſſe a Igreja Catholica. E eſta foi a cauſa que moveo ao Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes a fazer eſta jornada com tantas deſpezas de ſua fazenda, e tão grande riſco, e perigo de ſua vida, ſó pelo aproveitamento das almas de tantos fieis, quan-

tos

tos os malditos Bispos hereges tinhão apartado da Igreja Romana.

CAPITULO VI.

Dos erros em que viviam estes Christãos: e de como o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes os reduzio á obediencia da Santa Igreja Romana: e do Synodo Diocesano que celebrou, em que tirou muitos erros, e abusos.

JA' que démos relação desta Christandade, pareceo-me que convinha tratar tambem dos erros em que viviam, pera se saber o damno que lhe tinham feito os Bispos Babylonicos, e o fruto que o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes fez em os visitar. Pelo que se ha de saber, que aquelle maldito herege Nestorio concorreo quasi nos annos do Senhor de 440. e depois nos de quatrocentos e sincoenta e hum, que sua peçonha hia já lavrando pelo mundo, foi necessario ao Summo Pontifice Celestino I. ajuntar em Efeso Concilio contra elle, em que se acháram duzentos Bispos, onde condemnáram este perverso heresiarca, e se queimáram todos os livros dos Maniqueos; e naquella envolta foi tambem condemnado por herege Dioscoro Bis-

Bispo de Alexandria, que seguia a Euthichio.

Condemnado Nestorio por herege, não deixou de ir com sua protervia, e pertinacia por diante, com que fez tantos males no mundo, e levou apôs si caminho do inferno tantos mil milhares de almas dos malditos que os seguíram. E de maneira se estendeo, e dilatou sua falsa doutrina, que chegou a peçonhentar estes pobres Christãos lá mettidos nas mais escondidas matas, e nas mais fragosas serras do Malavar, ensinando-lhes seus Bispos a sua falsa doutrina, com que destruiam a verdade da Encarnação do Verbo Divino, e ficavam particulares offensores da sacratissima Virgem Maria sua Mãi, e Senhora nossa, negando-lhe a principal honra que tinha, que era ser verdadeira, e natural Mãi do Filho de Deos, com outras heresias contra a limpeza, e pureza do parto virginal da mesma Senhora. Não admittiam nas Igrejas Imagens nenhumas mais que a Cruz. Affirmavam que as almas dos Santos não haviam de ver a Deos, senão depois do juizo Universal. Dos Sacramentos não tinham estes Christãos mais que os do Baptismo, da Ordem, e da Eucharistia. E ainda no do Baptismo tinham tanta confusão na fórma delle, que cada Cassanar,

ou Clerigo baptizava como lhe parecia, e usavam nelle diversas fórmas com que não ficava verdadeiro Sacramento. Não usavam de Oleos santos, nem os conheciam; mas porque ouviam fallar nelles, untavam os baptizados com azeite de coco, e gergilim, sem benção alguma; o que geralmente se usa neste Malavar, porque os alimpa, e lhe dá forças, e saude corporal. Tinham particular odio, e aborrecimento ao Sacramento da Confissão: só em algumas Igrejas, que estavam perto das nossas, se confessavam poucos, porque o viam fazer aos Portuguezes; e todos os mais em lugar de confissão de peccados, punham huns grandes brazeiros no meio das Igrejas aos Domingos, onde lançavam muito incenso, e os rodeavam, e tomavam aquelle fumo, lançando-o com as mãos pera os peitos, havendo que com aquelle fumo se hiam seus peccados, e frequentavam o Sacramento da Communhão sem outro apparelho mais que irem em jejum. As Missas que diziam, tinham muitos erros que accrescentou Nestorio. E antes de lhes lá ir vinho de Portugal, consagravam em vinho de palma deitado em passas seccas, e as Hostias eram bolos feitos com azeite, e sal até o tempo de Arcebispo Mar Josef, que por se accommodar aos nossos costumes con-

consagravam em Hostias como as nossas, e vinho de Portugal.

No Sacramento da Ordem eram muito dados, tanto que havia poucas casas, onde não houvesse algum ordenado; porque como nada impedia antre elles os exercicios seculares, muitos se ordenavam pera usarem de huns, e outros, e assim o faziam de dezesete, dezoito, e vinte annos, e os mais delles casavam depois de Sacerdotes, e muitos viuvos já com mulheres viuvas; e tantas quantas vezes viuvavão, tantas tornavam a casar, sem se conhecer antre elles a irregularidade da bigamia, nem terem algum apartamento das mulheres, quando haviam de celebrar. E acontecia muitas vezes haver n'uma mesma Igreja pais, filhos, e netos todos Sacerdotes, e todos ministravam nellas. Estas suas mulheres se chamavam Catatiaras, ou Cassaneiras, que quer dizer, mulheres dos Cassanares, que são os Sacerdotes, e assim por isso eram as mais honradas do povo, e traziam pera isto hum certo sinal, porque eram conhecidas. E em todos estes Sacramentos eram publicos simoniacos, porque os não davam senão por preço certo. No do matrimonio tinham muitos abusos, porque bastava darem-se por casados pera o serem, e alguns o ficavam com lançarem hum fio

do

do ſeu peſcoço ao da noiva. Quando as mulheres pariam, guardavam o coſtume da lei velha, que ſendo macho não entravam na Igreja, ſenão aos quarenta dias; e ſe era femea, aos oitenta. A ſua agua benta não tinha mais ceremonias, que lançarem-lhe huma pequena de terra dos lugares por onde o Santo Apoſtolo andou, e huns grãos de incenſo. Uſavam muito de ſortes, e feitiços, porque tinham hum livro chamado Pareſmão, que quer dizer medicina Perſica, donde tiravam os dias fauſtos, ou infauſtos pera fazerem ſuas couſas. Finalmente outros cem mil abuſos, erros, hereſias, e ritos gentilicos que deixo, porque a hiſtoria não ſoffre tanto.

Todos eſtes abuſos, e outros muitos que tinham, tirou o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes, e emendou todos aquelles povos, e os reduzio a huma vida politica chriſtã, e lhes fez fazer Profiſsão da Fé Catholica, e dar obediencia ao Summo Pontifice; e mandou baptizar de novo muitos povos, que não eram canonicamente baptizados. E em todas eſtas couſas foi muito ajudado de Franciſco Rodrigues Padre da Companhia, que hoje he Arcebiſpo daquella ſerra, e Chriſtandade, e de outros Padres da meſma Companhia, que antes, e então trabalháram, e roſſáram aquelles ma-

matos bravios , e os foram difpondo , e habilitando pera receberem com facilidade a femente do fanto Evangelho. E tendo já o Arcebifpo efte fruto affazonado pera acabar de cumprir de todo efta tão grande obra , celebrou Concilio Provincial no lugar de Diamper com a mór ceremonia , e mageftade que pode , que fe começou na terceira Dominga depois do Pentecofte , que cahio a vinte de Junho defta era em que andamos. Acháram-fe nelle o Capitão da Cidade de Cochim , Vereadores , e outras peffoas principaes , e os Padres Francifco Rodrigues , e Jorge de Caftro da Companhia de Jefu , e o Confeffor do Arcebifpo , que era Religiofo da Ordem do gloriofo Padre Santo Agoftinho , que fe chamava Fr. Braz. Nelle fe ordenáram coufas muito fantas , e boas ; e os Procuradores dos povos , Parocos , e Vigairos fizeram Profifsão da Fé Catholica. Com o que aquella Chriftandade tornou a renafcer por graça : o que Deos noffo Senhor confirmou com alguns milagres , que fua mifericordia quiz obrar pera moftrar quanto aquella obra lhe agradava , e era acceita.

Depois de acabado o Concilio , vifitou o Arcebifpo as terras dos Chriftãos , e todas fuas Igrejas com grande defpeza da fazenda , e rifco de fua vida ; porque algumas ve-

vezes tratáram de o matar; mas de todas o livrou Deos quaſi milagroſamente. Os Decretos do Synodo ſe enviáram depois ao Summo Pontifice Romano, que os approvou, e eſtimou muito aquella obra, havendo-a por couſa a que o Eſpirito Santo aſſiſtíra, e proveo logo aquelle Biſpado de Biſpo Catholico, que foi o Padre Franciſco Rodrigues da Companhia, em quem concorriam muitas partes pera o cargo que lhe davam; porque além de o merecer naquella jornada, em que ſempre acompanhou ao Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes, ſabia muito bem a lingua Malavar, e Caldea: e agora ao preſente que eſcrevemos iſto governa eſte Arcebiſpado com muita ſatisfação, e tem aquelles Chriſtãos tão differentes do que eram antigamente, que parece que foram creados de meninos com o leite da Santa Fé Catholica. Demos relação deſtas couſas, aſſim por ſerem da gloria de Deos noſſo Senhor, como por ſuccederem neſte tempo do governo do Conde Almirante, de quem eſcrevemos, que deo tres mil pardaos pera ajuda de cuſto ao Arcebiſpo pera eſta jornada, e huma galé pera irem, e tornar.

CA-

CAPITULO VII.

De como ElRey de Portugal mandou passar Carta de Irmão em Armas a ElRey da Gundra, que lhe o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes passou, conforme á ordem que lhe deo o Conde Almirante Viso-Rey: e das obrigações que lhe poz: e de como renunciou seus Reynos nas mãos do Arcebispo, que lha acceitou em nome do Conde Viso-Rey.

HAvia muitos annos que ElRey da Gundra no sertão de Coulão andava em requerimento com ElRey nosso Senhor, que Deos tem na gloria, acceitallo por seu irmão em Armas, que he a mór honra, e mercê que os Reys de Portugal sempre fizeram aos Reys da India, que por obras lho merecêram: ao que ElRey o quiz satisfazer. E nas náos passadas, de que veio por Capitão Mór D. Affonso de Noronha, em huma instrucção que veio ao Conde, lhe mandava ElRey que passasse Carta de Irmandade com as clausulas, e condições acostumadas, e áquelle Rey escreveo cartas de honras, e mimos. E querendo o Conde cumprir a vontade de ElRey, quando o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes se embarcou pera ir visitar os Christãos de

S. Thomé, como já dissemos, entre muitas cousas que lhe encommendou, foi esta deste Rey da Gundra, a quem escreveo, e lhe mandou a carta de ElRey. E estando o Arcebispo nas terras da Rainha de Changarnate visitando a Igreja de Talevacare, que he das mais antigas daquella Christandade, onde lhe mostráram tres laminas de cobre de dous palmos de comprido, e quatro dedos de largo, em que estavam abertas ao boril differentes letras, e caracteres, que continham os privilegios, doações, e rendas que o Rey de Coulão concedeo áquella Igreja, quando alli edificáram os dous Babylonicos Mar Xabro, e Mar Podde que atrás tratámos. Estas tres laminas tinham estes Christãos dalli em grande veneração, e estima. Assim que estando o Arcebispo visitando esta Igreja, mandou recado ao Rey da Gundra, pera que se vissem onde elle ordenasse, porque importava assim ao serviço de ElRey de Portugal, e honra sua. A este recado mandou ElRey responder que seria com elle, mandando-lhe nomear o lugar, que era dalli perto em hum campo raso entre grandes matas de arvores carregadas de pimenta. E ao dia assinalado partio o Arcebispo muito bem acompanhado de todos os que o seguiam, que era gente graúda, e muito lustrosa,

e achou aquelle Rey esperando-o naquelle lugar acompanhado do Principe Herdeiro, e de seus Regedores, e Naires Principaes, e da gente miuda muito grande copia; e depois das palavras geraes daquella primeira vista, que foram assentados em cadeiras de veludo, que o Arcebispo pera isso mandou levar, lhe disse, que ElRey de Portugal lhe tinha concedido a mercê que havia tantos annos pertendia, que era recebello por irmão seu em armas, mercê que os Reys de Portugal concediam a poucos, por ser a maior, e de mór estima que todas as que faziam aos que lho bem mereciam, como o elle sempre fez nos favores que deo ás Igrejas do seu Reyno, e Christãos delle; e a pimenta que de suas terras passava pera a Feitoria de Coulão, que tudo isto eram merecimentos pera lhos ElRey de Portugal agradecer, como o fazia naquella honra que lhe dava. E logo lhe entregou a Carta de ElRey, e lhe passou alli a de irmão em armas, ou a levou feita de Cochim; e porque me não lembra que João de Barros escrevesse a fórma dellas, me pareceo bem polla aqui *de verbo ad verbum*, assim como está na Torre do Tombo de Goa no livro das Pazes, e Contratos folh. 146.

» ElRey de Portugal, &c. Faço saber

» aos que eſta minha Carta virem, que
» conſiderando eu a grande obrigação que
» tenho de trabalhar muito, porque ſe di-
» late a noſſa Santa Fé Catholica, enſina-
» da por Jeſu Chriſto noſſo Senhor, o que
» com ſeu favor tenho feito nos Reynos,
» e Eſtados de minha Coroa, á imitação
» dos Senhores Reys de Portugal meus
» predeceſſores; e tendo reſpeito a que pera
» eſte meu intento convem muito a paz, e
» união dos Reys das partes da India, pera
» que os Miniſtros do Santo Evangelho
» obrigados com eſta paz a poſſam melhor
» prégar, chamando por eſte caminho aos
» infieis ao gremio da Santa Madre Igreja
» por meio do ſanto baptiſmo. E porque
» ſou informado de peſſoas zeloſas do ſer-
» viço de Deos, e meu, que ElRey da
» Gundra Topa Muta Pandara pertende
» ha muitos annos que eu, por lhe fazer
» mercê o acceite por meu irmão em ar-
» mas a elle, e a ſeus ſucceſſores, a que
» me tem obrigado com muitos ſerviços;
» e pedindo-me o meſmo por ſuas cartas
» eſcritas, aſſim a mim, como aos meus
» Viſo-Reys do meu Eſtado da India. Pelo
» que eu por folgar de lhe fazer mercê,
» reſpeitando a inſtancia com que me faz
» eſte requerimento, hei por bem, e me
» praz de o tomar a elle, e a ſeus ſucceſ-
» ſo-

» ſores, que forem Reys do dito Reyno,
» por meus Irmãos em armas, e quero
» que gozem de todos os privilegios,
» liberdades, franquezas, e mais mercês
» de que gozão ſemelhantes Reys meus ir-
» mãos em armas: pera o que lhe faço
» mercê de huma bandeira Real, pera que
» por ella ſeja conhecido por tal, e meus
» Capitães o ſeguirem em ſuas guerras,
» em que ſeram ajudados com as armas
» da India, e por terra com meus vaſſal-
» los todas as vezes que diſſo eſtiverem
» neceſſitados, e pedirem. E mando aos
» Capitães de Coulão que da publicação
» deſta por diante façam muitos favores
» aos vaſſallos do dito Rey da Gundra,
» não conſentindo ſer-lhes feito aggravo
» algum. Pera que em nenhum tempo ſe
» ponha em eſquecimento a obrigação que
» fica ao dito Rey, e ſeus ſucceſſores pera
» effeito da conſervação deſta paz, e ir-
» mandade, mandei ajuntar a eſta Carta as
» couſas que prometteo, e fica obrigado
» a cumprir, que são as ſeguintes.

» Primeiramente dará licença, pera
» que em ſuas terras ſe façam Igrejas, e
» ſe alevantem Cruzes naquellas partes
» que aos Miniſtros que andarem na Chri-
» ſtandade, parecerem mais accommodadas
» pera haver Chriſtandade, não impedindo

» fa-

» fazerem Chriſtã toda a ſorte de peſſoa;
» de qualquer eſtado, e condição que ſeja;
» e o que ſe fizer Chriſtão, não perderá
» por iſſo o officio, ou dignidade que ti-
» ver, nem ſua fazenda, ou alguma parte
» della, e por ſua morte a poderáõ teſtar
» em ſeus herdeiros; e não nos tendo, a
» deixaráõ a quem quizerem, conforme ao
» que uſam os Chriſtãos, que ſe contém
» em minhas Ordenações. E deſte favor
» gozarám tambem os Chriſtãos de S.
» Thomé, que morarem em ſuas terras,
» ſendo em tudo ajudados, e favorecidos
» dos ditos Reys.

» Mandará o dito Rey, que junto ás
» ditas Igrejas ſe não façam de novo Meſ-
» quitas de Mouros, nem Eſnogas de Ju-
» deos, nem Pagodes de Gentios, nem
» ainda conſentirá habitarem nenhumas
» das ditas gentes perto das Igrejas, pelo
» que ſe deve á veneração dellas, e pera
» nada ſer eſtorvo ao conteudo no Capitu-
» lo precedente: e aſſim que as ditas Igre-
» jas ſejam couto aos que ſe a ellas aco-
» lherem, como he coſtume entre os Chri-
» ſtãos; e os Padres que andarem no mi-
» niſterio da Chriſtandade poderáõ entrar
» ſeguramente pelas terras do dito Rey,
» poſto que eſteja com outro de guerra,
» levando comſigo a companhia que lhe

» for

» for neceſſaria com a guarda devida, ſem
» ſerem obrigados a pagarem pensões, ou
» outro algum tributo ; e teram jurdição
» nas Igrejas pera poderem conſtranger aos
» Chriſtãos com os caſtigos que lhes pare-
» cer, a guardar as couſas de ſua Lei, ſem
» lhes a iſſo ſer poſto impedimento algum.

» Será o dito Rey, e ſeus ſucceſſores
» amigo dos amigos do Eſtado da India,
» e inimigo de ſeus inimigos, pelejando
» todas as vezes que for neceſſario em
» defensão da Fortaleza de Coulão contra
» quem com ella tiver guerra, achando-ſe
» niſſo com ſua peſſoa, e vaſſallos : e da
» meſma maneira pelejarem contra os
» Reys, que tiverem guerra com Eſtado nas
» partes em que puder, entregando os
» inimigos que ſe acolherem a ſuas terras
» pera ſe fazer delles juſtiça. E aſſim mais
» ſerá obrigado a não dar mantimentos,
» nem conſentir que paſſem por ſuas ter-
» ras pera os inimigos do Eſtado, ou os
» que com elle tiverem guerra.

» Serão obrigados a fazer que pelos
» portos ſeccos de ſeu Reyno não paſſe
» pimenta alguma, obrigando a ſeus vaſ-
» ſallos que tragam a que tiverem ao pezo
» de Coulão, onde ſe lhes comprará pelo
» preço ordinario, ſendo-lhes iſto pedido
» pelos Portuguezes. »

Neſ-

Neſte contrato, e obrigação ſe aſſignou ElRey da Gundra com o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes, e o traslado deram áquelle Rey pera ſua guarda, e ſe publicou na Fortaleza de Coulão pera ſer notorio a todos.

Acabado aquelle Auto da bandeira das Armas de Portugal ao Rey da Gundra, mandou ElRey affaſtar a gente toda, tirado o Principe, e Regedores, e então deo ao Arcebiſpo particular conta das couſas de ſeu Reyno, repreſentando-lhe a idade tão decrepita em que eſtava, e que cada dia eſperava pela morte, e que depois della ficava ſeu Reyno arriſcado a ſe perder, ſenão tiveſſe quem o defendeſſe dos Reys vizinhos, que eram mais poderoſos que elle. E vendo o Arcebiſpo aquella porta que ſe lhe abria pera tratar do que mais convinha ao Eſtado, reſpondeo áquelle Rey: » Que já que elle era irmão em » armas de ElRey de Portugal, não po- » dia deixar de lhe dizer o que lhe con- » vinha.» E lhe diſſe mais: » Que elle eſ- » tava informado que o Rey de Travan- » cor não eſperava mais que falecer elle » pera logo ſe ſenhorear do ſeu Reyno, » por dizer que pertencia á Rainha de » Changarnate ſua ſobrinha, que o tinha » perfilhado: e que ſoubeſſe que ſe eſte

» vi-

» vizinho mettia o pé em ſeu Reyno, ha-
» via de roubar, maltratar, e avexar ſeus
» vaſſallos, e governallo por ſeus Naires. »
Eſte diſcurſo do Arcebiſpo tinha o Rey
já concebido, porque receava muito que
fazendo-ſe o Travancor Rey daquelle Rey-
no, ficava a Fortaleza de Coulão cercada
por todas as partes, couſa muito perjudi-
cial ao Eſtado, porque eſtava certo tolher-
lhe os mantimentos, e o trato da pimen-
ta: e por iſſo fez ao Rey ſobre iſto aquel-
las carrancas, que o amedrontárão tanto,
que reſpondeo ao Arcebiſpo que todas as
couſas que lhe tinha dito ſabia elle mui-
to bem. Ao que lhe o Arcebiſpo replicou
com lhe dizer, que ſe quizeſſe tomar ſeu
conſelho, que lhe daria ordem pera com
muita facilidade ſe livrar daquelles males,
que tanto temiam. Ao que ElRey, e to-
dos os do ſeu Conſelho reſpondêram, que
de muito boa vontade o tomariam. Então
ſe declarou o Arcebiſpo, e lhe diſſe, que
renunciaſſe o Reyno nas mãos de ElRey
de Portugal ſeu irmão, que elle o entrega-
ria da ſua mão a Rey que o defendeſſe
com a ajuda dos Portuguezes do poder
do Rey de Travancor, e de todos ſeus
inimigos. A iſto deo o Rey da Gundra, e
todos os do ſeu Conſelho a orelha, e diſſe
que já elle diſcurſára em ſeu penſamento
en-

entregar aquelle Reyno a ElRey de Cochim, pera que o defendesse, por ser Rey poderoso, e ter sempre ajuda dos Portuguezes, e que elle o não quizera acceitar, por estar o seu Reyno muito desviado. E já que assim era, que elle entregaria o Reyno nas mãos delle Arcebispo em nome de ElRey de Portugal seu irmão, pera que elle o désse a quem o defendesse, com tal condição que jurasse primeiro na Cruz, e livro dos Christãos, que o não entregaria senão a quem elle, o Principe, e seus Regedores lhe parecesse bem, e que elles todos jurariam de entregar o Reyno a quem elle com seu consentimento nomeasse. O que o Arcebispo logo fez sobre hum Missal com hum Crucifixo posto em sima, na maneira seguinte.

» D. Fr. Aleixo de Menezes, Arcebispo » Metropolitano de Goa, Primaz da India, » e partes Orientaes, do Conselho de S. » Magestade, &c. Por este me obrigo em » nome de S. Magestade, e do Estado da » India de entregando-me ElRey da Gun» dra o Reyno de S. Magestade pera pôr » nelle a pessoa que mais conveniente for » ao serviço do dito Senhor, bem do Es» tado da India, e do mesmo Reyno da » Gundra, Principe do Reyno, e seus Re» gedores; e em especial tratarei de o

» en-

» entregar a ElRey grande de Cochim, ou
» ao Principe grande do dito Reyno, ou
» a ElRey Nambiari de Porcá, qual me-
» lhor parecer ao Eſtado, com obrigação
» de defenderem o dito Reyno de ſeus
» inimigos, e o manterem em paz, juſtiça,
» amizade, e ſujeição dos Portuguezes, e
» da Mageſtade de ElRey de Portugal noſſo
» Senhor, e mais condições que o Eſtado
» lhe puzer. O que tudo juro de cumprir,
» e guardar quanto em mim for, aos Santos
» Evangelhos de Jeſu Chriſto noſſo Se-
» nhor, em que ponho minhas mãos, e
» por minha conſagração; e por me o dito
» Rey da Gundra pedir eſte, o fiz, e aſſig-
» nei preſente o dito Rey, Principe, e
» mais Regedores.» Eſte juramento eſtá
no Livro dos Contratos que tenho na Torre
do Tombo a folh. 146.

E logo o Rey, Principe, e Regedores fizeram juramento conforme a ſeu coſtume, na maneira ſeguinte. » Nós ElRey de Gun-
» dra com a Rainha Herdeira, Principes
» Herdeiros Brama, e Ramorma, com to-
» dos os do noſſo Conſelho, e Governo,
» confiados na Mageſtade de ElRey de
» Portugal, lhe entregamos o Governo, e
» as terras, e vaſſallos, e tudo o mais por
» meio de D. Aleixo de Menezes, Arcebiſ-
» po Metropolitano, Primaz da India, pera
» o

» o governar com justiça, e defender os
» nossos Reynos, e Senhorios; e porque
» nunca haja quebra, e desunião entre El-
» Rey de Portugal, e nós, poderá pôr
» huma pessoa daquellas que o Arcebispo,
» e nós temos praticado. » Este juramento, e obrigação está no mesmo Livro dos Contratos a folh. 149.

Feitos estes juramentos, disse o Arcebispo a ElRey, que bem sabia que os Reys, que no Malavar eram amigos dos Portuguezes, que tivessem terras mais perto daquelle Reyno da Gundra, eram o de Cochim, Porcá, e o de Cale Coulão, que destes tres escolhessem hum a que aquelle Reyno se entregasse. E logo alli assentou ElRey com seus Regedores que commettessem primeiro com elle a ElRey de Cochim; e que não no querendo elle, o entregassem ao de Porcá. E deste seu consentimento se fez outro Auto assignado pelo Rey da Gundra, Principe, e Regedores, e assentáram que o Regedor Mór fosse com o Arcebispo a Cochim a se achar presente á acceitação do Reyno a hum daquelles dous Reys nomeados. E com isto se despedíram, dando o Arcebispo peças, brincos curiosos áquelle Rey, Principe, e Regedores, porque todos estes Reys do Oriente em todos negocios que te-

temos com elles, eſtão com o olho no que eſperam daquelles com quem negoceam.

CAPITULO VIII.

Da Fortaleza que o Rey de Travancor foi alevantando com diſſimulação: e do que paſſou em humas viſtas que teve com o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes.

ELRey de Travancor, cujo Eſtado jaz de Coulão até o Cabo de Comorim, que antigamente foi cabeça de todo o Malavar, e ainda da Ilha de Ceilão (como já em outra parte moſtrei) ſempre, depois que tivemos aquella Fortaleza em Coulão, lançou mão de pequenos bicos pera quebrar a amizade com o Eſtado, e fazer guerra áquella Fortaleza, como pelo diſcurſo das minhas Decadas tenho eſcrito, por ſer natureza de todos eſtes Reys gentios não terem Lei, nem Fé; e neſte tempo em que agora andamos, andava quaſi alterado, e com elle a Rainha de Changarnate, Senhora das terras de Coulão ſua vizinha, e vaſſalla, e com penſamentos de maldades, como logo moſtrou; porque começou com grande diſſimulação a fazer huma arrezoada Fortaleza junto á Igreja dos Chriſtãos de S. Thomé, que eſtá affaſtada da Fortale-

za

za diſtancia de duzentos paſſos, donde lhe ficava em bateria; e lançou fama que era hum pagode que alevantava á honra dos ſeus idolos, que era o peior, e mais máo de ſoffrer; porque ſe o fizera com nome, e titulo de Fortaleza, ſó ficava ſendo affronta do Eſtado ſoffrer-lha; mas com nome de pagode, como elle dizia, e tão perto do Templo dos Chriſtãos, era odio da noſſa Religião, porque Deos, e Baal não podem caber em hum Altar; e aſſim por todas as razões era o Eſtado obrigado a acudir logo a iſſo, como o Conde Almirante pertendeo fazer; porque o anno em que aconteceo o deſaſtre do Cunhale tinha mandado a ſeu irmão D. Luiz da Gama, que dando-lhe Deos vitoria, paſſaſſe a Coulão a desfazer aquella Fortaleza: o que não teve effeito, por chegar a Chocim quebrado, e com muita gente morta, e ferida; e depois que André Furtado de Mendoça acabou aquella empreza do Cunhale, lhe eſcreveo o Conde a Cananor, como adiante veremos, que com toda ſua Armada paſſaſſe a Coulão, e desfizeſſe aquella Fortaleza, o que deixou de fazer por ſer já tarde.

E aſſim trazia o Conde iſto na imaginação, que quando o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes foi pera Cochim, o

que

que mais lhe encommendou, e encarregou foi eſte negocio: e que viſſe, e notaſſe o ſitio daquella Fortaleza, e que aviſaſſe a ſeu irmão D. Luiz da Gama a Cunhale pera ſe lhe Deos déſſe vitoria, paſſar a concluir aquillo: e como o Arcebiſpo levava iſto tão encommendado do Viſo-Rey, andando viſitando as Igrejas de Coulão, chegou áquella dos Chriſtãos junto donde aquelle Rey tinha feito aquella Fortaleza, e com diſſimulação a andou notando, e mandou medir o eſpaço della.

Tinha neſte tempo a Fortaleza fechada huma grande quadra com ſete Baluartes mui bem ordenados, e o que ficava ſobre o mar era o maior, e mais forte de todos. Porque como logo ſe temeo de noſſas Armadas, prevenio-ſe contra ellas de maior defensão; e depois de tudo muito bem notado, e entendido o perjuizo que fazia á noſſa Fortaleza, aviſou a do Luiz da Gama, eſtando ſobre a barra de Cunhale, como lhe o Conde Viſo-Rey encommendou, pera que ſe pudeſſe acudir lá, o fizeſſe. Mas não pode ſer pela razão que já diſſe aſſima, que não foi pequena perda, porque em nenhum tempo ſe pudéra aquillo fazer melhor, e a menos cuſto do Eſtado, que naquelle, por andar aquelle Rey embaraçado, e travado em guerras com os

vi-

vizinhos, e na Fortaleza não havia mais que os officiaes, e poucos olheiros, e menos defensores: e assim o escreveo ao Conde Almirante, que logo tratou de reformar a nossa Fortaleza, de que a mór parte estava no chão: o que o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes fez com muita prudencia, e dissimulação.

E porque se receava da Rainha de Changarnate vizinha da casa, que lhe quizesse impedir a obra, deo em muito segredo dinheiro aos moradores, de quem se fiou, pera que comprassem pedra, e cal com fama de reformarem suas casas, como sempre faziam todos os verões: e desta maneira recolhêram huma grande quantidade destes materiaes, com que se começou a pôr as mãos á obra, pera que o Conde Viso-Rey lhe tinha mandado dar dinheiro em abastança: e primeiro que tudo se fez hum formoso baluarte na parte principal da defensão daquella Fortaleza, e corrêram juntamente com hum panno de muro de boa grossura até outro baluarte que já estava feito; e ao que se fez de novo, puzeram os moradores o nome do Arcebispo em sua memoria.

E o mesmo descuido que havia com esta Fortaleza (como já disse em outras partes da minha historia, e não deixarei

de

de dizer até que me oução) ha em todas as mais da India; porque he muito antigo nella não acudirem ás cousas, senão quando não tem remedio: e ainda então o fazem, porque mais não podem, e despendem em seu concerto dez vezes dobrado do que se houvera de gastar, acudindo a tempo; porque os mais dos Viso-Reys estão com o intento em se irem pera o Reino, e deixam os trabalhos disto ao que lhe succede, que tambem o fez como elle, e assim de descuido em descuido se viráõ a perder as mais das Fortalezas, como se perdêram as de Tidoro, e Amboino, que des que se fizeram até gora não houve Viso-Rey que de proposito as mandasse reformar, e renovar. Mas que he de espantar nestas que estam tão apartadas da India, se as de Diu, e Ormuz, que são as mais importantes della, estam arriscadas a se vir ao chão; e se ainda estas estam apartadas, as de Onor, e Barcelor, e Mangalor, e Cananor, estando tanto á porta, estam quasi derribadas por muitas partes, sem lhes acudirem, e tudo por pouparem a fazenda Real, que nunca he melhor gastada, que na reedificação, e provimentos de suas Fortalezas; e se se perder huma destas quatro, que quasi são curraes, corre a fama pelo mundo, que tomáram na India huma Fortaleza a ElRey;

e quando me dizem o eſtado em que eſtam, certo que cuido que as ſuſtenta Deos noſſo Senhor pelas orações que ha nos Templos, e Moſteiros dos Religioſos que nellas ha.

E tornando a noſſo fio, eſte Rey de Travancor, depois que fez eſta Fortaleza pera nos ter com ella enfreados, parece que andava neſte tempo com imaginação de lhe pôr cerco no inverno; e temendo-ſe dos ſoccorros que lhe podiam vir de Cochim por dentro dos rios, determinou de os impedir com mandar fazer outra Fortaleza defronte de huma boca que alli faz o rio, que vem de Cochim ſahir ao mar huma legua abaixo de Coulão, e a eſta Fortaleza poz nome *Mamuge*; ou porque ſe chamaſſe aſſim aquella parte em que a fez, ou porque tiveſſe aquelle nome alguma ſignificação. Deſta ſe reſentíram mais os moradores dalli, que da outra tão vizinha, porque totalmente lhe tolhia a paſſagem daquelle rio, que era o mór ſerviço que tinham pera Cochim.

Tanto que o Arcebiſpo ſoube deſta Fortaleza, e lhe deram relação della, mandou-ſe queixar a ElRey, que mandou ter com elle algumas ſatisfações, e por ſima dellas determinou de ſe ir ver com elle dentro na noſſa Fortaleza, confiado que do Arcebiſpo podia mui bem confiar ſua peſ-

ſoa,

ſoa, e aſſim partio pera lá acompanhado de alguns ſeus Grandes; e chegando á Fortaleza, quando ſe vio da porta pera dentro, parou hum pouco, e ficou muito penſativo ſem dizer couſa alguma, e logo diſſe: *Nenhum homem ſe aventurará ao que meu hoje aventuro*; e movendo o paſſo pera diante, diſſe: *Ora ſigamos a ventura*; e aſſim muito inteiro, e ſeguro foi entrando, e o Arcebiſpo o foi tomar hum pouco já de dentro, e ambos ſe abraçáram com moſtras de amizade, e ſubidos aſſima ſe aſſentáram: e depois das palavras geraes daquella viſita, lhe diſſe ElRey que naquella demonſtração que fizera em ſe vir metter naquella Fortaleza, veria quanto confiava delle, e dos Portuguezes, de quem ſempre fora muito bom vizinho, e grande amigo; e que iſſo moſtrára ſempre no favor que dera ás Igrejas, e Chriſtãos, que eſtavam em ſeu Reyno, como elles diriam; e que as duas Fortalezas, de que ſe lhe mandára queixar, elle as não fizera com tenção de moleſtar o Eſtado, ſenão pera ſe defender de alguns inimigos: a de Mamuge pera contra o Naique de Maduré, e que a outra, que alli eſtava mais perto, pera contra o Rey de Cale Coulão; e que ſe eſta Fortaleza dava algum pezadumbre ao Eſtado, que mandaſſe metter nella ſoldados Portu-

guezes, e que ſe apoſſaſſem de hum dos baluartes pera ſua ſegurança; e que jurava por ſua lei, que quando a fizera não tivera intento algum de offender a noſſa Fortaleza, nem aos Portuguezes com quem ſempre deſejava de ter paz, e amizade; e que não tiveſſe outra couſa pera ſi; que elle eſtava preſtes pera fazer todas as demonſtrações do que dizia, como elle quizeſſe, pera ſegurança de ſua verdade. O Arcebiſpo teve com elle muitos cumprimentos, e lhe agradeceo aquella vontade que lhe moſtrava, e que ſe iria pera Goa confiado em ſua fé, e palavra, porque os Reys não podiam enganar ninguem: e aſſim ſe deſpedíram muito ſatisfeitos, e o Arcebiſpo mandou dar preſſa á obra da Fortaleza, que logo ſe acabou.

CAPITULO IX.

De como o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes ſe paſſou a Cochim, e entregou o governo do Reyno da Gundra a ElRey de Porcá: e dos contratos que com elle fez.

DEpois do Arcebiſpo concluir com as couſas de Coulão, e acabar de viſitar ſuas Igrejas, e deixar nellas ordem, e regi-

gimento a ſeus Curas pera ſe governarem em politica chriſtã, e bons coſtumes, tirando-lhe alguns, que tinham cheios de abusões, logo ſe paſſou á Cidade de Cochim, onde entre muitos negocios que alli tratou, conforme as lembranças que tinha do Conde Almirante, o principal foi na entrega do Reyno da Gundra a ElRey de Porcá, porque em nenhum tempo foſſe á mão do Rey de Travancor, de quem ſe não fiava por mais cumprimentos, e ſatisfações que com elle tivera: porque bem entendia quanto havia de trabalhar por ſe fazer ſenhor daquelle Eſtado, pera ficar ſopeando todos os Reys vizinhos: e aſſim mandou primeiro offerecer aquelle Reyno a ElRey de Cochim, mandando-lhe dar razões pera o haver de acceitar, de que ſe elle por ſima de todas ellas eſcuſou daquella obrigação. Pelo que o Arcebiſpo com conſelho do Capitão, Vereadores, e Cidadãos principaes fez entrega daquelle Reyno a ElRey de Porcá na Cidade de Cochim, e diſſo lhe paſſou carta patente em nome de ElRey de Portugal, cujo theor he o ſeguinte:

» ElRey de Portugal, &c. Faço ſaber a
» quantos eſta minha Carta de entrega do
» Reyno da Gundra virem, que tomando
» eu por meu irmão em Armas a Muta
» Pan-

» Pandará Rey da Gundra por muitos ſer-
» viços que me tinha feitos , e de outros
» que delle eſperava me fizeſſe : e man-
» dando fazer as Capitulações das pazes,
» e irmandade por D. Fr. Aleixo de Me-
» nezes, Primaz da India, e do meu Con-
» ſelho , o dito Rey Muta Pandará com
» ſeu Principe , Regedores , e Peſſoas do
» ſeu Conſelho me entregáram o dito Rey-
» no da Gundra, de que paſsáram Ola ao
» dito Arcebiſpo Primaz, pera que elle em
» meu nome entregaſſe o dito Reyno , e
» metteſſe de poſſe delle a peſſoa que mais
» conveniente foſſe a meu ſerviço, bem do
» Eſtado da India , e do dito Reyno da
» Gundra , pera que o defendeſſe de ſeus
» inimigos, e o mantiveſſe em paz, e juſ-
» tiça, e bem dos vaſſallos do dito Rey-
» no. E conſiderando eu os ſerviços que
» me tem feitos Cheba Cherida Bearidem,
» Rey de Porcá, e aos que eſpero ao dian-
» te me faça ; e havendo outro ſi reſpeito
» ao ter tomado por meu irmão em Armas,
» por lhe fazer mercê, e confiar delle que
» cumprirá com todas eſtas obrigações , e
» ſe não apartará nunca de meu ſerviço,
» lhe entrego por eſta minha Carta a poſſe
» do dito Reyno, pera que elle ſeja Rey,
» reſervando pera mim o ſenhorio do dito
» Reyno. E pera reconhecimento deſta
» vaſ-

» vassallagem, será o dito Rey obrigado
» a me pagar de pareas oitenta bares de
» pimenta postos á sua custa no meu pezo
» de Coulão em cada hum anno no tempo
» que se costuma pezar a pimenta no dito
» pezo. E assim mais será obrigado acudir
» com sua pessoa, e vassallos á Fortaleza
» de Coulão todas as vezes que disso tiver
» necessidade, ou estiver de guerra, e lhe
» mandar todos os mantimentos necessarios
» pelos preços convenientes. E todas as
» mais capitulações assim tocantes á Chri-
» standade, como ao Estado da India, que
» com o dito Rey da Gundra tinha capi-
» tulado, que todas elle dito Rey, e seus
» successores seriam obrigados a guardar,
» e cumprir, assim como se nelles contém.
» E mando aos meus Viso-Reys, e Gover-
» nadores do Estado da India, e aos Ca-
» pitães das minhas Fortalezas de Cochim,
» e Coulão dem todo o favor, e ajuda, pe-
» ra que o dito Rey de Porcá pacifica, e
» livremente possua o dito Reyno da Gun-
» dra com as condições, e pareas assima
» declaradas. »

E logo o dito Rey fez hum assento de como tomava posse daquelle Reyno com as condições declaradas na Carta patente assima, em que confessa a dita vassallagem, e pareas a que se obrigou. Esta entrega do di-

dito Reyno ao dito Rey fez o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes por ordem de D. Francisco da Gama, Conde Almirante, e Viso-Rey da India, que lhe concedeo poderes pera em todas aquellas cousas em seu nome assignar nellas: e juntamente no mesmo dia, que foram aos sinco de Outubro de noventa e nove, passou o Arcebispo Carta de irmandade em nome de ElRey de Portugal ao mesmo Rey de Porcá na fórma da que passou ao Rey da Gundra com as obrigações, e clausulas, que todas tenho em meu poder no livro dos Contratos folh. 151. e 152. E aos Capitulos feitos com o Rey da Gundra se accrescentáram mais ao Rey de Porçá os que se seguem.

» Que será obrigado a não dar manti» mentos, nem consentir que se façam em » suas terras, nem passem por ellas pera » os inimigos do Estado que com elle ti» verem guerra.

» Quando houver guerra com algumas » das Fortalezas do Malavar, de Cananor » até Coulão, as ajudará, e soccorrerá to» das as vezes que for requerido pelos » Capitães de ElRey de Portugal, dando » por terra ao menos vinte mil homens, » e pelos rios cento e sincoenta embarca» ções com sua artilheria, e munições.

» Não

» Não consentirá nos portos do mar » de seu Reyno morarem Mouros, por se» rem publicos inimigos do Estado, nem » se poderáõ recolher nelle embarcações » algumas dos inimigos do Estado; e aco» lhendo-se, os mandará entregar.

» Estando alguma das nossas Fortalezas » do Malavar de cerco, as soccorrerá com » os mantimentos que houver nas suas ter» ras pelo preço conveniente.

» Não deixará passar por suas terras » Mouros, nem esquipações pera navios » pera as terras, onde fizerem guerra ao » Estado. » E porque este auto, e contrato foi feito em Outubro que vem, depois das náos do Reyno serem chegadas a Goa, por não largar das mãos as cousas que o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes fez em Cochim, me pareceo bem mettellas aqui todas juntas pelas não dividir: e não me arguão de contar assim algumas cousas antes, e fóra do tempo em que succedêram, porque o discurso da historia me dá lugar a isso, e ser cousa que alguns historiadores graves usão.

CA-

CAPITULO X.

Das Armadas que partíram do Reyno este anno de 1599: dos Capitães que o Conde despachou pera fóra: e de outras cousas em que proveo.

PElas novas que houve em Portugal, que em Hollanda se aprestavam dez náos pera passarem a estas partes da India, como fizeram, de que trataremos em seu lugar mais largamente, ordenou o Conselho de mandar este anno a ella huma boa Armada, a qual foi de sete náos, de que elegeo por Capitão Mór D. Jeronymo Coutinho. E quando foi entrada de Fevereiro de 99. deo o Capitão Mór á véla com quatro náos, porque se não puderam aviar todas pera partirem no mesmo tempo. Na náo S. Roque hia embarcado o Capitão Mór: Diogo de Sousa, a que cá chamavam o Gallego, hia na náo S. Simão: Sebastião da Costa na Conceição: e João Pais Freire na náo Paz. Com o Capitão Mór se embarcou João Rodrigues de Torres, que havia de servir o cargo de Veador da fazenda de Goa, a quem ElRey fez muitas honras, e mercês por isso.

Depois de partida esta Armada, logo no Março seguinte de 99. se fizeram á véla

as

as outras tres náos da companhia de D. Jeronymo Coutinho. Destas tres náos hia por Capitão Mór Simão de Mendoça, hum Fidalgo casado na India, que foi embarcado na náo Castello. Nas outras duas hia João Soares Anriques em S. Martinho, e na náo S. Mattheus hia Gaspar Tenreiro, que hia despachado com a Fortaleza de Mascate. Estas tres náos haviam de ficar na India. Ambas estas Armadas se ajuntáram em Moçambique, e todas estas náos surgíram juntas na barra de Goa, tirando a náo Castello, que se perdeo no parcel de Çofalla junto de Quilimane defronte do rio Licumbo sessenta leguas de Moçambique. Depois de Simão de Mendoça, que era o Capitão, estar em terra com toda a gente, morreo elle, e outros muitos.

Nesta Armada vieram novas ao Conde Viso-Rey da morte de seu filho D. Vasco, que não tinha outro, que elle sentio muito. Tambem vieram novas do falecimento de ElRey D. Filippe o Prudente, cujas exequias celebrou o Conde Almirante com grande ostentação, e ceremonias.

E acabadas ellas, entrou logo o Conde no aviamento das Armadas que havia de mandar pera fóra. E porque os soldados que vieram do Reyno, andavam desagazalhados, lhes mandou o Conde dar tres, ou

ou quatro mezas até se embarcarem nas Armadas, que he hum dos mores serviços que se faz a Deos, e ao Rey; porque muitas vezes os vi andarem pedindo esmolas pelas portas com grande escandalo, e affronta nossa, por chegarem a pedillas pelas dos Mouros, e Gentios, de que a alguns Viso-Reys dava bem pouco. E despachou o Conde a D. Francisco de Noronha pera ir entrar na Capitanía de Baçaim, e a Garcia de Mello pera Capitão, e Veador da fazenda de Cochim, por ser falecido D. Antonio de Noronha. E despedio tambem no mesmo tempo o Galeão dos provimentos pera Ceilão, de que foi por Capitão Manoel Rodrigues Genões, e mandou nelle duzentos homens de soccorro: e por Capitão mór delles D. Bernardo de Noronha, e repartida a gente por quatro Capitães, que foram Simão Ferreira do Valle, Pero Peixoto da Silva, Luiz de Antas Lobo, e Balthazar Pereira de Castel-branco. E porque D. Pedro Coutinho tinha vindo do Reyno despachado com Capitanía de Ormuz pera logo entrar, sabendo que estava naquella Fortaleza D. Luiz da Gama de serventia, por não poder entrar nella por virtude da sua Patente, por ter por obrigação servir mais, pedio licença ao Conde pera o mandar citar, que lhe elle

deo,

deo, por não negar justiça até contra seu proprio irmão. Alcançada ella, despedio logo D. Pedro Coutinho hum navio ligeiro com as provisões que pera isso foram necessarias, que lhe o Conde deo, e mandou passar.

E porque o Conde andava com hum desejo mui vivo de pessoalmente ir tomar satisfação da quebra que o anno atrás teve no Cunhale, com que não quietava, nem descançava em solicitar o modo de como isto se faria, sobre o que teve alguns conselhos; e pera este negocio convocou a ajuda de todas as Cidades da India, e pedio com cartas que escreveo a pessoas particulares, que tinham posse pera o acompanharem em navios a suas custas, e começou a preparar a Armada pera o Malavar, pera o que tinha feito eleição de André Furtado de Mendoça, e pera a do Norte de Goterre de Monroy de Béja; e primeiro que tudo despedio huma Galé, e alguns navios mui bem provídos de tudo, pera se irem ajuntar a D. Fernando de Noronha, que havia de sahir de Cananor, onde invernára em principio de Setembro, pera tomar a barra ao Cunhale, pera que se não provesse de cousa alguma. E logo o Conde começou a pagar gente, e lançar navios ao mar, assistindo elle pessoalmente a to-

todas estas cousas ; e andando nesta occupação , lhe deram novas que pera a costa do Norte eram passados dezeseis navios de cossairos , em que entravam algumas galeotas de traquete ; e como o Conde tinha hum animo affervorado pera estas cousas , e entendeo bem que se tomasse aquelles navios , ficaria o Cunhale tão quebrado , que houvesse muito pouco que fazer com elle , e que começaria nelles a tomar satisfação da nossa gente que pereceo em Cunhale , foi-se logo pôr na ribeira das Armadas , e em espaço de vinte e quatro horas poz no mar outros dezeseis navios dos melhores , que se negoceavam pera ambas as Armadas , e elegeo pera Capitão Mór delles a André Furtado de Mendoça , por lhe pertencer aquella jornada , por ser contra Malavares , e Mouros de Cunhale , de cuja empreza estava nomeado por Capitão , do que se queixou Goterre de Monroy , que estava nomeado pera o Norte , havendo-se por aggravado do Conde , e offendido de André Furtado por acceitar entrar na sua jurdição , o que o Conde temperou.

Esta Armada sahio de Goa na entrada de Outubro ; e não nomeio os Capitães dos navios , porque os mais delles eram da Armada do Malavar , o que ao diante se fará. André Furtado foi correndo a costa

até

até ás Ilhas das Vacas na costa de Salsete de Baçaim, onde foi avisado que sós seis Coutacoulões do rio Canharoto eram até então passados pera aquella costa, e que da outra Armada não havia novas se havia tal, porque não estava o Cunhale em estado de tirar de si navios, e gente em tempo que elle esperava que os Portuguezes fossem tomar satisfação dos damnos que alli recebêram, porque bem sabia elle delles, que não dissimulavam com affrontas. E não ha dúvida, senão que estas novas se alevantáram em Goa por quebrantarem o Conde, porque nunca faltão homens que usam destas invenções, quando andam queixosos; mas todavia he bom acudir, como o Conde fez a isto, porque vejam os inimigos que a todo o tempo que houver novas delles, os hão de ir buscar. E isto de que estes usam por quebrantar os Viso-Reys, he muito em perjuizo do serviço de ElRey, porque lhe fazem despender sua fazenda mal, e sem razão.

E tornando a André Furtado, tanto que soube o que era, e que os Cotacoulões em sabendo delle, se recolhêram, foi visitar as Fortalezas, e nellas solicitou com os Capitães, Cidade, e moradores ajuda pera aquella jornada, sobre o que o

Con-

Conde já tinha feito ſuas diligencias; e ajuntando os navios que haviam de ir pera Goa, levou-os comſigo até áquella Cidade; e quando chegou a ella, já o Conde tinha negoceado a Armada do Norte, e deſpedio logo Goterre de Monroy com doze navios, em que entravam ſinco Sanguiceis, de que, a fóra elle, eram Capitães D. Alvaro da Coſta, filho de D. Fernando da Coſta, D. Franciſco de Soto-Maior, Martim da Cunha d'Eça, Triſtão de Ataíde, Gaſpar Tibao, e Franciſco Homem. Dos Sanguiceis foram por Capitães Heitor de Valladares, Franciſco de Chaves, Giraldo Pinto de Siqueira, Maximiliano de Mendoça, e Pero Fernandes de Carvalho, e no meſmo tempo deſpedio o Conde a Armada de D. Jeronymo Coutinho, pera ir tomar a carga a Cochim, onde eſtava preſtes, e ficou dando preſſa á Armada do Malavar, que foi fazer á véla a tres de Dezembro, que era de duas Galés, vinte e dous navios, e ſinco Manchuas, que em Goa chamam muito ligeiras, com arrombadas pera entrarem pelo rio de Cunhale dentro, e lançarem gente em terra. E aſſim levou mais oito Periches pera o meſmo effeito, e a elle ſe havia de ajuntar a Armada de D. Fernando de Noronha, que era huma Galé, e dezenove navios.

Os

Os Capitães que acompanháram André Furtado, a fóra elle, que hia n'uma galé, foram D. Francisco de Sousa na outra, D. Filippe de Sousa, D. Pedro de Noronha, Francisco de Macedo, D. Lopo de Almeida, Pero de Goes, Nicoláo Pereira de Miranda, Antonio Furtado de Mendoça, Pero de Mendanha, Jeronymo Botelho, D. Rodrigo Pereira, D. Luiz de Menezes, D. Luiz Lobo, e outros que no cerco nomearemos. Partida esta Armada, ficou o Conde despachando as náos do Reyno pera irem a Cochim a tomar a carga. E porque Gaspar Tenreiro, Capitão da náo S. Mattheus, ficava na India, deo o Conde a Capitanía della a D. Vasco da Gama, seu primo com irmão; e depois destas sinco náos partirem pera Cochim, ficou o Conde Almeirante escrevendo pera o Reyno, e dando despachos ás listas, papeis, e mais cousas que pertenciam á informação do governo da India. E depois de tudo feito, despachou huma galé pera Cochim, de que foi por Capitão D. Christovão de Noronha com regimento, que como entregasse os saccos das vias aos Capitães das náos, assistiria com André Furtado de Mendoça na guerra contra o Cunhale.

CAPITULO XI.

Do que aconteceo a D. Fernando de Noronha ſobre Cunhale: e de como o Arcebiſpo ſe vio com o Çamorim: e das couſas que paſſáram.

PRimeiro que continuemos com André Furtado de Mendoça, convem darmos relação de D. Fernando de Noronha, que deixámos invernando em Cananor, donde reformou os ſeus navios o melhor que pode, e em Agoſto fez paga aos ſoldados. E no primeiro dia de Setembro ſe foi pôr ſobre a barra de Cunhale; porque teve aviſo no inverno, que nos primeiros dias do verão eſperava aquelle tyranno por ſoccorro de gente, e mantimentos; e logo tratou com o Çamorim por via do Padre Franciſco Rodrigues, da Companhia de Jeſus (que todo aquelle inverno tinha feito com o Çamorim todos os bons officios, que pode pelo ſuſtentar naquella guerra) pera que o foſſe conſervando naquelle propoſito que tinha; e por apertarem o tyranno por todas as partes, mandou D. Fernando de Noronha a Pero Luiz Malavar com a gente do ſeu Periche, e de outros pera aſſiſtirem da banda do Oriole, e defenderem que ſe não proveſſe pela parte de terra,

ra, com o que puzeram aquelle tyranno em extrema neceſſidade. D. Fernando de Noronha ficou tendo tantas intelligencias na terra, que não dava nella paſſo que não ſoubeſſe; e ſendo aviſado que o Cunhale eſperava por hum paráo carregado de mantimentos, teve nelle tal vigia, que o tomou com todo o recheio, com o que alguns Mouros, que eram fóra a buſcar provimentos, ſe recolhêram a outros portos. Iſto poz o Cunhale em tanta deſeſperação, que determinou de mandar peleijar com a noſſa Armada: pera o que deitou ao mar as galeotas que tinha varadas, e outras embarcações, que todas proveo da melhor ſoldadeſca que tinha. Deſta ſua determinação foi D. Fernando de Noronha aviſado por via do C,amorim, e do Padre Franciſco Rodrigues, e daquelle negocio deo conta aos Capitães, pera que eſtiveſſem ſobre aviſo, e lhes pedio parecer ſobre o que faria; a que todos reſpondêram conformes, que fizeſſe querena de commetter a entrada do rio, e ir dentro peleijar com os ſeus navios; o que D. Fernando de Noronha fez.

Tanto que o Cunhale vio eſta determinação nos noſſos, tornou a recolher as galeotas, e varallas, porque nellas tinha todo o ſeu remedio, como já diſſe. E tão apertado ſe vio eſte Mouro dos noſſos, que

constrangido da necessidade, mandou quinhentos Mouros dar hum assalto nos nossos, estando fazendo aguada no lugar de Coriché, hum quarto de legua do rio de Cunhale, do que D. Fernando não teve aviso pela má vigia que os Naires do Camorim tiveram. Os quinhentos Mouros, que o Cunhale mandou pera darem o assalto, se emboscáram de noite alli perto; e tanto que os nossos marinheiros foram fazer agua, lhes sahíram da emboscada com tanta pressa, que não foram vistos senão pegados ás proas dos nossos Sanguiceis, que eram os que tinham os esporões em terra: e assim se determináram, que dizem alguns que entráram em hum periche, e leváram delle hum berço de metal. Vendo D. Fernando de Noronha a revolta, acudio a recolher alguns soldados, que andavam em terra, e com a artilheria, e arcabuzaria fez nos Mouros tal emprego, que lhes matáram o Capitão, e cem Mouros dos mais atrevidos; com o que houveram por seu partido recolherem-se á Fortaleza com aquelle damno, e tão pouco nosso, que só houve tres mortos, e alguns feridos.

Passado este negocio, deixou-se D. Fernando de Noronha ficar sobre a barra com os navios estendidos pela praia do seu destricto, pera que nem huma almadia lhe

pu-

pudesse passar. Com todas estas diligencias não deixáram seis paráos carregados de mantimentos de vir commetter a terra pera os lançarem nella, tendo já aviso do Cunhale que acharia gente, que em breve espaço despejassem tudo. Mas foi tal a vigia dos nossos, que logo houveram vista delles; e indo a elles, não pudéram tomar mais que hum, e fazer varar outro em terra, perdendo-se tudo o que levava; e os quatro sentindo a revolta, foram-se acolhendo, o que pudéram fazer por ser noite escura: com isto ficou o inimigo desenganado de poder ser soccorrido de nenhuma parte.

E porque a necessidade o apertou muito, foi-lhe necessario arriscar algumas almadias, pera irem buscar algum arroz, porque por pequenas podiam chegar a toda a parte, e lançar em terra os fardos de arroz, que trouxessem pera serem logo recolhidos. Disto tambem foi D. Fernando de Noronha avisado, e armou-lhe com outras almadias, em que metteo pessoas de recado: e assim tomáram duas almadias dos Mouros com todo o arroz que traziam, e as mais varáram em terra em parte que tudo se perdeo, com o que o Cunhale acabou de desesperar.

Acabado isto, houve D. Fernando de No-

Noronha duas eſpias, de quem ſoube que eſtavam muitos Mouros, pera ſe ſahirem da Fortaleza por pura neceſſidade, e falta de mantimentos. Pera o que poz hum Capitão em terra com ſua gente, e alguns Naires do C,amorim, a quem peitou, por quem mandou ſeguro a todos os que ſe quizeſſem ſahir da Fortaleza pera qualquer parte que quizeſſem. O que foi de muito effeito; porque os mais dos que eſtavam dentro ſe abaláram a iſſo, e ſe ſenão ſahíram, foi pela grande vigia que o Cunhale tinha nelles.

Eſtando as couſas neſte eſtado, lhe chegou a dous de Novembro a galé, e os navios que o Conde Almeirante lhe mandou, e elle ſe paſſou á galé, e ficou com maior poſſe pera tudo o que ſe lhe offereceſſe; e ficou continuando na guarda daquelle rio, em que conſiſtia a vitoria, que ſe eſperava alcançar daquelle coſſairo, e grande tyranno. Neſte tempo appareceo a galé, em que o Arcebiſpo vinha de Cochim, que hia de largo com determinação de paſſar adiante. Diſto teve o C,amorim logo aviſo, e com muita preſſa deſpedio huma manchua ligeira, em que hia o Padre Franciſco Rodrigues, e hum ſobrinho do C,amorim, chamado Uniaré Cheraré, e pedia-lhe que ſe viſſe com elle, que importava aſ-

assim ao serviço de ElRey. Era este sobrinho do C,amorim Christão, que o baptizou secretamente o Padre Francisco Rodrigues, depois de o ter catequizado, e assim favorecia muito a parte dos Portuguezes: e na galé o crismou o Arcebispo na sua camara, e a esse fim quiz ir com o Padre Francisco Rodrigues.

Com este recado voltou o Arcebispo pera a terra, e foi surgir na barra de Cunhale, onde D. Fernando de Noronha lhe fez suas fainas, e abateo sua bandeira; e alli concertáram verem-se na praia de Coriché, pera onde o Arcebispo foi, e desembarcou em terra acompanhado de muita gente da Armada; e ao pôr os pés em terra, desparou toda a Armada sua artilheria, e os soldados deram sua salva de arcabuzaria. E antes de chegar a huma tenda de brocado, que o C,amorim tinha no lugar, em que se haviam de ver, sahio elle fóra, e na porta o esperou mui cheio de joias riquissimas, e o recebeo com muita honra, e levou pera dentro, onde estavam duas cadeiras de veludo, em que se assentáram, e fez assentar o Padre Francisco Rodrigues nas alcatifas, e mandou ao Principe herdeiro que fosse fazer sua reverencia ao Arcebispo, que elle fez ao nosso modo, por saber mui bem a lingua Portu-

tugueza. Depois disto o mandou o C,amorim com todos os Regedores, que fosse vigiar os Naires, e soldados Portuguezes, pera que não houvesse entre elles algumas destemperas, ficando elles sós com o Padre Francisco Rodrigues, que havia de ser o Interprete.

E alli depois de passados seus cumprimentos, lhe disse o C,amorim, que elle estava apostado, e resoluto em ser muito grande amigo dos Portuguezes, esquecido de todos os damnos que elle, e seus antecessores tinham delles recebido. E que pera lhes mostrar aquella verdade, sustentava aquelle cerco contra aquelle alevantado com muito grandes despezas de sua fazenda: e que não no abalava pera o deixar de fazer terem-lhe dito algumas pessoas, que depois daquella Fortaleza ganhada, se haviam os Portuguezes de ficar nella, e dalli lhe fazerem toda a guerra que pudessem; porque bem sabia elle que a verdade, e fé dos Portuguezes se não havia de quebrar por trezentas Fortalezas. Posto que o Rey de Cochim lhe tinha sobre isso escrito algumas vezes, fazendo-lhe muitas carrancas, e lembranças que se não fiasse dos Portuguezes, bem entendia que lhe nascia tudo aquillo de inveja de o ver amigo delles; e que alguma cousa o pude-

dera mover a crer algumas daquellas cousas aquelle dia que os Portuguezes commettêram a Fortaleza, antes do final que lhe tinham dado; querendo-lhe persuadir muitos que pertendêram tomar aquella Fortaleza sem sua ajuda pera a pertenção, que já lhe tinham dito de se fortificarem nella. E que o ruim successo, que elles tiveram naquelle negocio, lhe diziam alguns fora querellos Deos castigar por aquella tenção com que commettêram aquella Fortaleza, tão longe da sua verdade, e obrigação; mas que sempre elle estivera firme na verdade dos Portuguezes, em que não podia haver engano: e que posto que não foi sua a vitoria, todavia bem víram todos o animo com que os mais delles peleijáram, tomando tanta satisfação dos Mouros, que bem mostráram o seu antigo valor, e esforço.

Espantou-se muito o Arcebispo daquelles termos, com que ElRey de Cochim queria divertir, e estorvar aquelle negocio: e disse áquelle Rey, que os Portuguezes costumavam fazer guerra a seus inimigos, quando lho mereciam, com armas, e não com enganos, porque os não sabiam usar: que aquellas invenções de ElRey de Cochim eram muito conhecidas de todos, pelo muito que sentia verem-no amigo com

o Eſtado; e que do meſmo artificio uſára com elle Arcebiſpo, quando fallando ambos neſtas materias lhe diſſera, que nos não fiaſſemos do C,amorim; porque fora aviſado de peſſoas do ſeu Conſelho, que eſtava elle C,amorim determinado de dar nos Portuguezes, como os viſſem deſembarcados em terra, e vingar-ſe deſta maneira das injurias que delles tinha recebido; e que como elle entendêra aquellas meadas, e artificios, diſſimulára com elle por entender a cauſa donde naſciam.

Mas que porque elle C,amorim entendeſſe o bom animo, e lealdade dos Portuguezes, e que nunca tal (como lhe tinha dito) lhe entrára no penſamento, lhe jurava por aquelle livro, em que eſtava toda a Lei dos Chriſtãos (pondo a mão ſobre o Breviario) que nunca entrára no penſamento aos Portuguezes tal couſa, como a que lhe tinham dito. Eſte juramento fez diante do Principe; e Regedores, que pera iſſo ſe chamáram. E acabando o Arcebiſpo de jurar, lhe diſſe o C,amorim, que com aquillo lhe tirára hum grande pezo, e nuvem que trazia no coração, e que por amor delle hia com aquella guerra tanto a medo; mas que dalli por diante, confiado naquelle juramento, apertaria mais o cerco. E então tratáram do modo que ſe havia

de

de ter nelle, e do poder que esperava de Goa, pera se concluir com aquelle negocio: e assim proseguio dalli por diante na guerra com differente calor, e animo; e despedido delle, fez o Arcebispo véla pera Goa, ficando o Ç,amorim muito quieto, e satisfeito em seu animo; no que o Padre Francisco Rodrigues, que foi o Interprete, foi muita parte pera se ordenarem aquellas cousas, como adiante veremos; e com isto damos fim a este terceiro Livro.

DE-

DECADA DUODECIMA
Da Hiſtoria da India.

LIVRO IV.

CAPITULO I.

De como André Furtado de Mendoça chegou á barra de Cunhale, e ſe vio com o Çamorim: e das couſas em que aſſentáram.

DEixámos partido de Goa André Furtado de Mendoça com a ſua Armada, que chegando a Mangalor, ſe vio com o Rey de Bangel grande amigo do Eſtado, e jangada daquella Fortaleza, a quem o Capitão Mór fez grandes gazalhados; e depois de brevemente tratarem algumas couſas do ſerviço de ElRey, e bem do Eſtado, ſe deſpedio delle, dandolhe algumas peças, que pera iſſo levava. E a Rainha de Olala o mandou viſitar por hum Embaixador, por quem lhe mandou dar conta de algumas differenças que tinha com o Rey de Bangel ſeu vizinho, dando-lhe dellas ſatisfações, por ſer amigo do Eſtado. Ao que lhe o Capitão Mór mandou

dou responder com offerecimentos, e que da torna-viagem os comporia; e tambem lhe mandou peças, que he o com que se negocea com todos os Reys do Oriente; e dando á véla, chegou á barra de Cunhale, aonde D. Fernando de Noronha lhe fez hum grande recebimento, e entregou aquella Armada, e deo relação do estado em que aquellas cousas estavam.

No mesmo dia fez André Furtado de Mendoça huma junta dos Capitães, e tratou com elles sobre o modo que teria naquella guerra; e entre todos se assentou que até virem os soccorros, fossem continuando na guarda daquelle rio, porque lhe não entrassem provimentos alguns, que era a mais crua guerra que por então se lhe podia fazer. E logo repartio toda a Armada, e fez tres esquadras, que poz ao longo daquella ribeira com que a cingio toda; e quasi no rolo do mar surgíram as fustas, e as galés hum pouco affastadas; e a Pero Luiz, que estava na banda do Ariole, mandou mais Lascarins Malavares dos que andavam nos periches, e elle em pessoa na manchua, que levava pera seu serviço, roldava todas as noites a Armada, pera ver a vigia que tinham. E assim em Cananor, onde deixou muitos festeiros, como nas terras do C,amorim, mandou fazer

mui-

muitos ſeſtões fortes de bambús pera as eſtancias que determinava plantar em terra ; e que ſe cortaſſem muitas palmeiras pera ſe ſerrarem, e fazerem eſcadas ; e tambem mandou ſerrar todo o taboado, que lhe pareceo neceſſario pera tilhas ſobre que a artilheria havia de jogar.

O C,amorim mandou logo viſitar o Capitão Mór pelo Padre Franciſco Rodrigues, da Companhia de Jeſus, e ſeus Regedores ; em cuja companhia foi tambem Antonio Matoſo, caſado em Cananor, que o Conde tinha mandado em fórma de Embaixador ao C,amorim, em cuja companhia andava, pera o fazer proſeguir na guerra, por ſer muito ſeu amigo, e conhecido, e prático nas couſas do Malavar. A eſtes Embaixadores recebeo André Furtado de Mendoça honradamente, e reſpondeo á viſita com palavras de muita ſatisfação, e os deſpedio com lhes dar peças ricas, e curioſas. E neſta viſita tratáram ſobre as viſtas, que o Capitão Mór havia de ter com o C,amorim ; e ficou aſſentado o dia, e o lugar em que havia de ſer. E em ſua companhia mandou Sebaſtião Tibao (cuido que Framengo de nação) grande Engenheiro, pera da parte do C,amorim reconhecer a diſpoſição da Fortaleza, do ſitio, e tranqueiras, com quem tambem foi Bernardo Soares,

ſol-

soldado destro, de experiencia, e que sabia bem notar as cousas, o que elles fizeram muito de vagar, e á sua vontade, e de tudo deram distincta relação ao Capitão Mór, com o que se houve por satisfeito da que já tinha. E porque se receou que pelo rio de Tremapatão em algumas almadias pequenas, como já algumas vezes commettèram, se provesse, mandou a Belchior Rodrigues, casado em Chaul, bom cavalleiro, e de muita experiencia, pera que com quatro navios se fosse pôr sobre aquella barra, pera que por ella não sahisse cousa alguma, o que elle fez com muito cuidado; de maneira que proveo em tudo com muita ordem, sem lhe ficar cousa por fazer, e todas endereçadas, e encaminhadas ao fim que determinava, e pertendia levar naquelle cerco.

Chegado o dia das vistas, que foi aos dezeseis de Dezembro, abalou-se o Capitão Mór com toda a Armada mui fermosamente embandeirada, e tocando muitos instrumentos alegres, e bellicosos, foi demandar a praia de Coriché, aonde já estava o Ç,amorim; e chegando ao posto com toda a Armada, ordenou que em quanto estivesse em terra, ficasse estendida de longo daquella praia com as proas em terra, e a artilheria muito lestes pera poder

la-

laborar, ſe foſſe neceſſario, e elle ſe metteo em huma manchua, e ſaltou na praia muito galantemente veſtido ao modo militar, em corpo, com ſeu baſtão na mão, rodeado de ſincoenta eſpingardeiros, ſoldados velhos, e eſcolhidos entre todos, de que tinha mór confiança, muito bem trajados, e por baixo mui bem armados de boas armas: e ao pór os pés em terra, diſparou toda a Armada ſua artilheria, e os ſoldados todos eſtendidos pelas perchas dos navios, deram tambem ſua ſalva de arcabuzaria, eſtando todos poſtos em armas: e cauſou iſto hum mui grande terror, e eſpanto não ſó nos inimigos, mas ainda nos amigos.

Tanto que o C,amorim teve recado que o Capitão Mór partia da galé, abalou-ſe donde eſtava, e foi tomar o Capitão Mór quaſi á borda de agua, onde ſe abraçáram com grandes moſtras de cortezia. Era eſte Rei homem grande de corpo, bem diſpoſto, de pouco mais de trinta annos, e bem parecia Rey entre os mais. Trazia ſobre ſi muitas riquezas, nos braços tanta copia de manilhas de pedraria, que lhos enchia deſde ſima dos cotovellos até os pulſos, com o que lhe ficavam tão pezados, que era forçado virem dous pagens ſuitentando cada hum o ſeu. Do peſcoço pendia hum

co-

colar de ineſtimavel valor. E nas orelhas, orilheiras do meſmo toque de fermoſos rubins, e diamantes, cujo pezo lhas eſtendia até os hombros, de maneira que trazia ſobre ſi huma grande riqueza. Vinha nú da cinta pera ſima, e derredor della cingido com hum panno de ouro, e ſeda, que lhe dava algumas voltas por derredor, que chegava até meia perna; e por ſima huma cinta de pedraria de largura de quatro dedos, riquiſſima, e de grande valor. Detrás delle vinha o Principe herdeiro, moço gentil-homem, e bem arraiado, que lhe levava a ſua eſpada alevantada com a ponta pera ſima; e detrás delle todos os ſeus Regedores principaes, e Punicaes; e quaſi pegado a elle hia o Padre Franciſco Rodrigues, e Antonio Matoſo.

Ao aſſomar do Çamorim diſparou outra vez toda a Armada a ſua artilheria, e os ſoldados a arcabuzaria, e apôs iſſo começáram a tocar os inſtrumentos de alegria; e os Naires do Ç,amorim tambem fizeram ſuas fainas, e deram ſua ſalva a ſeu modo. ElRey tomou o Capitão Mór pela mão, e levou-o a huma tenda, que alli tinha armada, a cuja viſta eſtava toda a ſua gente eſtendida em fórma de Lua, que cingia todo aquelle campo. Alli ſe aſſentáram em cadeiras; e depois das palavras formaes da

visitação, e cumprimentos de parte a parte, praticáram sobre o modo que se teria naquella guerra, em que o Ç,amorim prometteo de proseguir com dobrado animo, e calor. E disse ao Capitão Mór, que tanto que o Cunhale víra sobre seu rio a potencia daquella Armada, e que soube ser elle o Capitão Mór della, e General tão conhecido, e temido dos Mouros, logo lhe mandára commetter que se queria entregar, com condição que lhe désse a vida a elle, e a todos os Mouros, que tinha comsigo; e que fosse elle Ç,amorim á porta da Fortaleza a tomar entrega delle, pera o segurar dos seus Naires, o que lhe elle tinha concedido com tenção de o matar como o colhesse á mão; porque com traidores este he o primor de que se ha de usar, principalmente quando sam taes, que se não póde esperar delles deixarem de o ser todas as vezes que tiverem occasião pera o ser. E que ao tempo, em que se havia de entregar, mandára hum seu mestre de esgrima com alguns Naires pera o receberem; e que vendo o Cunhale que elle Ç,amorim não hia em pessoa, tendo-o a máo sinal, mandára sahir os Mouros aos Naires, e entre todos se ateára huma grande briga, e travára huma aspera batalha, em que houve feridos de ambas as partes,

e

e que já se não havia de fiar hum do outro: pelo que era necessario continuar na guerra contra aquelle tyranno, e que pera ella offerecia todas as cousas necessarias, que houvesse em seu Reyno: e que em penhor desta vontade, e sua fé, daria os refens que elle Capitão Mór quizesse, porque tudo havia de fazer a seu gosto, e vontade. André Furtado de Mendoça lhe agradeceo aquelles offerecimentos, e lhe fez outros conforme ao tempo, e com isto se despedíram, dizendo-lhe o C,amorim que elle mandaria á sua galé o Padre Francisco Rodrigues, e seus Regedores pera com elles fazerem as capitulações que elle mais quizesse; e ao apartarem-se hum do outro, lançou o Capitão Mór ao pescoço do C,amorim hum muito fermoso colar de ouro, e ao Principe, e Regedores deo peças, que pera isso já levava, que o Conde Viso-Rey lhe mandou dar da fazenda Real em muita abundancia, porque em nenhuma parte do mundo, e muito mais no Oriente, se negocea sem os presentes irem diante.

Ao outro dia que isto passou se veio hum Mouro, Veador da fazenda do Cunhale, entregar ao Capitão Mór por ordem de Braz Coelho, Capitão de hum Sanguicer, que estava na parte do Ariole, que lhe pedio seguro pera levar sua mulher, familia,

e alguns amigos, que lhe elle não concedêo pela pouca fé, e verdade que estes Mouros tem, antes o mandou pôr na galé a bom recado; affirmando-lhe que como se acabasse a guerra, elle o poria em sua liberdade. Deste Mouro soube André Furtado de Mendoça das cousas de Cunhale muito particularmente, e de como estava fortificado da gente que tinha, e dos poucos provimentos que havia, o que tudo achou depois ser verdade. Os Mouros vendo fugido este, que era o principal diante do Cunhale, foram-se tambem sahindo da Fortaleza os que pudéram com suas mulheres, e familias; e sempre se sahíram todos, se o Cunhale não trouxera sobre elles tantas vigias.

Isto foi sabido do C,amorim, e do Capitão Mór; pelo que mandáram por via dos Arioles lançar na Fortaleza seguros reaes pera os que se quizessem sahir, pera que qualquer delles o pudesse fazer livremente. E porque era tempo de pôr em execução o cerco da Fortaleza, mandou o Capitão Mór pelo engenheiro Tibao alevantar alguns castellos de madeira levadiços em roda da parte do C,amorim, capazes de jogarem a artilheria pera se igualarem ás tranqueiras, pera por elles as entrarem os nossos; que depois de feitos, não foram

ram neceſſarios , como logo diremos ; e dando recado ao Capitão Mór que o Cunhale eſperava por huma galeota , que tinha mandado ás Ilhas de Maldiva arrecadar certas pareas , que os Mouros lhe pagavam , e que apparecêra ao mar , deſpedio João de Seixas com quatro navios pera a irem buſcar ; mas ſentindo ella o negocio , logo ſe fez na volta das meſmas Ilhas , e deſappareceo.

CAPITULO II.

Das capitulações que o Capitão Mór fez com o Çamorim : e dos refens que lhe entregou : e dos ſoccorros que lhe chegáram de Goa.

DEpois de paſſadas as viſtas que o C,amorim , e Capitão Mór tiveram , dahi a tres dias foram á galé do Capitão Mór o Principe de Tanor , General do exercito do C,amorim , e Carneves ſeu Regedor Mór com outros Principes , e Regedores , que André Furtado de Mendoça recebeo com muitas honras , e com elles hia tambem o Padre Franciſco Rodrigues , que era o Interprete , e por quem todas aquellas couſas corrêram , e moſtráram Proviſões , ou Ollas dos poderes que traziam pera aſſenta-

tarem as pazes, e fazer os contratos que lhe pareceſſem bem, pera effeito daquella guerra, e pera os refens que de ambas as partes ſe haviam de dar pera ſegurança della. Pera o que André Furtado de Mendoça chamou os Capitães velhos, e de experiencia, e aſſim todos juntos fizeram as capitulações ſeguintes.

Capitulações do que o Çamorim prometteo.

» O Brigou-ſe a dar em refens da gente
» que ſe puzeſſe com elle da ſua ban-
» da, pera aſſaltar a Fortaleza do Cunhale,
» os Principes de Tanor, e Chale, e Car-
» neves ſeu Regedor Mór, Varer, e Coi-
» lo, Principes, e Senhores das terras
» além de Panane, Pudure, e Talape,
» Naires ſeus Regedores, Menas, e Mena
» Cherare, irmão de Uniare Cherare, am-
» bos ſobrinhos do Çamorim, e Unire Ga-
» ſe, Ithe Arachea, e Com Gaachem, Ite
» Proferare, e Nambandre, todos Principes,
» e Senhores de terras. Eſtes refens, em
» quanto o cerco duraſſe, e o noſſo arraial
» eſtiveſſe nas terras do Çamorim, e Ario-
» les, eſtariam na Cidade de Cochim,
» donde não ſahiriam até de todo ſe re-
» colher o noſſo arraial, e Armada.

» Obrigou-ſe mais pelos ditos refens,

» que

» que ſegurava toda a gente, artilheria, e
» mais couſas que ſe puzeſſem em ſuas ter-
» ras, e dos Arioles pera o effeito daquella
» guerra.

» Que daria a todo o tempo que ſe
» houveſſem miſter, mil trabalhadores pa-
» gos á ſua cuſta pera trabalharem no ſer-
» viço do campo, e cerco.

» Que traria á ſua cuſta quinze elefan-
» tes no dito ſerviço, em quanto o cerco
» duraſſe.

» Que daria á ſua cuſta toda a ſorte
» de madeira que foſſe neceſſaria pera o ef-
» feito da guerra, pagando o Capitão Mór
» os carpinteiros, e ferradores.

» Que daria todos os carpinteiros, ſer-
» radores, e ferreiros que foſſem neceſſa-
» rios, pagando-lhes o Capitão Mór ſeu
» jornal.

» Que teria de aſſiſtencia no noſſo ar-
» raial, e cerco do inimigo ſinco mil
» Naires de armas; e deſte número eſta-
» riam dous mil ſujeitos ao que lhes o
» Capitão Mór mandaſſe, e pera aſſiſtirem
» na parte que lhes ordenaſſe, e que obe-
» deceriam aos Capitães a que foſſem en-
» tregues.

» Que daria quatro Manchuas eſquipa-
» das de marinheiros, e Laſcarins pera
» andarem no rio vigiando, e inquietando
» os

» os inimigos, ou onde parecesse melhor
» ao Capitão Mór. E que assim daria mais
» trinta jangadas de Almadias esquipadas
» de marinheiros pera o mesmo effeito.

» Que daria duzentas enxadas, e mil
» cestos pera o serviço do cerco.

» Que se senão désse fim ao inimigo
» até vinte de Janeiro, que era o tempo
» em que elle Çamorim havia de ir á sua
» festa da Mamanga, mandaria vir de Co-
» chim, Principe de Tanor, e Carneves
» seu Regedor Mór pera os deixar com
» todo o poder em seu lugar, assistindo no
» Governo do seu exercito; e que em lugar
» dos sobreditos, mandaria seus sobrinhos
» Uniare Cherare, e outro herdeiro de
» Talapuchem senhor de sinco mil Naires. »

Ao que se obrigou André Furtado de Mendoça ao Çamorim, he o seguinte.

» QUe lhe daria por refens estes tres
» Capitães, D. Pedro de Noronha,
» Jeronymo Botelho, e outro Capi-
» tão, Antonio Matoso Embaixador, e
» dous Padres da Companhia de Jesus, que
» assistiriam sempre com o Çamorim.

» Que daria em Cochim aposentos aos
» refens delle Çamorim, e todo o necessa-
» rio a seus proprios gastos, e de seus ser-

» vi-

» vidores, em quanto residissem naquella
» Cidade, e que estes seriam capazes de
» poderem fazer nelles suas ceremonias,
» que fariam diante dos guardas que lhe
» puzessem; e que do dito aposento, e si-
» tio não sahiriam sem a mesma guarda, e
» que as ceremonias se entenderia no co-
» mer, e lavar o corpo, e outras não.

» Que tomando-se a Fortaleza de Cu-
» nhale, se derribaria logo, e não querer
» nada daquelle sitio: e de dar ao C,amo-
» rim ametade de todo o dinheiro, peças,
» fazendas, artilheria, e navios que se
» achassem, e que as mais armas seriam
» de quem as tomasse.

» Que havendo alguma briga, ou des-
» concerto entre os soldados, e Naires,
» cada hum castigaria os seus subditos con-
» forme as culpas que tivessem; e que os
» do número dos dous mil, que não obe-
» decessem aos mandados do Capitão Mór,
» e Capitães que lhe propuzessem, seriam
» pela mesma maneira castigados.

» Prometteo o Capitão Mór de se fa-
» zer Igreja em Calecut, e de se assentar
» alli Feitoria, e de ter com elle o Estado
» o commercio que tem os mais Reys ami-
» gos; e que inteiramente se cumpririam
» os capitulos das pazes, que D. Luiz da
» Gama tinha feitos com elle, e que esta-
» vam

» vam confirmados pelo Conde Almeiran-
» te. »

Estes apontamentos juráram assim o C,amorim, como o Capitão Mór com os Capitães, e Regedores que se acháram presentes, e todos se assignáram nelle: e logo se fizeram de parte a parte a entrega dos refens promettidos; e os da nossa se passáram á parte do C,amorim, e os seus se embarcáram na galé muito a seu gosto, e se leváram a Cochim. E o Carnaves ao despedir-se do Capitão Mór lhe deo alguns avisos, e ardís de como havia de proseguir naquella guerra; o que fez por cobrar credito com o Capitão Mór, sendo certo ser elle o que mais favorecia o Cunhale que todos. No recolhimento destes refens usou a Cidade de Cochim de muitos primores, e liberalidades, porque em pouco mais de dous mezes despendeo, e gastou com elles mil e quinhentos pardáos, conforme a huma lembrança, e lista que tenho em meu poder.

Os navios que foram acompanhando estes refens voltáram de Cochim com huma barcaça, que o Capitão Mór tinha lá mandado concertar, e reformar de artilheria, e munições, e entregou-a a Luiz Fragoso, e Pero Rodrigues Botelho, e deo-lhe soldados, e servidores pera seu meneio. Nesta

ta companhia mandou a Cidade de Cochim ſinco navios de ſoccorro com duzentos ſoldados armados, e pagos á ſua cuſta; e delles elegeo por Capitão Mór Antonio de Brito Fogaça, Cidadão daquella Cidade, ſoldado muito velho, e prático nas couſas da guerra: e aſſim levou em ſua companhia dous navios cheios de ſoldados Chriſtãos de S. Thomé, tambem pagos á ſua cuſta, que deixou ordenado o Arcebiſpo pera iſſo, primeiro que ſe partiſſe daquella Cidade.

CAPITULO III.

Do conſelho que o Conde tomou ſobre ir a Cunhale, em que foi contrariado: e do ſoccorro que mandou, e mais couſas que paſſáram.

DEpois que o Conde Almeirante deſpachou as vias pera Cochim, deſpachou Lourenço de Brito pera ir entrar na Fortaleza de Çofala, por ſer já livre, com muita honra das culpas, que lhe puzeram ſobre a jornada da Sunda. Paſſado iſto, em princípio de Novembro deſte anno de noventa e nove, em que eſtamos, chamou o Conde Viſo-Rey a Conſelho as peſſoas que nelle coſtumavam achar-ſe, e lhes propoz que

que lembrados eſtariam do ſucceſſo que o anno paſſado tiveram no aſſalto do Cunhale, e a continuação do cerco pelo Camorim, e pelos noſſos Capitães; e o muito que convinha á reputação, e quietação do Eſtado não ſe levantar mão daquella empreza ſem ſe concluir a deſtruição daquelle inimigo, em que os mais do Eſtado tinham poſtos os olhos, pera o que eſtava preſtes com muito dinheiro, e as mais prevenções neceſſarias; e por não lhe ficar nada por fazer, eſtava reſoluto em ir viſitar as Fortalezas do Canará, e Malavar, e provellas como convinha, porque hia no cabo do ſeu governo, em que tinha obrigação de viſitar todas as do Eſtado. E por ſe livrar das murmurações que padecêram os Viſo-Reys, que foram ao Norte, determinava fazer a jornada pera o Sul, e pararia em Cananor até ver o eſtado das couſas. E que tinha nomeado André Furtado de Mendoça por Capitão Mór da coſta do Malavar, que partiria brevemente com a Armada de quatro galés, e quarenta fuſtas bem provídas das couſas neceſſarias. E que o mór goſto que teria, era achar-ſe preſente peſſoalmente na guerra, que queria fazer áquelle coſſairo, que tanto trabalho tinha dado ao Eſtado; mas que não queria fazer nada ſem conſelho, e pare-

recer dos que eſtavam naquelle Conſelho, que livremente votaſſem o que foſſe mais ſerviço de Deos, e de ElRey, e bem do Eſtado, porque iſſo era o que elle havia de fazer, ainda que foſſe contra ſeu goſto. Sobre iſto votáram todos, e debatêram, e ſe déram muitas razões por huma, e outra parte; e praticados todos os inconvenientes que ſe lhes offerecêram, vieram os mais a concluir que não era licito, nem convinha ao Conde Almeirante abalar-ſe, nem ſahir-ſe de Goa, aſſim pela neceſſidade que havia de ſua preſença pelas couſas que eſtavam movidas no Grão Mogor ſobre a conquiſta dos Reynos do Decan que pertendia fazer, no que tinha nelle o Viſo-Rey grande inconveniente; porque bem ſabia que tudo o que pudeſſe eſtorvar ſeus deſenhos, e favorecer aos Reys vizinhos, havia de fazer: como porque não era licito que a peſſoa do Viſo-Rey ſe moveſſe, e abalaſſe pera haver de ir contra hum Mouro coſſairo, que não era Rey, nem ſenhor de terras: que baſtava pera concluir aquelle negocio André Furtado de Mendoça, que eſtava nomeado pera Capitão Mór do Malavar, que o proveſſem de tudo o que o Eſtado pudeſſe dar; porque conforme aos termos em que a guerra eſtava, e o inimigo desbaratado com a per-

da

da paſſada, e com a falta de tudo, ſem falta, nem dúvida ſe acabaria tudo com bem.

Não faltáram peſſoas das que eſtavam fóra do Conſelho a que pareceſſe o contrario, entendendo que a ninguem convinha mais achar-ſe naquella guerra em peſſoa, que ao Viſo-Rey, aſſim pera remediar o damno paſſado, tomando delle ſatisfação, como porque com ſua preſença daria mais calor á guerra; e teria mão no Çamorim que não fizeſſe de ſi alguma mudança, porque tudo ſe podia temer deſte Rey Gentio, que tantas vezes tinha faltado com ſua fé. E que poſto que eſte tyranno não era Rey, dava mór trabalho, e oppreſsão ao Eſtado, que todos os Reys vizinhos, porque todos os annos recolhia de roubos, que fazia nos vaſſallos Portuguezes, mais de quatrocentos mil cruzados. E aſſim nenhum Rey tinha mais affrontado aos Portuguezes que eſte tyranno, porque andava quaſi ſenhor do mar, e do commercio da India com ſuas Armadas, e ſe intitulava *Rey dos Mouros*; e ficava deſta maneira uſurpando hum dos titulos da Coroa de Portugal, que era ſenhor do mar, e do commercio da India. E já algumas vezes diſſe pelo diſcurſo das minhas Decadas, que ſempre, ou as mais das vezes que os Viſo-Reys puzeſſem em conſelho haver-ſe

de

de embarcar, havia de achar nos mais dos votantes contradicção pela obrigação que lhes ficava de os acompanhar com risco de suas pessoas, e despeza das fazendas. Não digo isto, porque neste Conselho houvesse estes respeitos; antes cuido verdadeiramente que entendêram que não convinha ao Conde embarcar-se; mas digo, pelas razões que apontei, que foi muito acertado o conselho que ElRey nosso Senhor tomou do tempo de Aires de Saldanha por diante de mandar, que por sima do que se votasse no Conselho da India, fizessem os Viso-Reys o que lhes parecesse mais serviço de ElRey, e bem do Estado.

E deixando isto, tornemos ao Conde, que se mostrou muito sentido de não poder effeituar o que elle tanto desejava; e a Cidade de Goa, e o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes lhe falláram nesta conformidade. Assentado isto, mandou logo o Viso-Rey ordenar hum galeão, em que mandou embarcar muitos provimentos, munições, pelouros, e peças de artilheria de bater, de que fez Capitão Francisco de Barros de Sousa, hum cavalleiro velho já despachado, que logo despedio com muita brevidade. E apôs elle mandou Diogo Moniz Barreto na galé, em que o Arcebispo tinha vindo de Cochim, e onze navios

vios mais, em que embarcou trezentos e quarenta ſoldados. E aſſim mais outros vinte e hum navios, em que vinham quatrocentos e ſincoenta, que as Cidades do Norte mandavam de ſoccorro, de que vinha por Capitão Mór Antonio Colaço Lobo, Capitão velho, e antigo; e nos navios vieram muitos Fidalgos, e cavalleiros armados á ſua cuſta. Eſte ſoccorro do Norte chegou a Cunhale a ſeis de Fevereiro, e Diogo Moniz Barreto com ſua Armada a doze, e aos quatorze o galeão dos provimentos, com o que aquelle mar ficou coalhado de Armadas, e o inimigo tão aſſombrado, que ſe houve por perdido. A eſtes Capitães recebeo André Furtado de Mendoça com muita honra, e os repartio pelos lugares que logo diremos.

Pertendia o Capitão Mór cercar aquella Fortaleza, e continuar naquella guerra por termos militares, e de prudencia; porque eſta muitas vezes, ou as mais dellas, vence mais de preſſa que as armas. E por iſſo dizia Annibal, que mais ſe temia de Scipião, quando não peleijava, que de Marco Varro ſeu companheiro, quando o fazia; porque as couſas acceleradas, as mais das vezes damnão; e as que ſe fazem de vagar, e com conſelho maduro, ſempre nos dam a vitoria. Foi André Furtado com-

pon-

pondo as coufas, e ajuntando o que lhe era neceffario pera fitiar, e bater aquella Fortaleza, porque defejava de a ganhar, e levar com pouco cufto dos homens, porque as vitorias de pouco fangue fam as que fazem o feu Capitão mais gloriofo. Em Tito Livio lemos que o Conful Marco Fabio não quiz acceitar o triunfo, que o Senado lhe offerecia, porque naquella guerra lhe matáram feus companheiros o Conful Manlio, e Quincio Fabio.

O Cunhale, pofto que eftava apertado, e defconfiado, como diffe, não deixou de ufar de feus eftratagemas, e mandou hum daquelles feus Capitães, que fe foffe lançar em cilada com huma companhia de Mouros em huma ponta de arêa da banda do Ariole, pera ver fe podia fazer algum bom feito. Depois de embofcar fua gente, chegou o Capitão com outro Mouro á borda d'agua, e capeou a hum periche, de que era Capitão Braz Coelho, pera que chegaffe ao rolo do mar, aonde efte Mouro coftumava chegar algumas vezes a fallar com o Veador da fazenda do Cunhale, que eftava na galé, pera o que André Furtado lhe dava licença. E defta vez quiz ver fe podia fazer chegar bem á terra o Braz Coelho, pera ver fe o podia colher ás mãos, pera que a troco delle lhe

dessem o Veador da fazenda do Cunhale. Bem entendeo o Braz Coelho o animo, e intenção do Mouro, e mandou armar os seus soldados, e pollos encubertos com as arrombadas que trazia feitas; e na proa poz dous muito certos espingardeiros, e poz-se a si no meio delles, e foi remando pera a praia até se pôr no rolo de agua, donde se poz ás práticas com os Mouros, que trabalháram bem com elle pera que chegasse mais, porque tinham cousas de segredo que praticar, e tratar. O Braz Coelho fez que se hia chegando; e dando sinal aos dous, que tinha a par de si, dispararam logo suas espingardas, que foram tão bem empregadas, e encaminhadas, que o Capitão ficou estirado, e o companheiro se recolheo mal ferido. A isto se descubríram os da cilada, e começáram a servir os do periche com muitos tiros, que tambem lhe respondêram com outros, de que alguns se recolhêram bem escalavrados.

Entendendo o Capitão Mór que a vitoria estava mais segura em lhe tirar alguns Mouros da Fortaleza, lá teve maneira com que por via dos Naires do Çamorim mandava visitar alguns mais principaes, e a voltas disso peças ricas, e curiosas (que estas sam as chaves mestras com que se abrem todas as portas) e estes sem-

pre

pre lhe respondiam, mas não aos presentes, e com isto foi moderando alguns, e fazendo o negocio que pertendia. Andava o Capitão Mór acabando de ajuntar as cousas pera o cerco, que havia de pôr á Fortaleza. E porque desejou de ver por si o sitio, e dispoſição della á sua vontade, tomou por achaque ir ver o Çamorim, e visitallo ao seu arraial, pera o que lhe mandou pedir licença; e elle lhe mandou seus Regedores pera o acompanharem, e partio com elles a par de si, levando por derredor quatrocentos espingardeiros Portuguezes escolhidos entre todos, e estes muito bem armados, e bem trajados, e passou todo aquelle caminho, que era de tres leguas, a pé em corpo com hum bastão na mão, assim á ida, como á vinda, sem mostrar cansaço algum. Nas vistas com o Çamorim houve muitos cumprimentos, e praticáram sobre as cousas daquella guerra; e depois reconheceo o Capitão Mór o sitio da Fortaleza, e tranqueiras muito a seu gosto, com o que se tornou muito satisfeito de ter visto o que tanto desejava.

E sendo informado que as mais das noites passavam daquella ponta da arêa algumas embarcações pequenas de Mouros a inquietar a nossa Armada, mandou a Pero Luiz com a gente dos periches, e al-

guns ſoldados, pera que ſe foſſem embrenhar naquella parte, que era da do Ariole, pera ver ſe podia tomar ás mãos alguns delles. E eſtando alli, chegáram da outra parte algumas embarcações dos Mouros, com o que os noſſos Laſcarins Malavares ſe inquietáram; e houve entre elles tão grande reboliço, que foram ſentidos, e os Mouros ſe recolhêram, ſem mais tornarem alli, e as mais das noites continuáram os noſſos com a meſma vigia. E porque não aconteceſſe naquella parte mais alguma alteração, mandou o Capitão Mór fazer na ponta de arêa daquella parte ſobre a barra do inimigo huma tranqueira, que encommendou a André Rodrigues Palhota com quatrocentos ſoldados, levando comſigo o Engenheiro mór, que a traçou, e acabou muito de preſſa, que ficava quinhentos paſſos do baluarte do inimigo, que ficava da outra parte, e nella ſe poz a artilheria que pareceo neceſſaria, ficando nella o meſmo André Rodrigues com trezentos homens; e de huma parte, e da outra ſe ficáram varejando mui arrezoadamente. Tanto que eſta tranqueira ſe acabou, mandou o Capitão Mór paſſar oito navios ligeiros ao rio por ſima da ponta da arêa, com o que ficou ſenhor do rio; o que os inimigos ſentíram muito, porque

até

até o peixe, e marisco delle, de que se sustentavam, lhes tolhiam, e entendeo que aquillo era o caminho de sua perdição.

CAPITULO IV.

De como o Çamorim tratou de ir a huma festa chamada Mamanga: e donde esta festa teve origem.

ANdando o Capitão Mór preparando as cousas pera pôr cerco á Fortaleza, ainda antes de chegarem os soccorros que dissemos, chegou o tempo em que o Çamorim lhe era necessario ir á sua festa de Mamanga, de que nos apontamentos atrás se fez menção, a que por nenhum caso podia faltar; pera o que mandou recado ao Capitão Mór, e a desculpar-se de ser forçado faltar alli com sua pessoa os dias que durasse; mas que alli ficava todo o seu poder pera continuar naquella guerra, como estava contratado; e que em quanto durasse a festa, elle se não descuidaria de mandar dar calor ao cerco; e com isto lhe mandou pedir o Principe de Tanor, e o seu Regedor Mór Carnaves, que estavam em Cochim postos em refens, como lhe estavam promettidos nos contratos pera os deixar no exercito; e que em seu lugar daria

ria outras duas peſſoas principaes de ſeu Reyno. O Capitão Mór ſe lhe mandou eſcuſar com palavras de muita cortezia, e brandura, aſſim porque o Çamorim lhe hia faltando com a palavra em muitas couſas concedidas nas capitulações, como porque ſoube que o Regedor Mór era o que mais ſuſtentava as couſas de Cunhale que todos, por ſerem grandes amigos; e que quanto mais alongado o tiveſſe, tanto lhe era melhor pera concluir aquelle negocio. O Çamorim não ficou ſatisfeito de ſe lhe negarem aquelles homens; mas diſſimulou, como o Capitão Mór o fazia tambem ás ſuas couſas. E querendo ultimamente partir-ſe, foi-ſe deſpedir do Capitão Mór em quatorze de Janeiro deſte anno de ſeiscentos, em que com o divino favor entramos; e entre elles não houve mais que palavras de cumprimentos, e cortezia; e ſó lhe diſſe o Çamorim, que em quanto eſtiveſſe auſente lhe entregava o ſeu exercito, e que nelle podia diſpôr, e mandar como ſua propria peſſoa, porque aſſim o deixava por ordem a ſeus Capitães, e que eſperava de em ſua boa fortuna achar tudo concluido, quando tornaſſe; e com iſto ſe deſpedio. E porque nenhum Eſcritor noſſo tratou deſta feſta, que he tão antiga, que paſſa de quinhentos annos que ſe celebra, pareceo-

nos

nos bem fazer huma breve relação de ſeu princípio , e origem pera maior goſto da hiſtoria, e paſſatempo dos que a lerem.

Eſta feſta de Mamanga , que quer dizer feſta de deſafio , cahe no Malavar de doze em doze annos, e cahio neſta entrada do anno de ſeiscentos : ſua origem foi eſta. Morava nos confins do Reyno de Tanor hum Bramene , a quem alevantáram hum falſo teſtemunho , que redundava em detrimento de ſua honra , e deſcredito de ſua religião , de que ſe houve por tão affrontado, que ſe partio pera o rio Ganges, que elles tem por ſantas ſuas aguas , pera nelle ſe purificar. Alli jejuou, e fez outras aſperiſſimas penitencias alguns annos , encommendando-ſe a ſeus idolos , pera que moſtraſſem por alguma via a pureza de ſua innocencia. E aſſim lhe appareceo hum delles, e lhe diſſe, que ſe não entriſteceſſe que elle teria cuidado de ſua honra, que ſe foſſe pera ſua terra , e que por fim do mez de Fevereiro ajuntaſſe todas as gentes daquelles Reynos derredor do rio de Tanor, pera diante de todos ſe moſtrar ſem culpa: e que pera ſinal diſſo em tal dia, quando a maré vaſaſſe, deitaſſe elle na força da corrente o ſeu livro, e o ſeu eſcabello, e que logo entraria o rio Ganges por aquelle rio de Tanor dentro, e contra o curſo

da maré faria tornar o livro, e o escabello por elle assima á vista de todos, como fingem que o fez, e que foi aquelle espectaculo visto de todos com grande admiração, e o Bramene foi julgado por sem culpa, e foi dalli por diante tido em grande veneração. E este he o dia, que se chama de Mamanga, e que se festeja de então pera cá de doze em doze annos, como dissemos, com o mór concurso de gente, e despezas de ElRey, que todas as mais que Malavares tem, porque pera ella se ajuntam todos os Reys, Senhores, Caimais, e infinitos póvos, e duram estas festas vinte e oito dias, em que o Çamorim tem sempre muita gente de armas com seus Capitães, que de continuo andam roldando, pera que não haja algum desarranjo, nem brigas, que he cousa ordinaria em grandes ajuntamentos de gente, entre tão grande multidão de póvos, tão differentes como alli se ajuntam; e tambem porque todos estes dias costumam entrar alguns Amoucos por meio deste cardume, e matão os que podem alcançar. O que acontece em satisfação de hum Rey vizinho do Çamorim, que o que então governava (que haverá noventa annos) mandou matar; pelo que todos os da obrigação daquelle Rey morto, e de seu pai, e avós se offerecem a mor-

rer

rer por tomarem aquella ſatisfação, matando alguns vaſſallos do Çamorim contra quem tem o odio, que os obriga a uſarem deſta brutalidade: e pera atalhar a iſto, tem o Çamorim ſempre, em quanto eſta feſta dura, alli gente de guarnição, que acode a eſtes Amoucos, como fazem; e todos os annos, que ha eſta feſta, ficam eſpedaçados todos aquelles, que commettem eſta brutalidade; e eſte anno, de que agora eſcrevemos, entráram trinta Amoucos, que logo foram mortos.

Tres dias deſtes vinte e oito, que eſtas feſtas duram, ſe põe o Çamorim em hum lugar alto á viſta de todo o povo com muitos alampadairos de ouro, e prata accezos ao redor de ſi, e todos os da ſua Corte acodem alli veſtidos o mais ricamente que podem; e em ElRey apparecendo diante do povo, diſparam muita artilheria, e dão grandes ſalvas, a que elles em ſua lingua chamam Cuquiadas, e a ellas lá em ſima donde ElRey eſtá ſe proſtra pelo chão diante do povo, e depois ſe alevanta, e em pé faz tres vezes reverencia ao povo, e todos elles lha fazem, e depois delle, todos os Reys que ſe alli acham, fazem a meſma ceremonia ao povo; e acabada ella, entram os Panicaes eſgrimidores de ElRey, e jogão das armas com mui-

ta

ta deſtreza, e apôs iſto vem todos os vaſſallos de todas as terras do Çamorim, e de dous em dous vam paſſando, e fazendo ſua cortezia a ſeu Rey, e os maiores, e grandes do Reyno ſe debruçam todos diante delle, e depois paſſam os alifantes enſinados dos ſeus Cornacas, que ſam os Naires, que tem cuidado delles, e fazem tambem reverencia a ElRey com o joelho no chão. Gaſta o Çamorim neſta feſta duzentos mil fanões em dadivas, que ſam vinte mil cruzados.

Eis-aqui eſta brutalidade ſem nenhum fundamento, que lhe ſeus Bramenes mettêram em cabeça, fazendo-lhes crer huma couſa tanto contra a natureza, como he vir o rio Ganges dos Reynos de Bengala mais de trezentas leguas de Tanor, e atraveſſar todo aquelle Oceano Oriental, e vir entrar por hum rio tanto mais pequeno que elle, que póde ſumir-ſe diante delle; e que ſahia do mar com a pureza de ſuas aguas, ſem lhas elle mudar, ſendo certo que todos os rios do mundo perdem ſua natureza em chegando ao mar; e de eſtas, e de outras abusões ſemelhantes eſtá cheio todo eſte Oriente, e aſſim crê toda eſta gentilidade nellas, como ſe as víram paſſar, porque pera iſſo não ha outra nenhuma razão, e experiencia mais que dizerem-lho os ſeus Bramenes.

CA-

CAPITULO V.

Das cousas, em que o Capitão Mór proveo pera dar principio ao sitiar aquella Fortaleza.

PArtido o Çamorim pera a sua festa de Mamanga, tratou o Capitão Mór de desimpedir a barra, pela ter o inimigo de novo atravessada com grossos mastos surtos com cadeias de ferro, e grandes ancoras, e alguns pregados sobre estacas mui grossas mettidas com vaivens no fundo da vasa, ou arêa, e nas cabeças assentados aquelles mastos grossos, e pregados com grandes prégos, que tudo ficava mais de hum covado escondido debaixo d'agua. Este negocio encommendou a Luiz Fragoso, e a Luiz de Almeida, e com elles Pero Luiz, e Braz Coelho com seus Lascarins, e marinheiros, que leváram serradores, e officiaes, que mettidos na agua serráram os mastos com grande trabalho, e risco de todos pelas muitas bombardadas que sobre elles chovêram, e os leváram á nossa tranqueira, que estava da outra parte na ponta da arêa. Com isto ficou a barra desimpedida, e por ella entrou ao outro dia de noite huma manchua ligeira, de que era Capitão hum João Rodrigues Fialho,

na-

natural de Cananor, que ao passar de longo do baluarte do inimigo, por onde era o canal, fallou com os Mouros delle em lingua Malavar, dizendo que lhe levava alguns provimentos, com o que passou seguro sem lhe atirarem bombardadas. E por se recear o Capitão Mór que pela parte do Çamorim lhe entrassem alguns provimentos ao inimigo por via dos Naires, que por dinheiro vendêram suas mulheres, e filhos, mandou a Belchior Ferreira com cem soldados, pera que daquella parte, de que se temia assistisse em guarda, e vigia bem junto ás tranqueiras do inimigo, pera que lhe não entrasse, nem sahisse cousa alguma: e juntamente mandou Antonio de Brito Fogaça, Capitão Mór do soccorro de Cochim, com trezentos homens em segredo, e o Engenheiro Mór fossem pelo rio dentro nas manchuas a fazer huma tranqueira na banda do Ariole, que em breves dias acabou mui bem traçada, que ficou a tiro de falcão fronteira á Fortaleza do inimigo, em que o mesmo Antonio de Brito Fogaça ficou por Capitão com duzentos homens, e lhe prantou algumas peças de artilheria com que fez notavel damno aos inimigos, por lhes descubrir dalli as suas praças, e bazares, e as mais das ruas, e muita parte da povoação. Esta tranquei-

queira foi o Capitão Mór ver de longo do rio, e della esteve de novo reconhecendo todas as fortificações daquella parte, e ao voltar visitou o Ariole de Bargare pelo ter propicio, o que elle estimou muito; porque destas visitas que fazia a estes, sempre lhe ficavam em casa algumas peças, no em que elles só trazem os olhos. Vindo de lá, mandou a D. Francisco de Sousa com trezentos soldados, e ao Engenheiro Mór com todos os petrechos necessarios pera fazer outra tranqueira junto á de Antonio de Brito Fogaça, mais á borda d'agua, pela outra estar sobre hum tezo, que se fez muito bem ordenada a tiro de espingarda do inimigo, e nella ficou assistindo por Capitão, e dalli fazia grande damno aos Mouros, porque cada dia lhe matava, e feria alguns.

Vendo o Cunhale entrado o rio, e as nossas tranqueiras tão senhoras das suas, mandou fazer outra muito forte na ponta da arêa sobre a barra da sua parte; porque algumas almadias, que tinha despedidas a buscar mantimentos, vindo com elles, esperariam alguns noroestes rijos com que os nossos navios se affastassem da terra, e ellas tivessem lugar pera na escuridão da noite, passando por meio da Armada, irem encalhar naquella parte, como al-

algumas fizeram; e como os Mouros esperavam por ellas, logo os mantimentos eram levados nos ares, e recolhidos, e as mesmas almadias varadas ao pé do baluarte: e além disto varejavam dalli a nossa tranqueira, que estava da outra parte, e lhes faziam bem de damno. O que visto pelo Capitão Mór, determinou de lha ganhar, e fortificar nella, e encarregou este negocio a André Rodrigues o Palhota, com seiscentos homens divididos em duas partes, e esquadras: huma pera commetter a tranqueira; e a outra pera ter o soccorro que lhe viesse, mandando ordem a Belchior Ferreira, que assistia da banda do Çamorim, pera que com os seus soldados, e os Naires do C,amorim commettesse por lá as tranqueiras do inimigo, ao mesmo tempo que por cá dessem, que havia de ser a meio quarto da modorra, noite que era de luar muito claro, porque áquella hora enchia a maré, e os passos por onde os inimigos haviam de acudir, e soccorrer o seu baluarte, estavam cheios de agua, e não se podiam vadear: e ás horas determinadas mandou o Capitão Mór fazer o final aos navios, que estavam de fóra, que remettêram com a terra, onde puzeram as proas, e desembarcáram todos, e nos dianteiros foram D. Fernando de Noronha, e

seu

ſeu irmão D. Chriſtovão de Noronha, e com furor eſpantoſo commettêram as guaritas, e com muita facilidade as ganháram, ſendo o primeiro que nellas entrou Luiz de Almeida, e com muito valor foram levando os inimigos de vencida até á tranqueira de madeira, onde já eſtava Belchior Ferreira com a gente do Çamorim, e com a ſua a que tinha poſto o fogo, e ſobre ella peleijáram os noſſos muito esforçadamente.

Ouvindo o Cunhale a revolta, ſabendo que era de todo entrado dos noſſos, acudio em peſſoa, e fez voltar os Mouros, que hiam fugindo; e ajuntando outros de outras eſtancias, os fez paſſar os alagadiços, aſſim em almadias, como a nado; e ajuntando-ſe mais de quinhentos, tornáram a remetter com as guaritas, onde os noſſos eſtavam; e com tanta determinação os commettêram, que houvera da noſſa parte grandes deſarranjos, ſe D. Fernando, e D. Chriſtovão de Noronha ſeu irmão com alguns mais não tiveram o pezo. Aqui eſteve o negocio ſuſpenſo, e muitos dos noſſos moſtráram bem todos os quilates de ſeu valor, obrando grandes cavallerias. E quando os Mouros commettêram da primeira vez os noſſos, que os fizeram recolher ás guaritas, Luiz de Almeida ſe atraveſſou na porta

ta

ta com huma chuça nas mãos, e teve o encontro aos inimigos, que commettêram a porta, ficando descuberto, e por barreira ás espingardadas, e frechadas que os inimigos lhe atiravam, de que o Deos nosso Senhor guardou. Em fim, desta feita ficáram os nossos senhores daquellas guaritas, que custáram a vida a João de Seixas Cabreira, valente Capitão, e a Pero de Gois Capitães de navios, e a nove soldados, a fóra quarenta, que ficáram feridos, e dos Mouros morrêram mais de seiscentos, além dos feridos, que foram muitos, conforme a huma lembrança que achei de hum curioso, que foi pondo em lembrança todos os successos deste cerco.

Nestas guaritas, ou tranqueiras, que se ganháram, ficou por Capitão D. Fernando de Noronha com trezentos soldados. Belchior Rodrigues com a sua gente, e a do Çamorim commettêram (como já dissemos) a tranqueira de madeira, que cortava aquella ponta de arêa da costa brava até ir em sima a fechar no rio, que tinha tres guaritas, em que de ordinario estavam perto de trezentos Mouros, que Belchior Rodrigues logo achou despejadas, porque a gente dellas acudio ao soccorro da tranqueira, que lhe os nossos ganháram: pelo que tiveram tempo de pôr o fogo a huma parte

te

te della, a que os Mouros acudíram, e a tornáram a renovar, ſobre o que tiveram huma grande batalha, como já diſſe, e com eſte feito ſe recolheo o Belchior Rodrigues a ſuas eſtancias cheio de venturoſos ſucceſſos. Com iſto, e com a falta, que havia na Fortaleza de mantimentos, ſe abaláram alguns Mouros principaes a ſe ſahirem della com ſuas familias; o que fizeram a ſeu ſalvo da noſſa parte, pelo ſeguro que o Capitão Mór lhes tinha dado a todos os que ſe quizeſſem ſahir della.

CAPITULO VI.

Do que mais ſuccedeo nas tranqueiras: e dos fortes que o Capitão Mór mandou fazer: e de como ganhou as tranqueiras, e povoação.

SAbendo o Capitão Mór que o inimigo tornára a renovar a tranqueira de madeira, determinou de lha ganhar de todo, porque determinava de entrar naquelle ſitio pela tranqueira grande de pedra: e eſte negocio encommendou a Belchior Rodrigues, e a André Rodrigues Palhota com todos os Laſcarins, e gente do Ç,amorim, que commettêram a tranqueira com muita determinação; mas acháram tal reſiſten-

cia nos Mouros, que a não pudéram entrar, e foi-lhes forçado recolherem-se com alguns feridos, em que entrou André Rodrigues Palhota, de huma espingardada pela boca, que lhe levou todo hum queixo com nove dentes: e nas mais das cousas, em que este cavalleiro se achou, sempre sahio escalavrado, porque em todas foi dos primeiros, e dos que mais se arriscáram, e melhor pelejáram; e se houvera de gastar o tempo em seus louvores, pudéra gastar muito, porque sempre mereceo muitos. Deste passo, em que Belchior Rodrigues estava, o mandou o Capitão Mór passar pera outro entre o arraial do C,amorim, e tranqueira dos inimigos, onde já da primeira vez esteve; e no passo que deixou, mandou que ficasse Antonio Pereira Coutinho, que tinha vindo do Norte de soccorro elle, e seu irmão André Pereira, cada hum delles em seu navio ás suas custas. E porque determinava de passar a artilheria á parte do Ariole, pera de lá bater a Fortaleza, mandou fazer duas tranqueiras: huma bem defronte do baluarte, que estava em guarda da barra; e outra no direito desta mais á borda da agua na costa brava pera repairo, e abrigo dos que haviam de desembarcar a artilheria naquella parte, onde logo desembarcou tres peças gros-

grossas, com que em sinco dias continuos bateo o baluarte do inimigo, e lhe deram com toda a fronteria no chão, deixando caminho largo, e capaz de entrarem por alli os nossos; e nesta tranqueira, e bateria assistio Antonio Collaço.

Estando as cousas nestes termos, deram ao Capitão Mór cartas do Conde Almeirante, em que o advertia que visse o como hia com aquella guerra, e que não arriscasse os homens por assaltos, e que fosse estreitando o cerco até o inimigo se lhe entregar, porque assim ficaria a vitoria mais fermosa; e com isso outros avisos necessarios, e de Capitão prudente. Com esta carta convocou o Capitão Mór conselho, e lha mostrou, e pedio lhe dessem todos seus pareceres sobre o que faria, tendo consideração ao tempo, que se hia acabando o verão, e chegando o inverno, e ao estado, em que o inimigo estava; e que se daquella feita se não concluisse aquelle negocio, temia que ficasse depois o Cunhale com a gloria de se defender dous annos dos nossos; e que passando dalli, quem seguraria que tornasse o C,amorim a ella, e que o Cunhale a poder de muito dinheiro o não trastornasse, e assim ficaria o Estádo tendo os inimigos dobrados; e que por muito cabedal, que depois mettesse, sem ter de sua

parte o Çamorim, não poderia effeituar cousa alguma. Sobre estas proposições votáram todos; e depois de muitas altercações, foram os mais de parecer que convinha ao Estado concluir-se aquella guerra o mais depressa que pudesse ser, e que se commettesse o inimigo por assalto, porque a guerra não se fazia sem risco; e que menos mal era morrerem cem homens, que ficar aquelle tyranno em pé, que custaria depois as vidas, e as fazendas a muitos. Que se commettesse o inimigo com todo o poder que alli havia, repartido em tres esquadrões, e por tres partes, porque na Fortaleza não havia poder pera acudir a tanto, e que assim facilmente se levaria nas mãos. Este assento assignáram todos, e se mandou ao Conde Almeirante, que o não approvou, e mandou que se guardasse o que elle tinha mandado, e pelos Mosteiros dos Religiosos que encommendassem aquelle negocio muito a Deos, porque as cousas, que se não registam primeiro com elle, nunca tem bom fim.

Assentado este conselho, determinou o Capitão Mór André Furtado de Mendoça de o pôr em effeito, e pera isso foi visitar todas as tranqueiras da banda do Ariole, e deo ordem a todos os Capitães dellas do como se haviam de haver no dia do assal-

ſalto; e aſſim repartio toda a gente, que ſeriam dous mil Portuguezes, em tres batalhas: huma tomou pera ſi; e as duas deo huma a D. Franciſco de Souſa, e outra a Antonio de Brito Fogaça; e encommendou a todos que ſe confeſſaſſem, e commungaſſem, como o fizeram, occupando-ſe naquelle miniſterio os Padres Franciſco Rodrigues, e Manoel Gaſpar, da Companhia de Jeſus; e outros Padres de S. Franciſco, e S. Domingos, que todos diſſeram Miſſa, a que todos os ſoldados, e Capitães commungáram. Andando-ſe o Capitão Mór preparando pera dar o aſſalto, chegou o Çamorim da ſua feſta de Mamanga na entrada de Março, e logo o Capitão Mór o foi viſitar, e lhe deo conta do eſtado em que as couſas eſtavam; e a voltas diſſo lhe fez muitas queixas de ſeus Regedores, e Naires, de quem em quanto elle Çamorim eſteve auſente não recebeo ajuda, nem favor, nem algumas das couſas das que ſe capituláram, e que elle Çamorim lhe deixou a todos tão encommendadas, de que o Çamorim moſtrou no exterior grande ſentimento, que póde ſer que o não tiveſſe no interior, porque era, e ſempre fora falſo, e fementido, e até então não tinha proſeguido naquella guerra ſenão pelo que lhe a elle relevava, e aſſim diſſe muitas couſas

ſas ao Capitão Mór, que o entendia muito bem; e aſſim ſe deſpedíram hum do outro com muitos cumprimentos.

Tanto que o Çamorim veio da ſua feſta, logo ao outro dia o mandou o Cunhale viſitar com muito dinheiro, e peças ricas, e a voltas diſſo lhe mandou pedir ſeguro, porque ſe lhe queria ir entregar; mas com condição que lhe havia de dar a vida a elle, e a todos os que com elle eſtavam. E iſto tratáram com elle os Mouros, que a iſſo mandou de feição, que lho concedeo o Ç,amorim, e lhe mandou o ſeguro que lhe pedio; e com elle ſe ſahíram logo da Fortaleza duzentos e ſincoenta Mouros, que os Naires do Ç,amorim, e Belchior Rodrigues foram receber, pelo mandar aſſim ElRey, o que fizeram junto á tranqueira de madeira; e vendo Belchior Rodrigues tão boa occaſião, entrou-a, e a queimou toda. E ainda paſſáram os noſſos tanto adiante, que puzeram fogo a todos os navios, e caſas, que havia entre huma tranqueira, e outra; e chegando á tranqueira de pedra, acudíram os Mouros, a cuja conta eſtava a guarda della, e traváram com os noſſos huma muito aſpera batalha.

Deſta revolta ſe deo recado ao Capitão Mór, que logo com muita preſſa acudio a recolher os ſeus, porque lhe não aconte-

ceſ-

ceſſe algum deſaſtre; e neſta revolta foi ferido em hum pé de hum eſtrepe dos muitos que havia ao longo do muro pela banda de fóra. O C,amorim não ficou muito goſtoſo daquelle caſo, por ver quanto os noſſos queriam levar a couſa pelo rigor das armas, deſejando elle concluillo pelo modo que tinha concertado com o meſmo Cunhale, pelo muito que lhe tinha dado, e pelo que ainda eſperava lhe déſſe. Vendo o Cunhale aquelle negocio, e a queima da ſua tranqueira, navios, e caſas, houve que o C,amorim o enganava, pelo que tratou de ſe defender até perder a vida, e pera iſſo ſe recolheo na Fortaleza com os Mouros, que lhe pareceo baſtavam, pelos poucos mantimentos que tinha.

Aquella noite, que iſto aconteceo, entráram pela barra dentro dous navios, de que d'hum delles vinha por Capitão D. Manoel de Lacerda, e do outro D. Pedro Coutinho, que ſe quiz achar naquella guerra, por virtude de huma Proviſão, que o Conde Almeirante paſſou, com parecer da Relação, porque perdoava até certos annos de degredo, que lhe deram por humas brigas que teve em mancebo, por cuja cauſa ficava inhabilitado pera ir entrar na Fortaleza de Ormuz, com que eſtava deſpachado. Quiz-ſe remir delle com

ſe

ſe achar preſente naquella guerra, pera que negociou aquelle navio á ſua cuſta, com muitos ſoldados com que gaſtou muito: e logo apôs elle começáram a entrar os navios que quizeram, como foram os de Gaſpar de Mello, Gonſalo Mendes de Macedo, e Franciſco de Macedo, que recebêram muitas bombardadas do baluarte da barra, de que matáram hum ſoldado ao Gonſalo Mendes.

O Capitão Mór nas dilações do Camorim foi entendendo que hia naquella guerra tão lentamente pelas muitas dadivas que lhe o Cunhale dava, aſſim a elle, como aos ſeus Regedores: pelo que ſe determinou de concluir aquelle negocio, porque ſe hia gaſtando o tempo; e deſta ſua determinação aviſou a todos os Capitães, e lhes diſſe, que havia de commetter o muro de pedra pera por elle entrar no ſitio, e plantar ſuas eſtancias ſobre a Fortaleza, e deo-lhes a ordem, que todos haviam de ter, e repartio ſuas gentes por eſta maneira. A dianteira deo a D. Franciſco de Souſa com quatrocentos ſoldados eſcolhidos, pera commetter o muro pela parte do levante. André Rodrigues, o Palhota, que não eſtava bem são, com ſeiscentos homens pera entrar pela barra, e commetter o baluarte, que eſtava ſobre ella, a que chamam

mam o Branco; e o Capitão Mór com mil e duzentos homens, em que havia a flor da Fidalguia, e ſoldadeſca da Armada, pera commetrer o muro pela parte do C,amorim, e logo repartio munições, e fez todas as preparações neceſſarias.

E aos ſete de Março ſe paſſou o Capitão Mór á parte do C,amorim, com quem ſe vio, e lhe deo conta de como eſtava reſoluto em commetter as tranqueiras do Cunhale, e lhe pedio que elle com os ſeus Naires o ſeguiſſem, conforme as capitulações que eſtavam feitas, e elle por obrigação tinha. O C,amorim vendo aquella determinação do Capitão Mór, reſpondeolhe com muita frieza, que deixaſſe aquelle negocio pera outro dia, que então faria tudo. André Furtado, ſem lhe reſponder couſa alguma, foi marchando pera as tranqueiras, e chegou á de madeira, que eſtava queimada. Vendo o C,amorim a ſua determinação, foi-o ſeguindo com ſeis mil Naires; e chegando a elle, lhe diſſe, que elle eſtava alli muito preſtes pera cumprir tudo o que lhe tinha promettido; do que o Capitão Mór lhe deo os agradecimentos, e deſpedio a Pero de Bendanha com alguns ſoldados, e o Engenheiro Mór a reconhecer a tranqueira de pedra pela parte, por onde a elle queria commetter, o que elle

fez

fez com muito cuidado, e lhe deo particular relação de como estava.

Com isto mandou fazer o final, que tinha dado aos mais Capitães dos outros terços, e a elle arremettêram todos com aquella parede, que não teria mais de oito palmos de altura, mas muito larga: puzeramlhe os peitos com muita determinação; e o primeiro que subio assima ajudado dos seus, foi o Capitão Mór, e com alguns se poz no releixo; porque hum pouco antes que o muro subisse, se foi estreitando, e fazendo hum parapeito com seteiras, pera dellas jogar a sua arcabuzaria. Tanto que o Capitão Mór se vio em sima, logo o muro se encheo de soldados, e foram demandar os baluartes, e guaritas, que os Mouros despejáram de pressa, e se foram recolhendo pera a Fortaleza com tanta revolta, e desattento, que ao entrar tomou fogo huma pouca de polvora, que alli tinham, que abrazou hum grande número de Mouros. D. Francisco de Sousa, e André Rodrigues Palhota commettêram os baluartes, que lhes foram encommendados, e com a mesma facilidade os entráram, e ganháram. Com o que os nossos foram senhores de tudo o que havia da Fortaleza pera fóra, e logo deram fogo á povoação, e bazares, donde já os Mouros tinham recolhido tudo o que havia. Tan-

Tanto que o C,amorim vio tudo ganhado, deixou-ſe ficar em hum dos baluartes do muro, e com muita preſſa mandou derribar todo o muro pelo chão, o que ſe fez em breviſſimo eſpaço, por ter mais de quarenta mil Naires. E quando André Furtado ſe foi recolhendo do baluarte de ſobre a barra, achou feita aquella ruina até os alicerces; e bem entendeo que ſe fizera por ſe elle não fortificar alli, com o que ficaria tendo pouca neceſſidade delle, e de ſua gente; e elle queria que ſempre o Capitão Mór dependeſſe de ſua ajuda, e favor. Os noſſos ſoldados ordinarios, e os Naires começáram a cavar as caſas, em que acháram couſas de pouco momento; e ſobre ellas começou a haver algumas deſordens entre huns, e outros; ao que mandou acudir o Capitão Mór com grandes penas, que nenhum Portuguez cavaſſe as caſas, e que deixaſſem aos Naires rabiſcar eſſa pouquidade que havia.

CAPITULO VII.

De como o Capitão Mór prantou sua artilheria sobre a Fortaleza: e das desconfianças que houve da parte do Çamorim.

VEndo-se o Capitão Mór senhor da povoação, tomou pera sua estancia o baluarte da barra; e a André Rodrigues Palhota mandou que assistisse com quinhentos homens na Mesquita junto da Fortaleza, que o anno passado se tinha queimado, onde fez huma tranqueira pera sua segurança, e de dia, e de noite estavam com as armas nas mãos; porque foi o Capitão Mór avisado que os Mouros desesperados determinavam sahir da Fortaleza, e darem nos nossos, e morrerem como amoucos. Aqui nesta tranqueira houve sempre trabalho, por ser muito perseguida da artilheria, e arcabuzaria da Fortaleza, de que lhes feríram alguns soldados. A D. Francisco de Sousa com o seu terço encommendou, que fizesse sua estancia no baluarte, que estava na guarda da porta da Fortaleza de pedra, que só ficou em pé; e em todos os mais lugares necessarios poz presidios, do que o C,amorim se tomou muito, porque lhe disseram os Naires que senhorearse

se

ſe o Capitão Mór de tudo era ſinal que ſe queria apoſſar da Fortaleza, e não cumprir o que eſtava capitulado entre elles. E tantas couſas lhe diſſeram ſobre iſto, que foi logo ao Capitão Mór ao baluarte de ſobre a barra, que tinha já rodeado de hum valo forte, por lhe ficar mais capaz: e nas práticas que tiveram, lhe diſſe o C,amorim, que lhe não parecia bem ver a diligencia com que ſe fortificava em todas as partes, porque dava a entender ſer aquella prevenção mais a reſpeito delle C,amorim, que não do Cunhale, que já eſtava encurralado na Fortaleza, donde não podia ſahir, que lhe affirmava que não havia de conſentir tal: e logo os Naires começáram a derrubar os valos, e quererem-no fazer ao meſmo baluarte.

André Furtado ficou hum pouco ſuſpenſo naquella materia; mas logo tomou as armas com a ſoldadeſca que tinha, e acudio a affaſtar os Naires da obra em que eſtavam, como fez: e acudindo tambem o C,amorim, lhe diſſe o Capitão Mór pelo Padre Franciſco Rodrigues, que fortificar-ſe elle era obrigação de todo o Capitão, que o não fazia ſenão por ter os ſeus ſoldados recolhidos em ſeus preſidios, aſſim porque os inimigos ſe lhe não pudeſſem ſahir por alguma parte vaſia, como por ſe não deſ-

desmandarem, e terem algumas differenças com os seus Naires, que elle sentiria muito, porque sua tenção era servillo em tudo, e não enojallo. O C,amorim já mais brando lhe disse, que lhe parecia bem; mas que lhe désse hum daquelles baluartes pera se elle fortificar nelle. Do que se o Capitão Mór escusou com lhe dizer, que sem licença do Conde da Vidigueira Viso-Rey lho não podia consentir; porque tanto que ganhára aquelles fortes, já ficava obrigado a elles como por menagem: que se fiasse elle C,amorim delle, que em tudo o que nas capitulações lhe tinha promettido, lhe havia de cumprir muito a seu gosto.

O C,amorim ficou daquillo muito apaixonado; e sem replicar, voltou, e se foi metter no baluarte, em que estava D. Francisco de Sousa, e disse-lhe que queria estar alli como seu soldado; do que D. Francisco avisou o Capitão Mór, que o mandou recolher, e que deixasse nelle o C,amorim, que mandou dizer a André Furtado, que os Naires do seu Reyno tinham mais de quatrocentos Mouros pera fazerem outro Cunhale, e lançar de suas terras quem lhe parecesse, que havia de estar em alguma parte dellas contra sua vontade, e gosto. Vendo o Capitão Mór aquelle desproposito de ElRey, lhe mandou respon-

ſponder, que elle em vinte e quatro horas conquiſtára, e ſenhoreára com menos gente da que então tinha, Reynos, e Reys, e que depuzera huns, e alevantára outros; e que lhe ſería muito facil fazer-lhe outro tanto a elle, pois ſe queria alterar, e moſtrar deſarrazoado ſem cauſa. O Padre Franciſco Rodrigues, que era o Interprete deſtas couſas, me diſſeram os Padres da Companhia, que não quizera dizellas ao C,amorim tão cruas, e ſeccas, como lho elle mandava dizer, e aſſim com ſua prudencia foi temperando o C,amorim, e tendo mão nas couſas, porque via que ſe ſe deſconcertaſſem, ſe perderia aquella jornada. E todavia o C,amorim mandou chamar os Mouros, que tinha em Panane, e toda a mais gente, que trazia em campo contra ElRey de Cochim, em favor do Caimal da Curugeira, a quem aquelle Rey fazia crua guerra, ſó a fim de divertir o C,amorim das couſas do Cunhale contra o que tinha promettido ao Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes.

Deſta tenção do C,amorim foi André Furtado aviſado, e deſpedio hum catur ligeiro com cartas a ElRey de Cochim, em que o aviſava da determinação do C,amorim, pedindo-lhe que ſe a gente, que lá trazia, fizeſſe mudança de ſi, lhe mandaſſe

dar

dar nas coſtas, e os desbarataſſe, e ſenhoreaſſe a Curugeira como deſejava, porque elle iria tambem dando no C,amorim, e o desbarataria.

Parecia certo neſtes deſconcertos, que andava o demonio deſenfreadamente mettido neſtas couſas, pera eſtorvar hum negocio de tanta importancia ao Eſtado da India; porque o C,amorim, que foi ſabedor da carta de André Furtado, eſteve pera romper de todo com elle; mas o Padre Franciſco Rodrigues o foi ſempre moderando, e tendo mão em ſua paixão, e divertindo-o della, fazendo niſſo todos os officios, que lhe parecêram neceſſarios, pera que ſe não levaſſe mão daquelle negocio, que eſtava em muito bom eſtado.

O Capitão Mór como conhecia a variedade deſte Rey, e ſabia que o Cunhale havia de trabalhar por ſe remir com todo o dinheiro que tiveſſe, não quiz ficar nas mãos da mudança daquelles homens, mandou logo fabricar huma forte tranqueira ao redor daquelle baluarte, em que eſtava, onde não deixou entrar Naire algum, e o meſmo mandou fazer nas mais eſtancias, que tinha na meſquita pera ſegurar aquella jornada, porque mais ſe ficou receando do C,amorim, que do Cunhale, e todos os mais preſidios recolheo a ſi, dandolhe

or-

ordem que em ſentindo alguma alteração, deſſem nos Naires como em inimigos. O C,amorim tanto que vio recolher o Capitão Mór a ſi toda a ſoldadeſca, que eſtava no baluarte da tranqueira de pedra, o mandou logo derrubar, porque os noſſos ſe não tornaſſem a fortificar nelle.

Neſte meſmo dia que iſto ſuccedeo, que foi aos dez de Março, entrou pela barra a barcaça, e foi ſurgir cento e ſincoenta paſſos da Fortaleza, que começou a bater com dous baſiliſcos, que lhe derribáram hum lanço do muro: e delle lhe reſpondêram tambem com tiros tão certos, que pelos eſcotilhões lhe entráram pelouros, que com as rachas que fizeram na barcaça, feríram o Capitão della Luiz Fragoſo, e matárão dous ſoldados.

E tornando ao Padre Franciſco Rodrigues, lá moderou o C,amorim de feição, que mandou dizer a André Furtado de Mendoça, que o queria ir ver, o que elle eſtimou muito; e tendo vigia em quando ſe abalava, ſe ſahio do forte com toda a ſoldadeſca poſta em armas, em fórma de Lua, ficando elle em pé na porta. O C,amorim chegou a elle com huma alegria fingida, e ſe deram as mãos em ſinal de amizade; e mandou-lhe dizer que fizeſſe o que quizeſſe, e o que lhe melhor pareceſſe, pera

ſe dar fim áquella empreza, que delle fiava tudo, e que ceſſaſſem as paixões. André Furtado lhe reſpondeo com palavras mui brandas, e cortezes, que elle não havia de fazer mais que o que ſua Alteza lhe mandaſſe, e que ſeguiria ſua ordem, porque aſſim lho tinha mandado o Conde Viſo-Rey. Com iſto ſe deſpedio o C,amorim mais leve, e deſaſſombrado; e ao apartarſe, lhe deram os noſſos a mais fermoſa ſalva de arcabuzaria, que alli ſe vio, de que elle, e os Naires ſe foram bem atemorizados.

Eſta noite ſeguinte ſe foi dando bateria á Fortaleza, aſſim da barcaça, como das eſtancias, que eſtavam em terra com muito terror, e na força della ſe foram offerecer ao Capitão Mór Luiz de Almeida, João Aranha, André Coelho, André Simões, Salvador Mendes, Pero Jaques, hum foão Teixeira de Vaſconcellos, e outros pera irem queimar huma véla de Cotonia com que foram tapando hum pedaço do muro, que lhe foi cahindo, que lhe elle deo. E indo-ſe chegando ao muro com lanças de fogo, começou de ſima a chover ſobre elles cardumes de pedradas, fréchadas, e eſpingardadas, a pezar do que chegáram eſtes valeroſos ſoldados ás vélas, por quem o Luiz de Almeida metteo huma lança de fo-

fogo, que toda ſe desfez dentro, e accendeo huma grande labareda, que metteo a todos os da Fortaleza em revolta; e com muitos gritos, e alaridos acudíram áquella parte, cuidando que eram entrados, ficando alguns Mouros abrazados; e os noſſos ſe recolhêram a ſeu ſalvo, tirando ſómente Luiz de Almeida, que ficou queimado na mão eſquerda.

CAPITULO VIII.

De como o Cunhale ſe entregou ao Çamorim: e de outras couſas que ſuccedêram.

A Bateria ſe foi continuando ſem ceſſar hum momento de modo, que não dava lugar aos inimigos reformarem as ruinas. E o Cunhale eſtava em tal eſtado, que por de todo lhe faltarem mantimentos, ſe veio a valer de grande montaria de ratos mui grandes, que ſalgou em jarras, com que ſe hia entretendo: e apertou a neceſſidade tanto com todos, que ſe affirma que chegáram a eſtado de comerem os mortos. Em fim, chegáram a tão extrema neceſſidade de mantimentos, que mandáram os principaes pedir ſeguro ao C,amorim pera ſe paſſarem a elle, que lhe mandou; e apreſentados diante delle, lhe diſſeram da

parte do Cunhale, que lhe pedia muito houvesse delle misericordia, que se lhe queria entregar, promettendo-lhe a vida a elle, e aos que com elle estavam; o que lhe elle concedeo, e lhe passou pera isso suas Ollas. Este negocio mandou o C,amorim communicar com o Capitão Mór, pedindo-lhe que o houvesse assim por bem, que elle lhe promettia de lhe entregar Cunhale vivo, e alguns de seus Capitães. E elle lhe mandou dizer, que fizesse Sua Alteza o que quizesse, que elle era de tudo muito contente. Com esta resposta do Capitão Mór concedeo o C,amorim treguas ao Cunhale por dous dias, pera nelles tratar de sua entrega. E temendo o Capitão Mór que nos dias das tregoas se sumisse o Cunhale, e seus Capitães, por ordem do C,amorim mandou Diogo Moniz Barreto com trezentos soldados, pera que fosse fazer huma tranqueira da banda do Norte perto da Fortaleza, e á borda do rio, e ficasse nella com grandes vigias, pera que por aquella parte não sahisse alguem da Fortaleza. Os dias das treguas hiam-se acabando, e o Cunhale não se entregava, do que o Capitão Mór teve má suspeita, porque receava que o C,amorim a poder de dinheiro désse desvio a todos os que estavam na Fortaleza, pera não virem a mãos do Capitão Mór.

Pe-

Pelo que mandou dizer ao C,amorim, que concluiſſe com aquelle negocio, que era já tempo, ſenão que commetteria a Fortaleza, e a eſcalaria, e paſſaria todos os que nella achaſſe á eſpada. A iſto lhe mandou o C,amorim reſponder, que não tinha concluido aquelle negocio, porque via os ſeus ſoldados tão inquietos, que temia que houveſſe na entrega alguma deſordem com os ſeus Naires.

Mas logo aſſentou o C,amorim com o Cunhale, que ao outro dia ſe entregaſſe, que eram dezeſeis de Março; e mandou pera iſſo recado ao Capitão Mór, que ſe foi chegando com toda a ſua ſoldadeſca pera a tranqueira, em que eſtava Antonio Pereira Coutinho junto da Fortaleza na meſquita, onde primeiro eſteve D. Franciſco de Souſa, aonde o Çamorim tambem ſe foi com todo o ſeu poder; e o Capitão Mór deitou os ſeus ſoldados mui bem ordenados da parte do Ponente, e o C,amorim ficou da do Levante, deixando entre hum, e outro exercito hum caminho largo, pera o que ſe derribou hum pedaço daquella tranqueira; e ao tempo que o Cunhale havia de ſahir da Fortaleza, mandou o Capitão Mór a Antonio Pereira Coutinho com quarenta ſoldados, e o C,amorim hum Regedor com outros tantos Naires pera irem re-

receber o Cunhale á porta da Fortaleza. O C,amorim eſtava de todo deſconfiado, porque temia que ao ſahir o Cunhale entraſſem os noſſos na Fortaleza (que era o em que elle tinha o olho) e a ſaqueaſſem, que era o porque dilatou alguma couſa aquelle negocio. André Furtado de Mendoça, que o entendeo bem, lhe mandou dizer que acabaſſe já com ſuas dilações, ſenão que entraria a Fortaleza por força, e tomaria o Cunhale. Vendo o C,amorim eſta reſolução, mandou-lhe dizer que ſe não apaixonaſſe, que logo ſe faria tudo.

Dalli a pouco começáram a ſahir da Fortaleza os Mouros, que ſeriam quatrocentos, muitos delles feridos, e queimados, e logo as mulheres, e meninos tão debilitados todos, que pareciam defuntos, a quem o C,amorim diſſe que ſe foſſem pera onde quizeſſem. Por derradeiro ſahio o Cunhale com huma touca preta, e a eſpada na mão com a ponta pera baixo. Sería a eſte tempo homem de ſincoenta annos, meão de corpo, refeito, e eſpadaudo: vinha no meio de tres Mouros principaes. Hum delles era Chinale, caſta China, que fora creado em Malaca, e dizem que cativo de hum Portuguez, que em moço foi cativo em huma fuſta, e levado a Cunhale, que ſe affeiçoou tanto a elle, que
ſe

ſe lhe entregou todo. Foi o mór profeſſor da ſeita dos Mouros, e inimigo dos Chriſtãos que todos os do Malavar; porque pera os que cativavam no mar, que logo eram levados alli, inventava os mais exquiſitos generos de tormentos que ſe víram, com que os martyrizava.

O Cunhale foi-ſe direito ao Çamorim, e lhe entregou a eſpada em ſinal de rendido, e ſe lhe debruçou aos pés com muita humildade. Dizem alguns que pelo que lhe tinha promettido de lhe dar a vida, tinha mandado dizer em ſegredo ao Capitão Mór, que ao tempo que o Cunhale ſe lhe entregaſſe, lançaſſe mão delle, como que lhe fazia força pera ſua ſatisfação; o que o Capitão Mór fez. Porque tendo-o o Ç,amorim comſigo, ſe chegou André Furtado de Mendoça, e o tomou por hum braço, e puxou por elle pera fóra, e a eſte ferrar delle deo hum ſolavanco mui grande por ſe ſoltar; e como iſto era á borda de huma cava, eſteve o Capitão Mór arriſcado a cahir nella, ſe o não tivera por hum braço o Padre Fr. Diogo Homem, Religioſo da Ordem do Glorioſo Padre S. Franciſco, que eſtava junto delle de huma parte, e da outra Diogo Moniz Barreto, que foi cahindo na cava, e esfolou toda huma perna. A iſto ſe alevantou hum rebo-

boliço entre os Naires com que muitos dos noſſos ſe deſordenáram, ficando o Capitão Mór com poucos, que ſe puzeram diante dos Naires, e lhe tiveram o encontro. Mas logo o C,amorim mandou que ceſſaſſe o reboliço, e não bulliſſem comſigo. E neſta revolta hia já o Chinale fugindo, e com elle Cotiale, ſobrinho do Cunhale, ſe os noſſos ſoldados os não víram, que lançáram mão delles, e os leváram ao Capitão Mór, que eſtava afferrado no Cunhale, que entregou a Antonio Pereira Coutinho, pera com os outros os levar á ſua eſtancia, que era o baluarte de ſobre a barra, que o levou por hum braço, e Luiz de Almeida por outro, e com huma boa companhia de ſoldados de guarda.

Feito iſto, tomou o Capitão Mór o C,amorim pela mão, e entrou com elle na Fortaleza, e lhe diſſe, que elle em nome de ElRey de Portugal, e do Conde Almeirante Viſo-Rey lhe concedia tudo o que havia dalli pera dentro, tirando a artilheria, que ſe havia de partir pelo meio, como eſtava aſſentado: que elle o deixava de poſſe de tudo; e chamando os Capitães com ſeus ſoldados, ſahio-ſe pera fóra. E no terreiro vio eſtar hum Padre com hum Crucifixo alevantado; e em o vendo, ſe proſtrou pelo chão diante delle com os olhos arrazados,

e

e banhados em lagrimas, e lhe deo muitas graças por aquella mercê que lhe fizera, com palavras de muito bom, e catholico Chriſtão, e reconhecido de tamanhos beneficios, como tinha recebido daquelle Senhor. E porque os ſoldados eſtavam alterados por lhes não darem quinhão no ſaco da Fortaleza, os foi o Capitão Mór quietando com muitas promeſſas que lhes fez. E deixando o Çamorim no ſeu ſaco, e deſpojo, ſe foi recolhendo pera o baluarte, onde achou o Cunhale tão triſte, como homem que de eſperanças de Rey o puzera a fortuna na miſeria, e deſaventura de cativo. Elle em vendo o Capitão Mór ſe lhe humilhou, e elle o alevantou, e conſolou com palavras muito honradas, e lhe mandou alli lançar duas pontas de cadeia em hum pé; e ao ſobrinho, e Chinale outras duas, e os mandou pera a galé, mandando a ſeus criados que o ſerviſſem como a ſua propria peſſoa.

Aquelle dia gaſtou o Capitão Mór em armar muitos cavalleiros, e o Çamorim em deſpejar a Fortaleza de tudo o que nella achou, que ainda montou huma muito arrazoada quantidade de fazenda, poſto que não houve dinheiro, nem pedraria. E preſumio-ſe que paſſára ſeu theſouro, que era grande, ao rio de Tremapatão a mãos

de

de parentes que alli tinha, em que todo se sumio. A artilheria se tirou da Fortaleza, e se partio pelo meio, e a que coube ao Estado mandou o Capitão Mór embarcar nas galés.

Vendo o C,amorim a liberalidade de que o Capitão Mór usou com elle em lhe dar todo o recheio da Fortaleza, por se lhe mostrar agradecido, mandou-lhe entregar quarenta Mouros dos mais honrados de Cunhale, que depois morrêram todos em Goa no tronco por ordem do Conde Viso-Rey; e porque se fazia tempo de se partir pera Goa, mandou o Capitão Mór derribar toda a Fortaleza, sem lhe ficar pedra sobre pedra; e á povoação, bazares, e mesquitas mandou pôr fogo, deixando tudo o que alli foi escondido debaixo das cinzas. Tudo isto aconteceo aos vinte e dous de Março.

Certo que não sei qual foi a razão, por que estando concedido no contrato das pazes, que daria o C,amorim lugar pera se fazer Fortaleza no porto de Calecut, se não pedio antes neste rio do Cunhale, e esta que estava já feita, e mui bem acabada, pera onde, segundo o parecer de alguns, se havia de mudar a fábrica da de Cananor; porque não sei que fundamento se teve em se fazer, onde não ha porto, nem

nem recolhimento, mais que huma bahia sómente, e esta desabrigada, e sem couſa, onde se posſão recolher noſſas Armadas em huma tormenta, nem lugar pera poderem invernar, varadas sem riſco de as queimarem, como fizeram algumas vezes a alguns navios. E neſte rio de Cunhale ha tudo iſto, por ſer capaz de entrarem nelle vinte galés, e onde póde invernar toda huma Armada do Malavar mui bem accommodada; e aqui o ficariam melhor os caſados, por terem lugar mais eſtendido que em Cananor, pera fazerem ſeus palmares, e ſuas hortas. E o Viſo-Rey Ruy Lourenço de Tavora me diſſe ha poucos dias, que ElRey mandava que ſe fizeſſe huma Fortaleza no Malavar, pedindo-me que lhe diſſeſſe onde ſería melhor, lhe diſſe iſto meſmo que neſte rio; mas que ſe havia de desfazer a de Cananor. O reſpeito por que ſe fez, foi pela carga, que ſe dava ás primeiras Armadas de gengivre, e de alguma pimenta. Iſto ceſſou; porque ha já tanto diſto pelos portos do Canará, que podem carregar nelles todas as náos que vem do Reyno. Mas pera eſtarem tão mal provídas, como as do Canará, e Cananor, melhor, e mais honrado eſtado ſerá não nas haver, que terem-nas a riſco de as tomarem os vizinhos cada vez que quizerem,

que

que ſerá huma affronta muito grande. Toquei iſto aſſim de paſſagem, por me cahir a propoſito; e bem he praticar de tudo pera ſe lançar mão do que melhor parecer, e pera ſe advertir no que tanto convem, como he a reformação das Fortalezas da India.

CAPITULO IX.

Do que mais paſſou o Capitão Mór André Furtado de Mendoça com o Çamorim, e ſe partio pera Goa: e do que lhe ſuccedeo com o Conde Almeirante Viſo-Rey.

CONcluido aquelle negocio do Cunhale, os Capitães das Armadas, que alli foram de ſoccorro, pedíram licença a André Furtado pera ſe irem, pois não havia já que fazer, e elles eſtarem faltos de tudo, que lhe elle deo, tendo com todos grandes cumprimentos, e palavras de agradecimentos. E ás Cidades, e Capitães dellas eſcreveo cartas do meſmo, e aſſim ſe partíram huns pera o Norte, e outros pera o Sul. E deſpedio D. Fernando de Noronha com huma galé, e ſeis navios pera ir dar guarda a tudo o que hia até Cochim, e ás barcaças que já não podiam ir pera Goa, e de lá paſſar ao Cabo do Çamorim a recolher as náos da China, Malaca, Malu-

luco, e Bengala, e as cafilas da coſta de Choromandel; o que tudo fez com muito cuidado, e diligencia de modo, que tudo poz em Cochim a ſeu tempo ſeguramente. E pera a coſta do Canará deſpedio por Capitão Mór a D. Franciſco de Souſa com a ſua galé, e outros ſinco, ou ſeis navios, pera recolher aquellas cafilas de mantimentos, e levallos a Goa, o que tudo fez muito bem. E querendo ultimamente partir-ſe pera Goa, foi-ſe ver com o Çamorim, e a deſpedir-ſe delle, e entre ambos elles ſe paſſáram grandes cumprimentos, e offerecimentos, e o Çamorim lhe mandou paſſar em huma lamina de ouro algumas couſas que lhe prometteo, que eram as ſeguintes.

Obrigou-ſe por ſi, e ſeus ſucceſſores, que em quanto o Sol, e a Lua allumiaſſem o mundo, teriam ſempre paz, e amizade firme com o Eſtado da India.

Obrigou-ſe mais, que por eſpaço de vinte annos ſe não tornaria a povoar aquelle ſitio de nação alguma; e de Mouros nunca, e qúe nunca mais ſe tornaria a levantar Fortaleza.

Obrigou-ſe mais, que a todo o tempo que naquelle rio entraſſem navios de coſſairos, ſería o Ariole obrigado aos entregar a qualquer Capitão de ElRey de Portugal, que andaſſe por aquella coſta. Com iſ-

isto se despedíram, e o Çamorim mandou embarcar em sua companhia seus Embaixadores, com os capitulos das pazes pera o Conde Viso-Rey as jurar. E aos vinte e sinco de Março a hum sabbado se fez o Capitão Mór á véla, e ao outro dia chegou a Cananor, determinado em não passar dalli, por ser semana de Endoenças; e ao desembarcar foi recebido do Capitão, e povo, e lhe fizeram as festas que a Fortaleza podia dar de si; e alli se confessou elle, e todos os mais da Armada.

Aqui lhe deram cartas do Conde Almeirante, em que lhe mandava os agradecimentos da vitoria, que o Conde festejou muito em Goa: e tambem lhe pedia que com toda a Armada que tinha voltasse a Coulão, e desfizesse huma Fortaleza, que o Rey de Travancor hia fazendo vizinha á nossa, por ser affronta do Estado dissimular com ella. André Furtado de Mendoça ajuntou os Capitães logo a conselho, e nelle leo a carta do Viso-Rey, e sobre isso propoz o que convinha ao serviço de ElRey naquelle negocio; e votando todos, disseram, que estavam quebrantados da guerra, e faltos de tudo, e que ao presente não estavam pera novos gastos, e trabalhos. Quanto mais que o tempo era gastado, e que não podia aquella Armada tornar

nar a invernar a Goa; e que se tornasse, sería já tão tarde, que viriam arriscados a se perderem. E vendo elle que todos tinham razão, e justiça, deo á véla pera Goa, e de caminho foi visitando, e provendo as Fortalezas do Canará, e arrecadando daquelles vassallos as pareas que deviam, e recolheo as cafilas, que alli achou carregando de arroz. E aos onze de Abril deste anno de seiscentos chegou á barra de Goa, donde escreveo ao Conde Almeirante de sua chegada, e lhe mandou o assento do Conselho, que se tomou sobre tornar a Coulão, como lhe escrevêra. Mas que por sima de tudo estava prestes pera voltar áquelle negocio, provendo-lhe a Armada, que trazia desbaratada, e falta de tudo, e se offerecia a ir invernar naquella Fortaleza de Coulão, e desfazer a que o Rey de Travancor fazia, como fez á de Cunhale, tudo pela boa ventura delle Viso-Rey. A isto lhe respondeo o Conde Almeirante que entrasse embora, porque já não havia tempo pera nada, que lá lhe ficaria outro pera fazer tudo, e que descançasse em Pangim, até se lhe apparelharem as festas, que tinha mandado á Cidade lhe fizessem.

Parecendo á Cidade que tinha obrigação fazer a este Capitão algumas honras pelas boas venturas que lhe Deos dera na vi-

vitoria que alcançou contra aquelle coſſairo, de que reſultou tanta honra, e proveito ao Eſtado da India, deram de tudo iſto conta ao Conde Almeirante, que lhe diſſe que era bem fazerem-ſe-lhe feſtas. Com iſto mandáram os Vereadores viſitar a André Furtado, e dar-lhe os parabens de ſua vinda, e pedir-lhe juntamente que ſe detiveſſe em Pangim, onde eſtava, tres, ou quatro dias, em quanto ſe preparavam as feſtas, pera o receberem, por lhe ſer tudo o que ſe lhe pudeſſe fazer muito menos do que merecia; porque todos confeſſavam que libertára o Eſtado, que tão opprimido, e derribado o trazia aquelle coſſairo com ſuas Armadas. André Furtado lhe agradeceo aquella vontade, e que por lha fazer eſperaria os dias que lhe pediam: e aſſim tanto que tiveram tudo preparado, o mandáram aviſar.

Sabendo o Conde Viſo-Rey que hia o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes a Pangim viſitar André Furtado; e porque ſoube que determinava trazer diante de ſi Cunhale, encarregou ao Arcebiſpo lhe diſſeſſe que não convinha; e que todos os Capitães antigos que naquelle Eſtado cativáram grandes Capitães, os mandáram ſempre da barra antes de entrarem; e havia poucos dias fizera o meſmo Thomé de Souſa

ſa Coutinho a Miralibeque, Turco de nação, de quatro galés, que lhe tomou em Mombaça; e André Furtado reſpondeo que o traria até o caes, e dalli o levaſſem pera o tronco. E por iſto eſtar concertado deſta maneira, veio a Armada entrando toda embandeirada, acompanhada de outras muitas embarcações, que acudíram da Cidade, e de Bardés mui enramadas, com o que o rio ficou quaſi entulhado; e por elle dentro ſe vieram desfazendo com bombardadas, e grandes eſtrondos de inſtrumentos bélicos, e alegres, de tambores, pifaros, charamellas, e trombetas. E antes de ſurgirem no caes defronte dos apoſentos do Viſo-Rey (donde até á Sé, onde haviam de ir em procisſão dar graças a noſſo Senhor pela mercê, que lhe fizera da vitoria, que alcançou do Cunhale, tinha a Cidade tudo cuberto de arvores, e ramos verdes, e á porta da Cidade eſtavam os Vereadores, e o Arcebiſpo eſperando por elle) ſe adiantou hum dos navios da Armada, em que vinha hum criado de André Furtado, que por ſua ordem lançou no caes quatro, ou ſinco Mouros, que os rapazes logo matáram ás pedradas, ſem toda a juſtiça que alli eſtava lhe poder valer. E ficou o povo com iſto tão alterado, que temeo o Conde Viſo-Rey que houveſ-

se huma grande desordem; e por isso mandou pelo Licenceado Lisuarte Caeiro da Gram, que servia de Ouvidor Geral do Crime, dizer a André Furtado que com a desordem que fizera o seu criado em lançar os Mouros na praia se alterára tanto o povo, que temia houvesse alguma grande desordem com a vista do Cunhale: pelo que lhe pedia houvesse por bem deixallo na galé entregue ao Ouvidor Geral, pera, como elle passasse pera a Sé, o levar ao tronco. Ao que André Furtado replicou. E o Ouvidor Geral foi tão pouco cortezão, que sem tornar ao Viso-Rey com a resposta, que lhe André Furtado deo, insistio em cumprir a ordem que lhe dera, de que resultou ir-se André Furtado pera a Madre de Deos. Sabendo o Conde a occasião da sua ida, mandou logo chamar o Ouvidor Geral, e perante muitos Fidalgos velhos, e graves lhe perguntou o que passára com André Furtado; e contando-lhe o que fica dito, o reprehendeo o Viso-Rey mui asperamente, porque lhe não viera com recado; e pois sabia tão pouco que arriscava hum homem de tantos merecimentos, e que sua Mageſtade estimava muito, que puzesse a vara, e se fosse suspenso pera sua casa, onde o teve dous mezes. E se lhe tornou a vara, foi por André Furtado perseverar em

seu

ſeu arrufo, e não ſe querer reduzir, tendo o Viſo-Rey com elle muitas ſatisfações pelo Arcebiſpo, e por João Rodrigues de Torres, Veador da Fazenda, e outras peſſoas de authoridade.

E conſiderando o Conde Viſo-Rey os merecimentos deſte Fidalgo, diſſimulou a pouca ponderação com que commetteo a ida, que fez pera a Madre de Deos, ſem lhe fallar, nem dar conta do ſuccedido na jornada: entendeo-ſe imaginára, ainda que com pouca razão, que o Viſo-Rey pelo deſgoſtar não quizera que levaſſe Cunhale diante de ſi na prociſsão com que o eſtavam eſperando; mormente fazendo o Viſo-Rey tantas demonſtrações, como foi ſuſpender o Ouvidor Geral, e mandar-lhe dizer por vezes, que lhe daria todas as ſatisfações que delle quizeſſe. E nem eſte ſeu termo foi parte pera o Conde deixar de eſcrever muitos louvores delle a ſua Mageſtade, ſem lhe fallar no que uſou neſte arrufo ſem baſtante fundamento.

Eis-aqui hum eſpectaculo do mundo, e hum eſpelho, em que ſe haviam de ver todos os que a fortuna alevantaſſe a grandes honras pera ſe temerem, e recearem de ſeus revézes, e trazerem aquella ſentença da Sabedoria eſcrita na alma, que diz, que o pezar occupa os extremos da alegria.

E assim vereis que nunca o mundo dá hum gosto, que logo junto delle não dê outro desgosto, que ainda que seja pequeno, dá mór pena, do que dá de gosto o contentamento, por grande que seja. E porque Filippe, pai de Alexandre, entendia isto como prudente que era, dando-lhe hum dia tres novas boas juntas, poz os olhos no Ceo, e fallando com seus deoses, disse: *Peço-vos, deoses, que permittais que o revés destas novas não seja igual a ellas, senão tão moderado, que possa eu com elle.* E deixando isto, a mim me affirmáram que estiveram os soldados quasi determinados a deitar o Ouvidor Geral ao mar: a esta alteração dos soldados acudio André Furtado, que os entendeo, e os quietou, e apazigou, deixando-lhe a paixão pera isto lugar. O povo todo sentio isto muito pelo grande alvoroço com que esperavam este Capitão: e o Arcebispo, e Cidade se recolhêram enfadados, e com grande desgosto de desarmar em vão o gosto, com que o vinham esperar, e logo os rapazes desfizeram tudo, e deram com os ramos pelo chão. O Ouvidor Geral levou o Cunhale ao tronco, e os mais Mouros que vinham com elle; e os Embaixadores do Çamorim foram desembarcados, e muito bem agazalhados; e depois os ouvio o Conde, e lhes

lhes fez muitas honras, e jurou as pazes, e logo os despedio pera suas terras nos periches, que mandou invernar a Cananor, e lhes deo muitas peças, e ao Çamorim mandou muitos agradecimentos de sua perseverança, e trabalho, que teve naquella jornada.

CAPITULO X.

Da procissão que o Conde fez em fazimento de graças a Deos nosso Senhor pela vitoria que alcançou do Cunhale.

TAnto que o Conde Viso-Rey convalesceo da grande enfermidade que teve em todo o inverno, quando André Furtado chegou a Goa, ordenou huma procissão, pera dar graças a nosso Senhor pela vitoria que alcançára por seus Capitães de Cunhale Marcá, que se fez da Sé a S. Domingos com toda a solemnidade possivel; e antes de sahir da Sé, offereceo o Conde huma peça de borcado, e quinhentos Xerafins pera os feitios, e guarnições de hum ornamento, que della mandava fazer. E passando a procissão pela Misericordia, entrou dentro o Conde, e offereceo mil Xerafins em dinheiro pera casamento de orfans, que logo se casáram, e em S. Domingos

gos offereceo duzentos Xerafins pera huma peça da Sacriſtia; e todas eſtas offertas fez o Conde de ſua propria fazenda, imitando nellas os famoſos, e valeroſos Capitães Affonſo de Albuquerque, e D. João de Caſtro, que aſſim o coſtumáram fazer, quando lhes Deos noſſo Senhor concedia alguma vitoria. E paſſou huma Provisão ao Cabido da Sé de Goa de cento e ſincoenta Xerafins em cada hum anno, com obrigação de feſtejarem com Veſperas, e Miſſa cantada dos Anjos, de que o Conde era devoto, todos os annos o dia, em que ſe alcançou eſta vitoria, e que iriam em procisſão a S. Domingos. E no anno de 610. alcançou o dito Conde, ſendo Preſidente do Conſelho da India, confirmação deſta mercê de Sua Mageſtade. E o meſmo ordenou o Viſo-Rey D. João de Caſtro pela vitoria que alcançou em Dio, como fica dito em ſeu lugar. E tambem o Viſo-Rey Mathias de Albuquerque ordenou outra procisſão no dia, em que alcançou vitoria no Morro de Chaul; mas não aſſentou por iſſo porção ao Cabido, como tem eſtoutras.

CA-

CAPITULO XI.

De como foram ſentenceados por juſtiça o Cunhale Marca, e Chinale.

DEixámos o Cunhale no tronco de Goa, e com elle o Chinale, e os mais Mouros que diſſemos, ſobre quem ſe teve ſempre muita vigia até ſer tempo de ſe fazer delles juſtiça, que ſuas culpas mereciam, que ſe ſenão fez mais apreſſadamente, foi porque a enfermidade do Conde ſe hia aggravando mais, e não lhe dava lugar pera entender niſto; mas tanto que ſe foi achando melhor, mandou aos Deſembargadores, que verbalmente ſentenceaſſem á morte Cunhale por levantado a ſeu Rey, e ſenhor natural, e por pirata inimigo de Chriſtãos. Reſpondêram os Deſembargadores, que havia de correr ordinariamente; de que infirio o Conde Viſo-Rey que tinham algum intento particular, e mandou ao Ouvidor Geral preparaſſe os autos, e nelles lhe mandou, como Aſſeſſor de Capitão geral, eſcreveſſe ſentença de morte; que foi executada, como logo abaixo ſe verá, e o Conde aſſignou conforme ao ſeu regimento. Pelo que ſe formáram autos contra elles, e o Promotor da Juſtiça veio com ſeu libello, que provou baſtantemente. E

pe-

pelos merecimentos dos autos, e da verdade ſabida, e notoria, foi ſentenceado que morreſſe degollado, e que ſeu corpo foſſe feito em quartos, e poſtos pelas praias de Bardés, e Pangim, e que a cabeça foſſe ſalgada, e levada a Cananor, onde a arvorariam na praia ſobre huma haſtea pera terror, e eſpanto dos Mouros, e viſſem em que veio parar hum tyranno, que trazia ſopeados, e tyrannizados a todos. O dia d'antes, em que ſe eſta ſentença havia de executar, mandou o Conde fazer hum cadafalſo de madeira no terreiro do paço, e ſobre elle foi poſto o Cunhale, que naquelle acto moſtrou muito animo. Mas primeiro que chegaſſe a eſte eſtado, foi muitas vezes convidado, e amoeſtado, que ſe quizeſſe metter no rebanho de Jeſu Chriſto noſſo Senhor, por muitos Religioſos de todas as Ordens, que trabalháram bem niſſo, por ganharem aquella alma, e a trazerem á manada do Senhor. O que elle não quiz acceitar; porque eſta nação de Mouros Arabios deſta caſta Naiteas, que cuido eſte era, de maravilha acceitam razões contra a falſidade de ſua lei, e crença. Poſto o Cunhale em ſima do cadafalſo, eſtando o terreiro do paço todo cheio de gente, que concorreo a ver aquelle eſpectaculo, alevantou hum Porteiro a voz, dando hum

pre-

pregão, em que dizia a causa, por que morria o Cunhale Marcá, que era por traidor a seu Rey, e senhor natural, e por pirata, e cossairo, e grande perseguidor de Christãos, que martyrizava com exquisitos generos de tormentos, e outras culpas diabolicas: e logo foi posto no cepo até onde chegou com muito acordo, e cortáram-lhe a cabeça fóra dos hombros, como traidor.

Depois dahi a alguns dias se tirou Chinale pera se fazer delle a mesma execução; mas a este coube-lhe melhor sorte, porque como em moço se creou entre os Portuguezes, foi mais facil a se render, e pedir que o baptizassem, declarando-lhe os Padres que nem por se fazer Christão havia de deixar de padecer, porque as leis do Reyno se haviam de executar; mas já que perdia a vida do corpo, não quizesse perder a da alma. Ao que respondeo, que muito bem sabia aquelle negocio: que o baptizassem, que elle só por amor de Deos queria ser Christão, e não por temor da morte, nem porque cuidasse que lhe haviam por isso de dar a vida; e assim foi baptizado, e se chamou Bartholomeu, mostrando no exterior vontade, e gosto, e depois foi tirado a justiçar, e levado ao pelourinho acompanhado da santa Misericordia,

e

e dos meninos orfãos, que foram rogando a Deos por elle, e seu corpo foi enterrado em sagrado. Todas estas cousas deixou o Conde Almeirante aos Ministros da Justiça, pera que fossem executores dellas. O sobrinho do Cunhale, e os outros Mouros, que vieram prezos a Goa, no tronco delle se consumíram todos poucos, e poucos, porque os ajudáram: e passáram de trinta entre Christãos, e Mouros os da casta de Cunhale, que o Conde Viso-Rey tirou do mundo, e nenhum, que houve á mão, lhe escapou.

CAPITULO XII.

Do que succedeo em todo este verão á Armada do Norte: e das cousas em que o Conde Viso-Rey provêo: e Armadas que foram pera fóra: e das pazes que concedeo ao Rey de Travancor.

FAlta-nos só deste verão continuar com a Armada do Norte, que andava por Capitão Mór Goterre de Monroy de Béja, que deixámos pera este lugar, porque as cousas do Cunhale nos occupáram todo o tempo, e tambem porque não succedeo cousa notavel. Partido este Capitão de Goa, foi correndo a costa do Norte até á barra

de

de Surrate, onde ficou esperando pelas náos, que haviam de vir de Méca; e passada a monção dellas, atravessou á Fortaleza de Dio a recolher o rendimento daquella alfandega, pera o mandar pera as necessidades do Estado, que eram grandes, pelas muitas despezas que o Conde Almeirante tinha feito na jornada de Cunhale, e nas mais Armadas. Esta jornada fez com sinco navios, e os mais despedio pera outras partes em busca de alguns ladrões, de que este verão houve poucos, por estarem todos occupados na defensão, e guerra de Cunhale. E indo elle na volta do mar com grandes marés, e vento, como de ordinario ha naquelle golfo, no meio delle encontrou huma náo de Méca, que commetteo, e a rodeou com os navios, e a foi batendo com a artilheria por todas as partes, por não ser possivel abordalla pela grossidão dos mares, porque se desfariam nella os navios; e dous dias continuos a foi perseguindo, e a poz em tanto aperto, que lhe fez alijar ao mar muitas fazendas. Em fim, por ser o vento muito rijo, e ter grande velame, e hombros, se foi acolhendo, e çafando dos nossos navios com muita gente morta das bombardadas, e arcabuzaria. E chegando a Dio, arrecadou o dinheiro, e recolheo os navios com que voltou pera Baçaim, onde
lhe

lhe deram cartas do Conde Almeirante; em que o mandava chamar, pera ir com elle na jornada que cuidava fazer a Cunhale, que foi contrariada do Conselho, como temos dito, com o que se partio pera Goa. E chegando á barra, achou recado que se tornasse, porque já cessára sua pertenção; pelo que se tornou pera a costa do Norte, e por ella andou dando-lhe guarda, e segurando os mercadores, pera livremente poderem navegar; e neste exercicio andou todo o verão, e no fim delle se recolheo a Goa com as cafilas de todas aquellas Fortalezas.

Neste tempo se recolheo tambem D. Fernando de Noronha, que André Furtado despedio de Cunhale pera o Cabo do Camorim, e trouxe huma grande cafila de náos, e navios, e nella mandou ElRey de Travancor hum Embaixador, pessoa principal de sua casa, chamado Iriniacha Pula, a tratar de pazes com o Conde Almeirante, que elle recebeo mui honradamente, e logo o ouvio pera o tornar a enviar nos navios, que haviam de ir pera Cochim. E da parte do seu Rey deo muitas satisfações ás Fortalezas, que tinha feitas, affirmando que as não alevantára com tenção de perjudicar á nossa de Coulão. Que elle se mandava offerecer pera fazer muitas demons-

tra-

trações de amigo, e eſtar por todos os capitulos, e condições de pazes que ſe lhe puzeſſem: e que elle trazia poderes do ſeu Rey pera acceitar tudo, e pera as jurar conforme a ſeu coſtume. A eſte requerimento ſatisfez o Conde ao Embaixador com lhe dar huns apontamentos aſſignados por elle das couſas a que aquelle Rey ſe havia de obrigar, pera demonſtração da amizade que pedia com o Eſtado, que ſam os ſeguintes:

» Se ElRey de Travancor quer ſer ir-
» mão em armas de ElRey de Portugal,
» ha de fazer as couſas ſeguintes.

» Primeiramente ha de dar licença pe-
» ra ſe prégar o Sagrado Evangelho em
» ſuas terras livremente a toda ſorte de
» peſſoa, ſem a iſſo haver contradicção al-
» guma. E todos os que ſe fizerem Chri-
» ſtãos, não perderám os officios, honras,
» dignidades, ou cargos alguns, que antes
» diſſo tiveſſem; nem por iſſo perderám
» couſa alguma de ſuas fazendas, que po-
» derám deixar a quem quizerem; ou her-
» darám ſeus herdeiros, ſem ſe niſſo entre-
» metter ElRey em couſa alguma, nem ſeus
» Regedores, e Officiaes.

» Que ſe poderám edificar as Igrejas,
» que forem neceſſarias, pera a Chriſtan-
» dade em todas ſuas terras, nos lugares
» que

» que parecerem bem aos Padres que an-
» darem na conversão: e estas seram cou-
» to aos que a ellas se acolherem, como
» sam entre os Christãos. E os Padres que
» nellas estiverem, poderám fazer justiça dos
» Christãos nas cousas tocantes a Lei dos
» Christãos, sem se lhe a isso pôr dúvida,
» ou impedimento algum; e as Igrejas se
» faram como nas terras de ElRey de Co-
» chim.

» Que os Padres, que servirem nas Igre-
» jas, e andarem entre os Christãos, pode-
» rám livremente andar por todas suas ter-
» ras com a guarda que lhes parecer em
» tempo de guerras, e dellas passar a ou-
» tras terras, e discorrer como lhes parecer
» sem contradicção alguma.

» Que as Igrejas dos Christãos de São
» Thomé, que estiverem em todas suas ter-
» ras, que forem sujeitas, e Cassanares que
» nellas estiverem, teram os mesmos privi-
» legios, e izenções, que as outras Igrejas
» mais tiverem; e os Padres que nellas es-
» tiverem nem ElRey, nem cousa sua se
» entremetterám em cousa alguma dos di-
» tos Christãos de S. Thomé, tocante á Lei
» dos Christãos. Nem lhes poram tributo,
» ou pena alguma de novo, antes os favo-
» recerám em tudo, guardando-lhes seus pri-
» vilegios antigos.

» Que

» Que não consentirá em tempo algum
» ser recebido entre os Christãos de S. Tho-
» mé, que moram nas terras sujeitas a el-
» le, Bispo, ou Prelado algum, senão o que
» vier por ordem do Papa, e de ElRey
» de Portugal, e deste Estado; e a todo ou-
» tro será obrigado prendello, entrando em
» suas terras, e entregallo na Fortaleza de
» Coulão, ou onde os Portuguezes lhe re-
» quererem.

» Que os Portuguezes poderám andar
» livremente por todas suas terras com to-
» das as mercadorias que quizerem, sem
» lhes ser feito algum aggravo, nem lhes
» pôrem junções, ou outras obrigações al-
» gumas, e seja amigo de nossos amigos,
» e inimigo de nossos inimigos. E será obri-
» gado a defender a Fortaleza de Coulão,
» sendo necessario, e mandar vir todos os
» mantimentos necessarios pelos preços or-
» dinarios.

» Que nas duas Fortalezas de Coulão,
» e Mamuge não faram obra alguma mais,
» do que está feito; e o modo de como se
» hão de haver com a Fortaleza de Cou-
» lão, e o que sobre ellas se deve fazer,
» se concertará ElRey com o Viso-Rey do
» Estado, fazendo sobre isso particulares ca-
» pitulos, e ElRey ficará obrigado a estar
» pelo que o Estado nisso determinar.

» Não

» Não consentirá, nem soffrerá que a
» Rainha de Changarnate faça aggravo al-
» gum aos Portuguezes, ou a cousa da For-
» taleza; nem porá novos junções, nem
» impedirá em alguma cousa aos tones, ou
» embarcações, que vierem ao porto do
» Caidaval; e fazendo a Rainha alguns des-
» tes aggravos, será obrigado a satisfazel-
» los.

» Que será obrigado a dar o Principe
» grande, e hum dos Regedores por jan-
» gadas da Fortaleza de Coulão. »

E o traslado destes capitulos se deo ao Embaixador pera sua guarda; e em Setembro ficou o Conde de mandar pessoa de confiança assentar estas pazes com ElRey, e vellas jurar. Estes capitulos se fizeram aos vinte e sinco de Abril deste anno de seiscentos, e logo mandou embarcar os Embaixadores muito satisfeitos das honras que lhes fez o Conde Almeirante, e dadivas que lhes deo.

CA-

CAPITULO XIII.

Dos Capitães, e ſoccorros que o Conde Almirante mandou pera fóra: e do que ſuccedeo a D. Jeronymo Coutinho, e ás náos de ſua companhia com algumas náos Hollandezas na Ilha de Santa Helena.

NEſte meſmo tempo em que o Conde Almirante deſpachou eſtes Embaixadores do Rey de Travancor, o fez tambem a alguns Capitães pera fóra, com quem iremos continuando. E o primeiro ſeja o galeão com os ſoccorros, e provimentos pera a Fortaleza de Columbo, em que foi por Capitão Mór da gente de guerra D. Franciſco de Noronha, que levou cento e ſincoenta ſoldados repartidos por eſtes dous Capitães, Luiz Fernandes de Taíde, e Manoel de Taíde, e neſte meſmo galeão ſe embarcou Nuno Fernandes de Taíde, provído da Capitanía daquella Fortaleza, por ſe ter vindo della D. Pedro Manoel, e eſte galeão deo á véla a tres de Maio. E no meſmo tempo partio tambem o galeão, que hia com os provimentos pera as Fortalezas de Amboino, e Maluco, de que hia por Capitão Fernão Pereira de Sande. E antes diſto tinha mandado duas galeotas de ſoccorro a Malaca pelas novas que havia

de náos Hollandezas ; e dellas foram por Capitães Estevão de Albuquerque, filho natural de Fernão de Albuquerque, e Trajano Rodrigues de Castello-branco. Despachou tambem o Conde Almeirante neste Abril a Fernão de Albuquerque, pera ir entrar na Capitanía de Malaca, que foi em huma náo sua ; e em sua companhia foram as náos de Malaca, China, e outras partes, e todos chegáram a salvamento, senão só o galeão de Maluco, que se perdeo, como adiante diremos. Mandou tambem o Conde Almeirante Viso-Rey invernar Capitães, e soldados a Damão, e a Dio. A Damão D. Fernando de Noronha, Capitão Mór, e Fernão de Sousa. E jurou as pazes com Uniaré Chararé, sobrinho do Çamorim, que lhe mandou pera as ver jurar, e que trouxe Cunhale de presente, o que tudo se fez antes de entrar o inverno.

Parece que nos hiamos descuidando da Armada de D. Jeronymo Coutinho, que deixámos tomando a carga pera se partir pera o Reyno ; pelo que daremos razão della, e do que lhe succedeo na viagem. E porque o Capitão Mór D. Jeronymo Coutinho partia de Goa, e as outras sinco náos da sua Armada partiam de Cochim, mandou o Conde Viso-Rey passar Provisão a D. Vasco da Gama, que vinha por Capi-

tão

tão da náo S. Mattheus, que fizesse o officio de Capitão Mór das sinco náos, e os mais Capitães lhe obedecessem até se encontrar com D. Jeronymo Coutinho, que era o Capitão Mór. Este Fidalgo, que ficou carregando em Goa, deo á véla dia de Natal pelo grande aviamento que o Conde lhe deo, e foi seguindo sua derrota, a que logo tornaremos. As outras sinco náos, que carregáram em Cochim, fizeram véla até quinze de Janeiro do anno de seiscentos, em que andamos, humas primeiro que as outras. De maneira, que assim como cada huma estava carregada, logo se partia sem esperar pela outra, e assim hia seguindo sua viagem com tão bom tempo, que aos vinte e sinco de Abril foi a náo de Diogo de Sousa tomar a Ilha de Santa Helena, levando em sua companhia hum caravelão, que encontrou em dezeseis gráos, que hia do rio da Prata pera Angola; e indo buscar o surgidouro, que he defronte da Ermida, víram surtas duas náos Hollandezas, que havia sinco, ou seis dias que alli esperavam por outras duas de sua companhia. Diogo de Sousa, que era hum Fidalgo, a que chamavam o *Gallego*, por ser de Viana, tanto que as vio, preparou a sua náo, e fez lestes a sua artilheria, e foi surgir hum pouco affastado dellas, por ir

muito falta d'agua. E porque entendia mui bem que se se fizessem na volta do mar, os haviam os cossairos de ir seguindo, e poder-lhe-hiam dar trabalho; e assim preparado foi deitar ferro com muita confiança, e sua gente posta em armas, e repartida pelos lugares mais necessarios pera tudo o que se lhe offerecesse.

Tanto que surgio, chegou huma lancha, que se despedio logo das náos, e hum pouco affastado da nossa, bradou hum homem pelos da náo, e disse em Hespanhol, que o Capitão Mór daquellas náos mandava dizer ao Capitão, que logo se fosse a elle no seu batel, e lhe entregasse a náo, que usaria bem com elle, senão que o mandaria buscar. O Diogo de Sousa tanto que ouvio o recado, fez bornear hum falcão pera a lancha, e lhe mandou bradar que chegasse mais perto, que o não entendiam; mas os da lancha entendêram a tenção dos nossos, e não se querendo pôr á sua cortezia, voltáram com muita pressa, e deram ao seu Capitão conta do que passáram, e do que suspeitáram.

Tanto que o Capitão Hollandez vio que a nossa náo se não queria entregar, mandou-a bater com a sua artilheria com muita furia, e lhe matáram dous homens, e cortáram o masto de proa, e quasi a desen-

enſarceáram, e paſſáram o maſtro grande por huma ilharga com hum pelouro de ferro coado, de que eram todos os com que tiravam á noſſa náo. Vendo a gente da noſſa náo aquelle deſtroço, que em tão pouco tempo era feito, ficáram os mais delles tão atemorizados, que ſe puzeram pelo bordo, por onde o caravellão eſtava, pera ſe lançarem a elle, e acolherem-ſe por ſer muito ligeiro. A iſto acudio Diogo de Souſa, e fellos recolher outra vez á náo, dizendo algumas vezes palavras affrontoſas, outras vezes perſuadindo-os a ſe defenderem como valeroſos Portuguezes, affirmando-lhes que pera contra aquellas duas náos a ſua baſtava; e que eſperava em Deos de as render, e levar comſigo. E aſſim mandou laborar logo a ſua artilheria, com que tambem lhe matou muita gente, e fez tal deſtroço, que ſe foram os Hollandezes alando por rageiras até ficarem atraveſſados pela proa da noſſa náo, onde não tinha mais que duas peças de artilheria pera dalli com menos riſco a baterem.

O Meſtre da noſſa náo, que era homem muito eſperto, e grande Official, metteo no batel huma ancora, e a mandou lançar ao mar por hum dos bordos de feição, que ficou mettida por junto da cana do leme; e pondo-a ao cabreſtante, foi a náo viran-

do,

do, e ficando atraveſſada com toda a artilheria pera as outras náos, que foram batendo por eſpaço de vinte horas com tão grande furia, e terror, que não podendo os rebeldes aturar os damnos que recebiam da noſſa artilheria, largáram as ancoras por mão, ſoltáram as vélas, e foram fugindo bem fuſtigados.

Os noſſos, poſto que deſtroçados, e desbaratados, ficáram com a vitoria, e deſembarcáram em terra, onde acháram as pipas dos Hollandezes, que nella tinham pera encherem d'agua, que lhes foram boas; e na Ermida acháram hum letreiro, que elles tinham alli, pera outras duas náos de ſua companhia, que ficavam no Achem carregando, porque eſtas vieram da Sunda, de que logo daremos razão; e no letreiro lhes faziam a ſaber, que os Jáos os tiveram ſeis mezes cativos até chegarem outras duas náos de ſua companhia, que os fizeram ſoltar; e a cauſa de ſua prizão foi eſta. Eſtas duas náos, que os noſſos aqui acháram, foram carregar a Sunda; e todas as patacas que leváram eram falſificadas, e com muito pouca prata; e tendo comprado muitas drogas com ellas, vieram os Jáos a conhecer a falſidade da moeda, pelo que prendêram todos os que acháram em terra, e tiveram-nos prezos quatro, ou ſinco mezes,

até

até chegarem outras duas náos de ſua companhia, que ſouberam o caſo, e os reſgatáram com darem aos Jáos outra moeda boa, e de lei.

Partidas as náos Hollandezas da Ilha de Santa Helena, puzeram os noſſos logo as mãos ao concerto da náo, dos maſtros, e a enxarceáram de novo: e aos trinta de Abril, ſinco dias depois da batalha, chegou áquelle porto a náo noſſa Senhora da Paz, e aos tres de Maio a Conceição, e a dezeſeis a náo do Capitão Mór, que com partir de Goa, e mais cedo, chegou tanto depois. E de Diogo de Souſa ſouberam todo o ſucceſſo, e ajudáram-no a reformar do damno que os inimigos lhe tinham feito. E no meſmo dia, que o Capitão Mór ſurgio, apparecêram as outras duas náos Hollandezas, que diſſemos que as outras eſperavam, que vinham carregadas de drogas; e indo demandar o ſurgidouro, como víram as noſſas náos, foram ſurgir na ponta da Ilha, onde lhe os noſſos não podiam fazer nojo, por lhes ficar o vento por proa, pera as irem demandar. D. Jeronymo Coutinho deo-lhe pouco dellas, e com tudo preparou-ſe, pera ſe o tempo lhe déſſe lugar, as ir commetter. E no meſmo dia já á boca da noite foi a náo S. Martinho, de que era Capitão João Soares Henriques, demandar

dar aquella Ilha, e descubrindo as náos Hollandezas, cuidando serem as nossas, se fez na volta do mar, e foi seu caminho na derrota do Brazil, onde fez agua, e tomou mantimentos na Bahia de Todos os Santos.

O Capitão Hollandez vendo que não havia agua naquella parte, onde estava, despedio huma lancha com huma carta a D. Jeronymo Coutinho, em que lhe dizia, que elles eram Christãos, e vassallos de hum Rey amigo do seu, que eram mercadores, que andavam pelo mundo buscando sua vida, que estavam em necessidade d' agua, que lhe pedia lhes dessem licença pera dalli com suas lanchas a mandarem fazer ao posto, onde ella estava. D. Jeronymo Coutinho lhes respondeo, que pois eram Christãos, e amigos dos Portuguezes, que fossem surgir junto delle, e que alli fariam agua muito á sua vontade; o que lhes mandou dizer, por ver se os podia tirar daquella paragem, aonde os elle não podia ir buscar. Os Hollandezes entendendo o lanço do Capitão Mór, não se quizeram pôr á sua cortezia, e deixaram-se alli ficar mais sinco dias; e no cabo delles, que foi a vinte e hum de Maio, chegou áquella Ilha a náo S. Mattheus, em que hia D. Vasco da Gama, que ás bombardadas fez desamarrar as duas Hollandezas, e n'uma noite se

fi-

fizeram á véla , e deviam de ir demandar a cofta de Guiné pera fazerem aguada, de que eftavam faltos. E logo o Capitão Mór D. Jeronymo Coutinho fez tomar agua a D. Vafco da Gama , e com todas as náos de fua conferva fe fez á véla , por ver fe podia alcançar as duas náos dos rebeldes; mas não nas pode alcançar, por irem mui defviadas da fua derrota, e as noffas chegáram juntas ao Reyno, que foi huma grande felicidade. E fempre efte Fidalgo foi tão venturofo, e bem affortunado nas viagens que fez, que chegou á India, e tornou a Portugal com todas as fuas náos a falvamento.

DE-

DECADA DUODECIMA
Da Hiſtoria da India.
LIVRO V.

CAPITULO I.

Das couſas que eſte anno ſuccedêram em Ceilão: e das vitorias que os noſſos alcançáram, e tranqueiras que fizeram contra os inimigos.

DEpois de alcançadas as vitorias, que diſſemos do tyranno D. João na Ilha de Ceilão, e depois de chegar a D. Jeronymo de Azevedo o ſoccorro que diſſemos, que o Conde Viſo-Rey lhe mandou em Setembro de noventa e nove, ajuntou ſeu exercito, e paſſou-ſe ao lugar de Mutapali, meia legua do Reyno de Candea, onde alevantou hum arrazoado forte de madeira com ſeus entulhos, e cavas, capaz de recolher todo o arraial. Eſte forte fez por ſer no meio de entre as ſete Corlas, e o Reyno de Candea, com que ficava fechando as portas ao inimigo, e deixallo dentro como encurralado. Diſto ſe reſentio tanto o Tyranno, que ſe quiz antes arriſcar

a ſe perder, que a conſentir aquelle grilhão, que lhe ficava ſendo bem pezado. Pelo que ajuntou ſuas gentes, e ſe foi alojar perto daquelle lugar em humas ſerras aſperas, e fortes com tenção de com correrias, e aſſaltos eſtorvar aquella obra aos noſſos, em que ſe dava muita preſſa. D. Jeronymo de Azevedo foi logo aviſado de ſua tenção, e pareceo-lhe neceſſario trabalhar pelo deſalojar, e lançar delle; porque ſe ſe fortificaſſe naquelle lugar, além do impedimento que ſería pera a conquiſta do Reyno de Candea, ficaria o inimigo com reputação entre os Chingalas, e elles cobrando animo, vendo que a deſpeito dos noſſos tanto em braços com elles alevantavam tranqueiras, e ſe fortificavam. Pelo que mandou logo Salvador Pereira com duzentos e trinta ſoldados, e dous mil e quinhentos Laſcarins da terra pera ir dar no inimigo n'uma madrugada, ficando o Geral no lugar da tranqueira, que fabricava com cento e ſincoenta ſoldados, e quinhentos Laſcarins preſtes, e mui negociados pera acudir aos ſeus, ſendo neceſſario. E partidos os noſſos na entrada do quarto d'alva, foram pelo caminho ganhando, e arrazando algumas tranqueiras até chegarem aſſima, onde o inimigo eſtava alojado; e commettendo o arraial, o entráram, e queimáram

ram com grande determinação ; e depois em campo aberto, tornando os inimigos sobre si, tiveram com os nossos huma muito aspera batalha ; porque da parte dos inimigos se affirma haver tres mil espingardas, sendo entre todos oito mil. Mas os nossos se sustentáram com grande valor até perto das onze horas do dia, que o Capitão Geral lhes mandou que se recolhessem a elle, como fizeram, vindo os do Tyranno carregando sobre elles tão tezamente, que foi necessario ao Geral soccorrellos com o poder que tinha, e com novas munições, com que todos cobráram tanto animo, que voltáram sobre os inimigos com tal impeto, que os puzeram em desbarato, ficando-lhe nesta jornada mais de trezentos mortos, e entre estes muitos Modeliares, sem da nossa parte haver mais perda, que dous Portuguezes mortos, e perto de vinte dos Lascarins, a fóra muitos feridos. O Geral com esta vitoria se recolheo ao forte com que foi continuando ; e tanta pressa lhe deo, que em hum mez se acabou de todo com suas cavas, e contra-cavas, e o provêo de Capitão com quatro companhias de soldados, e com mantimentos, e munições pera muito tempo, porque se receou que o inimigo o commettesse com mór poder, por esperar soccorro de Badagas da outra costa;

ta ; e com iſſo mandou reformar todos os fortes que tinha por aquellas partes, pera eſtarem todos provídos pera o que lhe ſuccedeſſe, o que ſuccedeo até lhe chegar o ſoccorro, que lhe o Conde Almirante mandou por D. Franciſco de Noronha, e Nuno Fernandes de Taíde pera Capitão daquella Fortaleza de Columbo, de que logo foi mettido de poſſe, depois de reformar os preſidios, como diſſemos, e os prover de novo, e fazer nova paga aos ſoldados. E mandou que todos ſe paſſaſſem ás terras de Catrem, Cambala, Corla, fronteira ás ſete Corlas, pera acabar de apagar algumas labaredas dos alevantados, que ainda havia por aquellas partes ; e tudo o que por ellas acháram desfizeram, e desbaratáram os noſſos, com o que ſe mettêram os inimigos pelo íntimo das Corlas ſem tornarem a apparecer.

Affugentados todos, mandou o Geral que ſe fizeſſe naquelle lugar de Catu Cambala hum fermoſo forte de madeira de duas faces com ſeus entulhos, e cavas, como ſe fez, com o que os inimigos ficáram encolhidos, e os noſſos poderem entrar mais livremente por ſuas terras, e aſſaltallos. E porque andando neſta obra, foi o Geral aviſado, que os inimigos ſe tornavam a reformar nas ſete Corlas com perten-

tenção de tornarem a inquietar os nossos; mandou o Geral dar nelles duas leguas pelas suas terras dentro até o lugar, onde estavam, tendo os caminhos cortados, e feitos nelles seus vallos, e trincheiras tão fortes, que estavam nellas com muita confiança; e sabendo que os nossos lhes deixavam muitas aldeas abrazadas, e que lhes levavam muita gente cativa, sahíram a dar nos nossos, indo-se já recolhendo, e commettêram a reta-guarda com grande furia; mas achâram tal resistencia, que com mortes de muitos se recolhêram fugindo: com o que todas as terras daquella parte, que estavam abaladas a se rebelarem, se aquietáram. E foram tantos os damnos, que recebêram os moradores das sete Corlas, que os seus Principes mandáram pedir pazes ao Geral, que lhe elle não concedeo; mas concedeo-lhes tregoas, com suspensão das armas, e restituição dos cativos que tinham em suas terras. Neste estado ficáram as cousas desta Ilha neste inverno de seiscentos, em que andamos.

CA-

CAPITULO II.

De huma náo Hollandeza, que foi ter ás Ilhas de Japão: e da derrota que levou, e do que lhe ſuccedeo: e de huns coſſairos Japões, que foram ter ás Filippinas.

NEſte anno de ſeiscentos, em que andamos, quaſi neſte meſmo tempo aportou huma náo Hollandeza ás Ilhas de Japão, ao Porto de Xativai do Reyno de Bungo; e como naquelle tempo não era monção de virem náos da China, nem das Filippinas, pareceo aos Padres da Companhia, que alli reſidem, que poderia ſer alguma, que hia da nova Heſpanha pera os Lusões, que com algum temporal iria deſgarrada. Mandáram recado a ElRey de Bungo, pera que lhe mandaſſe acudir, por lhe não acontecer algum deſaſtre; ao que logo mandou prover. E no meſmo tempo dous Padres da Companhia, que reſidiam junto de Xativai, vendo a náo, acudíram com algumas embarcações pera lhe ſoccorrer; e chegando perto della, que conhecêram ſer de Hollandezes, tornáram a voltar. Alguns Portuguezes, que eſtavam em Naganzaque, tanto que ſouberam da náo, aviſáram por cartas a Tirazava, Governador Geral daquel-

quelles Reynos da parte do Ponente, de como aquella náo era de Luteranos cossairos inimigos dos Portuguezes, e de todos os Christãos. Com este recado, e com já ter cartas de ElRey, acudio o Tirazava no Reyno de Bungo, e mandou metter a náo no porto, e lançou mão dos Hollandezes, e fazenda, de que se fez inventario, e as que se lhe acháram, sam as seguintes.

Onze caixões de pannos de lã grossos, hum cofre com quatrocentos ramaes de coraes, e outros tantos de alambres, hum caixão de contas de vidro de côres, alguns espelhos, e oculos, muitas gaitas de meninos, dous mil cruzados em reales, dezenove peças de artilheria de bronze grossas, e outras miudas, quinhentas espingardas, e sinco mil pelouros de ferro coado, trezentos de cadeia, sincoenta quintaes de polvora, tres caixões de saias de malha, tres quartos de corpos, e peitos de aço, trezentas e sincoenta lanças de fogo, muita pregadura, muito ferro, muitos machados, fouces, e enxadas, e outros diversos generos de instrumentos, como aquelles que parece que vinham conquistar, e povoar. Confessáram que os annos passados de 98. e 99. partíram dos Estados de Hollanda quinze náos pera passarem a Sunda, e Maluco, de que não davam razão nenhuma; e

pe-

pera que se saiba dellas, daremos relação das que soubemos, e do que lhe aconteceo.

O anno que dissemos partíram do Porto de Roterdam estas quinze náos, que foram juntas até á costa de Guiné, onde se apartáram em tres esquadras. Huma dellas passou logo o Cabo de Boa Esperança, e foi na derrota da Sunda, onde se apartáram tres náos, e as duas foram tomar o Porto do Achem, com quem logo continuaremos. Da outra esquadra não soubemos o que passou. A terceira, de que era Capitão hum Balthazar da Corda, andou pela costa do Brazil ás prezas algum tempo, e dalli se passou a Angola, onde fez alguns damnos, e depois se tornáram a fazer na volta do estreito de Magalhães que embocáram, e dentro nelle se detiveram dez mezes com muitos trabalhos, e fomes, e em algumas sahidas, que fizeram a buscar agua, e mantimentos lhe matáram alguns homens; e tanto que tiveram tempo, passáram o estreito á outra banda, e voltáram sobre a costa do Perú, onde lhes deo huma tormenta tamanha, que as apartou, e huma foi correndo sua ventura em demanda das Ilhas de Maluco, aonde chegou, e logo adiante daremos relação della; outra parece que desappareceo, porque não achei novas della; a outra, de que era Capitão hum Joao

da Corda, ſobrinho de Balthazar da Corda, Capitão Mór, foi correndo a tormenta pela coſta, e acalmando, foi tomar a Fortaleza de Chile no Perú. E ſabendo que eſtava quaſi ſem gente, deram de ſupito nella, e a entráram com morte de alguns dos que eſtavam dentro, e roubáram, e profanáram os Templos, e tudo o que havia na Fortaleza, deixando-ſe ficar nella alguns dias tão deſcançados, como ſe eſtiveram em Frandes.

Sabidas eſtas novas pelos Heſpanhoes, que eſtavam pelo ſertão, ajuntáram-ſe algumas companhias; e commettendo a Fortaleza, entráram-na, por não ſerem mais que vinte Framengos os que eſtavam nella; e deſtes matáram quinze, e os ſinco que ficavam ſe lançáram pelos muros abaixo, e a nado foram buſcar a náo, e os della lhes acudíram com batel, e os ſalváram, e entre eſtes ſinco foi o Capitão Corda. E fazendo-ſe á véla, foram na demanda de Maluco, aonde chegáram, e ſurgíram no lugar de Soli da Ilha de Tidore, meia legua de noſſa Fortaleza, eſtando já em Ternate outra náo deſta companhia; a que falta he eſta náo, que temos em Japão, que foi correndo com a tormenta, por onde pode, e teve tempos tão deſvairados, que poz até chegar ao Tropico de Capricornio quatro me-

mezes, onde lhe deo huma enfermidade de mal tão contagioso, que em breves dias morrêram cento e sincoenta e sinco pessoas, em que entrou o Capitão Corda, ficando vivos sós vinte e sinco, que não bastavam pera marear a náo; pelo que se deixáram ir á ventura dos ventos, até elles, e as aguas os levarem a Japão, como dissemos, aonde desembarcáram todos tão debilitados, que pareciam homens mortos.

Aquelle Rey tanto que mandou despejar a náo, mandou-a aos Reynos do Canto a carregar de madeira; e os Hollandezes, que estavam mais sãos, os mandou servir de bombardeiros em huma guerra, que mandava fazer a hum senhor alevantado, que se chamava Cangeatica. O Piloto desta náo era Inglez, bom Cosmografo, e com algum conhecimento da Astrologia: confessou em Meaco aos Padres da Companhia, que o Principe de Orange se servíra já delle algumas vezes em jornadas de muita importancia, principalmente nos annos de noventa e tres, noventa e quatro, e noventa e sinco, que o mandou a descubrir caminho por sima da Biarmia, e Fimmarchia pera as suas náos passarem a Japão, China, e Maluco pera lhe levarem as riquezas de todas aquellas Ilhas, por haver que por lá lhe ficava o caminho mais per-

to , e mais desviado da nossa Armada: e que da derradeira vez, que foi o anno de noventa e sinco, chegára a oitenta e dous gráos do Norte; e que com ser a força do verão, e os dias quasi continuos, por não haver noite, senão se era de duas horas, achou os frios tão excessivos, e tantos os caramellos, e neves, que se desfaziam por aquelle estreito abaixo, que dando de rosto na sua náo, a fizeram voltar. E affirmava, que se se encostára á costa da Tartaria, da parte da mão direita, e se de longo della fora correndo a Leste até o boqueirão de Anião, que entra por entre as terras da Asia, e da America, pudéra sahir com o seu intento. E affirmou mais este Piloto, que os Hollandezes não desistíram de seu intento até levarem esta empreza ao cabo, pelos grandes desejos que tinham de descubrir este caminho. E já os Inglezes tratáram de descubrir esta viagem pela via do Ponente por entre as Ilhas de Grotlandia, e a terra do Lavrador; mas que pelas mesmas difficuldades se tornáram do caminho, como o fez aquelle grande Piloto Gavoto ha mais de quarenta annos. E em hum globo, que este Piloto trazia, de que na China se tirou outro, que eu tenho em meu poder, se vem claramente estas duas partes, por onde tentáram passar a estas, e pos-

postas em graduação esta Ilha Japão com todos os seus Reynos até sobre a terra de Chincungu, onde affirmam haver aquellas ricas minas da prata. Disse mais este Piloto, que quando o Principe de Orange víra que por aquellas partes não pudéra sahir com seu intento, que armára estes quinze navios, em cuja conserva elle viera, pera irem á Sunda, e Maluco carregar de drogas.

Neste mesmo tempo, que esta náo chegou a Japão, sahíram daquella Ilha dezeseis navios de cossairos a roubar, estes chegáram até ás Ilhas Filippinas, e no caminho tomáram huma náo de Chins, que hiam pera aquellas partes com fazendas, que montavam sessenta mil pezos: e assim tomáram mais outra embarcação das Manilhas, e matáram, e cativáram alguns naturaes dellas, e tres soldados Hespanhoes, do que o Governador da Manilha se mandou queixar a Daifuxama, Rey do Canthem, que logo mandou armar alguns navios contra estes cossairos; e encontrando-se, se investíram, e tomáram hum dos seus navios, em que acháram alguns dos Hollandezes, que foram na náo. E depois por tempos o Daifuxama houve ás mãos muitos daquelles cossairos, e a todos mandou enforcar, e fez lei, que não pudessem ir ás Manilhas

mais

mais que quatro navios cada anno, e que todos os mais fossem perdidos, e seus donos crucificados.

CAPITULO III.

Do principio do Reyno Pegú, e dos Reys que teve: e dos revézes que a fortuna lhe deo.

COmo he costume do mundo, ou pera melhor dizer escarneo, e zombaria delle, não subir apressadamente hum Estado a grande Monarquia, que com a mesma pressa o não torne a derribar, e pôr por terra, porque as cousas muito grandes com seu proprio pezo cahem; assim aconteceo a este riquissimo, e opulentissimo Reyno de Pegú. Porque sendo conquistado por ElRey de Ova, e Brama, chamado Pranginoco, os annos de mil quinhentos quarenta e quatro, como largamente o tenho dito no Capitulo oitavo do setimo Livro da minha sexta Decada, foi subindo com tanta pressa nelle, e em seus herdeiros, que de então até este anno de noventa e nove, que sam quarenta e sinco annos, chegáram a ser Monarcas de quasi cem Reynos, e das mores riquezas, e poder que o mundo vio. E desandando a fortuna a roda, em me-

menos de hum anno ſe acabou toda eſta potencia, ſem ficar de tudo mais que huma ſombra, e ainda menos; porque não ha hoje daquelles Monarcas hum herdeiro, que poſſua huma muito pequena aldea, digo neſte Reyno Pegú, onde elles aſſentáram a cadeira de ſeu imperio. E pera moſtrarmos melhor eſte eſcarneo do mundo, contaremos primeiro ſeu princípio, poder, e riqueza (poſto que já na ſexta Decada temos moſtrado parte diſſo) e depois ſua ruina, e deſtruição.

Quanto ao princípio deſte Reyno Pegú, acha-ſe em ſeus livros, que ha perto de mil annos que ſe deſcubrio por eſta maneira. Tudo quanto ha hoje do mar de Pegú até o Reyno do Brama, que ſam mais de ſeſſenta leguas, eſtava cuberto d'agua, porque chegava o mar até o Reyno Brama, como diſſemos; e que andando hum peſcador em hum barco com outros companheiros, os levára a corrente das aguas, que começáram a deſcer com grande força, por onde andáram ſinco, ou ſeis dias como perdidos, e deſcoraçoados, e já ſem alento foram aportar a huma ſerra alta, que ſe chama Diaca, onde hoje eſtá a Cidade Pegú; e ferrando nella, ſe amarráram, e deſcançáram, que hiam como mortos: e de infinitas Marrecas, que havia naquella parte,

te, ſe provêram pera a torna viagem. E antes que ſe partiſſem víram, que ſe hia deſcubrindo huma grande terra, que o mar deixava como alagada, aſſim como aconteceo no tempo do diluvio geral. E tornando pelo rio aſſima, foram a Tangu, onde o ſeu Rey reſidia, e lhe deram conta do caſo, e da grande terra que ſe hia deſcubrindo. Admirado o Rey do caſo, tornou-o a mandar com mais embarcações, e algumas peſſoas de credito pera verem o que paſſava, e o informarem da verdade do caſo; e achando ſer tudo aſſim que o barqueiro dizia, voltáram pera o Tangu a dar-lhe conta do que víram. O barqueiro com muitos companheiros deixaram-ſe ficar naquella parte, que já eſtava toda deſcuberta; e no modo da terra víram, que havia de ſer fertiliſſima, pelo que determináram de fazer alli ſeu aſſento, e mandáram trazer ſuas mulheres, e filhos; e á fama da terra ſer proſpera, foi deſcendo do ſertão pera aquella parte muita gente pobre, com que ſe começou a fazer huma boa povoação. E porque não podiam viver ſem cabeça, fizeram ao barqueiro ſeu Capitão, e Governador, que como era homem prudente, e esforçado, começou logo de pôr a todos em policia humana, repartindo os campos, ordenando povoações,

e

e dando ordem a cultivarem, e femearem as terras, que começáram a dar fruto abundantiffimo, e a defcubrir a riqueza de fuas minas da fermofa pedraria de rubins, de que aquelle Reyno he o mais abundante de todo o mundo, e de finiffimo ouro; de maneira que em poucos annos fe defcubrio, e povoou aquelle Reyno, que tinha cento e feffenta leguas por cofta de Norte a Sul, e pera o fertão cento e vinte, e cento e trinta leguas em partes, e a toda efta terra poz o barqueiro nome *Poigou*, que em fua lingua quer dizer, eu o achei primeiro, e feus naturaes fe chamáram *Poigous*; e corrompendo-fe o vocabulo, tomáram o que hoje tem de Pegús.

Vendo-fe o pefcador tão profpero, e obedecido, tomou o titulo de Banha, que quer dizer Governador, e affim em fuas efcrituras começáram eftes Pegús nefte barqueiro o catalogo dos feus Reys, com quem logo continuaremos. E como todos eftes Gentios coftumam a dar honrofos principios a feus Reys, dizem elles em fuas hiftorias, que efte pefcador nafcêra de huma flor, que elles lá chamam Chaoes Chaoeftu, que fam os ramos de humas certas cardeiras, que quando efpigão deitam huma maçaroca, como a do Milho Zaburro, que vem fahindo d'entre algumas folhas finas, e amarel-

las,

las, e a ſemente de dentro he miuda, e almeicegada, e tem algum cheiro, por que as Gentias da India as eſtimam muito, e as mettem entre os cabellos pera lhes cheirarem, e deſtas ha muitas neſta Ilha de Goa, a que os Canarins chamam Chedaga. E porque eſte barqueiro ſó não leve eſta honra, dizem tambem que ſua mulher naſceo de huma Combalenga, que he hum pomo mui ordinario na India, de que fazem algumas feições de conſerva tão fria, que ſe dá em lugar de aſſucar roſado, e ſam do tamanho, e feição dos melões grandes; e ha algumas tamanhas, que aſsás fará hum moço em alevantar huma ſó. A eſte pomo chamam os Pegús Sapua.

Ora poſto eſte barqueiro já em eſtado de Rey, pondo ſua cadeira na Cidade de Pegú, que elle começou a edificar, quiz tambem alevantar alguns Templos a ſeus idolos, a que elles chamam Varellas, e aſſim começou a abrir os alicerſes, pera hum que determinava fazer de grande ſumptuoſidade, e em baixo no fundamento acháram hum ſino de metal da feição dos noſſos de ſete braças em roda, e a borda de palmo e meio de groſſura, e tres braças de altura, e á roda por baixo tinha hum letreiro de letras de relevo mui bem feitas, cujos caracteres não ſam conhecidos, nem ſe enten-

ten-

tendem de todos aquelles Gentios. Efte fino mandou pôr fobre efta Varella, que foi huma das grandes obras do mundo, e foi fempre tido de todos os Gentios em grande veneração.

E fazendo nós fobre ifto noffas conjecturas, me parece que efte fino foi obra do Apoftolo S. Thomé, que andou por alli prégando a Lei da Graça, fendo aquella terra então povoada de Chins, porque elles tem em fuas efcrituras, que já foram fenhores de todos aquelles Reynos, e affim tem muitas coufas ainda fuas, porque a obra de feus Templos, que fam Varellas, fem dúvida foi dos Chins, e efte modo de finos não nos ufáram nunca nefte Oriente, fenão entre os Chriftãos, que o Santo Apoftolo mandaria fundir pelos Chins, que fam os mores officiaes que o mundo tem de todas as obras. E prova mais efta minha opinião dos Chins ferem fenhores deftes Reynos ifto; que abrindo efte primeiro Rey os alicerfes pera fabricar feus paffos, achăram em baixo huma ancora de ferro coado, que fó na China o fazem, com quatro unhas, como os das noffas galés, tão grande que em noffos tempos andou em huma náo de hum mercador Portuguez chamada a Lagra, morador na povoação de S. Thomé. Efta ancora fe tornou

nou a perder ha pouos annos no meſmo mar de Pegú, onde ſe perdeo a náo em que andava: ou poderemos tambem cuidar que eſta ancora foſſe de alguma das náos, que Salamão mandou áquellas partes buſcar couſas pera o Templo de Jeruſalem. Por onde parece que já o mar chegou até áquella Cidade de Pegú, e que alli ſurgiam as náos, que he a diſtancia que diſſemos, o que tudo cubrio aquelle diluvio, que dizem que houve ha mais de mil annos, que alagou, e cubrio mais de cem leguas de terra; e ſegundo minha preſumpção era tudo então povoado de Chins.

Agora continuemos com o catalogo deſtes Reys Pegús, começando deſte barqueiro, que foi o primeiro Banha. Succedeolhe ſeu filho chamado D. Chetim, que viveo oitenta annos, e a elle ſeu filho Banha Tam, e a eſte Banha Cael, e logo Banha Uca Malanco. A eſte ſuccedeo Banha Talanha, e a elle Banha Indá, e aſſim ſucceſſivamente ſuccedêram outros ſete Banhas deſte nome Indá, e ao derradeiro ſuccedeo Banha Darar, e a eſte Banha Mampla, e logo outro Banha Indá, e aſſim tornáram a ſucceder outros ſete Banhas do meſmo nome, e ao ultimo ſuccedeo Banha Xemidó, que foi o derradeiro Rey caſta Pegú, e todos eſtes reináram conforme á ſua com-

pu-

putação 540. annos, porque estes acabáram perto dos annos de 1540. em que hum Rey do Brama chamado Pranginoco, ou Prão Mandara (como lhe eu chamo na minha sexta Decada) desceo dos Reynos do Sertão com poder grossissimo, e conquistou, e ganhou aquelle Reyno, e outros vizinhos, e por fim veio a morrer a mãos de hum pobre carreteiro Pegú, a quem o mesmo Rey Brama tinha feito Grande, e dado o titulo de Xemim, que corresponde ao de Duque; e assim lhe chamavam Xemim de Satão, por ser senhor desta Cidade, como dizermos o Duque de Bragança: e o caso desta morte se verá no quinto, e sexto Capitulo do segundo livro da minha setima Decada. E por morte deste se levantou por Rey o Xemim de Satão, que o matou, que não durou hum anno no Reyno, que estes sam os escarneos do mundo; porque se alevantou contra elle hum Talapoi, que era seu Religioso, chamado Xemindoo, e o matou, e se intitulou Rey; e assim esteve naquella potencia tres annos, porque veio sobre elle Talanha Ginoco, genro do Rey Pranginoco assima. E vindo ambos á batalha, encontráram-se os pertensores cada hum em seu elefante: o de Talanha Ginoco, genro do Rey Pranginoco, levou no dente o elefante do outro, e o

der-

derribou; e o intitulado Rey sumíram-no os Pegús, e o Ginoco se appellidou logo Rey, ou fez appellidar hum filho seu, que era neto do Brama Pranginoco, ou Prão Mandará; porque este Brama, que venceo o Xemindoo, sendo de casta mediana, casou a furto com a filha daquelle Rey pelo modo, e maneira, que se verá na minha setima Decada assima citada; e depois de vencer a batalha, mandou lançar muitos pregões, e prometter grandes dadivas a quem lhe trouxesse o Xemindoo, e poz nisso tantas diligencias, que lho trouxeram prezo. E o dia que lho haviam de apresentar o esperou em hum theatro, e throno alto muito ricamente ornado, cercado de muitos Principes, e Senhores; e posto diante delle em pé, nunca lhe quiz fazer cortezia como a Rey, nem mostrar abatimento de sua pessoa. Disto foi tamanha a paixão, que o novo Rey tomou, que o mandou lançar a hum elefante bravo, que fora do mesmo prezo, e em que elle costumava a cavalgar; e posto no terreiro, donde todos estavam vendo aquelle espectaculo, querendo-o arremessar a elle o Cornaca, que o governava, nunca o pode fazer ir por diante, porque o conheceo, antes tornou a recuar atrás com grandes urros de sentimento de o ver naquelle estado,

do, caſo ſemelhante ao de Androdo, que ſendo em Roma levado pera o lançarem a hum leão faminto, elle ſe lhe foi proſtrar a ſeus pés, e lhos beijou, e affagou; e ſabido o caſo, foi por aquelle beneficio que lhe tinha feito de lhe tirar de hum pé hum eſtrepe que lho tinha encravado, pelo que em quanto viveo o ſervio, e acompanhou, gratidão que não ſei ſe ſe achará em muitas peſſoas.

Eſtando o pobre paciente no campo eſperando que o elefante o eſpedaçaſſe, ſe deſceo do throno, em que ElRey eſtava, hum Capitão Pegu, a quem aquelle, que foi Rey, tinha feito muitas mercês; e chegando-ſe a elle naquelle triſte, e miſeravel eſtado em que o via, ſe lhe proſtrou aos pés com muitas lagrimas, e conſolou-o o melhor que pode. Eis-aqui dous eſpectaculos em hum meſmo caſo, que podiam confundir o mundo. O Rey, que eſtava em ſeu throno vendo aquillo, mandou chamar aquelle Capitão Pegú, e perguntou-lhe ſe era aquelle o Talapoi, que foi Rey? ao que elle com muita liberdade reſpondeo, que aquelle era o que fora já ſeu Rey, e Senhor, e o fizera grande, e o puzera naquelle eſtado, e lugar em que eſtava, ſendo d'antes hum pobre, e humilde Pegú; e que pois não tinha com que lhe pagar tan-

tas

tas mercês, nem valer-lhe em outra couſa, o fazia com ſe compadecer de ſua miſeria, e deſaventura; e que ſe era poſſivel fazer-lhe mercê da vida a troco da ſua, que ſería a mór honra que podia receber na vida, nem mercê de mór eſtima. Vendo El-Rey tamanha fidelidade, conſolou-o com palavras muito honradas, e lhe diſſe, que por amor delle dava a vida áquelle homem, e que o recolheſſem em hum caſtello, onde eſteve alguns annos, e alli morreo ajudado; e não parando aqui, fez ao Pegú Banha de huma Cidade, e lhe deo muitas rendas.

CAPITULO IV.

Da grande riqueza, e potencia deſte Reyno, e deſte Rey Brama Talanha Ginoco, que conquiſtou eſte Reyno Pegú.

FAzendo-ſe eſte barbaro Talanha Ginoco ſenhor dos Reynos de Pegú, pelo modo que diſſemos, como era homem tão valeroſo, que ſe podia metter no número dos barbaros da fama, determinou de ſubir a toda a Monarquia de aquelles Reynos vizinhos, que eram muitos, pera o que ajuntou dous milhões de homens, e huma innumeravel fábrica, como convinha a hum

tão

tão grande exercito. E passou a conquistar o grande, e famoso Reyno Sião pelo modo que temos contado na nossa sexta Decada, donde tirou grandes thesouros, e poz de sua mão Regedor, que governasse aquelle Reyno; e depois conquistou os dos Jáos, Camboja, Champa, e os mais até Cochinchina, e todos os que estavam ao sertão destes, em que gastou tres annos. E assim chegou a tanta grandeza por seu braço, e valor, que veio a ser Emperador de perto de cem Reynos; cada qual delles de tanto poder, e riqueza, que pudéra por si fazer hum grande imperio. E vendo-se Monarca de tudo o que havia de mais de duas mil leguas em roda (e não sei se satisfeito, porque a cubiça humana de nada se satisfaz) tornou a voltar pera Pegú com o mór triunfo, que se póde imaginar. Porque entrou em hum carro triunfante muito alto, e grande, todo forrado de ouro de martello, e guarnecido de inestimavel pedraria, com coroa imperial na cabeça de muitas pedras de grande preço, e riquissimas perolas. E as Rainhas, e Princezas, que cativou em todos aquelles Reynos, que eram muitas, e mui fermosas, assentadas no mesmo carro abaixo dos seus pés, por elle ir em huma cadeira mui alevantada, e todas ricamente vestidas a seu modo; e ainda que

o não fossem, de télas sobre télas, nem das outras louçainhas das damas da Europa, hiam porém cubertas de ouro, diamantes, rubins, e perolas, que não tinham estimação.

Por este carro, que era huma máquina muito grande, puchavam muitos Principes, Reys, Banhas, e Senhores principaes, assim cativos, como os seus proprios naturaes. Diante deste soberbo carro hiam outros muitos de espantosa grandeza, e invenção, cheios todos de despojos, e riquezas de ouro, pedraria, estatuas de ouro, prata, e metaes, cousa que causava muito grande espanto, e admiração ver aquella máquina. E diante de tudo isto hiam quasi dous mil elefantes, que ganhou naquelles Reynos, mui ajaezados, e cubertos de pannos de seda, e ouro. Na reta-guarda hiam aquelles innumeraveis exercitos em ponto de guerra, que era a mais fermosa cousa, que se podia ver. E com este apparatoso, e soberbo triunfo entrou na Cidade Pegú, onde foi recebido com espantosas festas, e apparatos, não perdoando aos gastos, porque se fizeram excessivos.

Vendo-se este barbaro na mór alteza que podia imaginar, determinou de fazer hum Templo, ou Varela em agradecimento das mercês que seus idolos lhe fizeram,

pe-

pera nelle ordenar muitos ſuffragios, e tambem pera ſe enterrar nelle. E pera eſta obra convocou á ſua Corte todos os Reys, Principes, e Senhores ſeus vaſſallos, que eram muitos, tendo-lhes mandado declarar o pera que os chamava, pera que vieſſem appercebidos, pera offerecerem naquelle Templo ſeus dons. E como os teve juntos, foiſe com toda a ſua mageſtade ao lugar de Mahicon, que era fóra da Cidade Pegú, como Belém de Lisboa, e alli armou huma rica tenda branca, e ao redor as de todos aquelles Reys, e o dia ordenado mandou abrir os alicerſes, pera o que eſtavam juntas grandes máquinas de inſtrumentos, e muitos officiaes, no que ſe gaſtáram alguns dias, porque o alicerſe era profundiſſimo, e muito largo. O dia em que ſe havia de lançar a primeira pedra nos fundamentos, foi ElRey o primeiro que lançou ſua figura, e a de ſua mulher, e filhos, todas de ouro, e muitas baixellas do meſmo pera ſe ſervirem lá na outra vida; e aſſim lançou mais hum Templo, ou Varela todo de ouro com ſeus coruchéos, e hum lagarto de ouro, e huma panella grande do meſmo com huma guedelha dos cabellos de ElRey; e todas eſtas peças de boa grandeza com muita, e muito rica pedraria por todas ellas; e apôs elle foram os mais

Reys conforme a ſuas preferencias lançando nos meſmos fundamentos outras peças riquiſſimas de ouro , e pedraria. E foram as couſas que lançáram taes, e tantas, que affirmam os Talapões antigos daquelle Reyno, que ſe lançáram naquelles alicerſes ſeiscentos candis de ouro, que pela noſſa conta ſam duzentos moios de ouro , porque cada candil tem vinte alqueires , a fóra a pedraria, que affirmavam valer maior quantia pela riqueza, e fineza della. A obra da Varela, depois que ſe acabou , foi huma das grandezas, que ſe póde contar por huma das maravilhas do mundo ; e os idolos que ſe puzeram dentro, he couſa muito pera eſpantar a riqueza delles.

Os paços que eſte Rey fez na Cidade nova de Pegú eram tamanhos, que elles ſó por ſi podiam fazer huma fermoſa villa das grandes do noſſo Reyno, de obra excellente, e verdadeiramente imperial. Todos por fóra, e por dentro eram dourados, e pintados de varias, e diverſas tintas de oleo. As camaras, varandas, corredores, ſalas, e o mais interior do ſerviço da Rainha, e de ſuas damas era tudo forrado , e cozido em ouro. A caſa, em que ElRey ſempre eſtava, tinha todo o pavimento de ouro de martello; e do meſmo era hum corredor, e huma varanda, em que ſe ElRey coſ-

costumava a assomar a ouvir partes. Na entrada dos paços, e em toda a roda delles tem grandes, e fermosas varandas, e corredores, como claustros de Mosteiros, com seus alpendres todos dourados, e maravilhosamente lavrados. Huns serviam pera Julgadores, Escrivães, Tabelliães, e todos os mais officios a seu modo; outros de outros Officiaes, e de Capitães, gente de guarda, de Veadores da fazenda, Contadores. Em fim, não se póde dizer, nem escrever as grandezas, e maravilhas destes passos.

A' entrada delles á mão esquerda estava huma casa do thesouro, onde se não recolhia ouro amoedado, senão estatuas de homens, e mulheres de espantosa grandeza, todas de ouro. E tem mais huma fermosa casa mui dourada, e ricamente guarnecida, em que estam por ordem as figuras dos Reys que reináram, todas de ouro, e pedraria do tamanho que eram. E cada anno mette nesta casa o Rey que reina, huma estatua sua; e por ellas se sabe os annos que cada hum reinou, porque tantas estatuas tem. E pera a mesma parte havia humas fermosas terecenas, em que estavam seis elefantes, huns ruivos, e outros mais claros, a que chamavam elefantes brancos, debaixo de ricos docéis: estes comiam, e bebiam em fermosissimas bacias de ouro,

em

em que tambem lhe lavavam os pés: a fóra dez, ou doze mil elefantes, que este Rey tinha repartidos por differentes partes.

A' entrada dos paços á mão direita estava huma fermosa torre de madeira, onde estava hum sino grande da feição dos da China, que era de metal redondo com hum escudo, e tinha mais de vinte palmos de roda, e delle estava dependurado hum maço grande forrado de couro, e o pateo em que o sino estava, tinham-no de continuo aberto, chamava-se o sino da justiça; porque quando alguma pessoa se sentia aggravada de alguem, chegava-se ao sino, e dava com o maço huma grande pancada, que logo se ouvia de todas as partes dos passos o estrondo que fazia, e ElRey mandava logo saber, que pessoa era aggravada, e de quem, porque á mesma hora alli era desaggravada, de que já fallei nas outras minhas Decadas; e se agora o trago aqui, he pera contar hum caso, que ha poucos annos aconteceo. Estava alli hum Capitão fazendo aquellas viagens, de que era provído: tinha este Fidalgo hum fermoso cafre, que o Principe cubiçou; e desejando-o muito, mandou commetter ao Senhor com muito dinheiro, que lhe elle não quiz dar pelo Principe ser Gentio. Chegando-se o tempo da embarcação, mandou-lho o Princi-

ci-

cipe tomar ; e dando-lhe rebate desta força que lhe faziam, foi-se ao Paço, e deo no sino huma, ou duas pancadas, e logo se metteo em huma embarcação, que tinha muito ligeira, e foi-se pelo rio abaixo embarcar na sua náo, que estava dalli a algumas leguas no porto de Cosmim. ElRey tanto que ouvio o sino, mandou logo saber quem era o queixoso; e como os seus lhe não podiam mentir sobpena de morte, contáram-lhe tudo o que passava. Pelo que mandou com muita pressa os Ministros a tomar o Cafre a casa do Principe, e que logo com muita brevidade se entregasse a seu dono; e sabendo ser já embarcado, tomáram huma manchua muito ligeira, e foram seguindo o Capitão até á náo, e entregáram-lhe o seu Cafre ; e da parte de ElRey lhe pedíram grandes perdões; e indo o Principe ao Paço, o reprendeo o pai com muita colera, e lhe disse, que aprendesse a ser Rey ; porque se elle fazia forças, que esperava fizessem os seus ? Palavras eram estas não de Principe Gentio, e sem lume de fé, senão de hum grande Catholico, e temente a Deos. Oh quem víra nos pateos das casas dos Reys Christãos outros sinos como estes, porque então seriam elles sabedores das forças, aggravos, injustiças, e tyrannias que se fazem a seus vas-

vaſſallos, de que ſe não queixam ſenão a Deos! E bem certo he, que ſe ſouberam muitas couſas deſtas, que as emendáram, e caſtigáram até nos Principes ſeus filhos.

Tinha ElRey em ſeus Paços huma fermoſiſſima varanda toda cozida em ouro com riquiſſimas grades toda em roda, a que ſe aſſomava duas vezes no dia, e aſſentava-ſe em hum ſoberbiſſimo throno; e em baixo eſtava outra varanda mui grande deſcuberta a elle, onde eſtavam os ſeus Officiaes da Juſtiça, e Fazenda, e Capitães, e Governadores de Provincias, e dalli lhe davam relação de ſuas couſas, e elle lhes dava ſeus deſpachos: e todas as vezes que ElRey ſe aſſomava a eſta varanda, ſe tangiam ſete trombetas de prata. E quando eſte Rey queria ir fóra, hia em huma charola forrada de ouro, com muita pedraria, e era levada aos hombros de trinta e ſeis homens principaes, diante de quem ſe hiam tangendo as ſete trombetas de prata, e outras que o não eram, e ao redor da charola hiam ſete ſombreiros de tomar o Sol, forrados de ouro: e pelas ruas, por onde hia, todas as peſſoas que por ellas andavam ſe recolhiam ás caſas; e aſſentados no chão, em quanto paſſava, eſtavam com as mãos alevantadas. Eis-aqui parte da potencia, e riqueza deſte barbaro, e muitas ou-

tras

tras cousas se acharám na minha sexta Decada, onde se podem ver.

CAPITULO V.

Do cruel, e miseravel fim que teve este Reyno de Pegú no anno de mil e seiscentos, em que andamos.

TEmos mostrado o poder, e grandeza deste imperio; agora mostraremos quão depressa, e miseravelmente tudo isto acabou, que parecêra que foi hum sonho o que temos dito, e hum raio que passou, sem deixar rasto de cousa alguma. O caso foi como direi. Succedeo virem a este Monarca, de que temos fallado, novas que o Reyno de Sião se lhe tinha rebellado; pelo que mandou com muita brevidade ajuntar seus exercitos, e despedio com elles seu filho Mampa Raja, que chegando áquelle Reyno lhe começou a fazer guerra, em que acontecêram casos muito notaveis, e houve grandes feitos em armas, que se verão na nossa onzena Decada, e por fim foi morto o Principe Mampa Raja, e seu exercito desbaratado, e as reliquias delle chegáram ao Reyno de Pegú. E sabendo aquelle Rey o caso, foi tanta a sua dor, e paixão, que fez extremos exorbitantes pela mor-

morte do filho. E hum delles foi mandar lançar pregões por todo o Reyno de Pegú, com penas de morte contra toda a pessoa, de qualquer qualidade que fosse, que se não mostrasse triste, e não puzesse dó por seu filho, e que dentro em tanto tempo não houvesse festas, nem se fizessem casamentos, nem outra cousa que tivesse semelhança de alegria, assim no exterior, como no interior.

Estando as cousas neste triste, e miseravel estado, succedeo fazer hum Pegú hum casamento de huma sua filha em muito segredo, e escondido; e como em todos os estados da vida não faltem malsins, foi isto logo dito a ElRey, que sentio tanto aquelle negocio, como a propria morte do filho, por cuidar que os Pegús folgáram com ella, e que era aquillo modo de alevantamento, pois começavam de desobedecer a seus mandados: e imaginou tanto nisto, que veio a dar em outros extremos fóra de toda a razão; e o primeiro acto que fez delles foi mandar lançar pregões, que todo o seu vassallo casta Pégú fosse á Corte escrever-se, e assignalar-se por cativos de ElRey; e o ferrete que lhes punham pera serem conhecidos por esses, era huns ferros quentes nos braços com os nomes de todos, e diziam mais: Cativos de El-
Rey,

Rey, como nós vimos em Goa hum Portuguez bem honrado, que foi cativo deſte Rey, quando tomou a Cidade de Sião, que ſe chamava Antonio Toſcano, que em outra Decada já referi. Logo que iſto ſuccedeo, que foi em Março, e aos quatro do Maio ſeguinte, padeceo a Lua hum eclipſe eſtando cheia, que ſe encubríram as tres partes, ficando de côr parda ſobre eſcuro muito malenconizada. E ainda que iſto aconteceo o anno de 94. que cabia no tempo de Mathias de Alboquerque, foi neceſſario guardallo pera aqui, pera contarmos os males deſte Reyno todos juntos, e não por pedaços.

Eſte negocio de ſe aſſignalarem os Pegús por cativos tomáram todos muito mal; e logo começou a haver por todas as Cidades do Reyno grandes alevantamentos contra os homens que governavam; e ajuntando-ſe todos com poderoſos exercitos, foram á Cidade de Pegú em buſca do Rey, e lhe deram muitas vezes batalhas cruas, em que os Pegús foram de todas desbaratados pera ſuas Cidades.

Vendo aquelle Rey o alevantamento dos Pegús, tratou de os extinguir, e acabar de todo; e não achou outro meio melhor que defender-lhes os mantimentos. E pera iſſo mandou lançar muitos pregões com pena

de

de morte, e das mulheres, e filhos, que se não semeassem os campos, nem se trouxessem mantimentos de fóra, o que se cumprio á risca por tempo de dous annos contínuos, com o que chegáram os Pegús ao ultimo da desesperação, porque chegou a valer o candil de arroz, que sam vinte alqueires, quinhentos, seiscentos, e ainda mil pardaos; e como os pobres não tinham com que o comprar, morriam de fome milhares delles pelos campos, e pelas villas, e aldeas; e foi a cousa de feição, que muitas ficáram desertas, e deshabitadas; e quando mandou lançar estes pregões, despedio tambem grandes, e poderosos exercitos de Bramas, que entrassem por todas as Cidades populosas, e matassem homens, mulheres, meninos, cães, gatos, e tudo mais que tivesse vida puzessem a fogo, e a ferro, sem perdoarem a nada; e assim o fizeram. E usou-se nisto de tanta deshumanidade, e crueldade com os grandes, e pessoas principaes, que tomando-os ás mãos dous e tres mil com as mãos atadas, pera se não poderem ajudar huns a outros, os mettiam nuns curraes de madeira com muita palha dentro, e punhão-lhes fogo, em que todos se abrazavam, e consumiam: e até os Talapões, que sam os seus Religiosos, lhe não escapáram; porque dos Templos,

plos, donde eſtavam abraçados com os idolos, os tiravam pera aquelle incendio; de feição que parecia que mandára Deos noſſo Senhor dos Ceos huma inquiſição geral pera caſtigar ſuas idolatrias; e a muitos atados de pés, e mãos de cento em cento deram fundo no mar, onde eram comidos dos peixes, que parece que quiz Deos que deſtes nem as cinzas ficaſſem. E porque não ha pennas, nem mãos que poſſam eſcrever, nem linguas contar as grandes cruezas que neſte Reyno ſe uſáram, baſta dizer que foi tão grande o número dos mortos pelas ruas, e pelos rios, que eram grandiſſimos, que todas as ſuas aguas eram vivo ſangue de ribeiros, que corriam pera elles, ſómente dos que morrêram á eſpada, não ſendo eſtes a decima parte, porque os mais morrêram de pura fome. Paſſou o Divino caſtigo a tanto, que alguns vivos que havia chegáram a comer os corpos dos mortos, e ainda de outros, que ainda eſtavam palpitando. E aconteceo muitas vezes eſtar hum deitado no chão morrendo, e outros mais esforçados, que tambem andavam ás voltas com a morte, cortarem-lhe as polpas das pernas, e alli mal aſſadas, comerem-nas logo; e o que he mais pera admirar, he, que o meſmo, a quem as cortavam, comer tambem de ſua propria

car-

carne; que he cousa que nunca já mais aconteceo, nem na destruição de Jerusalem, nem em outra alguma Cidade ganhada, e entrada de alguns barbaros.

E he certo que havia pelas Cidades açougues públicos, em que se vendia carne humana. E se se conta que houve huma mulher em Jerusalem, que comeo o filho, aqui houve mais de mil, que os espedaçáram, e comêram: e ainda houve mulheres, que não escapáram aos maridos, nem elles a ellas. E muitas vezes aconteceo viverem muitas pessoas em huma casa, e o primeiro que de noite adormecia ser logo esquartejado, e repartido pelos outros, e assim poucos, e poucos se foram comendo huns a outros. Alguns andavam como lobos famintos pelas ruas a buscar esta carnissa, e cortarem as cabeças aos que estavam acabando, e fenderem-lhas, e chuparem-lhes os miolos assim crus. E porque esta terra de Pegú he muito falta de lenha, e pedra, faziam das caveiras, tres e quatro juntas, fogões, e com os ossos dos mortos coziam a mesma carne, que tiravam delles. E chegou a ira de Deos a tanto contra estes idólatras, que he certo que todos os que comiam desta carne logo se lhes encarniçáram os olhos, e ficáram como abrazados, e com isso duravam pouco.

A

A eſta carniſſa acudíram as feras dos matos, e entráram pelas Cidades cheias de corpos mortos, e nelles ſe encarniſſavam cruelmente; e as gralhas, milhanos, corvos, e outras aves andavam pelas ruas com os inteſtinos dos corpos nos bicos correndo por ellas. Que mais ſe póde contar, nem quem ouvio outro tal caſtigo como eſte? porque cuido que foi maior que o diluvio geral; que aquelle affogou logo todos os viventes, que ſe ſumíram debaixo da agua, e não poder cada hum mais que ter tento em ſi, e duraria ſeu trabalho huma, ou duas horas que nellas ſe conſumio tudo; mas iſto he outra ira de Deos, que ſó de a ouvir tremem as carnes. Os rios, fontes, e tanques tudo era ſangue, e não havia onde poderem beber; e a mim me diſſeram alguns Portuguezes, que ſe achávam na Cidade de Pegú, que o rio que paſſava de longo della era ſangue, e que eſtiveram arriſcados a morrerem de ſede; mas a neceſſidade os obrigou a beberem antes do rio, que era corrente, que não das fontes, porque tomavam a agua, e coavam-na em jarras, e aſſim a bebiam por não poderem mais. E não parando niſto a ira do Ceo, ſuccedêram todos os dias, que eſtas cruezas duráram, que foram muitos, grandes terremotos, relampagos, e

co-

coriſcos eſpantoſos; e logo apôs iſto ſobreveio peſte neſtes Reynos tão cruel, que acabou de arrazar tudo, de maneira que ſe affirma paſſarem os que morrêram de tres milhões de homens. Os vaſſallos Bramás deſte Rey vendo tantos, e tão grandes males, fugíram pera os Reynos do ſertão. E chegou eſte barbaro a eſtado, que ſe vio deſamparado de todos; e vendo-ſe ſem remedio, mandou chamar o Rey de Tangu, que era ſeu primo, cunhado, e vaſſallo, e lhe entregou o Reyno, e foi-ſe com elle pera o outro quaſi como cativo com ſua mulher, filhos, e parentes da Caſa Real, que todos aquelloutro tyranno matou com peçonha, e mandou levar os theſouros de Pegú pera ſeu Reyno. E affirmam os Portuguezes, que alli ſe achâram que eſcapáram, que foi o ouro, a pedraria, a prata, e as riquezas tantas, que ſe gaſtáram tres mezes em ſe acarretarem com mais de duzentos elefantes, deixando outras couſas, que pudéram fazer muitos Reynos ricos; porque ſó a artilheria que ficou naquella Cidade em armazens fermoſiſſimos, foram quinze mil peças todas de bronze, e dous armazens mui grandes cheios de ſalitre, enxofre, polvora, pelouros, e theſouros entulhados de veludos, roupas, beijoim, e marfim, e outras couſas, de que depois o

Rey

Rey de Arracão se aproveitou, como em seu lugar diremos, e assim ficou todo este Reyno de Pegú deserto sem quem o povoasse; o que succedeo este verão passado de noventa e nove, cousa que póde fazer tremer as carnes aos Emperadores do mundo verem hontem a potencia, que contei deste Rey Brama, e os carros tão potentes, em que entrou triunfando, quando veio de Sião; e hoje deixar seu Reyno, e entregar-se a hum seu vassallo como cativo, que logo o mandou matar, e a toda sua geração, sem delle ficar memoria alguma, pera se virem a temer destes escarneos do mundo, que assim lhes podemos chamar.

Tem estes Pegús em seus livros huma profecia, que affirmava que naquelle tempo se acabaria a Monarquia dos Bramas, como acabou, e que viriam gentes estrangeiras Galas, e Franquis senhorear aquelle Reyno. E que o mar pariria pelos rios, e costas do mar mulheres brancas, e fermosas, e que haviam de ser filhas do vento: e que hum Rey que os havia de senhorear teria estas feições, homem de grandes olhos, orelhas grandes, braços compridos, cabeça ornada de muitas pedras preciosas, os peitos, e hombros cheios de rubins, e diamantes, os pés de cágado, e

na boca da parte direita ſobre o dente da preza outro cavalgado.

Iſto interpretam alguns deſta maneira. Galas, e Franquis ſerem os Portuguezes, porque em toda a India nos chamam Franquis, que quer dizer Chriſtãos, porque em todas as Provincias da Chriſtandade chamam Franquia, ou Franquiſtan. As mulheres alvas, e fermoſas, filhas do mar, e do vento, ſam as Armadas Portuguezas, que ham de aportar áquellas partes. O Rey grande entende-ſe na Monarquia, e poder. Pelos olhos grandes, vigilante, que veja tudo, e que tenha muitos do ſeu conſelho, pera que com elle o ajudem a ver, e governar ſeus Reynos. Orelhas grandes, que ouvirá bem, e fará juſtiça. Cabeça ornada de pedras precioſas, que ſerá ſenhor de muitas Coroas, e Reynos. Peitos, e hombros cheios de rubins, e diamantes, que ſerá ornado de muitas virtudes, e prudencia. Braços compridos, que ſerá grande Conquiſtador, e que por ſeus Capitães conquiſtarám longe muitos Reynos. Pés de cágado, que ſerá grande ſenhor no mar, e na terra. O dente da preza cavalgado outro ſobre elle, que ajuntaria outro imperio ao ſeu. Tudo iſto podemos interpretar dos Reys de Portugal. E já neſte tempo começáram a apparecer por aquellas partes aquel-

las

las filhas brancas , e fermosas do mar , e do vento , que sam suas Armadas , que por aquellas partes tem alcançado vitorias ; e com a Fortaleza de Syrião , que tem naquelle Reyno , parece que já tomou posse delle. E quererá Deos nosso Senhor que o possua ainda todo , e que traga tantos póvos idólatras á manada dos seus Fieis.

CAPITULO VI.

De quem era o Principe de Abadaxam, que este anno de seiscentos se fez Christão, e veio ter a esta Cidade de Goa.

PORque não he pequeno negocio , nem de pouca importancia em tempo deste Conde Viso-Rey fazer-se Christão hum Principe, quarto neto do Grão Tamorlão , filho de ElRey de Badaxam, não quizemos passar por isto pera darmos graças a Deos nosso Senhor de vermos hum Principe, filho de Rey, nascido, e creado lá nos escondidos montes da Scytia Asiatica vir de tão longe, e por tantos rodeios, como logo diremos , buscar a agua do santo baptismo, movido só do toque de Deos nosso Senhor, que o tinha escolhido, e predestinado pera este tamanho , e tão soberano bem. E pera darmos a conhecer este Principe, e o

tronco de que procede, he neceſſario tomarmos iſto deſde ſeu princípio pera melhor entendimento de tudo.

No primeiro, e ſegundo Capitulo do decimo Livro da noſſa quarta Decada démos já relação daquelle grande Chinguiſcan ſenhor do Catayo, e como ſahio de ſeu imperio a conquiſtar as Provincias da India maior, e toda a Sogdiana, e Bactriana, Balé, Bochata, Camarcan, Perſia, e outros muitos Reynos, que repartio com ſeus filhos por eſta maneira. A Provincia Turqueſtan, que jaz abaixo dos montes Imaos, deo a ſeu filho Turch, de quem ella tomou o nome; e de Eſtan, que quer dizer Provincia, ſe veio a chamar a Provincia de Turcheſtan, como lhe os Geografos chamam, principalmente os Parſeos. E aſſim affirmam alguns Eſcritores, que daqui ſahíram os Turcos a conquiſtar a Perſia. E a Natholia chamando-ſe aſſim da Provincia donde ſahíram, e não pelo que affirmam alguns Eſcritores da Europa, como temos já bem moſtrado.

Ao outro filho chamado Chachatá deo a Provincia Camarcant com tudo o que jaz entre os famoſos rios Oxo, e Lazartes, de quem ella tambem tomou o nome, chamando-ſe Chachata, e não Zagatai, como os Geografos modernos lhe chamam.

A

A outro filho chamado Balolo deo o Reyno do Coraçone, e Perſia. A outro filho chamado Husbeque deo aquella Provincia, que jaz ſobre os montes Imaos, em que entram os Reynos de Candux, Caxcar, e eſte de Badaxam, de que havemos de tratar, e outros, que tomáram delle o nome, e todas ſe chamáram Usbequia, que depois conquiſtou a Provincia de Camarcant da mão de ſeu irmão Chachata.

Todas eſtas Provincias deixáram o nome de Chachatai, e hoje ſe chamam Husbequia, por ſerem todas de hum ſenhor, e por tempo ſe dividíram todas em os netos, biſnetos, e treſnetos deſte Chachata. E ſempre aquelles Reynos tiveram eſte nome, que ainda hoje conſervam, até vir tudo ao poder do Grão Tamorlão, que os conquiſtou, e por ſua morte ſe repartíram eſtes Reynos por ſeus filhos, e netos.

E deixando eſtes, de que já démos relação nas outras Decadas, tratemos do filho Mirzaholoc Baxa, que herdou o Reyno de Badaxan, e por ſua morte ficou a ſeu filho Ocenxa, e a elle ſuccedeo ſeu filho Mutula Xa. E a elle ſeu filho Soleimamxa, que reinou mais de ſeſſenta annos, e ſendo já de noventa muito decrepito, entregáram os Grandes o Reyno a ſeu filho Abraemo Xa, que teve grandes guerras com

Phir

Phir Mahamede Matacan, Rey de Bahale, e Camarcan, e nellas foi este Abrahemo morto, e succedeo-lhe no Reyno seu filho Xaroc Xa. E havendo sete annos que reinava, se mostrou mui deshumano, e deo em fazer grandes cruezas nos vassallos, e em matar os Grandes. Pelo que chamáram em seu favor a Abdulacan, Rey de Camarcan, que naquelle tempo residia na Cidade de Balche, que veio com hum grosso exercito, e achou o Rey Xaroc Xa muito fortificado dentro na Cidade de Badachan, de que todo o Reyno tinha o nome; e posto que alguns dos seus se passáram ao Abdulaxan, os mais acudíram a defender sua patria. E todavia apertou elle tanto com aquella guerra, que poz aquelle em estado de desesperação, e assim deixou o Reyno nas mãos do inimigo, e elle se acolheo pera a Corte do Grão Mogor, onde então reinava Hecbar Paxa, que era tão parente, que cahiam ambos em quintos netos do Grão Tamorlão, que o agazalhou com o mandar prender. E antes que elle deixasse o seu Reyno, mandou sua mulher, e hum filho mais moço, que he este de que fallamos, pera huma Fortaleza inexpugnavel chamada Culabo, aonde Abdulacan os foi cercar; e depois de os combater sete mezes, não podendo os de dentro soffrer

os

os trabalhos do cerco, abríram as portas ao inimigo, que se apoderou de tudo, e houve ás mãos a Rainha, e o Infante seu filho, e os levou comsigo á Cidade de Bochará, e os entregou a hum Cassis, que era entre elles como Bispo, chamado Cojagilan, onde estiveram dous annos e meio, passando-se o Abdulacan pera a Cidade de Camarcant, que era oito dias de caminho da de Bochara ao Norte. E depois de estar lá, mandou hum Capitão com cartas ao Cassis, pera que lhe entregasse o Infante, que tinha prezo; e deo-lhe por regimento, que como o houvesse ás mãos o matasse, e a cem pessoas mais que com elle estavam prezas. E sabendo o Cassis o que o Abdulacan mandava, entregou-lhe as pessoas que pedia, e ao Principe escondeo, e em seu lugar deo hum moço, que se parecia muito com elle, porque fora este Cassis de seu pai, e lhe estava mui affeiçoado.

Depois disto mandou o Abdulacan a seu filho Abedul Monenchan a conquistar as terras do Coraçone, que eram do imperio Persio, e nellas estava por Governador seu filho Xaabas, que hoje reina nelle, que lhe ganhou as Cidades de Heri Maxet, e outras. E proseguindo-se esta guerra, mandou o Turco Amurates hum Embaixador ao Abdulacan a tratar de pazes, e amizades en-

entre elle, e o Persa. E os respeitos, por que se quiz metter de permeio, dizem alguns que foi temer-se que o Abdulacan conquistasse os Reynos da Persia, e se fizesse com isso tamanho senhor, que tentasse conquistar-lhe seus estados, porque esta nação dos Husbeques era mui receada entre Turcos por serem grandes cavalleiros, e muito crueis, e não lhe vinha bem tellos por vizinhos. E alguma composição fez este Embaixador entre estes Reys, ficando-lhe as Cidades, que o Husbeque tinha ganhadas na Provincia Coraçone, como eu conto tudo isto na minha onzena Decada muito largamente no tempo do Governador Manoel de Sousa Coutinho, e Mathias de Albuquerque. E ao partir-se este Embaixador pera Constantinopla lhe entregou o Cassis em grande segredo o Infante de Badaxan pera o deixar passar á casa de Méca, o que elle fez; e depois de feita a romaria, se tornou pera Badaxan disfarçado, pera ver sua mãi, que achou em huma aldea junto da Cidade Culab, que o Abdulacan lhe tinha dado pera sua vivenda, e despeza. Tanto que ella vio o filho já homemzinho, e que mostrava grande animo, negociou-lhe quinhentos homens de cavallo, com que foi assaltar a Cidade Culab, e a entrou, e tomou, e nella se fortificou com sua mãi, e

lo-

logo lhe acudio gente daquelle Reyno, com que em poucos dias poz em campo doze mil de cavallo, com que foi ſitiar a Cidade Calais Gafar, que logo ſe lhe entregou, e o meſmo fez a Cidade Queixume; e aſſim foi engroſſando mais ſeu campo, e voltou ſobre a Provincia Talacan, que governava hum Usbeque vaſſallo, e parente de Abdulachan, chamado Mahamed Soltan Divan, e ganhou eſta Provincia, e ao que a governava mandou cortar a cabeça.

As novas deſtas couſas chegáram a Abdulachan; e ſabendo o que paſſava, e como o Infante filho de ElRey Xaroch, que elle mandára matar, que eſtava em poder do Caſſis, a quem o elle tinha entregue, era o que lhe fazia toda a guerra, mandou levar diante de ſi o Caſſis, e perguntou-lhe porque não entregára aquelle Infante, pera o matarem como elle mandava? Ao que o Caſſis lhe reſpondeo com muita liberdade, que elle fora de ſeu pai, e lhe comêra o ſeu pão, e que não era licito, nem lhe ſería bem contado uſar de tamanha ingratidão com o filho do Rey que o creára, e de quem tinha recebido tantas mercês; e que ſe lhe parecia que errára em ſeu ſerviço, que alli eſtava a ſua cabeça, que lha mandaſſe cortar em lugar da do Infante. O que viſto pelo Abdulachan com ſer bar-

ba-

baro, lhe perdoou; e por ſeu reſpeito paſſou áquelle Infante hum Alvará de perdão, em que lhe concedia tambem a Cidade Talachan pera viver nella com ſua mãi.

O que ſeu filho Abedul Monencham não quiz conſentir, nem guardar o ſeguro que ſeu pai dava a eſte Principe, antes formou hum poderoſo exercito com que foi contra eſte Infante, e o cercou na Cidade Culab, onde o poz em tanto aperto de fome, que lhe foi forçado ſahir-ſe eſcondido com ſua mãi, mulher, e filhos, e trinta peſſoas, com que ſe paſſou a hum ſeu cunhado, irmão de ſua mulher, ſenhor de huma Cidade que lhe o Abidulachan tinha dado; e como lhe entregou tudo aquillo, paſſou-ſe á Cidade Cabul, que era do Grão Mogor, em tempo que entre ſeus moradores havia grandes guerras; e temendo-ſe que o mataſſem, ſe acolheo outra vez pera a Perſia. E eſtando na Cidade Casbim, encontrou com huns homens, que ſe creáram em caſa de ElRey ſeu pai, que ſerviam ao Rey da Perſia, a quem fizeram a ſaber delle; e mandando-o ElRey buſcar, fez-lhe muitas honras, e deo-lhe peças mui ricas, e mandou dar caſas, e ſerviços. E deſejando elle de ir á Corte do Mogor, onde ſeu pai eſtava, o fez a ſaber áquelle Rey, e partio-ſe pera Ormuz pera dalli paſ-

paſſar ao Cinde, e dahi a Laor, onde ſeu pai eſtava.

E andando na Ilha de Ormuz deſconhecido, eſperando tempo pera ſe partir por mar pera o Cinde, viſitava algumas vezes a Igreja dos Padres da Ordem do glorioſo Padre Santo Agoſtinho; e vendo aquelle Templo, a limpeza, e ornamento de ſeus Altares, ficou muito edificado. E em algumas práticas que teve com aquelles Religioſos, veio a entender a verdade, e pureza de noſſa Lei, e a mentira, e falſidade da de Mafamede; e tocando-o Deos interiormente, pedio com muita inſtancia o ſanto baptiſmo, que lhe deram na entrada deſte anno, em que andamos, e dalli foi trazido pelos Religioſos de Santo Agoſtinho a eſta Cidade de Goa com boa companhia de criados, e o agazalháram no ſeu Moſteiro, onde o eu fui viſitar muitas vezes, e me deo de ſua vida, e peregrinação huma larga relação, e depois caſou neſta Cidade com huma mulher nobre: e eſte anno quereria Deos chegaſſe a ſalvamento ao Reyno, porque ſe embarcou pera lá na Armada de Luiz Mendes de Vaſconcellos.

CA-

CAPITULO VII.

Que trata da parte a que jaz este Reyno Abadaxam: e da descripção desta Provincia de Laor até esta Cidade, e della até o Cathayo: e de como esta Provincia não he a China, como alguns cuidáram, e a que parte jaz.

JÁ que acabámos agora de fallar neste Reyno Abadaxam, cujo Principe se fez Christão, pareceo-nos bem mostrar a que parte de Asia jaz, e fazermos huma descripção desde Laor, Corte do Mogor, até elle, e dahi até o Cathayo, posto que na nossa quarta Decada temos dado boa relação desta Provincia, e mostrado a que parte jaz; agora o faremos de novo muito particular, e distinctamente a modo de roteiro, sem mostrar graduação das Provincias, e Cidades principaes, porque até agora não houve quem tomasse por aquellas partes a elevação do polo Arctico; e isto servirá pera os vistos na Geografia, que lhes não será de pouco gosto; porque sobre esta Provincia Cathayo houve entre os antigos muitas opiniões, e andáram ás apalpadelas como cegos buscando este imperio, sem acabar de dar com elle, pera o situarem em seus mappas, e globos na verdadeira altu-

ra

ra em que eſtá. E ainda os modernos não acabáram de atinar neſte negocio, em que ſeguirei alguns roteiros, que tenho de peſſoas, que penetráram todas eſtas terras até enſacarem toda a Aſia. E começaremos eſta deſcripção, como diſſemos, de Laor até á Cidade Cambalec, pondo as Cidades, e lugares por diſtancias de jornadas de cafilas, que andam por dia quatro, ou ſinco leguas, e muitas vezes menos.

Partindo de Laor, que eſtá em trinta e dous gráos e meio, vam caminhando por aldeas fertes até á Cidade Taec, e por junto della paſſa hum fermoſo rio. Dalli vam ter á Provincia Paſaver: neſte caminho pelo vagar das cafilas ſe põe hum mez, e ás vezes ha dia que não fazem jornada. E em outro mez vam ter á Cidade Guidali, e della em quinze dias á fermoſa Cidade Cabul, que he do Mogor, e eſtá em trinta e nove gráos; e os que caminham por aqui, affirmam que ſam de Laor até eſta Cidade Cabul quatrocentas leguas, o que cuido não póde ſer, ſenão ſe caminharem por rodeios mui grandes, e ſempre até aqui caminham ao Norte; e deſta Cidade ao meſmo Reyno, carregando ſobre o Nordeſte, vam em quinze dias ter á Cidade Caracar grande, e mui bem murada; e della a dez dias até á Villa Paravan, que he a derradei-

deira dos Reynos do Mogor pera a parte do Norte. Daqui por ſima de huns montes, que ſam parte dos Caucaſos, em vinte dias chegarám a huma Villa chamada Angaram. E em outros tantos á Cidade Calcha, onde todos os ſeus naturaes ſam alvos, e framengados, e tem eſta Cidade muitas aldeas ao redor muito proſperas. Deſtas em dez dias vam á Cidade Jalalabão; e dalli em quinze a outra chamada Talhan; e dalli vam a Icxim terra do Abdulacan ſenhor de Camarcant. E dalli em oito dias vam ter á Cidade Abadaxan, que he a de que tratámos neſte Capitulo atrás, que quanto a mim eſtá em perto de quarenta e dous gráos. E por aqui ſe verá de quão apartadas terras, e por que rodeios tão compridos veio eſte cervo ferido deſte Infante de Abadaxan a buſcar as aguas da fonte viva do ſanto baptiſmo, pera nellas ſe lavar da torpe, e fedorenta lepra de ſeus peccados.

Já temos moſtrado o ſitio, em que eſta Cidade eſtá, moſtremos agora o caminho della até o Cathayo, e a que parte jaz eſte imperio, e onde o ſituam os Geografos antigos, e modernos. E a verdade do que diſto podemos alcançar, ſeguindo o roteiro do Padre Bento de Goes, da Companhia de Jeſus, que foi por mandado dos

Pre-

Prelados da dita Companhia de Goa deſcubrir eſta Provincia da Cidade Abadaxan. Foi eſte Padre caminhando ao naſcente, e ao primeiro dia de caminho chegou a Charchunar, e dalli a dez dias a Saipanel, donde ſubíram huns altiſſimos montes chamados Setrimat ; e em vinte dias foram ás terras de Sarcol , e outras grandes ſerras chamadas Chechale, onde havia muita neve, e por ellas andáram ſeis dias até chegarem á Cidade de Tangetar, tudo terras do Reyno Caxcar, e a derradeira dellas he a Cidade Siarcan grande , e muito rica. Neſtas terras ha huma pedra alva, e fermoſa muito eſtimada dos Chins pela terem por precioſa , e entre elles val muito , e chamam-lhe Luxe; e he tão forte, que abaixo do diamante não ha outra que ſe lhe iguale na dureza , porque pera a quebrarem, he neceſſario amolentarem-na no fogo, peſca-ſe nos rios como aljofre, e tiram della grandes pedaços, que pezam dous, e tres arrateis , fazem della joias aſſim pera homens, como pera mulheres, e ſam mui louçans , e reſplandecentes , e as mais finas ſam as que tiram em hum monte chamado Canſanguicax, que quer dizer monte de pedras , que deve de ſer o Mons lapideus dos antigos Coſmografos. Daqui foram caminhando por eſtes lugares, que todos ſam

de

de Hiarcan; e não diz o roteiro quanto ha de hum a outro, nem quantos dias gastáram neste caminho. Jolchim, Hencalix, Alacguir, Bagadec, Gruir, Moselilec, Talec, Hermam, Joanthac, Mungidá, Capitacol, Chilan, Sare, Quebedal, Combaxi, Aconterub, Chacor, Aesu, Outogrel, Gaso, Caxen, Dilavai, Singabedal, Ugancucha. Tudo isto sam Cidades, e Villas grandes. De Cucha a vinte e sinco dias de caminho está a Cidade Chalis, forte, e murada, e della á de Aramat puzeram quinze dias. E dalli á Cidade Camul, sem dizerem quantos dias de caminho. E desta Cidade em nove dias chegáram áquelles admiraveis muros da China, e vam as cafilas parar a huma Cidade que fica fóra, chamada Kyaicum, que he de Mouros, onde o Padre Bento de Goes falecco de puro trabalho do caminho, porque gastou nelle tres annos, por se deter em muitas partes muitos mezes, e de huma vez hum anno inteiro esperando monção.

Este caminho, que dissemos, por onde o Padre Bento de Goes foi por quarenta e seis, e quarenta e sete gráos, he o de cafilas, por onde costumam a ir, por se affastarem dos desertos de Lopi, que lhe ficam abaixo em quarenta e hum, ou quarenta e dous gráos, por onde antigamente

era

era o caminho ordinario. Eſte deſerto dura o caminho por elle quaſi hum mez, e todo elle he areaes, e ſem agua, ſenão a que tem de alguns charcos, em que ſe recolhem das invernadas. E por iſſo foram eſtas cafilas, em que eſte Padre hia ſubindo tanto ao Norte, a buſcar os montes de Abedaxan, e Caxcar, por onde ha ſempre neves, e muitos rios, e fontes, poſto que eſte caminho he muito mais comprido; e quem quer atalhar, e ir eſcoteiro, vai de Laor ao Nordeſte a buſcar o Reyno Quiximir, que eſtá em quaſi trinta e quatro gráos, em que gaſtam ſete, ou oito dias, porque delle vai a fruta a Laor ainda freſca, por ter abundantemente todas as de Europa. E de Quiximir ſe paſſa por muitas Cidades, e Villas a Tibet de Mouros, e a outro Tibet de Chriſtãos, em que ha mais de trezentas leguas de caminho; e daqui vam á Cidade de Lop, onde ſe reformam, e provêm, e entram por aquelles deſertos, que duram hum mez, até darem nos campos da Provincia Cathayo, por onde vam paſſando por muitos lugares até á Cidade Cotan, que he já do Cathayo, e fica fóra dos muros da China em altura de quarenta e ſete gráos, e dalli hiam á Cidade Cambalu, porque naquelle tempo não havia os Mouros que hoje ha naquella Provincia.

E tornando ao roteiro do Padre Bento de Goes, nelle não achámos que nos désſe noticia deſte Imperio, nem a que parte jazia, não indo elle a outra couſa mais que a ſaber daquella Chriſtandade. E o Padre Mattheus Reſio, da Companhia, que neſte tempo reſidia na Cidade Pachim, Corte do Rey da China, na carta que eſcreveo aos Padres de Goa, diz, que o Cathayo verdadeiramente era na China, e que fóra della não havia outro Cathayo; e que a Cidade Cambalu era a meſma de Pachim, em que elle eſtava, no que parece que ſe confunde em parte, como logo veremos. Todos os Coſmografos, e ainda os Chins repartem todo o Imperio da China em duas partes, como já diſſe em outra Decada, Cim, e Mancim, e os Geografos corruptamente lhe chamam China, e Mangi. China Auſtral, e China Meridional, como Alemanha ſe reparte em outras duas partes, Alemanha alta, e Alemanha baixa. E aſſim neſta parte da China chamada Mangi podemos affirmar que he toda eſta Provincia de Pachim. Quiſai, e aquellas que mais cahem pera a parte do Norte, e que eſta parte foſſe o Cathayo, ou parte delle, tambem a não tenho por dúvida, o que podia ſer por huma deſtas duas razões; ou que foſſe a propria Provincia Cathayo, ou

que

que fosse conquistada daquelle Emperador Cathayo ; porque temos em Marco Polo, Livro II. folhas quarenta e huma, que estando elle com seu pai os annos de 1269. no Cathayo, fora Cublaican, quinto Emperador delle, a conquistar a Provincia da China ; pois logo onde era este Cathayo, donde elle sahio, e onde esta China que conquistou ? senão, se quizermos dizer que sahio daquella parte de quarenta e sete até sincoenta gráos, e foi conquistar a Provincia Mangi, e que puzesse sua cadeira na Cidade Quisai, que por ser fermosissima, e fresquissima lhe teriam os Chins posto aquelle nome de Quisai, que em lingua China quer dizer Cidade do Ceo, a quem o Cathayo mudava o nome, e lhe daria o de Cambalu, que he o mesmo na sua lingua. Mas he contra esta opinião o que está tão sabido, e o que tantos escrevem, que na Cidade Cambalu houve sempre grande Christandade, e fermosissimos Templos, e hoje no Pachim não ha disto reliquia alguma. Sómente diz o Padre Bento de Goes, que estando na Cidade Chincheo, Metropoli da Provincia Xensi, soubera que já alli houvera muitos Christãos ; e hum Irmão chamado João Fernandes, que o Padre Ressio mandou em busca do Padre Bento de Goes, por saber ser entrado naquella Pro-

vincia, diz, que eſtando na Provincia Honão, ſoubera que nas Cidades de Sancheu, e Sochcheu havia perto de ſincoenta annos naquelle tempo, que foi em ſeiscentos e tres, eram povoadas de Chriſtãos Cathayos, que por temor dos Chins deixáram a Lei de Chriſto. O que ſe póde ter por certeza he, que os Chins tornáram a conquiſtar tudo o que os Cathayos tinham ganhado naquella Provincia, e ainda muita parte de ſeus Eſtados, até os lançarem fóra daquelles admiraveis montes, que elles em algumas quebradas que havia tapáram com fortiſſimos muros pera lhe não tornarem a entrar delles pera dentro, por onde o Cathayo ficou delles pera fóra; porque todos os Coſmografos lançam em ſeus mappas eſtes muros em ſincoenta e ſete gráos, eſtando elles na verdade em quarenta e ſeis, ou quarenta e ſete, vieram a ſituar o Cathayo em ſincoenta e nove gráos. E quando ſe entende a ſituação do Cathayo, he da Cidade Cambalu ſua Metropoli; que ſe he certo ſer o Paquim, que eſtá em quarenta gráos, eſtes muros da China começam de ſobre o mar na Provincia Quinſi, que eſtá em altura de quarenta e ſinco, ou quarenta e ſeis gráos, e vam fenecer na Provincia Sanſi em quarenta e hum, quarenta e dous gráos. Fazem todos eſtes mu-

ros

ros de quatrocentas leguas de roda, e todos continentes, como os fez agora novamente hum Henrique Alangerem em hum ſeu mappa, ſem fazer differença dos altos montes, que ſam os verdadeiros muros daquella Provincia.

Ora ainda não eſtou ſatisfeito deſtas duas opiniões; porque muitas peſſoas graves, e doutas nos dizem que ahi ha Cathayo, e Chriſtandade naquelle Imperio. Aiton, Armenio, que foi Frade do Moſteiro da Epiſcopia, da Ordem Premoſtratenſe, que ſendo ſecular eſteve no Cathayo em tempo de Marco Polo, que depois de Frade foi mandado pelo Papa Clemente nos annos de 1305. vinte ſeis annos depois que lá eſteve, ao Emperador do Cathayo, como o refere João Baptiſta Ramnuſio no ſeu livro de varias viagens, que então era Tamarchan 6. do número, a lhe pedir ſoccorro pera tornar a cobrar a Terra Santa, que era perdida os annos atrás de 1291. por ſer aquelle Rey Chriſtão, e Senhor de toda a Aſia, que mandou áquella empreza ſeu irmão Halationo, ou Halachu, que fez grandes guerras ao Soldão. Pelo que ſe vê muito claramente que eſteve no Cathayo, e que eſte ſoccorro foi de Cathainos, e não ſahio da China, nem o ſoccorro foi de Chins, que nunca foram Chriſtãos, nem ſahí-

híram de ſuas terras com ſeus exercitos. Daquelle Grão Chinguiſchan, primeiro Emperador do Cathayo, dizem todas as Eſcrituras Perſas, e Tartaras, que ſahio de Cambalu, e fora conquiſtar toda a Aſia, a Bactriana, Sugdiana, Perſia, e todas as mais Provincias, que repartio com ſeus filhos Husbeque, Chaquitai, e outros. E neſtes Reynos reinaram elle, e ſeus deſcendentes até o Grão Tamorlão, de quem deſcende o Grão Mogor, que hoje he. E poſto que o Tamorlão não ſuccedeo por linha direita, por não vir de linha Real, era Chatatai deſcendente daquelles Chathatais, que vieram com o Chinguiſchan. Donde ſe vê claramente que eſte barbaro Emperador ſahio do Cathayo, e não da China, e que as gentes que trouxe eram Cathaynos, e não Chins.

Primeiro que eſte Aiton, Armenio, Frade da Epiſcopia, foſſe ao Cathayo, tinha já lá ido os annos de 1253. outro Aiton, Rey da Armenia, a pedir áquelle Emperador, que era o Cothachan, filho do grande Chinguiſchan, que não mandaſſe conquiſtar ſeus Reynos, e que o deixaſſe ficar nelles, por ſaber que mandava groſſos exercitos a conquiſtar todos os que havia por aquellas partes; e chegando áquella Corte de Cambalu, já achou aquelle Emperador mor-

morto, e em ſeu lugar ſeu filho Guinachan, que lhe fez muitas honras, e teve-o comſigo alguns tempos, e concedeo-lhe tudo o que lhe pedio até fazer-ſe Chriſtão. Eſte foi o ſegundo Rey Chriſtão, porque o primeiro foi Chinguiſchan, que ſe fez Chriſtão, por caſar com huma filha do Hunchão, ou Preſte João, que então era Senhor de todas aquellas Provincias, como tenho moſtrado na minha quarta Decada, e o Catachan ſeu filho não ſó não quiz ſer Chriſtão, mas foi grande perſeguidor de Chriſtãos. Eis-aqui não temos couſa que pareça China, nem que ſahiſſe della, contra a opinião do Padre Reſio, que affirma que fóra da China não havia Cathayo.

Aiton, Armenio Frade, de que aſſima fallámos, fez hum Compendio de todos os Reys do Cathayo, em que põe por primeiro o Chinguiſchan, que diſſemos ſer o primeiro Chriſtão. O ſegundo ſeu filho o Cotacham, que o não foi. O terceiro ſeu filho Ginochan. O quarto hum parente chamado Tamarchan, todos Chriſtãos, e eſtes ſó alcançou, e por iſſo eſcreveo delles, e não falla em Rey da China, nem nella.

E pera concluirmos com eſta materia, e provar noſſa opinião, trarei aqui algumas práticas, que o Padre Jeronymo Xavier, da Companhia de Jeſus, ſobrinho do

San-

Santo Padre Franciſco Xavier, da meſma Companhia, que ha muitos annos reſidio em Lahor, teve o anno paſſado de 98. com hum Mouro, que era alli chegado de Méca, que paſſáram aſſim, que ainda iſto ſuccedeo em tempo do Conde da Vidigueira, indo eſte anno paſſado ter a Lahor hum mercador, que vinha da caſa de Méca tão rico, que ſe affirmava deixar naquella caſa mais de cem mil cruzados de offertas, que tinha reſidido no Xethai, ou Chathai doze, ou treze annos, com quem ſe vio o Padre Xavier pera inquirir daquella Provincia do Cathayo, e lhe affirmou que eſtivera naquelle imperio os annos atrás o tempo que diſſe, e que a gente della era toda Chriſtã, e ſe chamam por nome commum Jeſuitas; e que o Rey era Chriſtão, e que havia em todo aquelle Imperio muitas Igrejas, e que os Sacerdotes traziam lobas, mantéos, e barretes como os noſſos, e que havia Moſteiros de homens, e mulheres, e que era eſte Imperio tamanho, que tinha 1500. Cidades, e muitas mui bem povoadas, e que tambem havia muitos Judeos, a que chamavam Muſavis. Tudo iſto eſcreveo o Padre Xavier de Agará eſte Agoſto de 99. em que andamos. Por onde ſe verá minha opinião, e não ſer o Cathayo a China, como affirma o Padre Reſio, ſe-

não

não tudo o que fica dos muros da China ao Norte, onde ainda hoje se conserva aquella grande Christandade naquellas Provincias chamadas Georxa, Bagu, Sucur, Campion, e outras, e onde os governa no espiritual aquelle Emperador, a que chamamos Preste João; mas o Emperador do Cathayo he o Senhor de tudo.

CAPITULO VIII.

Da Armada que o Conde Almeirante mandou a Malaca, e soccorro a Ceilão: e das náos do Reyno, que chegáram a Goa da companhia de Ayres de Saldanha, que era partido por Viso-Rey da India: e de como D. Pedro Manoel foi por Capitão Mór ao Malavar, e do que lhe succedeo.

EM Abril passado teve o Conde Almirante recado das partes de Malaca de como eram passadas á costa da Jaoa aquellas náos de Hollanda, de que atrás démos relação no segundo Capitulo; e temendose dos damnos que poderiam fazer, assim ao commercio da India, e trato de Portugal, se carregassem de drogas, como nas prezas das náos que por aquellas partes navegassem dos nossos mercadores, e sobre tudo na alteração que poderia haver nos

Reys

Reys vizinhos á noſſa Fortaleza de Malaca; porque como ſam Mouros noſſos inimigos, e cada vez que o merecêram lhes quebráram os Portuguezes os focinhos, eſtava certo tentarem novidade; e os Hollandezes, como rebeldes, ſolicitarem iſſo, por ſerem eſtes os primeiros que áquellas partes paſſáram. Pelo que aſſentou de mandar huma Armada de dous galeões, e tres galeotas pera lá ſe lhe ajuntarem as duas, que tinha mandado em Maio paſſado, e nomeou por Capitão Mór deſta Armada Goterre de Monroy de Béja; e com eſta Armada mandou o Conde correr com muita preſſa, porque lhe era neceſſario fazella á véla em Setembro. E andando occupado neſta obra, e nas Armadas do Malavar, e Norte, lhe chegáram cartas de Cananor em Agoſto, em que o aviſavam que nos rios de Cota Coulão, e Canharoto ſe faziam preſtes muitos paraos pera ſahirem a roubar, e que o Çamorim movia alterações, e tratava de fazer huma nova guerra ao Eſtado contra o contrato das pazes, que havia pouco tinha mandado jurar com o meſmo Conde por ſeus Embaixadores, e elle jurára em peſſoa; e que pertendiam os Mouros tornar a alevantar nova Fortaleza ſobre as meſmas ruinas da que ſe lhe arraſou no ſitio de Cunhale, couſa muito ordi-

dinaria no Çamorim , porque ſua vontade he ſua lei , e ſeu appetite ſeu prelado , que o abſolve logo de quebrar todos os juramentos que tiver feitos. E bem he que ſeja aſſim ; porque que obrigação lhe póde pôr hum juramento feito ſobre hum candieiro de azeite muito ſujo , e fedorento pera o não quebrar todas as vezes que ſe lhe offerecer qualquer pequena occaſião de intereſſe. E já ſobre eſta materia diſſe muitas vezes algumas couſas ſem aproveitarem ; porque não ſei que fundamento tem os Viſo-Reys em lhe concederem pazes , pois ſabem , e o tem por couſa infallivel quebrarem-nas logo , e não guardar fé , nem palavra por obrigação de ſua gentilidade. Porque ſe me diſſerem que poupavam niſſo muito , ainda me calára ; mas nada ſe atalha em ſe gaſtar a fazenda Real. Prova diſto ſeja que tanta Armada , e tantos gaſtos ſe fazem nos annos da paz , como nos da guerra. Pois ſe iſto aſſim he , parece que o bom fora enſacar eſtes inimigos , e não ſe fiarem delles , nem ſe deixarem enganar , antes fazer-lhes huma guerra tão contínua , que os ponha em extrema neceſſidade , o que ſe fará com ſe lhes defenderem os mantimentos , e Anfião , e a navegação de ſuas náos ; porque então depois de muito canſados , quebrantados , e desbaratados , os

Nai-

Naires ſe levantáram contra os Mouros, que ſempre ſam a occaſião deſta guerra, e a compram ao Çamorim a dinheiro pelos muitos proveitos que tem em ſuas navegações; ou elles ſe ſujeitáram de maneira, que nunca mais pudeſſem alevantar cabeça.

E ainda eſtá mui entendido que ſe lhe ſouberem guardar as coſtas do Norte, e Sul, de maneira que não façam roubos, e prezas, em quatro annos não teram com que armar hum navio, porque a terra nada lhes dá, e as Armadas que deitam fóra ſe fazem das muitas prezas que tomam; mas todos os annos pazes novas, e primeiro que ſe acabem, logo ſe quebram, e outra vez guerra, parece jogo de meninos. E elles fazem muito bem de fazerem ſeu negocio, quando lhes relevar, pois ſabem que na ſua mão eſtá a paz, e a guerra: ora deixemos iſto, e tornemos a noſſo fio.

Tanto que o Conde Almirante Viſo-Rey teve eſtas cartas, quiz atalhar os males que ſe ordenavam, primeiro que os Mouros ſahiſſem com ſeu intento: e ſem embargo de eſperar por ſucceſſor, não ſe quiz forrar deſte trabalho, e deſpezas, como alguns Viſo-Reys fazem, porque querem eſtar com o dinheiro em punho pera ſe pagarem de algumas dividas, ainda que ſejam velhas, e compradas tres partes menos,

nos, porque eſte dinheiro de ElRey não ſei que tem que tão máo he de arrancar das mãos; e tanto o tem por proprio, quando lhe vai a ellas, que antes querem ſer ſangrados nos braços, que nas bolſas. Em fim, o Conde como deſejava de fazer o ſerviço de ElRey, e não lhe poupar ſua fazenda em caſo de tanta neceſſidade, pagou logo gente pera o Malavar, e deſpedio D. Pedro Manoel com doze navios ligeiros, que achou mais preſtes, com que ſe fez á véla a quatro de Setembro, tempo ainda verde, e chuvoſo, e foi correndo a coſta Canará com tormentas, e muito riſco, e recolhendo por aquellas Fortalezas ſinco navios, que o Conde tinha mandado invernar com companhia de ſoldados pera ſua ſegurança; e com todos juntos ſe foi pôr ſobre os rios de Cotocoulão, e Canharoto, onde os paraos ſe armáram pera lhe impedir a ſahida pera fóra. E ſobre eſtes rios eſteve com tanta vigia no mar, e na terra, que ſe não atrevêram os ladrões arriſcar, e alli ſe deixou eſtar até lhe darem recado, que era chegado a Cochim Ayres de Saldanha, que vinha por Viſo-Rey, como logo diremos.

O Conde ficou dando preſſa á mais Armada, que havia de mandar ao Malavar; e á do Norte, e Malaca, e nos provimen-

tos,

tos, e soccorros pera Ceilão, que pera tudo isto havia mister mais de duzentos mil pardáos, que lhe não faltáram, nem tomou aos vassallos; porque teve duas cousas este Viso-Rey, que já na minha quinta Decada louvei ao Governador Martim Affonso de Sousa na sua historia, que eram saber bem despender a fazenda Real, e sabella muito bem poupar, no que só consiste todo o governo deste Estado; e quem isto faz, não na toma pera si; e como houver isto, sempre sobeja tudo. E tendo estas Armadas prestes, quando foram aos tres dias de Outubro surgio na barra de Goa a náo S. Francisco, da companhia de Ayres de Saldanha, que tinha partido de Portugal por Viso-Rey a quatro de Abril com quatro náos, como logo diremos. E alguns dias antes da chegada desta náo tinha dito hum Religioso da Ordem de S. Domingos, homem de muita virtude, e religião, a D. Brites, mulher de Cosmo de Lafetá, que na primeira náo que chegasse á barra de Goa viria seu marido. E assim foi, porque nesta veio por Capitão, porque nella tinha partido do Reyno Fernão Rodrigues de Sá, filho de Francisco de Sá, o dos Oculos por Capitão Mór das náos da carreira, que faleceo no mar, em cujo lugar foi eleito Cosmo de Lafetá, que vinha despacha-

do

do com a Fortaleza de Çofala, e huma Commenda, e viagem da China, e outras mercês, que por ſeus ſerviços merecia bem, não fez no Conde abalo, que ſe lhe enxergaſſe vir-lhe ſucceſſor; antes com muito fervor fez a Armada de Malaca á véla dia de S. Jeronymo, que he o derradeiro de Setembro, que era de dous galeões, hum em que hia o Capitão Mór, e no outro D. Alvaro da Coſta, filho de D. Franciſco da Coſta, e tres galeotas, de que eram Capitães Pero Fernandes de Carvalho, Filippe de Oliveira, e Maximiliano de Mendoça; e no meſmo dia ſe fez á véla o galeão dos provimentos de Ceilão, de que foi por Capitão Manoel Rodrigues, Genovez, que era provído na viagem, e nelle foram cento e ſincoenta ſoldados; e por Capitão Mór delles Pero de Mendanha, e Martim Cota Falcão hia por Capitão de huma companhia de ſoldados, e Diogo de Souſa de Menezes de outra. E mandou o Conde muito dinheiro, munições, e outros provimentos, porque ſempre em princípio, e cabo dos verões foi cevando aquella conquiſta o melhor que pode. Logo a 27. de Outubro ſurgio o galeão S. João, da companhia de Ayres de Saldanha, de que vinha por Capitão Gonſalo Rodrigues Caldeira, que tomou o caminho por fóra da

Ilha

Ilha de S. Lourenço, e por achar nelle bons tempos veio ferrar Goa. Os successos destas Armadas, que o Conde despachou pera fóra, ficam pera o tempo de Ayres de Saldanha, em que succedêram. Mas primeiro que acabemos com o Conde Almeirante, daremos conta do que succedeo aos tres galeões, que em seu tempo mandou pera Maluco, porque ainda he jornada sua.

CAPITULO IX.

Do que succedeo na viagem ao galeão de Luiz Boto Machado: e de como os Embaixadores do Achem foram pera sua terra: e de como aquelle Rey mandou matar os Hollandezes, que andavam em terra, de duas náos que alli estavam: e do que succedeo a estas náos.

JÁ que deixámos Luiz Boto Machado partido pera Amboino, he necessario continuarmos com sua viagem, pois cabe ainda no tempo, e governo do Conde Almeirante, como assima dissemos. Este galeão foi com bom tempo tomar a Fortaleza de Malaca, onde foram desembarcados os Embaixadores do Achem, e muito festejados pelo bom aviamento, que lhe o Conde deo, porque ficava tudo redundando em paz, e quie-

quietação daquella Fortaleza com aquelle vizinho, que foi sempre o de que se mais receou que todos. Porque o Capitão, que então era Fernão de Albuquerque, os mandou logo embarcar em huma galeota muito fermosa, e entregou os Embaixadores a Affonso Vicente casado de Malaca, que elegeo por Embaixador pera mandar áquelle Rey a lhe fazer entrega dos seus, e tratar negocios de importancia: era este Affonso Vicente conhecido daquelle Rey, e com elle foi Fr. Amaro, Religioso da Ordem do Padre Santo Agostinho, por ser prático na lingua, e de boas partes, e sufficiencia pera tratar negocios de tanta importancia. Esta galeota achou sobre a barra de Achem duas náos Hollandezas da companhia das que já dissemos, que peleijáram com as náos de D. Jeronymo Coutinho na Ilha de Santa Helena, que estavam alli tomando carga, que se lhe dava com muito gosto pela liberalidade com que compravam tudo. A galeota foi entrar a barra, e o nosso Embaixador desembarcou com os Embaixadores do Achem pelas mãos, e acompanhado dos Portuguezes, e de muita gente, que ElRey mandou aos receber, e tratáram com elle, que agazalhou os nossos hospedes com muitas honras, e aos seus conforme a seu costume. E dando-lhe

os ſeus Embaixadores relação de ſua embaixada, e do bom aviamento que o Conde Viſo-Rey lhe dera, e das honras que lhe fizera, e o preſente que lhe mandava, ficou tão obrigado, que não ſabia que honras, e gazalhados fizeſſe aos noſſos. O noſſo Embaixador, que era homem eſperto, vendo as obrigações que aquelle Rey moſtrava aos Portuguezes, e ſentindo nelle ſitio, e inclinação pera lhe conceder tudo o que lhe pediſſe, eſtando hum dia ſó com ElRey, e com o lingua, lhe diſſe, que pois moſtrava ter tantas obrigações aos Portuguezes, e ſabia muito bem quanto elles deſejavam de conſervar ſua amizade, que ſempre lhe havia de ſer de mais proveito, como vizinhos, que não a dos eſtranhos, que era tempo de o moſtrar por obras. Que lhe fazia a ſaber que aquelles coſſairos, que eſtavam na barra, que eram piratas, e traidores alevantados contra o ſeu proprio Rey, e Senhor: que pois ſe dava por tamanho ſervidor, e amigo de ElRey de Portugal, que nas mãos tinha huma occaſião, em que o poderia bem moſtrar. Eſta era, que pois aquelles homens corriam tão familiarmente com elle, e em ſua terra, que foſſe com elles com o meſmo termo; e que convidaſſe hum dia o Capitão Mór das náos com os principaes dellas, e que no banquete os

ma-

mataſſem. E que mandaſſe ter preſtes a Armada, que determinava de mandar contra o Rey de Jor, que era de mais de cem embarcações, e que commetteſſe ao meſmo tempo as náos, e as tomaſſem com todo o recheio, e cabedal que tiveſſem, que era muito. E tantas couſas lhe diſſe eſte Affonſo Vicente a ElRey, e tanto lhe facilitou o negocio, que o rendeo, e veio a conceder o que quiz.

E pera iſto mandou logo negociar a Armada com a mór diſſimulação que pode, com lançar fama de a mandar contra o Rey de Jor, pera contra quem os meſmos Hollandezes ſe lhe tinham offerecido pela carga de huma náo de pimenta, que promettêra por iſſo. E como teve tudo preſtes, convidou o Capitão Mór Hollandez pera o dia aprazado, do que ſe elle eſcuſou por indiſpoſto; mas mandou hum ſobrinho ſeu com os mais honrados da ſua náo. E eſtando embebidos no banquete, deram os Achens nelles, e matáram-nos; e no meſmo tempo ſahio a Armada toda, e commetteo as náos com grande furia. Vendo os Hollandezes aquelle ſobreſalto, não tiveram outro nenhum remedio melhor, que largar as vélas, e irem fugindo, e a Armada apôs elles até lhe deſapparecerem, deixando a fazenda que tinham em terra, e

dous

dous pataxos que eſtavam em differentes portos, que logo ElRey mandou tomar. Os Hollandezes foram ſua derrota até o rio de Quedá, onde ſe recolhêram, e reformáram. E porque lhes ficava pouca gente nas náos, porque perdêram em terra mais de ſincoenta peſſoas, foi-lhes neceſſario deſpejar a náo mais pequena, e paſſarem tudo á outra, em que ſe foram na derrota de Maçulepatão, e foram-ſe perder no macareo de Tanaçarim. E aſſim deſtas duas náos não eſcapou couſa alguma.

FIM DA DECADA ULTIMA.